

KÁTIA SOUSA RODRIGUES

ERA UMA VEZ EM SÃO BERNARDO
(O Discurso Sindical dos Metalúrgicos - 1971/1982)

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Departamento de História do Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas,
sob a orientação do Prof. Dr. Edgar
Salvadori de Decca.**

*Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida e aprovada pela Comissão
 julgadora em 16/10/95*

Campinas

1995

| | |
|--------------|--|
| UNIDADE | BC |
| N.º CHAMADA: | T/UNICAMP |
| | R 618 e |
| V.º | 1 |
| TOMBO BC | 26418 |
| PROC. | 667/96 |
| | C <input type="checkbox"/> D <input checked="" type="checkbox"/> |
| PREÇO | R\$ 11,00 |
| DATA | 13/02/96 |
| | 87 000 |

CM 00082877-5

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Rodrigues, Kátia Sousa

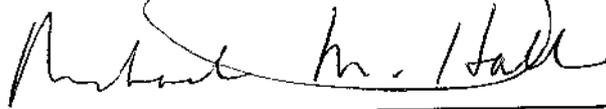
R618e Era uma vez em São Bernardo (o discurso sindical dos metalúrgicos - 1971 / 1982) / Kátia Sousa Rodrigues.- - Campinas, SP: [s.n], 1995.

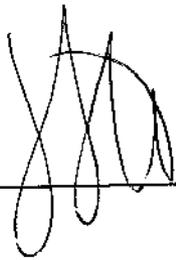
Orientador: Edgar Salvadori de Decca.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Sindicalismo - São Bernardo do Campo (SP) - 1971 - 1982. 2. Sindicatos - Metalúrgicos - São Bernardo do Campo(SP)-1971-1982. I. Decca, Edgar Salvadori de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

BANCA EXAMINADORA







Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Examinadora em 16/10/95.

"No fim, nós também estaremos mortos, e nossas vidas estarão inertes nesse processo terminado, nossas intenções assimiladas a um acontecimento passado que nunca pretendemos que ocorresse. Podemos apenas esperar que os homens e mulheres do futuro se voltem para nós, afirmem e renovem nossos significados, e tornem nossa história inteligível dentro de seu próprio presente. Somente eles terão o poder de selecionar, entre os muitos significados oferecidos pelo nosso conturbado presente, e transmutar alguma parte de nosso processo em seu progresso".

E. P. Thompson

"Longa é a arte
Tão breve a vida".

Antônio Carlos Jobim

Pequenos Agradecimentos:

- Este trabalho contou com o apoio financeiro da Capes por meio de uma bolsa de estudos concedida pela UNICAMP e posteriormente pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. A FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo colaborou igualmente para o término da pesquisa.
- Referências Sentimentais: os colegas e os professores do mestrado, o Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, o Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia e a ADUFU - Seção Sindical - Sindicato dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia. Gostaria também de lembrar as pessoas queridas que de uma forma ou de outra estão presentes nesta dissertação: Alcides Freire Ramos, Carmem Lúcia Figueira Balbino, Carmem Silvia Lopes de Paiva, Cláudio Henrique de Moraes Batalha, Édio José Alves, Eduardo Antônio Lopes de Paiva, Iraci Galvão Salles, Marco Aurélio Garcia, Marcos Alberto Horta Lima, Margareth Rago, Marlene Terezinha de Muno Colesanti, Patrícia Rizzotto e Rosangela Patriota.

Agradecimentos Especiais:

- Edgar de Decca, pela paciência, carinho e compreensão desde o início da orientação. Sem dúvida, esta dissertação teria sido impossível sem seu acompanhamento minucioso e dedicado.
- Luzia e Paulo, pelo afeto e apoio constante. Queridos e permissivos pais de uma filha única que, na maioria das vezes, é impaciente.
- Adalberto Paranhos, companheiro de todos os momentos, com quem aprendi a escutar tantas canções. Em todas elas estarei sempre a lembrar: "Não há tempo mais vazio/Do que longe do meu bem".

ÍNDICE

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 01 |
| CAPÍTULO 1 - TEMPOS MODERNOS, TEMPOS DIFÍCEIS | 06 |
| 1. "Avante Metalúrgico!" | 06 |
| "A Omissão é Posição dos Covardes, Sindicalize-se" | 06 |
| "Se Pensam que a Luta Vai Parar, Estão Enganados. Logo Estamos de Volta!" | 30 |
| "Desta Vez, Nós Vamos Mandar e Falar" | 60 |
| 2. "Notícias das Fábricas" | 72 |
| "Verdadeiras Fábricas de Loucos" | 72 |
| CAPÍTULO 2 - JOÃO FERRADOR VAI AO PARAÍSO? | 86 |
| 1. "Braços Cruzados, Máquinas Paradas" | 86 |
| "O Primeiro Teste Foi Positivo" | 86 |
| "Além da Greve: Uma Experiência de Sindicalismo Autêntico" | 98 |
| 2. "Os 15 Dias que Abalaram os Patrões do ABC" | 105 |
| "Na Capital do Automóvel: Greve Geral" | 105 |
| 3. "41 Dias de Resistência e Luta na Cidade Operária" | 121 |
| "São Bernardo Vai Sair na Frente. Que Ninguém Duvide!" | 121 |
| "Tá na Hora da Onça Beber Água!" | 126 |
| "A Guerra Continua..." | 136 |
| CAPÍTULO 3 - ENTRE O CÉU E A TERRA | 142 |
| 1. "É Preciso ter Consciência de Classe" | 142 |
| "A Nossa Disposição Este Ano Ainda é Maior do que nos Anos Anteriores" | 142 |
| "Somos Como Varas, Uma se Quebra Facilmente... Mas Um Feixe, Não!" | 153 |
| 2. "São Bernardo, Ensaio Geral" | 166 |
| "Cultura e Recreação" | 166 |
| "A Luta Continua/Para Vencer o Patrão/Na Rua na Fábrica/ Na Hora da Diversão" ... | 175 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 198 |
| BIBLIOGRAFIA E FONTES | 203 |
| A) Livros, Artigos e Teses | 203 |
| B) Jornais, Revistas e Outros Documentos | 208 |
| C) Locais de Pesquisa | 209 |
| D) Fotos | 210 |



INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O tema do movimento operário no Brasil, nos anos 70, é sem dúvida um assunto polêmico. A extensa bibliografia - resultante das indagações que o tema coloca -, expressa a importância que nos mais variados campos das Ciências Humanas lhe tem sido atribuída. Pode-se alinhar uma série de trabalhos recentes, em geral investigações empreendidas com o intuito de compreender qual o sentido dos impactos derivados da aceleração industrial sobre o movimento operário (a "indústria moderna" e o significado que se lhe atribui: maiores salários, profissionalização, estabilidade no emprego) e, conseqüentemente, na análise dos efeitos daí resultantes sobre o sindicalismo. Entre eles, Leôncio Martins Rodrigues e Maria Hermínia Tavares de Almeida, e toda uma linhagem de pesquisadores influenciados por esses predecessores, destacam-se como os responsáveis por uma proposta de análise dos trabalhadores urbanos e de sua presença na sociedade brasileira. Mesmo que não estejam concordes entre si, esses estudos estimularam vários trabalhos acadêmicos, e inspiraram muitos outros estudos dentro e fora da área específica da Sociologia. Representando esse estímulo, a tese de Amnérís Maroni rompeu com o tabu da interdisciplinaridade, fazendo no campo da historiografia uma primeira investida no sentido de recompor o movimento operário, interpretando o espaço fabril enquanto lugar de conflito, e onde se constituem os sujeitos.¹ Nesse sentido, os trabalhos de Vera Telles, Eder Sader, Elisabeth Lobo, Laís Abramo - entre outros - também definiram uma vertente sociológica definitiva ao compreenderem a importância do tempo histórico para a explicação de fenômenos sociais.²

¹ Ver: Maroni, Amnérís. *A Estratégia da Recusa*. São Paulo, Brasiliense, 1982; e também "A Fábrica: Espaço do Poder". In: *Desvios*, nº 2, 1983. Consulte ainda - só para citar alguns dos mais conhecidos - os trabalhos de Rodrigues, Leôncio Martins. *Industrialização e Atitudes Operárias*. São Paulo, Brasiliense, 1970; "Tendências Futuras do Sindicalismo Brasileiro". In: *Revista de Administração de Empresas*, nº 4, Rio de Janeiro, out-dez/1979; e Almeida, Maria Hermínia Tavares de. "Sindicalismo no Brasil: Novos Problemas, Velhas Estruturas". In: *Debate e Crítica*, nº 6, São Paulo, Hucitec, 1975; "Desarrollo Capitalista y Acción Sindical. (A Propósito de la Experiencia de los Metalurgicos de San Bernardo del Campo)". In: *Revista Mexicana de Sociología*, nº 55, v. II, México, 1978.

² Telles, Vera da Silva. *A Experiência do Autoritarismo e Práticas Instituintes: Os Movimentos Sociais em São Paulo nos Anos 70*. Dissertação de Mestrado, USP, 1984; Sader, Eder e Paoli, Maria Célia. "Sobre "Classes Populares" no Pensamento Sociológico Brasileiro. (Notas de Leitura sobre Acontecimentos Recentes)". In: *A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986; e também Sader, Eder. *Quando Novos Personagens Entraram em Cena. Experiências, Falas e Luta dos Trabalhadores da Grande São Paulo. (1970-80)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988; Souza Lobo, Elisabeth e Outros. "Lutas Operárias e Lutas das Operárias em São Bernardo do Campo". In: *A Classe Operária tem Dois Sexos. Trabalhos, Dominação e Resistência*. São Paulo, Brasiliense-Secretaria Municipal de Cultura, 1991; e Abramo, Laís. *O Resgate da Dignidade. (A Greve de 1978 em São Bernardo)*. Dissertação de Mestrado, USP, 1986.

No campo da História, encontramos além de algumas pesquisas em andamento, um texto particularmente expressivo escrito no ano de 1978, que influenciará as novas interpretações: "O Lugar do Movimento Operário", de Kazumi Munakata (apresentado no IV Encontro Regional de História de São Paulo). Ele observa em sua comunicação que o "acontecimento político mais importante do primeiro semestre (...) foi a irrupção do movimento grevista que, iniciada em meio à região do ABC (SP), rapidamente se alastrou pelos grandes centros industriais e urbanos do Estado, envolvendo centenas de milhares de trabalhadores (...)".³ Enquanto momento vivo da história, Kazumi propunha que ele fosse analisado enquanto luta de classes.

Nesse sentido, caberia assinalar que a própria noção de "classe"- tão cara a tantos autores - tornou-se possível de ser reavaliada, na medida em que se passou a pensá-la (e a construí-la como objeto) enquanto *sujeito(s)* constituído(s) a partir de suas *práticas*, na dinâmica do conflito social. Ou seja, como bem observa o texto de Marco Aurélio Garcia, "a análise se concentrará na prática mesma da classe, privilegiando o processo pelo qual os trabalhadores, em suas múltiplas formas de luta contra a multiplicidade de manifestações da exploração e da opressão capitalistas, descobrem-se como classe, transformando esta descoberta em consciência de classe".

A análise do movimento operário, dessa maneira, "não partirá de "causas estruturais", entendidas enquanto racionalidade que se encontra fora dele. O movimento operário não é reflexo de "estruturas" econômicas ou políticas. Ele se *autodetermina*; sua racionalidade está no seu interior, na forma pela qual ele *faz* (e se constitui na) história, isto é, na luta de classes".⁴

Assim sendo, merecem uma menção especial os estudos de E. P. Thompson, que contribuíram não apenas para o atendimento de uma experiência da "Formação da Classe Operária Inglesa"- polemizando com as interpretações consagradas, e criticando também as concepções marxistas sobre a classe operária, que se transformaram em uma "coisa" - mas, principalmente, porque vários desses pesquisadores citados deixaram explícito o reconhecimento da importância desses estudos no desenvolvimento de suas pesquisas.⁵

A postura teórica e metodológica que informa esse trabalho resultou das leituras indicadas e do confronto dos vários estudos que traziam inscritos a preocupação de ultrapassar a mera

³ Munakata, Kazumi. "O Lugar do Movimento Operário". In: *Movimentos Sociais*. Araraquara, ANPH-UNESP, 1980, p. 61. Cabe ainda citar um trabalho recente com contribuições importantes na discussão desse tema: Negro, Antonio Luigi. *Ford Willys Anos 60. Sistema Auto de Dominação e Metalúrgicos do ABC*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1994.

⁴ Garcia, Marco Aurélio. "São Bernardo: A(Auto) Construção de um Movimento Operário. Notas para Discussão". In: *Desvios*, nº 1, 1982, p. 11.

⁵ Thompson, Edward. *Tradicón, Revuelta y Consciencia de Clase*. Barcelona, Editorial Crítica, 1979; *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981; e *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

descrição de um movimento, assumindo os decorrentes riscos na tarefa de interpretá-lo. Dentre outros, o proveito maior que retirei dessas leituras pode ser assim sintetizado: precaução em relação aos rótulos classificatórios, que, se por um lado facultam e facilitam a interpretação, por outro, enrijecem-na até distorcer o objeto de estudo, redundando na perda de sua especificidade histórica; precaução, ainda, em relação aos "modelos explicativos marxistas", e, mais ainda, a certeza da ineficácia inerente aos modelos de explicarem a História.

A partir dessas precauções, a proposta de estudo do movimento operário nos anos 70 ganhou consistência e determinação. Assim, o trabalho desenvolvido tem por objetivo analisar o discurso sindical dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Nesse sentido, ao observarmos a linguagem desses trabalhadores, deparamos com os seguintes enunciados imagéticos - o sindicato, a fábrica, as greves e a cidade. Na verdade, os enunciados imagéticos e/ou "lugares da luta" instituíram os "lugares culturais" em que a presença operária revelava-se significativamente na cena política brasileira. Nessa medida, encontramos uma extensa rede de *tradições*, de *idéias*, de *sentimentos* e *experiências comuns* partilhadas na década de 70, por homens e mulheres em uma sociedade industrial.

No intuito de poder traçar uma "*experiência*" operária historicamente determinada, articulamos uma extensa documentação (jornais, boletins, congressos, discursos, teses) a qual permite-nos trilhar uma rede de "*práticas*" efetivadas pelo operariado.

Desse modo, ao procurarmos recuperar a *atuação* consciente desses trabalhadores, ou seja, como eles percebiam ou pensavam tudo o que havia se passado naqueles anos, interessa-nos captar a sua representação dos momentos vividos, nos quais estaremos lidando com depoimentos e opiniões conflitantes; enfim, a *experiência* como *sentimento*. Dessa forma, ressaltamos que, ao utilizarmos os jornais, os boletins, os panfletos, etc.; como fonte para o estudo, estaremos percorrendo um universo de práticas sociais, nas quais as relações são definidas pelos homens enquanto vivem sua própria história.

Assim, os procedimentos teóricos e metodológicos, como indicamos, determinaram e informaram os tortuosos caminhos que enfrentamos em um projeto de pesquisa; no entanto, graças a eles conseguimos definir o sentido de nosso trabalho. Por isso, o intuito desse estudo é examinar os caminhos pelos quais o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema - por meio do seu jornal - desejoso de mobilizar os trabalhadores para a luta política, denunciou o arrocho, a política sindical do regime, propôs negociações diretas com os patrões; e sobretudo demonstrou sensibilidade com as lutas desenvolvidas nas fábricas; conseguiu criar a

imagem e o discurso de uma identidade operária. Ou ainda, poderíamos salientar, vamos trilhar a experiência da construção de uma lógica de identificação operária.

Gostaria de enfatizar novamente que a problemática que está relacionada neste trabalho consiste em investigar a importância da trajetória dos metalúrgicos de São Bernardo, nos anos 70, bem como do desenvolvimento de suas estratégias de luta e de organização, que estremeceram o movimento operário em suas formulações e posicionamentos políticos. Fato este determinante para uma categoria operária que esteve envolvida com enunciados e imagens que se tornaram emblemáticos no âmbito da sociedade daquele período.

Portanto, cabe indicar com maior clareza os três capítulos desta dissertação. O Capítulo 1, "Tempos Modernos, Tempos Difíceis", aborda como se constituem os enunciados da luta - sindicato e fábrica - e as suas várias imagens operárias construídas pelo discurso sindical. Para tanto, o exame dos "lugares de luta" propostos na fala sindical serão objetos pontuais de estudo. Assim sendo, como já se havia referido anteriormente, ao procurar mobilizar a categoria metalúrgica para a luta política, o discurso sindical propõe os "lugares da luta" e consequentemente edifica uma "lógica de identificação operária". Este capítulo irá enfatizar, entre os anos de 1971 e 1978, a importância dos enunciados imagéticos - sindicato e fábrica - e as estratégias de luta propostas pelo discurso sindical. Nesse sentido, as questões investigadas são: o lançamento do jornal *Tribuna Metalúrgica* (1971), a árdua tarefa de sindicalização, as campanhas salariais, os congressos operários, a orientação nas leis existentes e o acompanhamento de processos contra as empresas e o incentivo à luta nas fábricas.

O Capítulo 2, "João Ferrador vai ao Paraíso?", examina a constituição de dois outros enunciados de luta e suas respectivas imagens: as greves operárias (1978-1980) e a cidade. Assim sendo, procuro organizar simultaneamente esses enunciados imagéticos, com os já vistos anteriormente - sindicato e fábrica. Portanto, entendo que o fundamental é desenvolver a articulação desses "lugares de luta".

No Capítulo 1 estaremos diante das falas de convencimento e defesa do "lugar", sindicato, e ao mesmo tempo, falas de desespero e dor do "lugar", fábrica. O Capítulo 2 tem a tarefa de salientar o período compreendido entre os anos de 1971 e 1980, determinando as mudanças estratégicas daquele período. As questões discutidas são as seguintes: as greves de 78-80, os congressos operários e a criação do Partido dos Trabalhadores, o significado da "cidade operária", o novo sindicalismo e os pesquisadores sociais, e o tema da identidade da classe trabalhadora.

O Capítulo 3, "Entre o Céu e a Terra", refere-se à análise da constituição de novos enunciados e imagens operárias no período que vai de 1971 a 1982. Para tanto, cabe salientar o modo como o discurso sindical irá redimensionar os enunciados imagéticos e/ou "lugares de luta". Os temas enfatizados são: as campanhas salariais (1981 e 1982), as greves, o episódio das eleições de 1982 e suas implicações no campo sindical, a campanha de sindicalização, os bailes, os cursos do sindicato, o grupo de Teatro do sindicato (1975), a implementação do departamento cultural (1976), os filmes e as festas promovidas pelo sindicato.

O discurso sindical dos metalúrgicos de São Bernardo ao determinar o sindicato, a fábrica, a greve e a cidade ("sindicalismo de base") como os "lugares da luta", e alinhar uma série de estratégias de mobilização, simbolicamente constrói uma fala de unidade dos trabalhadores. A intenção dos enunciados imagéticos como veremos adiante, além de estabelecer uma identidade da categoria e da "classe trabalhadora", é principalmente enunciar um projeto para os trabalhadores na sociedade brasileira.

Finalmente, tenho de salientar o prazer de escrever esta tese embalada por filmes e músicas. Iniciando pelos filmes, cabe observar que os três capítulos deste trabalho tiveram a inspiração em clássicos do cinema. O Capítulo 1 tem no filme *Tempos Modernos* (1936) de Charles Chaplin a "originalidade" da idéia do título (Não esquecendo que a segunda parte é uma referência óbvia ao livro *Tempos Difíceis* de Charles Dickens). O Capítulo 2 faz uma pequena analogia com *A Classe Operária Vai ao Paraíso* (1971) de Elio Petri. O Capítulo 3 é uma referência explícita ao filme *Entre o Céu e a Terra* (1993) de Oliver Stone. O título da tese é uma lembrança conveniente do filme *Era Uma Vez na América* (1984) de Sergio Leone. Por último, revelo a "trilha sonora" desta tese: "Só Danço Samba", "How Insensitive (Insensatez)", "Querida", "Forever Green", "Maricotinha", etc. Foi no balanço do C.D. *Antônio Brasileiro* (1994), de Tom Jobim, que escrevi esta dissertação. Apesar da morte inesperada desse gênio musical, contraditoriamente as suas músicas suavizavam a perda irreparável. Aliás, a epígrafe que citei no início do trabalho da música "Querida" é exemplar ao tratar da brevidade da vida e da permanência da arte. Todavia, Adalberto Paranhos - o responsável pelo título da tese - é quem melhor conhece essa história. Mas, perdão caro leitor, essa é uma história particular.



CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 1

TEMPOS MODERNOS, TEMPOS DIFÍCEIS

1. "AVANTE METALÚRGICO!"

"A OMISSÃO É POSIÇÃO DOS COVARDES, SINDICALIZE-SE".

Era o ano de 1971. O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Bernardo do Campo e Diadema lançava a primeira edição do jornal *Tribuna Metalúrgica (T.M.)*. A escola profissional, a nova sede para o sindicato e o próprio jornal serão os temas principais daquele número. Buscando uma maior proximidade com a categoria metalúrgica, a diretoria sindical procurava tomar algumas iniciativas que pudessem viabilizar essa aproximação operária.

O jornal *T.M.* representava uma iniciativa que não visava apenas atingir a massa dos metalúrgicos. Revelava uma estratégia fundamental: a veiculação das "vozes operárias" ("Este jornal será a sua voz"), significava simultaneamente o desejo de que participassem efetivamente do sindicato.

Frases como "A omissão é posição dos covardes, sindicalize-se", "Prestígio a sua classe, sindicalize-se", "Patrão é patrão. sindicato é você, sindicalize-se", ou "Venha ao sindicato e defenda o que é seu", serão insistentemente repetidas nas edições da *T.M.*

A determinação em utilizar frequentemente essas frases de incentivo e de responsabilidade encontrarão respaldo, por exemplo, em um artigo que procurava explicar o sindicato no Brasil. É curioso verificar a constatação da distância entre o sindicato e a categoria feita pela própria diretoria:

"Como você se sente diante do seu sindicato? Estará satisfeito? Acha que seu sindicato não presta? Ou você é daqueles que dizem que a firma lhe dá tudo que precisa. (...) A você que diz estar satisfeito, nós perguntamos: satisfeito com o quê? Você é daqueles que ficou sócio só por causa da assistência médica, dentária, por causa da farmácia e do posto de abastecimento? Ou você tem cumprido seu dever, promovendo a união da classe e participando da luta?

A você que vive dizendo que o sindicato não presta nós perguntamos: E você presta? No dia em que todos os trabalhadores prestarem o sindicato vai prestar também, por que o sindicato não é apenas o prédio

ou sua diretoria, mas a união de todos para defesa de nossos interesses".¹

O esforço concentrado dessa diretoria, que pregava a necessidade de sindicalização ("Sindicalize-se para ser um trabalhador esclarecido" ou "O sindicato é seu, sindicalize-se".²) tinha uma origem política datada: 1964 e os conflitos subsequentes.

Entretanto, se quisermos conhecer um pouco dessa história, devemos recuar alguns anos. Mais precisamente em 1959, quando o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema surgiu com uma base de 40.000 trabalhadores.

Seus primeiros passos foram dados no sentido de estimular *"manifestações e greves importantes: pelo Abono de Natal, que seria transformado, em julho de 1962, na conquista do 13º salário; contra a carestia; (...) pela nacionalização de indústrias estrangeiras; pelas Reformas de Base (Reforma Agrária, Reforma Urbana, Reforma Educacional, etc.) prometidas pelo presidente Goulart (1961-1964) (...)".³*

A infância do sindicato transcorria com inúmeros problemas - é correto dizer, no entanto, transcorria num clima de razoáveis franquias democráticas. Vejamos o que Orisson Saraiva de Castro - secretário geral da primeira diretoria do sindicato - relata sobre as primeiras lutas:

"Nós fizemos greves na Willys e na Mercedes. E uma das grandes greves que nós fizemos na Mercedes foi por causa do abono de natal, o 13º salário. Essas empresas já davam o 13º salário, mas quando surgiu o movimento nacional exigindo o 13º, as empresas que já estavam dando, resolveram não dar mais, que era para amortecer a luta nacional. A Mercedes resolveu, como a Willys e a Volks, diminuir o 13º pela metade. Então nós travamos o movimento e conseguimos parar. Fizemos greve na Brastemp (...). Fizemos a greve na Mercantil Suíça, enfim em quase todas as empresas. Mas o número de sócios do sindicato sempre foi pequeno porque as empresas mandavam embora os trabalhadores sindicalistas. Liam a folha de pagamento e mandavam embora. Era um temor ser sindicalizado porque eles mandavam embora mesmo. Não havia liberdade sindical, não havia nada. Era muito difícil. Somente depois, em fins de 63, é que começou a melhorar o relacionamento das empresas com o movimento sindical. Mas, mesmo assim, qualquer

¹ *Tribuna Metalúrgica (T.M.)*, nº 2, 1971.

² *T.M.*, nº 4, 1971, e nº 7, 1972. Vale observar que o esforço de sindicalização - demonstrado pelas gestões sindicais de São Bernardo - foi analisado por mim na *T.M.* entre os anos de 1971 a 1982.

³ Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. *História da Greve de 89. 30 Anos de Luta.* São Bernardo do Campo, F.G., 1989, p. 32.

trabalhador que entrava com uma proposta do sindicato na fábrica era mandado embora na hora".⁴

O que podemos observar de relevante na fala sindical das lideranças pré-64 era a intenção de combatividade e a luta desenvolvida no intuito da organização dos trabalhadores metalúrgicos. Iniciativas de mobilização nacional (como a luta contra a carestia, pela nacionalização de indústrias estrangeiras, pela reformas de base, entre outras, como foi citado anteriormente) eram características importantes no período do governo Goulart (1961-1964). Nesse sentido, essas manifestações nacionais e as empreendidas pela própria categoria, como as campanhas salariais (várias travadas em conjunto pelos sindicatos do ABC), revelam, ainda que superficialmente, o interesse do Sindicato de São Bernardo pelas discussões políticas e pela participação democrática da base.

Todavia, o golpe militar de 1964 significou a mais intensa e profunda repressão política que a classe trabalhadora enfrentou na história do país. Foi um vendaval de intervenções, prisões, ameaças, silêncio imposto pelo terror. Entre 1964 e 1970, o Estado efetuou 536 intervenções sindicais, sendo 483 em sindicatos, 49 em federações e 4 em confederações. Das 536 intervenções, 433 foram efetuadas entre 1964 e 1965.⁵ Além disso, muitos trabalhadores foram perseguidos e presos, alguns mortos, e realizaram-se vários inquéritos militares para punir os envolvidos na movimentação política anterior a 64. Algumas fábricas tiveram seu espaço ocupado por tropas militares.

As principais medidas adotadas pelo novo governo resultaram num forte controle sobre sindicatos, como condição fundamental ao sucesso da nova "ordem" implantada. O novo governo promoveu uma cuidadosa "limpeza" nas cúpulas sindicais, afastando os dirigentes comprometidos com as lutas e mobilizações do período. Os sindicatos, por sua vez, tornam-se ainda mais assistencialistas, passando a receber maior apoio material do governo e sendo, portanto, incentivados a atuar nessa perspectiva como se esta fosse sua real tarefa. Instituiu-se uma nova legislação sobre a greve (Lei 4.330, de junho de 1964) fazendo com que o direito à mesma fosse como que proibido. A ditadura militar também extinguiu na prática qualquer garantia de estabilidade no emprego através da criação do FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço), que facilitou a dispensa do empregado. E instituiu uma nova política salarial (1965) que passaria a

⁴ Depoimento. In: Oliva, Aloizio M. e Outros. *Imagens da Luta. 1905-1985*. São Bernardo do Campo, Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico, 1987, p. 99.

⁵ Ramalho, José Ricardo. "Resistência Operária: Recriando as Formas de Luta". *Cadernos do CEAS*, nº 94, Salvador, 1984, p. 30. Consulte também o artigo de Figueiredo, Argelina C. "Intervenções Sindicais e o 'Novo Sindicalismo' ". *Dados*, nº 17, Rio de Janeiro, Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, 1981.

regulamentar rigidamente o índice anual de reajuste a ser concedido para cada categoria de trabalhadores, retirando do plano da relação direta entre as classes a determinação desse valor e fechando um dos poucos espaços deixados em aberto pela legislação brasileira à atuação sindical.⁶

Em São Bernardo, na noite de 31 de março de 1964, às 20:30 horas, o sindicato foi invadido e depredado. O grupo de diretores e militantes que ouviam no rádio as notícias do golpe, que avançava em vários pontos do país, resolveu abandonar o prédio do sindicato. Minutos depois ocorria a invasão, que contou com a participação direta de forças policiais. O vigia do sindicato foi espancado, houve depredação inclusive da maquete da futura sede, recém-elaborada pelo arquiteto Artigas.

Muitos dirigentes foram obrigados a fugir e alguns se lançaram à militância clandestina. Tal foi o caso de Rolando Fratti (preso como membro da Coordenação Nacional da Ação Libertadora Nacional - ALN), Marcos Andreotti, Lino Ezelino Carniel (hoje membro da Igreja Pentecostal "Brasil para Cristo"), e de Anacleto Potomatti, na época presidente do sindicato (reeleito nas eleições de 1962) que foi preso, espancado e ficou cerca de 15 dias detido no DEOPS. Depois dessa experiência e com dificuldades em arranjar emprego na região ele partiu para Barra Mansa, no estado do Rio de Janeiro, onde morreu alguns anos depois. Sem dúvida a repressão foi violenta, profunda e amarga.

O roteiro de fuga de vários dirigentes sindicais infelizmente foi comum a muitos cidadãos que atuavam de algum modo na política partidária, nas artes cênicas, nas artes musicais, no cinema, enfim, tentavam agilizar o debate de idéias e possibilidades num lugar chamado Brasil.

Desse modo - a exemplo do que ocorreu no país inteiro - no ABC todos os sindicatos combativos sofreram intervenção e, na maioria dos casos, foram nomeados interventores que compunham as chapas de oposição derrotadas nas eleições passadas e comprometidas com a preparação do golpe militar. Em São Bernardo, no Sindicato da Construção Civil, foi nomeado interventor Sebastião Dilhema, e no dos Metalúrgicos o interventor foi Clemiltre Guedes da Silva. Entre os interventores impostos ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo estavam Malvezzi, Hermeto Dantas e João Vicente. No Sindicato dos Metalúrgicos de Guarulhos, o interventor

⁶ Sobre as medidas do regime militar implantado em 1964 no Brasil ver: Rainho, L.F. e Bargas, O. *As Lutas Operárias e Sindicais dos Metalúrgicos em São Bernardo (1977-1979)*. vol. 1, São Bernardo do Campo, F.G., 1983, ps. 20-21. Consultei também, entre outros autores, Humphrey, John. *Fazendo o "Milagre"*. Controle Capitalista e Luta Operária na Indústria Automobilística Brasileira. Petrópolis, Vozes, 1982, ps. 41-53; Bava, Silvio A. C. *Práticas Cotidianas e Movimentos Sociais*. Elementos para Reconstituição de um Objeto de Estudo. Dissertação de Mestrado, USP, 1983; ps. 32-43, Abramo, Laís. *O Resgate da Dignidade*. (A Greve de 1978 em São Bernardo). Op. Cit.; ps. 139-45; e Oliva, Aloizio M e Outros. *Imagens da Luta. 1905-1985*. Op. Cit.

nomeado foi Joaquim dos Santos Andrade, que também pertencia a esse grupo derrotado em 1963 em São Paulo.⁷

A característica primordial desses interventores era seu compromisso com o governo militar. Assim sendo, com a Portaria nº 40, os candidatos a dirigentes sindicais eram obrigados a apresentar atestados de antecedentes às Delegacias Regionais do Trabalho e a assinar uma carta na qual se comprometiam a acatar a autoridade do novo governo. A tarefa dos interventores foi a de afastar da vida sindical os trabalhadores comprometidos com o governo de João Goulart ou os que demonstrassem qualquer iniciativa de luta e compromisso com a classe trabalhadora.

Para se ter uma idéia do grau de debilidade da organização da base sindical em São Paulo, o grupo de interventores sob a liderança de Joaquim dos Santos Andrade *"chegou a cassar a condição de associado de cerca de 1.800 trabalhadores. (...) O Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo que possuía cerca de 70 mil sócios em 1964, passou a contar, em 1968, com apenas 40 mil. No Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo o processo não seria diferente; segundo a própria diretoria, até o dia 29 de julho de 1966 exatamente 4.022 trabalhadores haviam solicitado a baixa na carteira do Sindicato"*.⁸

Após um ano de intervenção, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo realiza eleições com a apresentação de chapa única. Vitoriosa, a chapa liderada por Afonso Monteiro da Cruz teve seu mandato de 1965 a 1967. Em 1967, Afonso Monteiro da Cruz recandidatou-se, convidando para integrar sua chapa Paulo Vidal Neto, que havia iniciado suas atividades sindicais em 1966. Essa chapa sai vitoriosa sobre a sua concorrente, liderada por Geraldo Biancatelli. Eram tempos de recessão e desemprego, resultantes da política econômica. A repressão policial era constante, as campanhas salariais eram esvaziadas e meramente homologatórias, pois os índices de reajustes eram decretados pelo governo militar, sem qualquer possibilidade de negociação direta com as empresas. O sindicato era o lugar do assistencialismo. Eram os tempos do AI-5 - Ato Institucional nº 5 (13/12/68) - que institucionaliza a censura, a limitação dos poderes do Congresso e o total arbítrio. Os sindicatos foram atirados numa maré de silêncio que duraria muitos anos.

Em 1969, quando da realização de novas eleições, Afonso Monteiro da Cruz decide-se a não mais se recandidatar. Para sua sucessão, a situação apresenta o nome de Paulo Vidal, que participava da diretoria, contra uma nova chapa de oposição, *"sustentada por forças de esquerda. A situação foi vitoriosa, com cerca de 4 mil contra 1.600, numa campanha conturbada em que um dos membros da chapa oposicionista chegou a ser preso e, segundo seus companheiros,*

⁷ Ver: Oliva, Aloizio M. e Outros. Op. Cit.; ps. 130-1.

⁸ Ver: Oliva, Aloizio M. e Outros. Op. Cit.; p. 130.

torturado pela polícia política".⁹

Não será fácil para essa diretoria articular os interesses dos trabalhadores metalúrgicos em tempos tão bicudos. Se as tarefas sindicais eram inúmeras e árduas - por que não dizer perversas? - algumas iniciativas serão realizadas no interesse de organizar a categoria. Uma dessas atividades, como vimos anteriormente, é a edição e veiculação da *T.M.* Tarefa assumida por Antônio Carlos Felix Nunes (o redator responsável), Paulo Vidal, Exupério Cardoso Campos, Antenor Brolcabi, Dr. Maurício Gomes de Almeida, Dr. Antônio Possidonio Sampaio, Nelson Campanhollo, Carlos Alfredo Rizzo, Roberto Mori Machado e vários outros colaboradores ligados efetivamente à diretoria. Ou mesmo os próprios associados que talvez fortuitamente (e anonimamente) procuravam auxiliar no trabalho de produção e distribuição do jornal.

A *T.M.*, órgão oficial do sindicato, procura desde a primeira edição ressaltar não apenas vários enunciados - "*Sindicato é o órgão de defesa dos interesses dos trabalhadores (...)*", "*Nosso Sindicato tem uma grande atuação no cenário sindical brasileiro; através de sua diretoria (...) participa de todos os movimentos, honestos e respeitosos, onde se discutem e se deliberam sobre os interesses dos trabalhadores*".¹⁰ - como também várias imagens que propiciassem uma possível mobilização dos metalúrgicos.

A construção de uma nova sede para o sindicato, com uma escola profissional, revela os interesses sindicais daquele momento. E, ainda muito mais, essas metas audaciosas tentavam deixar explícitas a vontade inexorável de aproximação com a categoria. Se novas estratégias e táticas sindicais precisavam ser construídas nos duros anos 70, parece, a julgar pelo discurso proferido pela diretoria, que o "o lugar da luta" também precisava ser construído.

Ora, as matérias dos 2 primeiros números anunciando a nova sede do sindicato evidenciam não apenas a descrição do que deveria ser a sede do ponto de vista do uso do seu espaço, como também sugere ao leitor a(s) imagem(ns) daquele local a ser construído.

Como era descrito o projeto da nova sede?

"(...) no primeiro pavimento instalaremos o departamento assistencial do sindicato (...) Neste pavimento teremos 3 consultórios médicos, laboratórios de análise clínica do próprio Sindicato, 3 gabinetes dentários, farmácia e posto de abastecimento de gêneros alimentícios. No segundo pavimento serão instalados todas as dependências administrativas, além do departamento jurídico, biblioteca e salão nobre. No 4º pavimento - o 3º, como já se disse, será ocupado

⁹ Sader, Eder. *Quando Novos Personagens Entraram em Cena*. Experiência, Falas e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo. (1970-80). Op. Cit.; p. 279. Consulte também: Rainho, L.F. e Bargas, O. Op. Cit.; ps. 51-2; e Oliva, Aloizio M. e Outros, Op. Cit.; ps. 132-5.

¹⁰ *T.M.*, nº 1, 1971, p. 1.

inteiramente pela nossa escola de formação profissional -, teremos o salão de assembléia com capacidade para mil pessoas sentadas, será ainda aqui que funcionará o departamento de atividades esportivas, como basquete, futebol de salão, judô, bailes e festas". ¹¹

Na *T.M.*, nº 2 a primeira página é tomada por uma gravura da maquete da futura sede, com a chamada "*Olha, será nossa futura sede: ajude o sindicato a construí-la*". A matéria aponta para a beleza e a imponência da obra, que de alguma maneira expressaria a grandeza da própria classe: "Ela é sua". E fala daquilo que deveria se fazer no futuro prédio: assistência aos associados, ensinamentos, preparação das lutas necessárias.¹²

Nos números seguintes do jornal encontraremos a preocupação freqüente com "*esclarecimentos de todos que, desta forma, terão oportunidade de acompanhar todo o andamento do projeto, podendo fiscalizar todos os atos da diretoria*".¹³ Nesse particular, a diretoria sindical procurará ressaltar que a construção da nova sede se destina "*para a família metalúrgica de São Bernardo do Campo e Diadema*".¹⁴ O apelo à grandiosidade ("*Será uma monumental sede sindical*"), ao empreendimento vultoso, ao projeto arrojado, envolvia, sem sombra de dúvida, uma boa retórica sindical. Que inclusive apelava ao associado que participasse daquela realização: "*convide os seus companheiros de trabalho e visitem as obras, que correm em velocidade acelerada*".¹⁵

"*Entrem, que a Casa é nossa!*" É essa a chamada de primeira página do nº 18 - agosto/setembro de 1973 -, que mostra a sede inteiramente pronta. "*Na nova sede tudo é dos metalúrgicos. Ela é sua; use-a com zelo e carinho. Participe de tudo que ela lhe possibilitar e faça dela a ferramenta de uso diário para o trabalho de conquistar mais vitórias para a família metalúrgica (...)*".

A nova sede do sindicato, batizada "Casa de Tiradentes" (Tiradentes é o patrono nacional da categoria), teve uma festa de inauguração com solenidades e autoridades oficiais, inclusive um baile noturno de encerramento das festividades. No decorrer dos anos 70, essa "sede sindical tão ampla e majestosa" constitui uma fonte de imagens e enunciados nos discursos sindicais - como veremos posteriormente; o sindicato é a "casa metalúrgica", enquanto a fábrica é o "inferno dos trabalhadores".

¹¹ *T.M.*, nº 1, 1971, p. 1.

¹² *Idem*, nº 2, 1971, p. 1.

¹³ *Idem*, nº 4, 1971, p. 8.

¹⁴ *Idem*, nº 7, 1972, p. 3.

¹⁵ *T.M.*, nº 10, 1972, p. 1. Vale conferir as fotos tiradas da construção e da inauguração da sede do Sindicato, no jornal nºs 10, 12, 13, 17, 18 e 19; e em Oliva, Aloizio M. e Outros. Op. Cit.; p. 140.

Cabe observar que o discurso sindical revelado no jornal propõe que o sindicato fosse assumido pelos trabalhadores como um órgão de luta, e não apenas como uma sede com seus serviços assistenciais. Ou seja, ao procurar estimular a categoria em torno dos direitos sociais, a própria sede ("monumental") deveria também reforçar essa combatividade.

Entretanto, temos que avaliar uma questão fundamental no período que vai de 1969 até 1972: o empenho para dotar o sindicato de uma infra-estrutura diferente da anterior buscava resultados também na possibilidade de que pudesse atrair os trabalhadores pelos serviços prestados. Ora, reafirmando que a sua função principal consistia na defesa dos interesses dos trabalhadores nas relações de trabalho, a diretoria parecia dar-se conta de que a necessidade de atrair os operários também envolvia outros procedimentos, os quais deveriam corresponder à expectativa dominante entre eles.

Deixando de lado a retórica sindical de luta e organização dos trabalhadores, registro, por exemplo, a abertura da subsede em Diadema, em 1971. A chamada veicula o serviço odontológico como *"o maior (...) do sindicalismo paulista"*. Além disso, a diretoria nomeia no quadro de suas realizações a instalação de um laboratório de análises clínicas, a compra de uma ambulância, a instalação de uma enfermaria, a ampliação dos serviços jurídicos, médicos, odontológicos e de prótese, mais a farmácia, e a ampliação de um posto de abastecimento de gêneros alimentícios, funcionando como um supermercado com preços abaixo dos praticados pelo comércio. Enfim, paradoxos de uma diretoria. E da própria categoria profissional.

Se a tarefa de sindicalização operária ocasionava esforço e trabalho árduo por parte dos membros da diretoria, no momento de se realizarem as eleições a tenacidade deveria ser redobrada. Como envolver os trabalhadores em um processo eleitoral? Segundo Paulo Vidal, que pretendia concorrer novamente às eleições,

"Uma diretoria não é eleita para 'quebrar galhos' dos associados conhecidos, nem tampouco e, principalmente, para tirar proveito do cargo. Ela é eleita, isto sim, para representar a todos os seus associados sem discriminação, dando a todos em igualdade de condições, aquilo que pode oferecer, sempre procurando oferecer o melhor. (...) Essa obrigação de votar, é uma demonstração da responsabilidade que todos os associados terão em suas mãos.

(...) Incentive o seu companheiro a votar consciente na chapa que poderá dar-lhe a certeza de um mandato, inteiramente voltado à defesa dos interesses da classe, seu e de sua família".¹⁶

¹⁶ T.M., nº 6, 1972, p. 1.

A chapa situacionista vence uma vez mais as eleições, derrotando a concorrente Chapa Azul. Nesse sentido, torna-se interessante atentar para algumas das reivindicações do vitorioso "Programa da Chapa Verde":

*"Continuidade da luta contra o arrocho salarial, (...)
 . Luta pelo reconhecimento do Contrato Coletivo de Trabalho (...)
 . Luta pela elaboração de um autêntico Código de Trabalho, no qual se estabeleça como princípio básico o salário mínimo profissional;
 (...) . Luta pelas liberdades sindicais, com a constante preparação dos trabalhadores, através de cursos de capacitação sindical, trabalhista e previdenciária.
 (...). Campanha permanente de sindicalização".¹⁷*

O repertório de reivindicações do grupo de dirigentes dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo permite supor a intenção de formular um projeto organizatório, político-sindical afinado com a classe operária. Aliás, essa liderança e a Oposição Metalúrgica de São Paulo convergem para pontos em comum no que se refere a esse projeto. Basta ver o "Programa de Oposição Metalúrgica de São Paulo" (1972) que reafirma temas afins como, entre outros "a necessidade de um sindicalismo autêntico, pela revogação das leis do arrocho salarial, pela total liberdade sindical, direito de greve, reconhecimento das comissões de empresas".¹⁸

De qualquer forma, é possível afirmar que essas lideranças pretendiam constituir uma "nova corrente" no movimento sindical brasileiro. Haja vista o polêmico artigo de Maria Hermínia Tavares de Almeida, de 1975, para quem *"pareceria que o ideal dessa nova corrente sindical seria algo próximo ao 'sindicalismo de negócios' (business union) norte-americano: combativo, 'apolítico', solidamente plantado na empresa, tecnicamente preparado para enfrentar e resolver os problemas gerais específicos dos seus representados"*.¹⁹ Alguns anos mais tarde, porém, a autora admitirá que não se poderia tratar o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo como mero exemplo de um "sindicalismo de negócios".

O que necessita ser ponderado é que o "Programa da Chapa Verde" reivindicava fundamentalmente a ousadia no sindicalismo dos anos 70. Ao abordar questões delicadas como contrato coletivo de trabalho, arrocho salarial, salário mínimo profissional, liberdade sindical, entre outras, evidenciava a existência de uma categoria. Todavia, o discurso não primava pelo

¹⁷ Idem, nº 7, 1972, p. 5.

¹⁸ O "Programa de Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo" (1972) encontra-se no trabalho de pesquisa da Bava, Silvio A.C. *Práticas Cotidianas e Movimentos Sociais*. Op. Cit.; ps. 190-201.

¹⁹ Almeida, Maria Hermínia T. de. "O Sindicato no Brasil: Novos Problemas, Velhas Estruturas". *Debate e Crítica*, Op. Cit.; 1975, p. 73. Ver também: Humphrey, John. *Fazendo o "Milagre"*. Op. Cit.; ps. 134-7.

corporativismo; pelo contrário, lançava luzes sobre a sofrida classe operária. Buscava denunciar a dureza das leis trabalhistas e sua inadequação para a classe trabalhadora.

Assim sendo, o trabalho de sindicalização proposto pela diretoria prossegue "a todo vapor". Não é aleatório, portanto, que o personagem *João Ferrador* será uma tentativa de aproximação com a categoria. O "Bilhete do João Ferrador", que aparece inicialmente em março de 1972, não vem acompanhado de caricatura. O desenho - que aparecerá nos números posteriores daquele ano - representa um trabalhador de boné, escrevendo um bilhete.

Dirigindo-se sempre a alguma autoridade do "meu Brasil grande e potente", *João Ferrador* (irônico, sutil) indaga e revela o cotidiano cruel dos trabalhadores metalúrgicos e por conseqüência, da própria classe trabalhadora. O custo de vida, a política salarial, a política habitacional, os acidentes de trabalho serão assuntos prediletos da coluna do personagem.

Em setembro de 1972, *João Ferrador* manda um bilhete bastante interessante aos "Ilustríssimos senhores governantes do meu Brasil grande e potente":

"Desculpem-me, senhores, se eu me torno impertinente, voltando a um assunto já por demais repisado: a elevação do custo de vida. Mas as circunstâncias de minha própria existência (a minha e a de milhares de outros conterrâneos), levam-me a isto (...) Quero falar, desta vez, de dois produtos muito importantes para a dieta dos brasileiros: do leite e da carne. O leite, senhores, esse alimento essencial à nutrição das nossas crianças, andou desaparecido por muito tempo da praça.

(...) Imaginei uma série de coisas, senhores, sobre esse sumiço do leite, e concluí que ele faltava simplesmente porque os revendedores desejavam um aumento de preço.

E pensei logo que estava havendo uma greve, não das vacas, porque estas, naturalmente, não possuem raciocínio e nem organização bastante forte para se meterem em tão perigosa empreitada. Seria uma greve dos revendedores. E uma greve evidentemente ilegal, porque não obedeceu a nenhum dispositivo de lei. E nenhum comerciante foi punido pelo protesto ilegal, que prejudicou tão-somente a população. Imagino as conseqüências, se fosse uma greve de trabalhadores...

(...) Tabela em 7 cruzeiros, a carne é vendida hoje, a 9 cruzeiros. (...) Pensem, senhores: carne a 9 cruzeiros e o leite faltando, num país rico e grande como o nosso (...) Como podemos justificar o nosso desenvolvimento econômico, o impressionante crescimento do Produto Interno Bruto, se o povo vai tendo cada vez menor possibilidade de comer carne e beber leite? O assunto é desagradável, eu sei, principalmente quando se comemora o sesquicentenário da

independência, mas é preciso (...) que atentemos para ele, pois amanhã poderá ser pior".²⁰

O tema do custo de vida aliado à política salarial e por conseguinte, à proibição à greve, será apresentado sempre que possível na *T.M.* Em 1974, por exemplo, *João Ferrador* reclama da falta de óleo, da carne e do leite: "*da mesma forma que os trabalhadores não podem fazer greve, porque isso prejudicaria a paz social e o processo de desenvolvimento do país, segundo o governo, também creio que os comerciantes e industriais não têm direito de sonegar mercadorias e inflacionar a economia popular*".²¹

A ironia dos bilhetes irá permear os anos 70, de modo avassalador. Aliás, ler os bilhetes, antes de mais nada, me proporcionou - paradoxalmente às condições de vida dos trabalhadores - momentos de divertimento no cansaço da pesquisa. A veia humorística desenvolvida pela linha do jornal (em outras colunas também) recuperou não só o bom-humor da pesquisadora. Recuperou também, imagino, o bom-humor dos metalúrgicos, com uma "linguagem da oposição". Linguagem essa que não é determinada apenas por uma estratégia política, assim como por imagens, metáforas e um certo vocabulário.²²

A ponte de ligação entre o sindicato e os metalúrgicos tem no meio do caminho o *João Ferrador* que reclama em nome da categoria e, ao mesmo tempo, desenvolve uma identificação operária. Nesse viés, o personagem *João Ferrador* (e outros serão criados no decorrer dos anos, como o "Repórter Metalúrgico" e o "Sombra") significa a possibilidade das lideranças sindicais aproximarem-se da base operária. No seu conjunto, o jornal pretende "manifestar o ponto de vista dos metalúrgicos". Aliás, a opinião de Paulo Vidal esclarece bem esse intuito:

"Com satisfação comemoramos o primeiro aniversário do já consolidado informativo que está sendo considerado um dos melhores do sindicalismo brasileiro.

(...) conseguimos com a nossa TRIBUNA, não só orientar o trabalhador quanto ao seu procedimento sindical, trabalhista e previdenciário, como

²⁰ *T.M.*, nº 12, 1972, p. 3.

²¹ *Idem*, nº 23, 1974, p.3.

²² A crescente diluição da linguagem, em que cada vez mais a palavra é desgastada e diluída de seu significado exato e profundo, ocorre em momento que o pensamento se converte em mercadoria e a linguagem em seu encarecimento. O pensamento moderno se vê privado não só do uso afirmativo da linguagem conceitual científica e cotidiana, mas igualmente da "linguagem da oposição". Essas considerações frankfurtianas foram dicas importantes nos "vôos solitários" da pesquisadora. Ver Adorno, T.W. e Horkheimer, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Fragmentos Filosóficos. Rio de Janeiro, Zahar, 1986, esp. ps. 11-7. No campo literário, a conexão linguagem e imagens pode ser vista, enquanto "riqueza de significados possíveis", no belíssimo texto "Exatidão". In: Calvino, Ítalo. *Seis Propostas Para o Próximo Milênio*. São Paulo, Companhia da Letras, 1990, ps. 71-94.

também manifestar o ponto de vista dos metalúrgicos por nós representados (...).

Fizemos da TRIBUNA METALÚRGICA o porta-voz maior dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema.

Com os 35 mil exemplares mensais, chegamos a toda a nossa categoria, levando orientações e conhecimentos gerais, todos de interesse inegável".²³

Todavia, a própria diretoria reconhecia as dificuldades em atrair os metalúrgicos para aquela sede tão "imponente" e "majestosa". Apesar da empolgação discursiva - como atestamos acima - os obstáculos enfrentados não eram fáceis de serem superados. Na *T.M.* de maio de 1972, Paulo Vidal publica um artigo intitulado "O que é o sindicato e por que você deve tornar-se sócio". Nele ele reclama de que, apesar de o sindicato ter "*feito o que ao seu alcance para transformar-se efetivamente no único e autêntico órgão de defesa dos interesses e direitos dos seus representados, (...) tem faltado uma maior adesão dos trabalhadores ao quadro associativo, numa demonstração de desconhecimento dos benefícios que nossa entidade presta aos seus associados*". E passa a relacionar tais benefícios: mais de 5 mil atendimentos médicos por mês, além dos atendimentos odontológicos, jurídicos e os dos demais departamentos existentes. E adiciona:

"Isso sem considerar que dentro da função básica do sindicato, dezenas e dezenas de reuniões são realizadas com as diretorias da diversas empresas do setor, na busca de solução dos problemas que chegam ao nosso conhecimento".²⁴

É interessante observar que na concepção presente na linguagem da diretoria a função sindical não era assistencial, mas sim de defesa dos interesses dos trabalhadores. Os benefícios assistenciais, insistentemente proclamados, visavam reforçar o sindicato, para que ele pudesse cumprir melhor a sua função básica. Isto é, esses procedimentos eram vistos como estratégias complementares na atividade sindical. Essa "*sedução assistencial*" trazia, sem dúvida, novos associados. Quanto a isso, cabe frisar que o empenho na ampliação da sindicalização era admiravelmente incomum, pois, entre os dirigentes sindicais da época, a maioria preferia acomodar-se com os recursos do imposto sindical.

Ao examinar o discurso sindical veiculado nas páginas da *T.M.*, foi possível acompanhar a instituição de uma fala e de uma identificação operária que procurava organizar os trabalhadores

²³ *T.M.*, nº 10, 1972, p. 3.

²⁴ *T.M.*, nº 9, 1972, p. 3.

metalúrgicos em defesa dos seus interesses. O que importa destacar, nessa medida, é que, ao observar o discurso emitido pelo jornal, encontrei um "apelo operário"²⁵ que dava conta da desmobilização da categoria em torno do seu sindicato. Por isso mesmo, necessitava organizá-la com o intuito de uma participação política efetiva na sociedade brasileira.

Não há dúvida que a veiculação dessa fala e da própria identificação operária era uma atividade sindical pensada e centralizada no sindicato, quando não exercida estritamente pela diretoria.

Nessa medida, serão freqüentes, por exemplo, artigos que identificavam a categoria em torno do próprio orgulho profissional, assim como em outros a preocupação era instituir esses trabalhadores como cidadãos respeitáveis, conscientes do seu papel na criação de riquezas no país. E, por isso, exigiam serem respeitados e não marginalizados na estrutura sócio-econômica e política do país.²⁶

Se a coluna "*Bilhete do João Ferrador*" procurava espelhar as vicissitudes dos trabalhadores metalúrgicos (e, também da própria classe operária, no que tange aos problemas comuns enfrentados: "*custo de vida*", "*política habitacional*", etc.), uma outra coluna, publicada em 1972, do mesmo modo procurará refletir os interesses e anseios desses trabalhadores. Cabe ainda lembrar que representando o chamado senso de um operário comum ("*modesto trabalhador*"), as mensagens do *João Ferrador* dirigem-se respeitosamente, mas com desenvoltura, às autoridades. E é através da ironia que permeia os bilhetes do *João Ferrador* que o jornal estabelece, por exemplo, sua distância crescente em relação ao governo vigente. O *João Ferrador* dirige-se às autoridades, tendo em vista o "patriotismo" destas e sua "legitimidade". Afirma sua "ignorância" e quer ser "esclarecido". Então refere-se a algum fato ou alguma intenção política oficial e, expondo as condições concretas da vida operária, revela o absurdo de dada situação.

Assim, há que se observar que, ao lado dos bilhetes do *João Ferrador*, aparecerá a coluna "*Nossa Opinião*". Expressando as idéias do presidente do sindicato, haverá também a preocupação em manter esse diálogo com as autoridades, demonstrando as insatisfações dos trabalhadores com o sistema político.

²⁵ Em se tratando da linguagem dos jornais operários, no século XIX, uma ótima referência a esse respeito ("o apelo à palavra operária") encontra-se em: Bollème, Geneviève. *O Povo por Escrito*. São Paulo, Martins Fontes, 1988, ps. 131-4. De grande ajuda e estímulo intelectual - no que concerne à questão da linguagem operária - foram também: Jones, Gareth S. *Languages of Class*. Studies in English Working Class History. 1832 - 1982 Cambridge, Cambridge University Press, 1983, e Rancière, Jacques. *A Noite dos Proletários*. Arquivos do Sonho Operário. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

²⁶ Ver *T.M.*, nº 11, 1972, p. 5.

Essa coluna procurava, a exemplo do *João Ferrador*, avaliar várias situações e problemáticas como as *leis trabalhistas*, a *crise econômica*, o *desemprego*, a *política salarial*, entre outras. Não poderia faltar, é lógico, o incentivo à sindicalização. Aliás, o assunto da coluna, em setembro de 1972, foi exatamente o texto de Paulo Vidal intitulado "*Com você no sindicato seremos mais fortes!*":

"Deixamos de ser uma simples entidade e nos transformamos num dos maiores sindicatos brasileiros.

No aspecto político-sindical, temos participado conscientemente em todas as lutas que objetivaram solucionar os problemas da classe trabalhadora. No aspecto assistencial deixamos de ser uma entidade 'quebra-galhos' e passamos a ser uma entidade efetivamente prestadora de serviços.

No aspecto educacional ampliamos nossa quota de bolsa de estudo, de 170 em 1969, para 617 em 1972.

Na assistência judiciária, firmamo-nos como um dos mais respeitosos litigantes.

(...) Por isso nos tornamos um grande sindicato.

A categoria metalúrgica em razão disso também tornou-se uma categoria respeitada, e o Sindicato nada mais é do que uma entidade unida e forte que com consciência defende os seus direitos.

Hoje já somos 15.000 associados, 15.000 trabalhadores integrados no mesmo ideal e na defesa dos interesses de toda a categoria.

Podemos ser mais fortes quando os demais trabalhadores metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, integrarem o nosso quadro associativo. Para isso, precisamos do apoio e da colaboração de todos.

Integrem o Sindicato, transformem-se em trabalhadores unidos e juntos seremos mais fortes".²⁷

O que merece referência, neste particular, é que ao incentivar a categoria metalúrgica para a mobilização sindical a linguagem impressa no jornal adquire um vigor excepcional. Observemos um trecho do artigo "*Os metalúrgicos de S.B.C. e o futuro do sindicalismo*", do dr. Antônio Possidônio Sampaio:

"podemos afirmar que brevemente os metalúrgicos de São Bernardo constituirão um dos mais importantes redutos sindicais da América Latina.

(...) Ser um mero distribuidor de assistência aos associados por certo não é a principal função do Sindicato.

Pelo menos é o que pensam os autênticos dirigentes que estão cansados de saber que o seu principal objetivo é dar consciência ao trabalhador,

²⁷ T.M., nº 12, 1972, p. 3.

abrindo-lhe os olhos para que não se deixe enganar pelos distribuidores de pão e circo".²⁸

Esses "autênticos dirigentes" em breve estariam ocupando a nova sede (em agosto de 1973, como observei anteriormente), obra que, segundo o dr. Antônio P. Sampaio "reflete o poder que a laboriosa categoria adquiriu nestes últimos anos, principalmente em volume de arrecadação e prestação de serviços aos associados".²⁹ Todavia, o que institui o "poder de fogo" dessa liderança é sobretudo a combatividade das lutas empreendidas em prol dos trabalhadores metalúrgicos. De acordo com o autor, "certas dúvidas" têm de ser desfeitas com relação aos "autênticos dirigentes".

Se por um lado prevalece, desde 1971, um certo orgulho desses serviços assistenciais (que inclui a própria sede como "chamariz"), por outro procura-se evidenciar os caminhos de luta e organização dos "autênticos sindicalistas". Com o decorrer dos anos, veremos que a segunda via tornar-se-ia preferencial na fala sindical.

Podemos detectar essa via preferencial já nos idos de 1974, quando a perspectiva adotada enfatizará sobremaneira o sindicato enquanto uma organização classista. Ou seja, as atenções devem estar voltadas para a "rigidez legal", para a "inércia dos dirigentes sindicais" e o "desinteresse dos trabalhadores". Esses são "os maiores obstáculos a ser transportados (sic) para o efetivo desenvolvimento do sindicalismo de classe".³⁰

No artigo "Sindicato é notícia", de Paulo Vidal, em 1974 podemos acompanhar uma argumentação preciosa do significado da "casa metalúrgica":

"Você já pensou seriamente sobre o que é o sindicato?

Qual é a sua opinião? Será que o sindicato é o prédio de sua sede? Será que o sindicato é apenas sua diretoria?

(...) podemos dizer, sem medo de errar, que o sindicato somos todos nós. O sindicato é você, prezado companheiro. O sindicato é a união dos trabalhadores.

Por esta razão, o sindicato é aquilo que forem seus associados. (...) Dizer que o sindicato não presta, é o mesmo que dizer que você não presta, porque no dia em que todos prestarem o sindicato também vai prestar.

(...) Outra coisa que precisamos lembrar é que nada cai do céu e nem pode ser conseguido só pela diretoria.

Quem não se lembra da luta pelo 13º salário! Foi o povo, foi a massa

²⁸ Idem, nº 17, 1973, p. 2.

²⁹ Idem, nº 17, 1973, p. 2.

³⁰ T.M., nº 21, 1974, p. 4. ("Você sabe o que é o sindicato?").

dos trabalhadores, foi a opinião pública, que pressionou e conseguiu esta conquista. (...)

Companheiro:

Se cada um de nós é o sindicato, se as conquistas dos trabalhadores sempre foram resultado da união e da luta de todos, o que estamos esperando? A obrigação é de cada um e de todos. Enquanto não existir união, o máximo que nos resta é pedir, enquanto o que necessitamos é exigir o que nos é de direito".³¹

A preocupação em utilizar uma retórica convincente de apoio e mobilização em torno do sindicato é, por excelência, estrategicamente aglutinadora. Poder-se-ia dizer ainda mais, a imagem produzida do sindicato é propositadamente sedutora. Assiste-se, no meu entender, à construção, pela linguagem, do "lugar da luta": o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. "Lugar da luta" pela ampliação da sindicalização, pelo apoio efetivo às campanhas salariais, pela participação em congressos operários, pela condução de processos contra as empresas e a respectiva orientação aos metalúrgicos sobre a legislação trabalhista, e pelo incentivo à luta nas fábricas, como veremos adiante.

A gestão de Paulo Vidal à frente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, entre 1969 e 1975, gera até hoje controvérsias entre os trabalhadores, lideranças e pesquisadores sociais.³² Muitos tendem a considerá-lo como um pelego, ou mesmo extremamente legalista, personalista, impedindo a organização do trabalho de base. Isto porque para Vidal

"a solução dos problemas deve ser encontrada dentro da lei. A lei é o instrumento básico. Por isso, deve-se procurar ampliar os direitos dos trabalhadores dentro da lei. Tentar o mínimo que a lei garante para conseguir o máximo de exercitação sindical".³³

Por este ponto de vista, suas atividades são também consideradas conseqüentes e com um determinado grau de compromisso com a luta da classe trabalhadora. Principalmente se consideradas as condições históricas de repressão política instaurada no país. Assim, por pensar e dirigir o sindicato de modo "legalista", Vidal não estimulava, naquilo que dependesse do órgão, as lutas dos trabalhadores não enquadradas na lei. Eram patentes as iniciativas de exploração de todas as possibilidades legais para afirmar os direitos de seus representados. Basta ver o empenho nas campanhas salariais, nos processos contra as empresas e também na orientação para os

³¹T.M., nº 22, 1974, p. 43.

³²Apenas a título de exemplo, ver Rainho e Bargas. Op. Cit.; ps. 52-3; Abramo, Laís. Op. Cit.; ps. 175-9; Sader, Eder. Op. Cit.; ps. 282-96; Oliva, Aloízio. Op. Cit.; ps. 138-9 e *História da Greve de 89. 30 Anos de Luta*. Op. Cit.; ps. 35-6.

³³Ver: Rainho e Bargas. Op. Cit.; p. 52.

trabalhadores sobre o modo de usarem as leis existentes na defesa de seus interesses (temas que serão retomados adiante). Tudo isto sem falar no incentivo à ampliação da sindicalização.

Pode-se ainda observar o episódio de 1974 - descrito em algumas pesquisas - quando vinte e cinco trabalhadores da ferramentaria da Ford, na disposição de deflagrar uma greve recorreram ao sindicato e *"receberam dele verdadeira 'aula', desestimulando-os quanto a seus objetivos, com argumentos sobre a ilegalidade de tais movimentos e os riscos a que se exporiam, tais como prisão, tortura, etc. Esse posicionamento sindical de Paulo Vidal trouxe-lhe grande desgaste junto aos trabalhadores mais combativos"*.³⁴ Cabe frisar, que a *T.M.* não registrou nenhuma das paralisações parciais e outras formas de pressão operária que ocorreram entre 1973 e 1974.

Quando se aproximaram as eleições de 1975 Vidal estava diante de dois problemas efetivos: o conflito entre ele e os outros diretores de base vinha se acirrando (suas orientações começavam a ser questionadas pelos diretores), principalmente após os episódios das paralisações na Ford, Volks, Brastemp, etc.; e, para completar, a fábrica em que trabalhava (Molins do Brasil S/A) iria transferir-se da base territorial do sindicato para Mauá.

Diante dessa situação os membros da diretoria reúnem-se para discutir a apresentação da chapa que concorreria às eleições. O escolhido para presidir o sindicato foi Luís Inácio da Silva, o Lula. Decidiu-se ainda que Paulo Vidal ocuparia a Secretaria Geral, pelo fato de que a empresa onde trabalhava ainda não se transferira. É curioso que na apresentação desta "Chapa Única", na *T.M.* de janeiro de 1975, embora Luís Inácio já tivesse sido escolhido como o próximo presidente, foi ainda Vidal quem a encabeçou. A "explicação" para tal ocorrido é por demais interessante:

"Essa alteração, que a muitos pode parecer estranha, é um real demonstrativo de que na diretoria eleita, não existe o menor senso de personalismo ou carreirismo funcional. A eleição de Luís Inácio da Silva para assumir a presidência, caracteriza bem o trabalho de equipe, que prevalece na administração sindical".³⁵

Personalismo à parte, gostaria de ressaltar um fato peculiar. Em que pese os trabalhos e as avaliações sindicais importantes a respeito desse período histórico (1969-1975), a tônica utilizada evidencia, no mínimo, a extrema "legalidade" e "personalismo" da gestão Paulo Vidal.³⁶ Julgo procedentes as críticas, principalmente em relação ao isolamento e ao centralismo das decisões sindicais. Aliás, como tenho procurado observar, o discurso da diretoria não significa estar em

³⁴ Idem, p. 52. Laís Abramo em sua pesquisa também observa o posicionamento "legalista" de Paulo Vidal naqueles anos. Ver: Abramo, L. Op. Cit.; ps. 175-6.

³⁵ *T.M.*, nº 28, 1975, p. 5.

³⁶ Reforço novamente os autores citados na nota 32.

sintonia com a categoria metalúrgica. Às vezes, é óbvio, estão sintonizadas. Entretanto, noutras vezes, a diretoria esforça-se arduamente em procurar representá-las e, conseqüentemente, mobilizá-la. Dito isto, discordo das posições daqueles que, depois de terem criticado o "personalismo" de Paulo Vidal, promovem, contraditoriamente, um certo "culto à personalidade" de Lula. Ambigüidades, por certo, ligadas a fatos importantes da história do país, como o movimento grevista de 78-80. Como veremos no segundo capítulo, o surto de greves iniciado pelos metalúrgicos irá sacudir o operariado, os intelectuais, o governo vigente, os empresários, enfim, os atores do cenário Brasil vão mostrar "a sua cara".

Assim sendo, procurando estabelecer o desenvolvimento da fala sindical nos anos 70 com enunciados e imagens da luta produzidas incessantemente, acredito poder recolher "fragmentos", "cacos", pequenos resíduos da história operária neste país.

Com enunciados e imagens freqüentes, o "lugar da luta" - construído por uma "linguagem da oposição" - ao sediar as eleições de 1975, com chapa única, comemora uma vitória importante. Registra-se um comparecimento maciço às urnas: dos 16.700 associados, votaram 14.608 trabalhadores. Desses, 14.209 sufragaram a diretoria, 242 votaram em branco e 118 anularam o voto.

No artigo *"Eleições da nova diretoria e os caminhos da história"* (T.M., nº 28) serão reforçados os problemas que a nova diretoria terá de enfrentar, a exemplo da gestão precedente. Na verdade, os velhos problemas: política salarial (implantada e mantida desde 1965), assistência previdenciária (a ineficiência do Instituto Nacional de Previdência Social - INPS), condições de trabalho (o *"alucinante ritmo de trabalho"*) e distribuição de renda (*"somente a contratação coletiva de trabalho poderá pôr fim ao conflito"* entre a classe trabalhadora e a classe detentora dos meios de produção).

No dia dezenove de abril de 1975 a nova diretoria do sindicato foi empossada para dirigir os destinos da entidade até 1978. Convido o leitor a acompanhar o discurso de Luís Inácio, pronunciado naquela ocasião:

"A família metalúrgica se reúne mais uma vez para dar posse à Diretoria que nos próximos três anos comandará a luta pela conquista de melhores dias para nós e nossos filhos.

(...) Como manter este sindicato na vanguarda das conquistas?

Será sumamente difícil. (...)

(...) Conheço minhas limitações, e por isso apoio-me na equipe. E porque temos os mesmo ideais, haveremos de apresentar uma administração coesa e uma luta homogênea para o bem da nossa categoria.

Com certeza de que somente pela nossa própria ação, conseguiremos atingir os objetivos almejados pela classe que representamos, apresento-lhes agora, o nosso programa, que deverá ser desenvolvido no próximo triênio de trabalho desta diretoria.

(...) Assim daremos especial atenção a tudo que diga respeito a instrução e capacitação. Será portanto prioritária em nossa gestão a conscientização da classe através de um amplo e coordenado trabalho de base, para o qual serão destacados 4 (quatro) diretores, desligados exclusivamente para esse fim.

Além disso, proporcionaremos de forma ininterrupta, cursos de capacitação sindical, objetivando descobrir e formar novas lideranças em nossa base territorial. Outro ponto ao qual emprestaremos grande relevo, será a promoção de reuniões mensais para debate de grandes problemas que afetam a nossa classe.(...)

Ainda no setor educacional, daremos ênfase à ampliação dos cursos supletivos e de treinamento profissional mantidos por nossa entidade, até atingirmos a meta da família metalúrgica: a nossa sonhada escola profissionalizante.

É também nosso propósito dar continuidade à luta pela liberdade e autonomia sindical, para tirar as entidades de classe da posição cômoda e constrangedora em que se encontram.

Os pontos já enunciados haverão de ser um prenúncio de uma conquista pela qual continuaremos a trabalhar incansavelmente: contratação coletiva de trabalho.

(...) Quanto à assistência social tudo faremos para ampliá-la tornando-a mais digna dos anseios dos nossos associados e dependentes.(...) Destacando porém nossa convicção de que esta necessidade se faz muito mais pela ineficiência dos órgãos competentes do que por ser da função sindical.

(...)

Companheiros e Companheiras:

O Sindicato somos todos nós; ele existe em função de todos vocês; por isso somos a família metalúrgica. Sua diretoria será um reflexo da união da classe. Lembrem-se sempre: nossos êxitos serão vossos êxitos; nossos fracassos serão os vossos fracassos; a vossa união será nossa força; a vossa compreensão será o nosso consolo e a vossa constante presença será a nossa alavanca pra remover os obstáculos que se nos apresentarem. Até sempre companheiros".³⁷

"Companheiros" como Rubens Teodoro de Arruda, Nelson Campanhollo, Devanir Ribeiro, Vasile Volcov Filho, entre outros, remanescentes da gestão 1972-75, irão juntar-se aos novos integrantes da diretoria eleita, como Severino Alves da Silva, Djalma de Souza Bom e Jaime

³⁷T.M., nº 29, 1975, p. 4. A íntegra do discurso de Luís Inácio, pronunciado por ocasião de sua posse como presidente do sindicato, em 1975, encontra-se em Rainho e Bargas, Op. Cit.; ps. 186-8.

Barros Viana. Vidas operárias diferentes, mas comuns, similares no difícil percurso sindical dos anos 70. O depoimento de Luís Inácio - concedido a Luís Flávio Rainho em 1976 - no qual explica o modo pelo qual ingressou na atividade sindical, ilustra bem a sua trajetória pessoal. E, fundamentalmente, é capaz de revelar algumas vivências coletivas de um grande número de metalúrgicos:

"Quando foi em 1968, eu tinha um irmão que era para ser diretor desse sindicato. Ele trabalhava numa firma aqui em São Bernardo. Mas ele não quis ser diretor e eles precisavam de um empregado da Villares para ser diretor e eu fui convidado para ser diretor.

Na época nem sócio do sindicato eu era. Eu era como a grande maioria dos trabalhadores de hoje. Eu sempre achei que o sindicato não resolvia nada, que o negócio deveria continuar do jeito que estava porque o sindicato só tinha isso, só tinha aquilo, não resolvia o problema.

Mas eu comecei a freqüentar o sindicato a partir daquele convite, eu não tinha aceitado, mas eu comecei a vir nas Assembléias do sindicato

O convite tinha sido com bastante antecedência e eu comecei achar que se nós quiséssemos, cada um trabalhador, poderíamos dar uma contribuição grande. Não ao sindicato, mas a nós mesmos. Para isso, bastaria que nós nos conscientizássemos que a nossa força de trabalho é o que de mais valor até num regime capitalista.

Quando foi no fim do ano de 68, outra vez eu fui convidado. Eu aceitei, mas sem saber muito o que era. Fui convidado pelo Paulo Vidal que na época encabeçava a chapa como presidente e eu aceitei concorrer às eleições. [na condição de suplente do conselho fiscal].

Mas basta a gente aceitar um cargo na direção de um sindicato e ter um pouco de responsabilidade para a gente começar a analisar o quanto é difícil fazer sindicalismo num país onde nenhum governo tentou mexer na estrutura sindical. Um estrutura sindical arcaica que proíbe o dirigente sindical de agir dentro das empresas. Então a gente ganha uma estabilidade durante o mandato, mas essa estabilidade, se o dirigente sindical não estiver preparado para conseguir essa... para juntar a essa estabilidade um pouco de liberdade dentro da empresa, ele estará tolhido nas suas funções porque tem que trabalhar, tem que produzir a mesma coisa como se não fosse um dirigente sindical. E eu entrei no sindicato pensando que a partir do momento em que eu estivesse como diretor do sindicato eu ia revolucionar a Villares. Eu ia salvar os trabalhadores da Villares. E qual não foi a minha decepção porque eu percebi que podia fazer pouquíssimo mesmo diante daquilo que eu pretendia fazer. Mas, pouquíssimo mesmo. Eu tinha que produzir normalmente.

(...) Tive um primeiro problema com minha esposa, porque ela não queria que eu fosse dirigente sindical (...) porque dirigente sindical não

arruma mais emprego, porque dirigente sindical vai preso, porque não sei lá...

(...) é um primeiro obstáculo para o dirigente sindical, é a esposa não entender o que ele faz.

(...) fazer sindicalismo era uma idéia muito mais séria do que aquela idéia prematura que eu tinha. Que era um trabalho que como nunca tinha feito no Brasil, era um trabalho que deveria começar a engatinhar. E eu consegui dentro da Villares uns 50 ou 60 sindicalistas.(...)

(...) Então, em 1972, o Paulo Vidal novamente encabeçou uma chapa aqui no sindicato (...) e eu vim trabalhar no departamento jurídico do sindicato. E foi aqui no departamento jurídico do sindicato que eu senti que realmente a classe trabalhadora está numa situação negra, está vivendo uma situação de desespero. (...) Comecei a me deparar com o problema da neurose existente dentro de uma grande empresa como Volkswagen, como Mercedes, como Ford. Comecei a atender trabalhadores que perdiam a esposa por não terem disposições de manter relações sexuais (...) comecei a conhecer trabalhadores que tinham vindo do interior do estado ou do nordeste, pensando encontrar o paraíso em São Bernardo do Campo e foram cair em favelas na periferia de São Bernardo do Campo. E isso me abriu os olhos (...) Depois, aí a presidência do sindicato. E aqui realmente é onde a gente sente a coisa realmente"³⁸

Neste longo depoimento, percebe-se - cruzando-o com a fala impressa na *T.M.* - a desmobilização de uma categoria operária. E, para atraí-la ao sindicato, o esforço parece infundável. Nesse sentido, a nova diretoria toma inicialmente uma série de medidas aprovadas em uma assembléia geral. Dentre elas pode-se destacar a compra de um terreno bem como os estudos para a construção da escola profissional (até aquele momento, o sindicato possibilitava aos associados apenas os cursos de Madureza de 1º e 2º grau, iniciados em 1973). Com essa medida, a diretoria pretendia uma "*valorização do trabalhador através de um processo de formação profissional*", condizente com a realidade brasileira. Para tanto, a assembléia aprovou o

³⁸ Rainho e Bargas. Op. Cit.; ps. 49-51. Sobre a trajetória de vida do metalúrgico Luís Inácio da Silva, ver entre outros, *Lula. Entrevistas e Discursos*. Organizado pelo Núcleo Ampliado de Professores do Partido do Trabalhadores. São Bernardo do Campo, ABCD-Sociedade Cultural, 1980; *Lula Sem Censura*. Organizado por Altino Dantas Júnior. Petrópolis, Vozes, 1981; Morel, Mário. *Lula, o Metalúrgico*. Anatomia de uma liderança. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981; "Lula: Retrato de Corpo Inteiro." *Nova Escrita-Ensaio*, nº 9, São Paulo, Escrita, 1982; Guattari, Felix. *Lula*. São Paulo, Brasiliense, 1982; Sampaio, Antônio P. *Lula e a Greve dos Peões*. São Paulo, Escrita, 1982; e Carvalho, Luís M. "Quem Faz a Cabeça do Baiano." *Brasil Extra*, nº 1, São Paulo, 1984. Com relação a depoimentos operários, no que concerne também às vicissitudes sindicais dos metalúrgicos do ABC paulista, ver especialmente: Frederico, Celso. *A Vanguarda Operária*. São Paulo, Símbolo, 1979; Rainho, Luís Flávio. *Os Peões do Grande ABC*. Petrópolis, Vozes, 1980; Maroni, Amnéris. *A Estratégia da Recusa*. Op. Cit.; 1982; Abramo, Laís. Op. Cit.; 1986 e, Rodrigues, Iram Jácome. *Comissão de Fábrica e Trabalhadores na Indústria*. São Paulo, Cortez-Fase, 1990.

fechamento e liquidação do Posto de Abastecimento de Gêneros Alimentícios, em cujo local iria ser construída a escola. Por fim, a implementação do Conselho de Coordenação e Execução do Trabalho de Base (CCTB) - fruto do I Congresso dos Metalúrgicos, realizado em 1974, do qual tratarei adiante. O Conselho, formado por quatro diretores do Sindicato, *"terá como objetivo, ser o elo de ligação entre os trabalhadores e seu órgão de classe. Diariamente, seus membros estarão em permanente contato nas portas das empresas, levantando os problemas e encaminhando-as às soluções como também orientando os trabalhadores na busca da conscientização e união da classe, em torno da defesa dos seus interesses"*.³⁹

Uma outra medida extraordinária foi também deliberada: a aprovação do regulamento de uso da assistência médica, odontológica e exames e serviços complementares prestadas pela entidade. Por esse regulamento, o associado somente teria direito aos serviços e benefícios prestados pelo sindicato se comparecesse às assembléias realizadas. A falta a três assembléias, consecutivas ou não, acarretaria a sua suspensão por seis meses na obtenção dos benefícios concedidos pela entidade.

A ascensão de Luís Inácio à presidência do sindicato dava-se em um quadro diferente da conjuntura anterior. Com o governo de Ernesto Geisel, o discurso vigente era o da "distensão" política. Ou seja, *"era um projeto de remodelação do Estado e de suas relações com a sociedade civil, principalmente suas elites, na tentativa de antecipar-se à crise política que se anunciava a partir do fim da fase dourada do "Milagre econômico"*. Seus interesses fundamentais eram a *"recuperação da autoridade política do presidente"*; o *"restabelecimento da aliança do pacto de dominação, abrindo mais espaço para a burguesia nacional"*; *"a abertura de comportas para canalizar as tensões e modificar as relações com a sociedade civil, através principalmente do fortalecimento dos partidos"*, *"a diminuição da censura à imprensa e de mudanças econômicas que implicassem na diminuição da injustiça do padrão de concentração de renda vigente"*.⁴⁰

Os efeitos da chamada liberalização política sobre os dirigentes metalúrgicos de São Bernardo ocasionaram ainda mais o aprofundamento e a discussão dos problemas sindicais. João Ferrador examina esse tema, ao escrever para o *"Ilustríssimo Senhor General Ernesto Geisel"* e comentar

"a última decisão de S. Excia., concedendo maior liberdade aos sindicatos no que respeita às suas atividades administrativas, ou seja, a lei que desobriga as entidades de submeter suas contas à aprovação do Ministério do Trabalho e que dá autonomia para a venda de bens

³⁹ T.M., nº 30, 1975, p. 5.

⁴⁰ Abramo, Laís Op. Cit.; p. 180.

sindicais. Pelo que entendi, Senhor Presidente, isso significa maior liberdade aos sindicatos e às assembléias dos trabalhadores em questões administrativas.

(...) Entretanto, Senhor Presidente, vejo que se trata somente de uma liberdade pequena, de alcance limitado. O ideal seria que essa medida viesse acompanhada de outras providências que concedessem, em seu todo, autonomia e liberdade mais amplas à movimentação não apenas das diretorias sindicais, mas aos próprios trabalhadores. Leio sempre que o senhor está interessado no fortalecimento dos sindicatos, que deseja um sindicalismo atuante e autêntico.

Estou seguro, por experiência própria, que essa pretensão só se concretizará quando os trabalhadores tiverem liberdade de negociar com seus patrões suas próprias condições de salário e de trabalho; quando puderem sem as restrições da Lei - promover um processo de convenção coletiva. Para isso, Senhor Presidente, precisaria que o governo de S. Excia. mexesse um pouco mais em nossa legislação trabalhista, restabelecendo antigos direitos dos operários, como por exemplo, o de poderem fazer greve".⁴¹

Ao estabelecer um enunciado de força ao se referir a um "sindicalismo atuante e autêntico", e, conseqüentemente, uma imagem vigorosa, positiva do sindicato, *João Ferrador* busca suscitar uma vontade de participação e mobilização dos trabalhadores metalúrgicos. Cabe frisar que essa intenção encontrava respaldo em outras colunas do jornal. Se o "*Bilhete do João Ferrador*" tratava de examinar o cotidiano dos metalúrgicos (custo de vida, política salarial, os problemas com a aquisição da casa própria, o desemprego, etc.), o objetivo final teria como alvo os próprios trabalhadores. Desenvolvendo, portanto, uma lógica de identificação operária na qual a categoria reconhecia-se pelo trabalho fabril e, necessariamente, enquanto "classe". Outras colunas irão juntar-se nesse empenho à sindicalização: "*Nossa Opinião*", "*Legislação Trabalhista*", "*Notícias das Fábricas*", e o "*Repórter Metalúrgico*".

A coluna "*Nossa Opinião*", assinada pelo presidente do sindicato, também primava pelo tratamento dos problemas dos trabalhadores metalúrgicos e dos trabalhadores em geral, como foi visto anteriormente. As colunas "*Legislação Trabalhista*" e "*Notícias das Fábricas*" procuraram,

⁴¹ *T.M.*, nº 39, 1976, p. 3. Um exemplo do interesse no aprofundamento e discussão dos problemas sindicais pode ser visto nos "*Cadernos de Formação*", da "*Frente Nacional do Trabalho*". A FNT foi fundada em 1960 por um grupo de militantes católicos da área sindical com o objetivo de prestar assistência jurídica aos trabalhadores e sindicatos e orientá-los para uma atuação organizada. "Como uma associação de trabalhadores de todas as categorias", a FNT incentivava a participação desses trabalhadores em ações nas fábricas, nos sindicatos e nos bairros. Dessa forma, o objetivo dos "*Cadernos de Formação*" era propiciar fundamentalmente o conhecimento dos direitos e deveres dos "companheiros". Nesse sentido, do mesmo modo que a *T.M.* discutia as questões sindicais, a FNT também buscava examinar alguns temas editando cadernos como "O Sindicato", a "CLT", o "Contrato de Trabalho", "O Salário", "Hora Extra e Horário Noturno", "Advertência, suspensão, Demissão", entre outros. ("*Série Leis Trabalhistas*". 1977).

da mesma maneira, realçar o que havia de positivo na sindicalização. Nos itens posteriores procurarei salientar melhor o modo pelo qual essas duas últimas colunas, ao veicularem o esclarecimento das leis trabalhistas, os trâmites legais para entrada de processos contra as empresas na Justiça do Trabalho e a denúncia das empresas que burlavam a lei, tencionavam se firmar como uma referência para a categoria. Sobretudo, buscavam alcançar os metalúrgicos e aproximá-los efetivamente do "lugar da luta".

A coluna "*Repórter Metalúrgico*", publicada a partir de 1972 e caracterizada pelo desenho de um trabalhador com capacete e uma máquina fotográfica, procura desenvolver uma espécie de noticiário geral. Aliás, é muito grande a heterogeneidade de assuntos abordados entre os anos de 1972 a 1978. Por exemplo: "*os acidentes de trabalho no Brasil matam mais que o Vietnã*" (1972), "*o cantor Wilson Simonal é informante do DOPS*" (1972); "*a censura*" (1973); "*a solidariedade sindical*" (1975); "*Desemprego e rotatividade*" (1975); "*Na Alemanha, operários conseguem direitos iguais aos dos patrões*" (1976); "*Mil greves - na Inglaterra*" (1977); "*Polícia e despejo*" (1978). Acompanhando esse estilo, apareciam também freqüentemente como artigos de "*Educação e Cultura*" ou "*Fato histórico*" vários temas sociais como "*Pátria, 7 de setembro...*" (1971); "*Transamazônia*" (1971); a "*Dezembrada*" (1972); a "*Desidratação*" (1972); "*Silvério dos Reis, o delator*" (1972); a "*Carestia*" (1972); "*As eleições diretas nos Estados Unidos do Norte*" (1972); "*Patrão e empregado. Onde está a diferença?*" (1975).

Duas questões devem ser colocadas: a primeira refere-se ao período repressivo vivido no país nos anos 70, acarretando com isso a censura à imprensa. Decorre daí a segunda questão, pois se o intuito era informar os metalúrgicos para de algum modo atraí-los para o sindicato, não resta dúvida de que a tarefa não era fácil. Percebe-se que a heterogeneidade dos temas era fruto não apenas da censura, mas também das dificuldades das gestões sindicais em traçar um projeto específico para o próprio jornal.

Todavia, com o decorrer dos anos - principalmente após as greves de 1978/80 - os dirigentes irão desenvolver e solidificar o perfil da *T.M.* Apenas exemplificando, o "*Repórter Metalúrgico*" procurará veicular principalmente as notícias das lutas da "classe trabalhadora" nacional e internacional. Detalhe, o desenho muda após as greves de 78. O "*Repórter Metalúrgico*" é representado pelo *João Ferrador* a partir de 1979. Contribuindo também no sentido da informação das outras categorias, é lançado o "*Suplemento Informativo*" diário; procurando também angariar novos associados.

Fundamentalmente, o importante a ser ressaltado é que desde 1971 as lideranças sindicais de São Bernardo procuravam - através da *T.M.* - sensibilizar os metalúrgicos para a mobilização e

luta na "Rua João Basso, 121".⁴² Colunas como "Nossa Opinião", "Notícias das Fábricas", "Legislação Trabalhista" buscavam suscitar o interesse pelo sindicato. Personagens como "João Ferrador" e o "Repórter Metalúrgico" chamavam para a mobilização do "homem do macacão".

Portanto, foi possível constatar, no que se refere ao universo simbólico da T.M., a intenção em estabelecer um modo adequado de dirigir-se aos operários metalúrgicos e, ao mesmo tempo, de representá-los legitimamente. Os recursos gráficos, os artigos, a divulgação das atividades do sindicato - incluindo os cursos, congressos, campanhas salariais, as colunas, as caricaturas, as charges, as histórias em quadrinhos, enfim, as variações gráficas utilizadas serão fundamentais para uma identificação operária.

O que é importante enfatizar é que o universo da T.M. aponta a questão da identidade operária - questão de imagem, relação do mesmo e do outro, onde se dá e se dissimula a questão da manutenção ou da transgressão da ordem vigente.

Mesmo considerando que existiam divergências entre as diretorias de Paulo Vidal e Luís Inácio, o que salta aos olhos é que a preocupação comum em mobilizar a categoria possibilitou a construção de imagens e enunciados. Por exemplo, a imagem do "homem do macacão" (força, coragem, independência) e o discurso de identificação operária ("o sindicato somos todos nós").

Entretanto, o empenho na sindicalização dos metalúrgicos constitui apenas em uma das estratégias políticas desenvolvidas pelas lideranças sindicais. Outras medidas serão utilizadas simultaneamente na tentativa de mobilização, no "lugar da luta". Medidas como as "campanhas salariais" procurarão apelar cada vez mais para a arregimentação ativa dos trabalhadores metalúrgicos.

"SE PENSAM QUE A LUTA VAI PARAR, ESTÃO ENGANADOS. LOGO ESTAMOS DE VOLTA!"

Ao procurar examinar o que considero "tempos bicudos" (1971/1978) do sindicalismo paulista, em particular o de São Bernardo do Campo e Diadema, encontro um outro eixo de mobilização da categoria: as campanhas salariais.

Nas campanhas salariais anteriores a 1970⁴³, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, calcado em estudos realizados pelo Departamento Intersindical de Estudos e

⁴² Local onde está sediado o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema.

⁴³ Uma breve descrição das campanhas salariais de 1961 a 1964 pode ser encontrada em Oliva, Aloizio e Outros. Op. Cit.; ps. 104-5.

Estatísticas Sociais e Econômicas (DIEESE), reivindicava reajustes de acordo com a queda do poder aquisitivo dos trabalhadores.

No entanto, o Tribunal Regional do Trabalho (T.R.T.) sempre decidia com base no índice estabelecido pelo governo, determinando reajustes nunca superiores a ele. Nesse sentido, esta decisão era a mesma para todos os demais sindicatos metalúrgicos do Estado de São Paulo com data-base de dissídio em abril.

O dissídio era encaminhado conjuntamente com a Federação dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo. Entretanto, passou-se a conversar, discutir e estudar no sindicato que este deveria desvincular-se da Federação, levando o dissídio em separado, com uma pauta de reivindicações próprias.

Para as lideranças sindicais os metalúrgicos de São Bernardo tinham problemas próprios, que se perdiam quando levados em conjunto com a Federação. Outro fator de descontentamento era a prática de "conciliação" ("peleguismo") típica dos dirigentes da Federação por ocasião dos dissídios.

Assim, em 1970 o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo saiu com reivindicações próprias, *"Tentando o 'aumento único', que consistiria na aplicação do reajuste determinado pelo governo sobre o total da folha de pagamento de cada empresa, dividindo-se o resultado pelo número de empregados"*.⁴⁴ Desse modo, todos, independentemente de salário ou função, teriam um aumento em cruzeiros rigorosamente igual.

Essa proposta surgiu após o exame de estudos elaborados pelo DIEESE, os quais verificavam que a indústria automobilística havia gerado um distanciamento significativo entre o baixo e o alto salário. Vários dirigentes sindicais, assim como a própria Federação, discordavam da proposta apresentada, considerando-a uma "tese utópica".

Diante disso, pela primeira vez desde a instituição da política salarial do governo militar (1965), o sindicato procurou desvincular-se do processo de negociação conduzido pela Federação, promovendo um dissídio em separado.

De acordo com Rainho e Bargas,

"essa proposta de redistribuição dos salários iria provocar a primeira grande discussão salarial em São Bernardo do Campo, a ponto de terem sido realizadas assembléias num dos cinemas da cidade.

Isso ocorreu porque a proposta previa que o aumento seria igual até determinada faixa de salário correspondente, mais ou menos, ao que os

⁴⁴ Ver em Abramo, Lais. Op. Cit.; p. 162 e Rainho e Bargas. Op. Cit.; ps. 29-30.

ferramenteiros ganhavam. Destes para baixo, todos seriam beneficiados e, para cima, teriam seus salários achatados".⁴⁵

Os dirigentes sindicais conseguiram suscitar intensas discussões, pois quem ganhava menos mostrou-se favorável e quem ganhava mais passou a ser contra. Todavia, o resultado final, quanto à adoção da proposta não foi a sua efetivação, visto que o T.R.T. estendeu aos trabalhadores metalúrgicos de São Bernardo e Diadema os resultados do dissídio feito com a Federação.

Mas o importante foi que novos procedimentos haviam sido utilizados na campanha, e simultaneamente as lideranças procuravam mobilizar a categoria para a *"luta desenvolvida pelo (e no) sindicato"*.

A campanha de 1971 *"é conduzida sem novidades e em conjunto com a Federação"*. Segundo os autores Rainho e Bargas, a *"situação política do país fez com que a diretoria do sindicato julgasse ser esse o procedimento mais conveniente"*.⁴⁶

Com a veiculação da T.M. a partir de julho de 1971 (nº 1), podemos observar o esforço para a aglutinação operária no exercício de uma função considerada básica: a da defesa dos interesses dos trabalhadores.

O artigo *"Sindicatos: órgãos de colaboração?"* expressa não apenas os limites da política salarial, mas sobretudo os limites e os rigores sindicais da década de 70. Ao acompanhar alguns trechos desse texto, o leitor poderá perceber o que venho tentando evidenciar paulatinamente neste capítulo, as imensas dificuldades em arregimentar os metalúrgicos para o sindicato: "lugar de luta". Procurava-se evitar a repetição de um filme já conhecido - não só dos metalúrgicos como também das diversas categorias operárias - que mostra o sindicato como o "lugar da burocracia, da mesmice, do tédio enfadonho" desses "órgãos de colaboração com o governo". Era preciso esclarecer a contento as idéias daquela diretoria:

"Está na lei que os sindicatos são órgãos de colaboração com o governo. Na verdade, nenhuma entidade sindical de trabalhadores tem fugido ao reconhecimento desse conceito, ao desenvolver suas atividades visando à defesa dos interesses da categoria profissional que representa. A bem dizer, tal disposição legal é cumprida ao pé da letra pelos sindicatos de trabalhadores. Quem o descumpre, quase sempre, é o próprio governo, ao emitir leis e regulamentos sem consulta aos trabalhadores, sem aceitar sugestões e, numa palavra, sem admitir a colaboração dos sindicatos prevista pela própria lei; lei que as autoridades, zelosamente, invocam para fazer valer suas determinações."

⁴⁵ Rainho e Bargas. Op. Cit.; p. 30.

⁴⁶ Rainho e Bargas, Op. Cit.; p. 30

Nosso sindicato, particularmente, não tem se furtado no dever de colaborar com o governo, quando se trata de fazer algo pela melhoria de condições sociais do povo e dos trabalhadores. Este sindicato, assim como os demais, está sempre desejoso de influir para que os projetos-lei do governo não se transformem em instrumento de opressão dos interesses da coletividade e da Nação.

Infelizmente, não tem havido tal oportunidade. O governo baixa suas leis e decretos sem avaliar o alcance dos mesmos no seio da comunidade brasileira. E o resultado disso tem sido desastroso para todos.

A partir de 1966, o governo achou por bem, sem ouvir os trabalhadores, de instituir uma política de controle dos reajustes salariais.

(...) A política salarial do governo é, portanto, a chave de uma situação social desesperadora que vivem os trabalhadores, hoje.

(...) Por isso, sempre defendemos, a título de colaboração com o governo uma série de medidas para modificar essas leis e decretos injustos.

(...) Um dos pontos básicos da classe trabalhadora é exigir do governo a revogação de sua política salarial, possibilitando meios para a celebração das convenções coletivas de trabalho com os empregados. A livre negociação, na base da igualdade de força, é que possibilitaria à classe operária, e particularmente a nós aqui do ABC, a conquista de salários decentes compatíveis com os lucros que damos às empresas.

Para isto, entretanto, não se faz necessário apenas a revogação da política salarial, mas a (...) modificação na lei de greve, de forma a que de fato possa haver greve quando esta se fizer necessário no decurso da negociação coletiva com as empresas; eliminação de todas as restrições às liberdades individuais e dos sindicatos, a fim de que os trabalhadores possam melhor unir-se e organizar-se para as lutas reivindicatórias.

Ao exigir isso, não estamos ultrapassando dos limites de colaboração com o governo; muito pelo contrário, estamos dando uma colaboração de fato, pois os direitos acima preconizados são exercidos, de há muito tempo, pelos trabalhadores dos países democráticos".⁴⁷

Não resta dúvida, os trabalhadores metalúrgicos são, pela voz de seu sindicato, cidadãos respeitáveis, cômicos do seu papel na criação de riquezas e, portanto, não podem aceitar sua marginalização. Exigem apenas respeito.

Toda essa linha de argumentação sugere no mínimo uma tática retórica conciliatória naquela situação pós-64. O que salta aos olhos, portanto, é a aposta nas "reivindicações legais", ou seja, "na defesa responsável dos interesses dos trabalhadores" dentro dos marcos da legalidade, mesmo quando certos aspectos básicos da ordem jurídica vigente fossem questionados. O inusitado nesse viés é que as lideranças acreditavam que as campanhas pudessem mobilizar ativamente a categoria.

⁴⁷ T.M., nº 1, 1971, p. 3.

Procurando dos mais diversos modos aumentar o número de associados, a diretoria chegou a levantar a hipótese de pleitear a restrição dos reajustes salariais apenas aos sindicalizados. ("*Reajuste só para os sindicalizados*".⁴⁸) Essa idéia (logo abandonada), se reafirmava um padrão corporativista do sindicato, também revelava um empenho na ampliação de sindicalização incomum entre os acomodados dirigentes sindicais da época.

Mas, procurar apelar cada vez mais para a mobilização ativa da categoria através das campanhas, não será nada fácil para as lideranças sindicais. A rotina imposta pela legislação aos dissídios trabalhistas alimentava um fundo de descrença acerca de sua real importância. Nas páginas do jornal do sindicato Paulo Vidal explicava como transcorriam os dissídios. Inicialmente os representantes operários levavam suas reivindicações para uma audiência no Tribunal Regional do Trabalho, em que o juiz tentava um acordo entre as partes. Entretanto, enquanto os delegados dos trabalhadores esgotavam-se em argumentações sobre a justiça e a viabilidade de suas propostas, os representantes patronais limitavam-se à negativa ou ao silêncio, declarando só aceitar aquilo que estava em lei. Não havendo acordo entre as partes, o dissídio ia a julgamento da Corte sem a participação das representações patronais e trabalhistas. Nessa instância geralmente os juizes reafirmavam os índices oficiais nos itens relativos aos reajustes salariais.

A diretoria parecia, no entanto, apostar na possibilidade de vencer essa dura resistência oposta às suas reivindicações. Até 1976 efetivamente quase nada obtiveram, e é interessante observar como, apesar disso, as lideranças insistiam em mobilizar os trabalhadores acima de tudo no decorrer de suas campanhas salariais.

Em outubro de 1971 a *T.M.* estampa a seguinte manchete: "*Luta por antecipação em novembro*". Nessa edição procura-se revelar as dificuldades e limitações das campanhas salariais dos metalúrgicos da capital, Garulhos e Osasco (com data-base em novembro) condicionadas à chamada política salarial do governo, cujo resultado efetivo apontava indubitavelmente uma brutal redução do poder aquisitivo dos trabalhadores. Criticava-se, sobretudo, a política governamental de "arrocho salarial" (a aplicação mecânica do índice definido pelo Conselho de Política Salarial) e o não reconhecimento (pelo Tribunal Regional do Trabalho) das reivindicações específicas pleiteadas pelas mais diversas categorias.

As campanhas salariais, não apenas dos metalúrgicos, como também de outras categorias naufragavam no fracasso costumeiro dos julgamentos dos dissídios pelo Tribunal Regional do Trabalho. A rotina imposta pela legislação estabelecia sempre a concessão percentual de reajuste

⁴⁸ Idem, nº 3, 1971, p. 2.

determinado pelos cálculos oficiais. Assistia-se ao processo de "descida dos salários" avassaladoramente.

Ao empreender uma *"luta por antecipação em novembro"*, a diretoria criticava, respaldada em outras categorias, a grave e alucinante elevação do custo de vida em vista dos baixos salários. *"Quando mudará este panorama? (...) Há seis anos que a coisa se repete: os trabalhadores pleiteiam reajuste conforme a perda do seu poder aquisitivo, os patrões não querem saber de prosa e simplesmente mandam o dissídio para o Tribunal do Trabalho para ser julgado".*⁴⁹ O veredicto do T.R.T., como vimos, era sempre o índice oficial. Nesse contexto, um exemplo é por si só bastante ilustrativo dos problemas com que se depararam os metalúrgicos para fazer frente à carestia. Em 1971, os dados sobre a elevação dos preços dos principais gêneros alimentícios, fornecidos pelo próprio governo (Fundação IBGE), indicavam que, só de janeiro a setembro, o custo de vida para os trabalhadores aumentara em cerca de 34%. A muitos trabalhadores não teria restado outra solução senão trabalhar mais, fazendo horas-extras.

Diante dessa situação, o sindicato de São Bernardo realizou uma assembléia geral para debater a possibilidade de uma antecipação salarial de 10% em novembro. Há que se esclarecer que a partir de 1969 as indústrias metalúrgicas, a começar pelas automobilísticas, passaram a conceder a antecipação em janeiro de cada ano, ou seja, apenas três meses antes da data-base (abril, no ABC). Isso significava a sua não incidência sobre os outros três meses do semestre, assim como sobre as férias e o 13º salário.

Uma das propostas aprovadas em assembléia (15/10/71) visando a conquista da antecipação salarial foi a circulação de abaixo-assinados nas fábricas solicitando dos empregadores o atendimento dessa reivindicação. A diretoria tentou ampliar a mobilização em torno da questão:

"O documento já está correndo as fábricas: vamos ver agora quais são os patrões sensíveis à nossa reivindicação. Uma coisa é certa: a maioria das empresas do nosso setor obteve lucros enormes nestes últimos anos. Portanto, se tiverem boa vontade poderão atender o nosso pedido.

(...) A verdade, é que os lucros aumentam de ano para ano, enquanto os trabalhadores vão ficando mais pobres.

*(...) Solicitamos a todos os companheiros que reforcem nas fábricas este pedido do sindicato, com abaixo-assinados, pedidos pessoais e coletivos. Vamos tentar recuperar o tempo perdido. Vamos nos unir, pois só assim conseguiremos alguma coisa".*⁵⁰

⁴⁹ T.M., nº 4, 1971, p. 4.

⁵⁰ T.M., nº 4, 1971, p. 1 e 3.

A maioria das empresas negou-se a atender a reivindicação, concedendo apenas uma antecipação de 5% em janeiro. Em dezembro, a *T.M.* denunciou a intransigência das grandes empresas, que estariam alegando "*impossibilidade de conceder*" a antecipação, ou até mesmo recusando-se a conversar com o sindicato (exemplo: a Ford). Por outro lado, a reivindicação foi atendida por um pequeno número de empresas menores, evidenciando que "*as possibilidades econômicas para o seu atendimento existiam, o que não existe é a vontade patronal de minorar a difícil situação dos assalariados*".⁵¹

Em 1972 uma "fórmula de luta" seria apresentada, retomando a "fórmula" da campanha de 1970. A reivindicação era de um reajuste de Cr\$ 230,00 para todos, o que implicaria um índice de 102% para quem ganhava Cr\$ 225,60, diminuindo-se até chegar a 23% para quem recebesse Cr\$ 1.000,00. (Levantamento realizado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE) a pedido do sindicato). "*Para o sindicato, é importante que todos tenham boas condições de vida. (...) Necessitam de maiores salários os trabalhadores que, em virtude de disposições legais (salário mínimo) ou contratuais (contrato individual de trabalho), estão recebendo remuneração inferior às necessárias para o sustento de uma família*".⁵² A "fórmula" significava não apenas o enfrentamento aos índices oficiais, mas também a ampliação da discussão entre os trabalhadores

A diretoria apresentou a proposta aos representantes dos demais sindicatos metalúrgicos do interior do Estado de São Paulo que tinham dissídio na mesma data e 27 dos 31 presentes aderiram a ela. O processo de negociação porém, acabou sendo encaminhado pela Federação dos Metalúrgicos que, representando 34 sindicatos, inclusive do ABC, apresentou a seguinte proposta:

"1. Reajuste de 32%, calculado com base no aumento da produtividade nacional e no crescimento interno bruto; 2. Piso-salarial de 350 cruzeiros, (...); 3. Férias com pagamento em dobro; 4. Reajuste a cada seis meses, (...); 5. Extensão do salário-família às nossas esposas e companheiras; 6. Salário por quinquênio de serviço na mesma empresa; 7. Reconhecimento dos delegados sindicais".⁵³

O Tribunal recusou as reivindicações operárias (note bem reajustes semestrais e delegado sindical na pauta de 1972), fixou o reajuste em 24% (segundo o índice oficial) e concedeu um desconto de Cr\$ 10,00 de cada operário a favor dos sindicatos. Não deixa de ser sugestivo que a

⁵¹Idem, nº 5, 1971.

⁵²*T.M.*, nº 7, 1972, p. 1. Ver também: *T.M.*, nº 6, 1972, p. 3.

⁵³*T.M.*, nº 8, 1972, p. 1.

única reivindicação apresentada na mesa de negociação pelos sindicatos de trabalhadores acolhida pelo Tribunal do Trabalho, fosse aquela que corroborava o caráter corporativo da estrutura sindical.

Em setembro, a diretoria convocou uma assembléia (que seria realizada no dia 12 de novembro de 1972) para encaminhar a campanha pela antecipação, denunciando uma vez mais a queda do poder aquisitivo dos trabalhadores e os altos índices de produtividade e lucratividade obtidos pela indústria metalúrgica. No entanto a antecipação, da mesma forma que nos anos anteriores, só foi concedida em janeiro do ano seguinte

Em relação ao poder de compra dos trabalhadores é importante salientar a ênfase nessa direção. Desde o primeiro número da *T.M.*, o ataque constante ao aumento do custo de vida e a redução do poder aquisitivo de várias categorias profissionais são sem dúvida alvos fundamentais na denúncia contra a política governamental. Várias matérias procuravam enfatizar a dureza das condições econômicas vividas nos anos 70:

"Vê-se que o trabalhador, em 1971, precisaria trabalhar mais 26 horas e 6 minutos para consumir os mesmos produtos que consumia em 1965. Em outras palavras, os preços subiram mais que os salários ou ainda, o poder de compra do trabalhador caiu".⁵⁴

E para reclamar em nome da categoria desse estado de calamidade econômica, o personagem adequado era, é claro, o *João Ferrador*. Em um bilhete endereçado aos *"Ilustríssimos senhores governantes do meu Brasil grande e potente"*, em agosto de 1972, ele observa:

"Convenhamos, senhores, que, em termos práticos, esses aumentos dos principais produtos de nossa dieta (arroz, feijão, ovos, carne, verduras, café, etc.), são como o resultado de uma partida de baralho: os fortes liquidam de cara, com o apostador de poucas fichas, que não tem condições de prosseguir até o fim, visando numa boa jogada, recuperar as partidas perdidas.

É o caso meu e de milhares de outros trabalhadores, cujo orçamento doméstico depende exclusivamente do reajuste salarial anual. Nós obtivemos um reajuste de 24%, em abril último. Mas já naquela época, nosso orçamento estava estourado, pois, o reajuste conseguido em período imediatamente anterior já havia sido consumido pelo custo de vida também verificado em igual período.

Vejam, então, os senhores que, ante esses aumentos do custo de vida, ficamos como o apostador do jogo de baralho: sem qualquer possibilidade de recuperarmos nosso poder aquisitivo, que já vem

⁵⁴*T.M.*, nº 10, 1972, p. 4.

desgastado do ano anterior, para sofrer novo impacto no decorrer da vigência do último reajuste.

E, assim, (...) o poder aquisitivo do trabalhador se reduz, ou, na melhor das hipóteses, continua o mesmo, impedindo que nós usufruamos desse extraordinário progresso econômico do Brasil".⁵⁵

Desse modo, ao lado das campanhas salariais (e conseqüentemente de matérias relacionadas aos resultados das mesmas) a diretoria do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo havia passado a reivindicar nos últimos anos, no mês de novembro, às empresas uma antecipação salarial para que os trabalhadores pudessem enfrentar os freqüentes aumentos do custo de vida. Entretanto, isso sempre lhes era negado.

O esforço de mobilização em torno da campanha pela antecipação serviu para iniciar com maior antecedência a campanha salarial de 1973. Esta iniciou-se com uma pesquisa realizada entre os trabalhadores, com o objetivo de ampliar a participação da categoria na definição dos seus reais interesses. Procurava-se obter a opinião dos trabalhadores particularmente em relação a quatro questões: a) acordo ou dissídio; b) eixo da campanha (principal demanda); c) negociação em separado ou em conjunto com os demais sindicatos do interior; d) propostas relativas a como obter um reajuste superior ao índice oficial.

Assim sendo, os principais itens da pauta apresentada à negociação com os patrões foram os seguintes:

"1. Reajuste salarial de 38%; 2. Piso salarial de 38% sobre o salário mínimo regional; 3. Abono de férias correspondente à 50% do salário; 4. Desconto de 10% referente à taxa assistencial; 5. Doação das empresas de Cr\$ 10,00 por empregado para o sindicato (construção da nova sede e da colônia de férias); 6. Delegado sindical com estabilidade; 7. Quadro de avisos do sindicato na empresa; 8. Ônibus linha especial em dia de assembléia sindical; 9. Reconhecimento da bolsa de empregos do sindicato; 10. Liberação de meio expediente ao dirigente sindical não afastado da produção; 11. Comissão paritária composta por representantes de empregados e empregadores nas empresas com mais de 1.000 empregados com prerrogativas para deliberar sobre litígios oriundos do contrato individual de trabalho e normas disciplinares internas". (T.M., nº 15, 1973.)

São evidentes as reivindicações no sentido de favorecer a atividade sindical no interior das empresas. Sobretudo, nota-se a insistência e a ampliação de temas relativos à organização do sindicato nas empresas.

⁵⁵ T.M., nº 11, 1972, p. 3.

Mais uma vez não houve qualquer acordo na mesa de negociação. O resultado do dissídio foi o seguinte:

"1. Reajuste salarial de 18% (índice oficial do governo); 2. Piso salarial de 10 avos sobre o salário mínimo regional para todos os integrantes da categoria a partir da data-base; 3. Desconto da taxa assistencial". (T.M., nº 16, 1973.)

Na avaliação dos resultados da campanha, o presidente do sindicato enfatizava que a categoria se mantivesse mobilizada em torno das reivindicações apresentadas, apesar do término oficial da campanha marcada pela decisão da justiça do trabalho. Paulo Vidal denunciava ainda o "abuso do poder" da classe patronal que, recusando-se a negociar com os sindicatos estaria contrariando um dos princípios essenciais da liberdade sindical, isto é, a possibilidade da assinatura de Convenções Coletivas de Trabalho.

Ao objetivar a estratégia da campanha pela antecipação salarial de 1973, a diretoria considerava existir uma conjuntura mais favorável ao atendimento das reivindicações dos trabalhadores. Em primeiro lugar, devido aos resultados da campanha dos metalúrgicos da capital, Guarulhos e Osasco que, em contraste com os anos anteriores, haviam obtido algumas conquistas, tais como piso salarial, concessão de uniforme gratuito e envelope de pagamento. Em segundo lugar, devido à escassez conjuntural de mão-de-obra principalmente a mais especializada, resultado da forte expansão da atividade industrial ocorrida nos anos anteriores.

Nessa medida, *"a política econômica que empobreceu os trabalhadores, possibilitou uma imensa expansão das indústrias, levando-as lutar com dificuldade de mão-de-obra. Dessa forma, os empresários, ansiosos de aproveitarem a oportunidade para encher até à boca suas burras, vão sentir e ceder-se diante de qualquer tipo de pressão que se faça dentro de um plano de luta legal e executável. Já temos alguns exemplos, aqui mesmo no ABC (que convém não citar nominalmente) de movimentos involuntários que produziram resultados animadores".*⁵⁶

Paulo Vidal fazia referência às paralisações de trabalho ocorridas nas seções mais qualificadas de várias empresas, entre estas a Ford, a Volkswagen, a Brastemp. Paralisações essas que não foram registradas pela T.M., mas sim pelos pesquisadores sociais José A. Moisés (1978), Celso Frederico (1979), e John Humphrey (1979).⁵⁷ Aliás, de acordo com J. Humphrey

⁵⁶ T.M., nº 19, 1973, p. 2. ("Campanha salarial dos colegas de São Paulo. Uma experiência positiva e a nova perspectiva para a luta.")

⁵⁷ Moisés, José Álvaro. "Problemas do Movimento Operário do Brasil." (Versão original publicada em 1978). *Lições de Liberdade e de Opressão*. Os Trabalhadores e a Luta pela Democracia. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, ps. 81-107, "Movimento Operário em Ritmo de Resistência." *Cadernos do CEAS*, nº 50, Salvador, Julho/Agosto, 1977, ps. 32-42. (uma das fontes pesquisadas por J.A. Moisés); Frederico,

as vitórias parciais obtidas por aqueles movimentos estariam realmente relacionadas à uma situação de mercado de trabalho conjunturalmente favorável aos trabalhadores.

As reivindicações da campanha da antecipação, decididas em assembléia sindical precedida por "reuniões realizadas com trabalhadores de várias empresas", eram as seguintes:

"1. Antecipação de 10% com piso mínimo de Cr\$ 50,00; 2. Quadro de avisos do sindicato nas empresas; 3. Reconhecimento do delegado sindical por empresa; 4. Comissões paritárias; 5. reconhecimento da bolsa de emprego do sindicato". (T.M., nº 19, 1973.)

Novamente ao lado da preocupação com a recuperação salarial, salientavam-se as reivindicações relativas à organização da categoria, especialmente as referentes à penetração do sindicato nos locais de trabalho. A luta pela antecipação era vista também como uma oportunidade de reforçar as reivindicações apresentadas por ocasião da campanha salarial. Entretanto, mais uma vez, a tentativa de negociação com as empresas não foi bem sucedida e as antecipações só foram concedidas no início de 1974 em pequenas porcentagens.

A pauta formulada para a campanha de 1974 incorporava todas as reivindicações apresentadas no ano anterior, ressaltando a sua justeza a partir dos altos índices de lucratividade das empresas. Nesse ano começará também a luta da diretoria do sindicato de São Bernardo por negociar em separado, isto é, sem ser representado pela Federação dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo. A diretoria acreditava que precisava romper com a rotina dos dissídios sem resultados.

A negociação em separado era uma possibilidade prevista em lei. Assim, dentro do espírito de utilizar ao máximo possível os limites da legalidade existente, a preocupação a partir de 1974, passou a ser cumprir as exigências legais que permitiriam a negociação em separado.

Para cumprir as exigências da lei, era necessário realizar uma assembléia com pelo menos 1/8 dos sócios do sindicato. Naquele ano o quorum não foi atingido. "Faltaram 800 associados e nosso processo teve que ser juntado aos demais". Novamente São Bernardo teve que se submeter à dinâmica da Federação.

A mesa redonda promovida pelo Tribunal Regional do Trabalho foi realizada no dia 4 de março e no dia 5 o assunto já estava encerrado. Porém, dessa vez as partes chegaram a um acordo (sem a participação de São Bernardo), que foi homologado no dia 11 pelo T.R.T. e

saudado pelos dirigentes da Federação como uma vitória:

"1. Reajuste salarial de 18% (1,5% superior ao índice oficial); 2. Mesmo reajuste para os trabalhadores admitidos após a data-base; 3. Piso salarial de Cr\$ 368,16 para os empregados maiores; 4. Comprovante de pagamento de salários fornecido obrigatoriamente pela empresa; 5. Desconto da taxa assistencial de Cr\$ 10,00 em favor do sindicato.

Recomendações:

1. Facilitar a jornada de trabalho do operário estudante; 2. Facilitar a fixação de quadro de avisos do sindicato".

Paulo Vidal considerou positivos alguns itens acima citados observando no entanto, que o reajuste salarial de 18% não condizia com os índices de produtividade e lucros das indústrias da região. Expressou de forma categórica sua avaliação distanciando-se dos dirigentes sindicais que se mostravam satisfeitos.⁵⁸

Em junho de 1974 o governo modificava a sistemática de cálculo dos índices da política salarial, passando a conceder reajustes de mais de 24%. Em decorrência disso e alegando que nos seis primeiros meses do ano o custo de vida havia subido mais de 25%, a diretoria começa a reivindicar um novo reajuste salarial imediato que compensasse as perdas sofridas.

Nesse quadro a luta pela antecipação passa a ser caracterizada como uma luta de "reposição salarial". A diferença fundamental é que os reajustes concedidos nesses termos, não poderiam ser descontados por ocasião da data-base. Fundamentada mais uma vez nos dados do DIEESE, que apresentava um índice de 40% no aumento do custo de vida de abril a agosto de 1974, a assembléia sindical (16/08/74) decidiu por reivindicar uma reposição de 28% (40%, menos os 18% concedidos em abril), e que uma vez mais deveria incidir sobre o total da folha de pagamento, de forma a favorecer as faixas dos mais baixos salários.

No entanto, o sindicato não recebeu qualquer resposta ao memorando que contendo as reivindicações e a sua justificativa foi enviado ao Ministério do Trabalho e às empresas. De acordo com Paulo Vidal, *"poucos se sensibilizaram com o nosso problema, pois nem das empresas, em sua esmagadora maioria, nem do governo o sindicato obteve resposta. Esse procedimento não invalida a nossa reivindicação como forma de justiça, entretanto demonstra a necessidade de o sindicato ser fortalecido, para que em futuro próximo, deixemos de pedir, para podermos exigir o que nos é de direito".*⁵⁹

⁵⁸T.M., nº 22, 1974, p. 7.

⁵⁹T.M., nº 25, 1974, p. 13.

No mês de outubro os patrões concederam uma antecipação salarial, pressionados pelas paralisações de serviço que se sucediam em diversas empresas.⁶⁰ Em dezembro o governo anunciou um abono salarial de 10% para todos os trabalhadores, somente dessa forma conseguiu-se algo que vinha sendo insistentemente demandado pelo sindicato desde 1970.

Cabe salientar, a esta altura, que as campanhas salariais empreendidas pelo sindicato, não só buscavam conquistar um espaço próprio para a expressão das reivindicações da categoria, assim como da sua maior capacidade de mobilização e luta. Nesse sentido, o esforço de mobilização pelas campanhas gerais e a própria exploração das possibilidades legais, para afirmar os direitos de seus representantes, constituirá um leque precioso na tentativa de reforçar os laços entre o sindicato e a base operária.

Desse modo, as matérias veiculadas na *T.M.* apontam que a função básica de defesa dos interesses dos trabalhadores teria de se expressar, inicialmente, nos momentos dos dissídios salariais. Ou seja, o sindicato procurará mobilizar ativamente sua categoria - através do jornal e das suas próprias práticas. Nessa medida, convém não esquecer que o apoio e o estímulo às ações nas fábricas serão fundamentais para o crescimento de uma consciência da identidade de interesses entre si.

Em janeiro de 1975, a coluna "*Nossa Opinião*" (expressando as argumentações do presidente Paulo Vidal) e o *João Ferrador* conclamavam a "*valorosa categoria profissional*" para "*dois acontecimentos importantes na vida do (nosso) sindicato*": a campanha salarial e as eleições para renovação de sua direção.

A campanha de 1975 iniciou-se, pela primeira vez em todo esse período, sem a certeza de qual seria o índice decretado pelo governo, já que a 1º de janeiro desse ano entrou em vigor um novo sistema para cálculo dos reajustes salariais. Este determinava que para a operação do salário médio real, não deveriam ser mais considerados os últimos 24 meses, mas apenas doze.

João Ferrador esclarece aos "companheiros" a importância da participação efetiva na campanha:

"Os rumos da presente campanha salarial serão definidos pela maior ou menor participação nossa no processo reivindicatório. (...) Ninguém deve faltar nessa assembléia e muito menos devemos alimentar a ilusão de que a diretoria sozinha encaminhará, com arrojo e sabedoria, as nossas reivindicações. É claro que ela tentará fazer isto, mas se não

⁶⁰ Além das paralisações (Volks e Ford) registradas por Moisés (1978), Frederico, C. (1979) e Humphrey (1979), Segóvia, Samuel (1975) "registra, no mesmo período, operação tartaruga e greve de horas-extras (Villares), paralisação de 15 minutos diários durante um mês (Chrysler) em São Bernardo, assim como outros movimentos semelhantes em São Caetano (Villares), São Paulo (Villares, Sofunge, Metal-Leve, Caterpillar) e São José dos Campos (General Motors)." In: Abramo, Laís. Op. Cit.; ps. 217-18.

contar com uma poderosa retaguarda - a nossa participação em todas as fases do desenvolvimento da campanha - todos seus esforços para dar a solução ideal ao problema salarial, serão inúteis. E lembremos, repisando uma velha frase, que só a diretoria não faz o sindicato; ela será uma boa diretoria à medida em que a classe for boa de briga".⁶¹

Outro ponto fundamental na estratégia de condução da campanha continuava a ser a possibilidade de negociar em separado. A primeira assembléia foi realizada no dia 16 de janeiro sem que se conseguisse alcançar o quorum necessário. A primeira alternativa era considerá-la de segunda convocação, o que exigiria um quorum bastante menor (3.000 pessoas) já atingido. Essa alteração foi descartada pela diretoria do sindicato pois exigiria uma pequena falsificação na ata da assembléia, considerada inaceitável. A segunda, e que acabou sendo adotada, seria pedir um prazo à Federação para a realização de nova assembléia.

O pedido não foi aceito e a Federação deu início ao processo de negociação sem a participação de São Bernardo. A diretoria do sindicato recusou-se a encaminhar a discussão da pauta apresentada à FIESP pela Federação, pois no seu entender ela carecia de legitimidade já que não havia sido decidida em assembléia suficientemente representativa.

A Federação não conseguiu chegar a nenhum acordo e o dissídio coletivo foi estendido a São Bernardo contra a sua vontade. A diretoria do sindicato deixou claro o seu protesto, acusando o autoritarismo da Federação dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo. Aliás, a diretoria busca salientar o desrespeito da Federação com relação a um processo do qual haviam participado (na assembléia seguinte de 14/03/75) cerca de 11 mil trabalhadores e que estava sendo encaminhado conforme os dispositivos legais vigentes.

Ainda com relação a essa assembléia realizada em março, cabe registrar a informação de Rainho e Bargas no que concerne aos procedimentos utilizados pela diretoria para a mobilização da categoria:

"Na ocasião, o sindicato espalha a notícia dentro das fábricas de que 'não daria mais assistência médica aos associados que não comparecessem à assembléia".⁶²

Mesmo sendo obrigada a aceitar as decisões do Tribunal (que fixou um reajuste salarial na ordem de 44%) a diretoria resolveu insistir nas suas reivindicações. Formulou uma série de demandas específicas, relativas a problemas "*de ordem social*", que de acordo com sua ótica não

⁶¹T.M., nº 27, 1975, p. 3.

⁶²Rainho e Bargas. Op. Cit.; p. 32.

teriam sido considerados na decisão judicial, e procurou encaminhar junto à D.R.T. um processo de convenção coletiva de trabalho. No início de maio solicitou uma mesa redonda com as empresas da base regional do sindicato. Em julho a D.R.T. ainda não havia encaminhado a mesa redonda, sob a alegação que o processo estava sendo encaminhado pela sua assessoria jurídica.

As reivindicações do sindicato eram as seguintes:

"1. Complementação salarial em casos de afastamento do trabalho por motivo de doença, e, durante dois anos, se por qualquer motivo o empregado for aposentado; 2. Cômputo das horas suplementares para o cálculo da remuneração referente à férias anuais, décimos terceiros salários, descansos semanais e feriados; 3. Integração das horas-extras anuais na contagem dos dias de férias; 4. Garantia ao empregado contratado, transferido ou promovido para substituir empregado demitido sem justa causa, de um salário pelo menos igual ao que era pago ao substituído; 5. Eliminação da diversidade no tratamento entre empregados mensalistas e horistas, de tal sorte que as vantagens salariais ou não salariais atribuídos a uns sejam estendidas aos outros, vedando-se toda e qualquer discriminação; 6. Reconhecimento dos delegados sindicais, a garantia da estabilidade; 7. Constituição de comissões internas nas empresas, destinadas à conciliação das divergências que possam surgir.; 8. Estabelecimento de um lugar de fácil acesso aos trabalhadores, onde o sindicato colocará quadros envidraçados e fechados, permanecendo uma das chaves em poder do departamento pessoal, a quem incumbirá a afixação de avisos; 9. Utilização pelo sindicato do correio interno, nas empresas em que existia esse tipo de comunicação, para a divulgação, entre os trabalhadores, dos atos promovidos pela entidade de classe; 10. Constituição de um grupo paritário destinado a formulação de um projeto concernente à criação de um fundo de desemprego".⁶³

Ao final do mês de julho, antes mesmo que os empresários se pronunciassem, a D.R.T. emitiu comunicado sustentando não poderem ser objeto de discussão as reivindicações econômicas. Os empresários encorajados por essa medida recusaram-se a comparecer às audiências, nas quais se fizeram representar apenas por seus advogados. Estes limitaram-se a pedir o arquivamento dos processos negando-se a prestar qualquer esclarecimento. A diretoria do sindicato considerou essa atitude uma falta de respeito aos trabalhadores e ao próprio governo, cujo maior interesse, a seu ver, deveria ser a composição das divergências mediante a celebração de convênios que eliminassem a necessidade de inúmeros processos na justiça do trabalho. Como por exemplo, os referentes ao pagamento das horas-extras.

⁶³ T.M., nº 29, 1975, p. 8.

Sem obter qualquer resultado nessa nova tentativa de negociação com a classe patronal a diretoria não desistiu. Em agosto iniciou a campanha da reposição salarial, com "*uma concorrida assembléia dos companheiros*", reivindicando um reajuste de 22,04% correspondente ao total das perdas ocorridas desde 1973, a ser aplicado sobre o total da folha de pagamentos e não descontado no próximo reajuste anual.⁶⁴ As empresas, uma vez mais, recusaram-se a negociar com os trabalhadores.

Em 1976 novamente a diretoria do sindicato preparou-se para o cumprimento do ritual legal exigido pela negociação em separado. Desta vez, o quorum foi atingido em assembléia realizada a 30 de janeiro. A legislação havia sido cumprida até mesmo antes do prazo fixado e com isso estava garantida formalmente a possibilidade de negociar em separado.⁶⁵

No entanto, a posição da diretoria foi desprezada mais uma vez pela Federação, que negociou um acordo sem a sua presença. Este foi estendido compulsoriamente para São Bernardo, que se recusou a subscrevê-lo.

O acordo firmado entre a Federação e os empresários em quase nada diferia do resultado do dissídio do ano anterior: além de obter apenas o índice oficial do governo em termos do reajuste salarial, determinava o desconto dos 1,5% a mais que o índice oficial concedidos pelo T.R.T. no ano anterior. O piso salarial obtido (Cr\$ 719,00) perderia a sua vigência a partir de 1º de maio, quando o salário mínimo seria reajustado para Cr\$ 768,00. Além disso, as únicas questões "sociais" constantes do acordo continuavam sendo o fornecimento gratuito de uniformes de trabalho e a obrigatoriedade de fornecimento pelas empresas de envelopes de pagamento.

O então presidente do sindicato, Luís Inácio da Silva protestou veementemente contra o resultado daquele acordo.⁶⁶ Conseqüência disto, foi que a diretoria do sindicato de São Bernardo insistiu nas suas reivindicações, recorrendo ao T.S.T. sob o argumento do "inconformismo" pela extensão do acordo para o município e pelo pouco - "ou quase nada"- que o mesmo oferecia à categoria.

⁶⁴T.M., nº 31, 1975, p. 5.

⁶⁵T.M., nº 32, 1976, p. 3. Consultei também: "Os Metalúrgicos Paulistas em Campanha". *Movimento*, nº 38, 1976, p. 6.

⁶⁶T.M., nº 33, 1976, p. 3. Ver: "O Acordo em Nome dos Metalúrgicos". *Movimento*, nº 39, 1976, p.5, e, "A Vez dos Metalúrgicos". *ABCD Jornal*, nº 1, 1976, p. 3. Vejamos a declaração de Luís Inácio no "ABCD" à respeito da atitude do sindicato em querer negociar separado da Federação dos Metalúrgicos: "Não é bem que estejamos fazendo sozinhos. Estamos tentando. No ano passado tentamos também mas não conseguimos. Nós não queremos dividir a categoria como alguns afirmam. A tentativa de sair sozinhos é de separar a classe patronal. (...) Nós vamos tentar fazer ver que os patrões de São Bernardo podem dar um pouco mais que os outros. Afinal de contas, é aqui que as grandes multinacionais ganham seu dinheiro. (...) O pessoal do interior nos acusa de dividir mas o que nós queremos é cumprir a lei. Não existe lei que obrigue a realizar o dissídio em conjunto com a Federação".

Em setembro, o Tribunal Superior do Trabalho em julgamento do recurso promovido pelo sindicato, acolheu a maioria das reivindicações salariais da categoria. A edição extra da *T.M.* proclamava: "VITÓRIA". No seu entender, a decisão do Tribunal coroava "*um luta de seis anos do (nosso) sindicato*". Sobretudo, ressaltava que a "*união e a organização dos trabalhadores são fundamentais para as conquistas sociais*". As vantagens adquiridas pelos metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema foram:

"1. Salário substituto; 2. estabilidade para a mulher gestante até 60 dias após o término da licença maternidade; 3. Cômputo das horas-extras habituais no 13º salário nas férias e no descanso semanal remunerado; 4. Garantia de emprego ao trabalhador alistado no serviço militar até o término completo deste; 5. Fornecimento gratuito de uniformes e utensílios de trabalho; 6. Salário normativo; 7. Multa de Cr\$ 64,00 pelo descumprimento de obrigações, paga por infração ou empregado prejudicado". (T.M., nº 37, 1976.)

Essa primeira vitória significativa em todos aqueles anos evidenciava a importância da luta sustentada - particularmente nos três últimos anos - no sentido de abrir um espaço próprio de reivindicação e negociação. Concordando com Eder Sader esses "*resultados no plano das negociações laborais, ainda que modestos, pareciam premiar a persistência do sindicato na exploração de todas as possibilidades legais para afirmar os direitos de seus representados. Mas eles não podem ser explicados apenas pelas inegáveis qualidades da diretoria e sua assessoria jurídica. A abertura de um espaço real de negociação (...) está vinculada, de um lado, ao clima geral criado com a política de 'descompressão' iniciada sob o comando do general Geisel na presidência da República, de outro, ao dinamismo da resistência operária no interior das empresas*".⁶⁷

A esta altura poderia tentar, mesmo que simplificarmente, sintetizar o resultado das tentativas de negociações realizadas desde o início da década. Gostaria assim de destacar primeiramente, a negativa constante dos empresários e dos Tribunais do Trabalho em conceder qualquer porcentagem de reajuste salarial acima do índice oficial do governo. Ora, até mesmo os 1,5% a mais que foram concedidos pelo T.R.T. em 1975 foram descontados em 1976, o que parecia ser muito mais que o resultado de um cálculo econômico. Desse modo, as regras da política salarial vigente determinavam que cabia ao governo decidir o índice e aos outros incluindo a justiça do trabalho obedecer. O discurso sindical procurou demonstrar que os reajustes não eram capazes de acompanhar o aumento do custo de vida, e muito menos de

⁶⁷ Sader, Eder. Op. Cit.; p. 288.

corresponder às altas taxas de lucratividade das empresas. Outra reivindicação fundamental como a referente ao piso salarial, havia sido concedida apenas formalmente. No plano das conquistas sociais, após um esforço árduo algo havia sido contemplado na decisão do T.S.T. em 1976. No entanto, uma série de benefícios como o transporte gratuito e o leite nas refeições estavam sendo cortados pelas empresas. Por último, a intransigência patronal havia sido também absoluta no que se refere aos direitos de organização nos locais de trabalho, que desde 1972 tinham presença destacada nas pautas dos trabalhadores.

Desse modo, a campanha salarial de 1977 não se diferenciou muito das dos anos anteriores. De acordo com Rainho e Bargas, antes da realização da assembléia tradicional foi organizada *"uma reunião ampla, entre os trabalhadores metalúrgicos, de onde se retirou uma comissão para redigir a pauta de reivindicações. Esta pauta se compôs de 33 itens. Entre eles, quatro mencionavam especificamente salários e foram apresentados como alternativas para a discussão com os patrões"*.⁶⁸

Nessa medida, o eixo da campanha evidenciará além da reivindicação de reajuste superior ao índice oficial, a ênfase no salário substituto, como forma de diminuir a rotatividade no emprego e ainda não colocada em prática pelas empresas apesar de aprovado no julgamento do T.S.T. em 1976. As demais conquistas de caráter social (como a ampliação do prazo de estabilidade da gestante), constante também do julgamento do T.S.T. terão da mesma forma a sua importância ressaltada na pauta. Naquele momento, as indústrias automobilísticas começam a anunciar "crise" no setor. A inquietação de alguns trabalhadores verifica-se diante da dispensa de vários colegas na região do ABC. A assembléia marcada para o dia 13 de fevereiro acabou sendo adiada (para o dia 4 de março), devido ao comparecimento pequeno de trabalhadores. Sem dúvida alguma a mobilização não seria nada fácil. Todavia o discurso sindical não recua. Luís Inácio procura insistentemente *"mexer com os brios da moçada"*:

"Muitos dizem que não adianta vir às assembléias. Outros já se cansaram de lutar. E nós perguntamos: será que conseguiremos alguma coisa de braços cruzados? E, a nossa memória, acode a lembrança dos milhares de companheiros que, no passado, deram a própria vida para que hoje pudêssemos viver com um pouco mais de dignidade. O que podemos afirmar, com certeza, é que os patrões ficam muito satisfeitos de verem as assembléias vazias, porque dessa maneira, poderão continuar a explorar nosso trabalho por muito tempo. Por outro lado, a pouca movimentação da classe tira nosso principal argumento de luta, uma vez que aos olhos do governo a categoria dá nítida impressão de que está satisfeita.

⁶⁸ Rainho e Bargas. Op. Cit.; p. 35.

(...) É por isso que vale a pena continuar a lutar. O que conseguimos até agora foi a custa de suor, lágrimas e sangue. E não vai ser daqui para a frente que as coisas começarão a cair do céu".⁶⁹

Na assembléia do dia 4 de março, 1.500 trabalhadores presentes aprovaram os 33 itens constantes da pauta de reivindicações. Contudo, mais uma vez a negociação com os patrões não chegou a nenhum acordo, e no julgamento do dissídio coletivo o T.R.T. estabeleceu um índice de reajuste de 40%, compensados todos os aumentos dados durante a vigência do acordo anterior. A sentença do Tribunal havia sido promulgada sem que fosse conhecido o índice oficial do governo, que acabou sendo o mesmo. Porém, outras instituições chegaram a diferentes índices (usando por exemplo a sistemática do próprio governo, caso particular do DIEESE), 50% - DIEESE, 49% - FIPE e 45% - FGV. O sindicato recorreu ao T.S.T. contra a decisão do T.R.T., justificando que o índice oficial estava incorreto. O T.S.T. não acatou o recurso de São Bernardo e manteve a sentença anterior.

Como foi possível acompanhar anteriormente, a luta pela reposição salarial era uma constante no calendário anual do Sindicato desde 1974. Em todas as oportunidades apresentadas, o máximo que os trabalhadores haviam obtido eram percentagens de antecipação salarial, a serem descontados no reajuste seguinte, sempre aquém do que havia sido reivindicado. Entretanto, em 1977 um dado novo irá alterar substancialmente as condições de desenvolvimento da luta e sua possibilidade de expressão social será muito maior naquela conjuntura.

O que possibilitou esse salto de qualidade foi a divulgação na edição de domingo, 31 de julho de 1977, do diário *Folha de São Paulo*, de um relatório secreto do Banco Mundial (BIRD) sobre a política econômica do governo brasileiro. Ao publicar esse relatório, os editores chamaram a atenção para "*duas escondidas e curtas notas de explicação de tabelas numéricas*" que questionavam explicitamente a validade dos índices oficiais da inflação brasileira para 1973. De acordo com o Banco Mundial a variação de preços internos e dos de atacado, naquele ano, foi igual a 22,5%, bem acima das variações divulgadas pelo governo: 14,9% e 12,6%.

Tentando contestar a taxa de 22,5%, que considerou "arbitrária", o Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas, IBRE-FGV, órgão oficial de fixação dos índices do governo, faz uma revelação ainda mais surpreendente: em virtude de "*uma revisão das contas nacionais*", a partir do mês de junho de 1977, a inflação brasileira para o ano de 1973 passaria a ser oficialmente de 20,5% e não de 15%. Ora, era o reconhecimento público da manipulação das estatísticas.

⁶⁹T.M., nº 40, 1977, p. 3.

Entretanto, a coisa não parou aí. Vem à tona um documento confidencial elaborado pelo então Ministro Mário Henrique Simonsen, da Fazenda, no começo do Governo Geisel (1974), que continha números muito mais decisivos. Na realidade, o aumento global do índice de custo de vida em 1973 subiu 26,6%, quase o dobro dos cálculos das "idôneas" instituições IBRE-FGV e o Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo, cujos resultados foram, respectivamente, 13,7% e 14,4%.

Os sindicatos de várias categorias imediatamente se mobilizaram, solicitando ao DIEESE o cálculo preciso da perda salarial ocorrida devido à manipulação dos dados. Para os metalúrgicos do ABC, esta havia sido da ordem de 34,1%.⁷⁰

Na edição da *T.M.* de setembro de 1977 veiculava-se de modo incisivo, uma "emocionante aventura": "*a estória de um milagre*". Os personagens desta aventura eram: o *Banco Mundial*, o *Ministro da Fazenda*, os *Índices da inflação*, os *Empresários* e, é claro, *nós*.

Ao procurar revelar todos os detalhes dessa manipulação de dados de 1973 realizada pelo governo, os apelos de mobilização cruzam-se no mesmo "*espaço impresso*". Vindos do *João Ferrador*, da coluna "*Nossa Opinião*", e, da própria "estória" impressa com charges extremamente divertidas, o que realmente importava era convencer os próprios associados. Com uma argumentação retórica de luta, isto é, "*os trabalhadores pretendem abrir caminho para um sindicalismo mais atuante e autêntico. Queremos participar mais da vida nacional, influir nas decisões que nos digam respeito*".⁷¹

Assim sendo, com a divulgação do percentual de 34,1% a diretoria do sindicato de São Bernardo desencadeou uma "*Campanha de Reposição Salarial*". Em 14 de agosto de 1977 de acordo com a *T.M.* o assunto foi debatido em uma assembléia no sindicato. Simultaneamente, uma Comissão de Salários composta por 36 trabalhadores foi formada para discutir os rumos a serem tomados na reivindicação. A diretoria incumbiu-se de imprimir e distribuir 80 mil boletins nas fábricas, convocando todos os metalúrgicos para uma nova assembléia geral.

Nessa assembléia foi aprovada uma proposta da diretoria com o propósito à próxima negociação coletiva com os patrões. O "*programa de luta*" compreendia entre outras coisas reivindicações pontuais como: aspectos salariais, horário de trabalho, férias e descanso semanais, garantia do emprego, condições de trabalho e garantias sindicais.

⁷⁰ Consulte: Rainho e Bargas. *Op. Cit.*; ps. 39-40; Abramo, Laís, *Op. Cit.*; ps. 200-1; *Em Tempo*, nº 0, 1977; Ramalho, José Ricardo. "Resistência Operária: Recriando as Formas de Luta". *Cadernos do CEAS*. *Op. Cit.*; ps. 33-4; e, Oliva, Aloísio M. e Outros. *Op. Cit.*; ps. 148-9.

⁷¹ *T.M.*, nº 43, 1977, p. 3.

Segundo Rainho e Bargas no dia 2 de setembro, data daquela assembléia "o comparecimento dos trabalhadores à sede do sindicato, (...) foi grande, com 2.780 trabalhadores assinando o livro de presença".⁷²

A assembléia decidiu aprovar também a proposta apresentada pela comissão de salários que preparou um documento contendo as seguintes deliberações:

"1º. Encaminhar o processo de dissídio coletivo, convocando-se a classe patronal para mesa redonda na Delegacia Regional do Trabalho; 2º. A mesa redonda será acompanhada pela comissão que poderá ser ampliada com novos associados interessados; 3º. Motivar toda a categoria, mediante um abaixo assinado, que deverá correr todas as fábricas à disposição na sede do sindicato; 4º. Convocar nova assembléia para o dia da mesa redonda. Nesta assembléia a categoria deverá declarar-se em assembléia permanente; 5º. Preparação de um documento à imprensa, contendo nossas reivindicações e as razões de nossa luta; 6º. Procurar ampla mobilização nas fábricas, mediante boletins de convocação (utilizando-se a figura do João Ferrador) e a preparação de um suplemento da 'TRIBUNA METALÚRGICA', explicando nossa luta, suas causas e formas de encaminhamento; 7º. Convocar todos os companheiros que disponham de horário livre para colaborar na distribuição do suplemento da 'TRIBUNA METALÚRGICA', ajudando a conscientizar os trabalhadores sobre a nossa luta; 8º. Criação de grupos de fábrica de apoio, divulgação da luta e mobilização da nossa categoria; 9º. Dar ampla divulgação de todos os lances da nossa luta na imprensa escrita, falada e televisada; 10º. Não deverá ser desprezada a viabilidade de movimento grevista, desde que amparada na Lei 4.330 e que a categoria esteja preparada para tanto".⁷³ [os grifos são meus]

A repercussão entre os metalúrgicos do grande ABC paulista, particularmente de São Bernardo e entre os dirigentes sindicais de todo o país foi relativamente expressiva no cenário social brasileiro. Para se ter idéia dessa "agitação sindical", de agosto até novembro mais de 100 entidades aderiram à campanha. Em diversas categorias realizaram-se assembléias massivas de até 5 mil trabalhadores.⁷⁴ Desde as greves de Osasco e Contagem em 1968 o movimento sindical conseguia "movimentar-se" para o conjunto da sociedade. A Federação dos Metalúrgicos do

⁷² Rainho e Bargas. Op. Cit.; p. 40.

⁷³ T.M., nº 43, 1977, p. 7.

⁷⁴ Abramo, Laís. Op. Cit.; p. 201. Ver: "A Luta dos Operários." e "A Classe Operária vai às Assembléias." *Cadernos do CEAS*, nº 52, Salvador, 1977, ps. 17-22. Vale exemplificar as categorias "contagiadas" pela luta da reposição salarial de 34,1%: os jornalistas profissionais de Porto Alegre, os trabalhadores nas empresas de crédito de Brasília, oito sindicatos metalúrgicos do Rio de Janeiro, os metalúrgicos de Monlevade (MG), entre outros.

Estado de São Paulo e o Sindicato dos Metalúrgicos da Capital resolveram mover uma ação judicial contra a União. Outros sindicatos, como o dos metalúrgicos de Osasco, tomaram a posição de incluir o índice de reposição no percentual de reajuste reivindicado na campanha salarial que estava em curso.

O sindicato de São Bernardo agindo conjuntamente com o de Santo André resolveu mover uma ação na Justiça do Trabalho, tentando antes a negociação direta com os patrões. As deliberações aprovadas na assembléia do dia 2 de setembro revelaram sobretudo o interesse primordial de, ao realizar o trabalho intenso de propaganda, mobilizar massivamente os trabalhadores metalúrgicos. Dentre as proposições sancionadas pode-se destacar especialmente os inúmeros boletins de convocação (utilizando-se a figura do *João Ferrador*, com "estórias" divertidíssimas) e a ampla divulgação da luta à imprensa. Apenas a título de exemplificação, o jornal *O Estado de São Paulo* em sua edição de 11 de setembro de 1977 estampava a seguinte manchete: "*Um novo sindicalismo em São Bernardo*". Ao relatar as experiências de "*um sindicalismo novo e atuante (...) liderado pelo sindicato dos metalúrgicos*" a matéria evidenciava a questão dos 34% a menos nos salários de 1973. E nesse sentido é ressaltado o metalúrgico sindicalizado "*símbolo do sindicato*" que apesar de só existir no papel *João Ferrador* é visto como "*alguém de carne e osso, tanto ele é citado em São Bernardo do Campo e arredores, não só no sindicato, mas nas residências, nos bares, nos campos de futebol, nos parquinhos de diversão*". *João Ferrador, Lula, os sindicalistas livres de São Bernardo* são saudados (desde os anarquistas e comunistas no princípio do século) com euforia no movimento sindical brasileiro. Afinal estava-se diante de "*táticas dinâmicas e diferentes empregadas pelo órgão de classe, de maneira ímpar em todos os 7.418 sindicatos brasileiros*".⁷⁵

Se naqueles anos iniciava-se literalmente nos meios de comunicação e nos meios acadêmicos uma certa "corte", com um grau elevado de excitação, para com os sindicalistas de São Bernardo (e como decorrência a própria categoria metalúrgica), evidentemente por si só as razões históricas desse país poderiam talvez "explicar" tal encantamento. Tal raciocínio aplica-se também aos próprios dirigentes sindicais, no que se refere ao ser o alvo predileto da mídia e da academia. Ora, se às vezes todo esse "charme sindical" se enredava no seu próprio ego, noutras surpreendia pelo seu toque "autocrítico" e "democrático". Sem dúvida alguma essas duas palavras, profundamente desgastadas, pelo menos encontrarão alguma potência nesse universo sindical. Não serão poucos os documentos encontrados por mim, evidentemente impressos pelo

⁷⁵*O Estado de São Paulo*, 11/09/77, p. 53. Ver: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Bernardo do Campo e Diadema. *João Ferrador*. 1977 (Boletins de Convocação); *Jornal do Brasil* (setembro-1977) e *Movimento* (1977).

próprio sindicato, que procurarão refletir e criticar duramente o posicionamento dos dirigentes. O que torna interessante esse fato é o modo particular das gestões enfrentarem tal desafio. É importante destacar essa questão, pois não há dúvida que as "gestões Paulo Vidal" procuraram abafar os conflitos, pois o que eu encontrei foram predominantemente os exemplares oficiais da T.M. Já na gestão Luís Inácio (e na subsequente) documentos produzidos por metalúrgicos não ligados à diretoria serão mais abundantes. Ora, é evidente uma reflexão fundamental, mesmo que com posicionamentos diversos, os dirigentes sindicais de São Bernardo insistiam freqüentemente na mobilização efetiva dos trabalhadores. Todavia, fica nítida que a maneira empregada para aglutinar esses trabalhadores, às vezes, faz-se com "autocrítica" e "democracia" da própria direção sindical. Mesmo que isso possa parecer "perda de tempo" ou uma suposta "fragilidade".

O que estou querendo dizer é que encontrei com maior freqüência a partir da primeira gestão Luís Inácio, vários boletins, cartas ou folhetos de crítica aos dirigentes. Com relação a campanha salarial, separei dois folhetos. O primeiro *"Os trabalhadores e o Aumento"* (sem assinatura) enfatiza como os trabalhadores não têm uma participação ativa nas campanhas. Critica as diretorias sindicais que em vez de *"jogarem a culpa em nós, operários deveriam orientar e propor medidas concretas para podermos conseguir melhores salários, melhores condições de trabalho e um melhor padrão de vida"*. E mais ainda, *"nós trabalhadores precisamos nos UNIR E ORGANIZAR DENTRO DAS FÁBRICAS. Sindicato são os operários organizados nas fábricas, lutando por seus direitos, e é aí que ele deve atuar, e não na sede social. E essa atuação deve ser feita todos os dias, e não só na época de campanha salarial. precisamos conversar com nossos companheiros sobre os problemas de fábrica, as condições de trabalho, as injustiças, as perseguições, (...). Precisamos conhecer as leis trabalhistas, esclarecer os colegas que não conhecem e conscientizar cada vez mais um número maior de trabalhadores. Fazendo isso, conseguiremos desenvolver no ABC um sindicalismo de verdade, um sindicalismo de base, estruturado nas fábricas"*.⁷⁶

Ao examinar a campanha salarial promovida pelas diretorias todos os anos, o documento procura refletir a importância dos operários desarticulados das intenções dos dirigentes. Entretanto, o peculiar não é a divulgação pura e simplesmente do folheto, é na realidade como a argumentação acima exposta foi amplamente absorvida com maior consistência com o decorrer dos anos. E nesse bojo, não foram escassas as atitudes de "autocríticas" e "democratismo" que verifiquei no discurso sindical. Afinal, buscava-se fundamentalmente uma possível sintonia: categoria e dirigentes sindicais. Aliás, seguindo por essa via, o segundo folheto: *"34,1% ... Sai ou*

⁷⁶*"Os Trabalhadores e o Aumento"*. s.d. (Folheto)

não sai?" da Oposição Sindical Metalúrgica de São Bernardo do Campo e Diadema, cobrava calorosamente o isolamento de uma diretoria que "faz e resolve sozinha". Ao destacar o seu papel na comissão de salários, salientava: "elaboramos o suplemento especial da 'TRIBUNA METALÚRGICA' que foi a história dos 34,1% e o quadrinho do 'João Ferrador' (...). A comissão (...) propôs, ainda, uma série de outras medidas (...) mais de 3.000 companheiros compareceram aprovando todas as propostas da comissão. Iniciou-se a distribuição dos boletins e coletas de assinaturas pelos companheiros, e mais de 40.000 assinaturas foram colhidas. (...) A comissão continua insistindo na mobilização dos trabalhadores através de reuniões de fábrica, procurando a criação dos grupos de apoio. (...) criar um clima de mobilização dentro da fábrica. É este o caminho de conduzir a vitória".⁷⁷

O que torna extremamente especial esses dois folhetos que veicularam inicialmente a questão do modo de condução das campanhas, é exatamente a movimentação de dois enunciados propostos pelo próprio discurso sindical: o sindicato e a fábrica. O "lugar de luta", o sindicato promove estratégias e táticas legais (conforme examinado até esse momento). Aliando-se a isto motivar a categoria envolve também outro "lugar de luta", a fábrica. Agitar com abaixo-assinado, boletins, suplementos, com a *T.M.*, com a atuação de "companheiros", com os grupos de fábrica, enfim, os folhetos cobravam a retórica sindical impressa todos os dias nos jornais. O espaço de luta não é tão somente o sindicato; mas também a fábrica. Houve é claro sintonia e rearticulação do discurso entre a categoria e os líderes sindicais. Nas campanhas salariais, particularmente houve uma troca de experiências, dá para se notar. No entanto, reconheço a perda: a categoria influenciou efetivamente na fala sindical dos dirigentes ou vice-versa? Talvez tenha sido no mesmo grau de "influência recíproca"? Talvez? Quem é que sabe...

Não obstante, ao verificarmos o discurso das lideranças inicialmente no sindicato - uma vez que não pretendo me ocupar neste item com o outro "*lugar de luta*", a fábrica - procuro timidamente envolver o provável leitor com as metas e os projetos dos dirigentes de São Bernardo.

Assim sendo, logo após a assembléia do dia 2 de setembro - no dia 6 - quatro ministros de Estado recebem em Brasília os representantes de quatro entidades sindicais e do DIEESE, para tratar fundamentalmente da reposição salarial. A resposta do governo foi categórica: NÃO!⁷⁸

⁷⁷"34,1% ... Sai ou não sai?" Oposição Sindical Metalúrgica de São Bernardo e Diadema. 1977. (Folheto).

⁷⁸Rainho e Bargas. Op. Cit. p. 41. "A nota conjunta dos Ministros, tentando justificar a resposta negativa à reivindicação salarial dos trabalhadores" encontra-se nas ps. 181-2. A resposta do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo à essa nota está nas ps. 182-3.

Naquela ocasião, Luís Inácio reafirmou, uma vez mais, a possibilidade da greve no ABC:

"Se houver possibilidade e se seus associados assim o decidirem, os sindicatos de São Bernardo, Santo André e São Caetano decretarão greve".⁷⁹

Em 16 de setembro o sindicato enviou ofício através de seus advogados ao Delegado Regional do Trabalho, Sr. Vinicius Ferraz Torres requerendo um pedido de realização de uma mesa redonda, solicitada pelos trabalhadores com os diretores das empresas. No dia 24 de setembro a D.R.T. indeferiu o pedido, alegando que o governo já havia deixado claro que nada havia a repor nos salários, reajustados de acordo com os ditames da política salarial em vigor. Os ministros da área econômica declararam que a perda ocorrida em 1973 havia sido recompensada pelos reajustes dos anos subsequentes, todos eles fixados acima dos índices do custo de vida.

Em resposta, foi expedida uma nota à imprensa assinada por Luís Inácio da Silva (São Bernardo do Campo), Benedito Marcílio Alves da Silva (Santo André) e Arnaldo Gonçalves (Baixada Santista). As entidades signatárias tomaram duas decisões: 1^a - *"esgotar todas as possibilidades de entendimento direto com a classe patronal para que, a partir de amanhã formularão convite às empresas para o início das tratativas;"* 2^a - *"no caso de malogro das negociações, seguindo também nesse passo a decisão do próprio Ministério do trabalho, instauramos o processo de dissídio coletivo".⁸⁰*

Em dezembro de 1977, a T.M. publica uma avaliação do que havia acontecido até aquele momento: *"Reposição Salarial: a experiência de uma luta que devemos aproveitar"*. Das 21 empresas que haviam sido convidadas para negociar com o sindicato algumas haviam se manifestado favoravelmente, e outras (entre elas Volkswagem, Ford, Chrysler, Polimatic, Borg-Warner, Toyota, Gemner, Villares) haviam simplesmente recusado ou sequer respondido à solicitação feita.

Nesse sentido, Luís Inácio destacou os sabores e dissabores daquela experiência:

"Deu para a gente conhecer os nossos empregadores, deu para saber quem é quem dentro da classe empresarial e a que eles estão dispostos".⁸¹

"Foi uma discussão muito ampla, e não ficamos apenas nos 34,1%. Eu desconheço, nos últimos 10 anos, algum momento em que os empresários se reuniram com os trabalhadores para dividirem problemas que afetam de maneira direta a classe trabalhadora (...)

⁷⁹O Estado de São Paulo, 07/09/77.

⁸⁰Rainho e Bargas. Op. Cit.; p. 183.

⁸¹O Estado de São Paulo, 04/11/77.

Tenho consciência de que o empresário só irá ceder quando perceber que os trabalhadores estão dispostos a tomar uma posição mais séria para rever aquilo que perderam ou para conquistar qualquer coisa. Estamos preparados e vamos preparar mais ainda a classe trabalhadora para isso".⁸²

"A campanha pela reposição representa, antes de mais nada, uma briga que o movimento sindical precisa assumir (...)

Quando nós começamos a campanha dos 34%, tínhamos certeza de que ela traria, também, uma abertura para o movimento sindical. E essa campanha, pelo menos para São Bernardo, não vai parar já. Isso será um bandeira de luta, que vai servir pelo menos de lição. Quando surgir um novo metalúrgico, ele vai ter atravessado na garganta que, no ano de 73, seu pai foi roubado em 34% (...)

É uma briga. E eu tenho certeza que só vai sair a partir do momento em que a classe patronal perceber que o trabalhador está disposto a brigar. O mínimo que nós podemos fazer é conscientizar o trabalhador, de que ele tem que medir força com a classe patronal pra reaver os 34%".⁸³

O T.R.T. julgou em novembro o primeiro pedido de reposição, que havia chegado aos Tribunais movido pelos metalúrgicos de Osasco, como uma inviabilidade jurídica. Os juízes consideraram a reivindicação *"inoportuna e imprópria"*. No ABC o desfecho não foi muito diferente. Após mais dois meses de conversas e tentativas de negociação, apenas algumas empresas concederam antecipações de 10 a 20%, a serem descontadas no reajuste seguinte.

Contudo, a diretoria do sindicato fazia questão de expressar o *"despertar da atenção da opinião pública para um esbulho que poderia passar despercebido; uma forte sacudidela no movimento sindical brasileiro, que há tempo mofava; (...)"* Nessa via *"só um sindicalismo autêntico e independente conduz à vitória dos trabalhadores (...)"*.

Recordando as palavras do João Ferrador a diretoria do sindicato apostou decisivamente naquelas *"brigas dos diabos!"*, *"Pelo reajuste salarial, pela reposição de 73, pelas liberdades sindicais, pela democracia"*. Assim sendo, a diretoria ao lutar por essas medidas, acabava reforçando os dois enunciados da luta: o sindicato e a fábrica. Discurso e prática. Apenas fazendo uma ponte com Rainho e Bargas, estes consideraram fundamental a "descoberta" do trabalhador que com a "campanha", por exemplo, percebeu a "efetividade" daqueles canais de luta. Afinal, essas *"conseqüências, (...) acabaram sendo mais amplas do que as esperadas por seus próprios líderes"*.⁸⁴

⁸²*Movimento*, nº 123, 07/11/77.

⁸³*ABCD Jornal*, nº 11, 1977, ps. 04-05. Consultei também: *T.M.*, nº 44, 1977, p. 4; e, *Lula. Entrevistas e Discursos*. Op. Cit.; ps. 41-9.

⁸⁴Rainho e Bargas. Op. Cit.; p. 42.

Ainda em dezembro de 1977, a *T.M.* anuncia as eleições no sindicato. É registrada a apresentação de uma única chapa concorrente (chapa 1) liderada por Luís Inácio da Silva. *"Dos 24 diretores antigos, 14 resolveram dar seu lugar para companheiros novos (como: Expedito Soares Batista, Mauro Mangani, José Venâncio de Souza Luiz, Gilson Luiz Correia de Menezes, entre outros) e continuarem como simples associados"*. De acordo com Rainho e Bargas, dentre os 14 elementos substituídos encontrava-se *"entre eles, Paulo Vidal, com o qual Lula não concorda em formar nova chapa"*. Aliás ao *"recandidatar-se, Lula negou-se a compor com os que, à época se diziam 'oposição', e desafiou-os a apresentarem outra chapa"*. Formada assim uma chapa única, aqueles operários que integravam-na pela primeira vez, eram considerados *"pessoas que não só se haviam destacado durante a campanha da Reposição Salarial dos 34,1%, como, também, dotadas de grande capacidade de trabalho e cheias de coragem para enfrentar os desafios que viriam"*.⁸⁵

Em fevereiro a *T.M.* publica os artigos: *"Porque a reeleição do presidente e outros?"*, e, *"É tempo do voto direto"* nos quais se procura ressaltar como o sindicato de São Bernardo *"destacou-se sobremaneira no cenário trabalhista brasileiro. Foi o renovar e inovar de métodos de atuação sindical que chamaram atenção da opinião nacional, realimentando a esperança de que nosso amorfo sindicalismo possa ser transformado em sentido positivo. Coube ao sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo e Diadema lançar tal proposição, num arroubo de coragem dos seus diretores"*. Em vista dessa situação, era lógico que *"o trabalho iniciado em prol dos metalúrgicos"* não poderia ser interrompido.⁸⁶

Assim sendo, no pleito realizado de 20 a 24 de fevereiro de 1978, deu-se a reeleição de Luís Inácio. O resultado da eleição foi o seguinte: total de inscritos 28.879 (100%), total de votantes 25.324 (87,69%), deixaram de votar 3.555 (12,30%). A *"Chapa 1"* obteve 24.647 votos, 397 votos foram anulados e 286 apareceram em branco.

A cerimônia de posse da nova diretoria *"foi realizada no Conjunto Vera Cruz, em São Bernardo do Campo a que compareceram 10.000 pessoas entre operários e familiares. Muito festiva, contou com a presença de banda de música, chope e sanduíche. Inúmeros dirigentes sindicais de outros Estados estiveram presentes, além de representantes do governo federal, estadual, municipal e do Comandante do II Exército"*. De acordo ainda com Rainho e Bargas, Luís Inácio *"fez-se presente nessa solenidade, muito bem vestido, com um terno escuro, gravata e colete tendo por isso, sido criticado por parte de setores da imprensa, dos estudantes e dos*

⁸⁵Idem, ps. 53-4.

⁸⁶*T.M.*, nº 45, 1978, ps. 3 e 6. Ver Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Bernardo do Campo e Diadema. *Manifesto dos Associados*. 1978. (Folheto).

outros (sic)". Respondendo a essas críticas, "afirmou que por ser trabalhador não se sentia obrigado a andar miseravelmente vestido e que julgava ser um direito dos trabalhadores, possuírem tudo aquilo que produzem".⁸⁷

Em seu discurso de posse Luís Inácio foi contundente nas suas avaliações, afirmando entre outras coisas:

"Ser lamentável dizer que, em São Bernardo do Campo, na cidade mais rica do país, a sede da indústria automobilística nacional, o trabalhador metalúrgico vive em favelas. Esta é uma situação que nós somente suportamos porque confiamos no Brasil. Mas, eu digo que é chegado o momento de exigir. Até agora, só é destinado ao trabalhador produzir. Onde está a democracia? E é por isto que esta nova diretoria vai lutar." (...)

Fui um dos primeiros a acreditar na validade do diálogo que se anunciou nos últimos tempos. Por isso, procurei o governo. Procurei também os empresários. Mas depois de oito meses, infelizmente, tenho a dizer que nada mudou e creio que dessa forma nada mudará. Cheguei, lamentavelmente, à conclusão de que a classe empresarial não quer negociar com seus trabalhadores mas, tirar toda a sua força física até a última gota de suor. Por isso, está na hora de deixarmos o diálogo de lado e partir para a exigência, sem medo de nada." (...)

Os trabalhadores estão com sede de justiça, cansados de repressão e de viver de mentiras. O diálogo com os patrões virou embuste, e eu não me prestarei mais a esse papel de enganação. Os patrões só vão reconhecer os nossos direitos quando sentirem a nossa força quando as máquinas pararem." (...)

A classe operária não será forte enquanto estiver proibida de fazer valer a sua força, ou seja, de exercer o direito de greve (...) A situação da classe trabalhadora não é boa, mas haverá um dia que nós trabalhadores acordaremos com sede de liberdade, com sede de viver dignamente".⁸⁸ [os grifos são meus]

Por fim, gostaria de examinar o encaminhamento da campanha salarial de 1978. Esta previa, além das reivindicações de caráter social e do percentual do reajuste normal, indicar formas de prosseguimento da luta de reposição dos 34,1%. Entretanto, as discussões seguintes, realizadas principalmente nas assembleias a partir do dia 17 de fevereiro, levaram a diretoria e trabalhadores a concluírem que deveriam tomar trilhas diferentes.

⁸⁷Rainho e Bargas. Op. Cit.; p. 61.

⁸⁸Rainho e Bargas. Op. Cit.; p. 60. Consultei também Abramo, Laís. Op. Cit.; p. 210.

Acompanhemos a descrição dessa campanha, em uma entrevista concedida por Luís Inácio, à revista *Nova Escrita-Ensaio*:

"Nós queríamos mostrar aos trabalhadores que se pedíssemos 100% ou nada o percentual viria de qualquer maneira. Primeiro, porque o decreto presidencial viria de qualquer jeito, baseado no índice inflacionário. Segundo, porque os patrões tinham interesse em reajustar os salários, porque precisam reajustar os seus produtos. Em terceiro lugar, se não fizessemos nenhuma pauta de reivindicação, se não fizessemos absolutamente nada, o próprio patrão faria, ela ajuíza o dissídio, estimula a classe trabalhadora a participar do dissídio, porque tem interesse em cumprir a recomposição salarial, se bem que por baixo, para garantir o aumento de seu produto. Então qual foi a posição que nós tomamos? Resolvemos conversar com as autoridades, com os empresários, (...) Foram muitas conversas, que não deram em nada. Acabamos entrando na campanha salarial, com a categoria desmotivada com a frustração da campanha de reposição salarial, mas, muito mais do que isso, pelo fato da diretoria não ter reivindicado um índice. Nas fábricas o trabalhador falava: 'Pô o Lula este ano não está pedindo aumento, não vai vir aumento pra gente'. Nós estávamos com o firme propósito de dizer que não íamos pedir aumento para provar aos trabalhadores que não era porque se fazia uma assembléia que o aumento viria. Ele só viria quando as máquinas estivessem paradas. Vocês devem estar lembrados de uma famosa declaração de Vidigal: 'Nós não negociaremos no dia em que as máquinas estiverem paradas'. E nós dizíamos: 'Eles só negociarão no dia em que as máquinas pararem'".⁸⁹

Depois de tentar por vários anos consecutivos explorar ao máximo os momentos da campanha salarial no sentido de expressar e lutar pelas suas reivindicações, era como se um limite houvesse sido atingido. Como se essa "fase inicial da luta" estivesse esgotada.

⁸⁹"Lula: Retrato de Corpo Inteiro". *Nova Escrita-Ensaio*, Op. Cit.; ps. 16-7. Com relação à campanha salarial de 1978 ver entrevista realizada por Laís Abramo com Luís Inácio em 1985. "Em 78 nós resolvemos provar para os trabalhadores que por causa da lei salarial vigente, se a gente não fizesse nada, o aumento viria do mesmo jeito. A gente queria provar que era tudo mentira aquilo: que a gente convocava assembléia fazia um monte de discurso, pauta de reivindicação, mandava pro patrão e o patrão não atendia. Eu estava cansado disso, desde 69 frequentando o sindicato, e todo o ano o mesmo ritual. Então nós resolvemos fazer o seguinte: (...) nós não precisamos nem entrar com o processo de dissídio coletivo, (...).

Isso causou um impacto na categoria. (...)

Isso foi muito importante, porque, pode até ter sido coincidência, mas o fato é que o índice foi decretado pelo governo, o pessoal recebeu o pagamento no dia 10 de maio e no dia 12 eles pararam". Abramo, Laís. Op. Cit.; ps. 211-2. Consultei ainda *Em Tempo* (1978) e *Movimento* (1978).

Mesmo que o movimento de Reposição Salarial tivesse deixado a nítida sensação de que todas as tentativas de diálogo e negociação com os patrões e o governo haviam dado em nada, simultaneamente vivera-se um intenso processo de mobilização. Ora, a experiência do limite não era apenas da direção sindical, certamente também das bases.

Assim, numa atitude ousada a assembléia realizada em 12 de março decidiu por unanimidade não incluir qualquer índice de reajuste salarial na pauta do dissídio coletivo da categoria. Os metalúrgicos de São Bernardo, em decisão considerada "histórica", optaram por um entendimento direto com a classe patronal através do acordo e sem a interferência do governo. Tal intuito revelava uma tentativa de conseguirem melhores reajustes das empresas em condições de concedê-los e também uma drástica modificação na C.L.T.

Desse modo, a diretoria do sindicato enviou ofício a 16 sindicatos patronais, convidando-os formalmente para as negociações diretas. Sob os argumentos de que *"ainda não era o momento propício, dependia da legislação e do governo; (...) exigüidade de tempo, (...) dificuldade de fazer agora, (...) a idéia sobre convenção não esta amadurecida (...) pode gerar inflação"* e outros mais, os patrões recusaram-se às negociações diretas.⁹⁰

No dia 29 de março de 1978 por decisão do T.R.T., os metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema deveriam ter os salários reajustados de acordo com o índice fixado pelo governo (39%). A decisão provocou grande insatisfação entre os trabalhadores.

Começaram a surgir sintomas de que dessa vez os trabalhadores não estavam dispostos a aceitar mais uma vez a pura e simples negação das suas reivindicações. Em março, *"os operários de três seções da Mercedes (transportes, ferramentaria e manutenção) paralisaram o trabalho em protesto aos aumentos por méritos concedidos arbitrariamente pelas chefias a alguns trabalhadores"*. Em 3 de maio, *"cerca de cem operários da seção de estamparia da Ford paralisaram o trabalho, exigindo 15% de reajuste além do índice oficial"*. No dia 10 de maio *"400 trabalhadores das seções de ferramentaria, inspeção e estamparia da Ford paralisaram suas atividades, reivindicando aumento imediato de 15% ou o não desconto das antecipações de 10 e 5% concedidas respectivamente em novembro de 1977 e janeiro de 1978"*.⁹¹

⁹⁰Rainho e Bargas. Op. Cit.; ps. 55-6. Consultei também "As Campanhas Salariais e a Evolução Salarial da Categoria." In: Oliva, Aloizio M. *Estado Autoritário e Desobediência Operária*. (Os Trabalhadores Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema). Dissertação de Mestrado, IE/UNICAMP, 1988, ps. 408-451. Cabe observar que neste trabalho encontramos uma reflexão importante sobre as campanhas salariais entre os anos de 1971 a 1978.

⁹¹Abramo, Lais. Op. Cit.; p. 214.

Rubens Teodoro Arruda, vice-presidente do sindicato, declarou ao jornal *Em Tempo*:

"A situação está insuportável para todos, e a cada dia mais operários vem ao sindicato procurando saber em que pé andam as negociações diretas anunciadas pela imprensa. (...) O Sindicato, embora não tenha tomado a dianteira das paralisações, aprecia o trabalho desenvolvido pelos companheiros da fábrica Ford".⁹²

O discurso emitido pela diretoria do sindicato nos últimos meses começava a ser trilhado pelos operários. Estes estavam partindo para estratégias diferentes de luta. O dia 12 de maio estava chegando e os trabalhadores cruzando os braços ao lado de suas máquinas não seria apenas um sonho. Pelo contrário, uma nova imagem seria acrescentada à esta narração. A(s) imagem(ns) da greve de 78.

"DESTA VEZ, NÓS VAMOS MANDAR E FALAR".

A intenção de mobilização dos trabalhadores metalúrgicos em torno do sindicato aglutinava medidas como o esforço para sindicalização, as históricas campanhas salariais e os congressos operários. Estratégias decisivas para as gestões sindicais de 1971 a 1978.

Em setembro de 1971 a *T.M.* publica a realização de um evento - um ciclo de conferências - realizado no mês de agosto pelo sindicato na colônia de férias da Federação dos Metalúrgicos na Praia Grande. Os temas discutidos foram: *"sindicalismo histórico, contemporâneo e perspectivas futuras, política salarial e convenção coletiva, legislação trabalhista e previdência social no INPS"*. Certamente, o intuito da "gestão Paulo Vidal" era evidentemente congregar o maior número possível de diretores e associados da entidade. Afinal, de acordo com a matéria veiculada: *"sindicato forma companheiros para as nossas lutas sindicais!"*.

O que poderíamos considerar um simples "acontecimento operário" é potencializado ao máximo pela diretoria do sindicato. Novamente, vamos assistir ao empenho da participação dos trabalhadores. E, ao lado, simultaneamente com o jornal, a sindicalização, com as campanhas, os congressos tentarão surtir algum efeito na categoria dos *"homens de macacão"*.

Ao tentar arregimentar os "companheiros" para os debates na Praia Grande, as finalidades primordiais da diretoria eram esclarecer que *"sindicato não é somente uma entidade de defesa dos problemas prementes dos trabalhadores, mas sim, um órgão que deve manter-se atuante e vigilante em todos os momentos da vida dos seus representados, para que possa em todo e*

⁹²*Em Tempo*, nº 11, 15/05/78,

qualquer momento assumir a melhor posição que os interesses da classe requerer". Desse modo: "o sindicato precisa ter uma retaguarda de companheiros plenamente cónscios das responsabilidades sindicais e de todo o conhecimento básico à defesa dos demais colegas de serviço e principalmente da entidade de classe".⁹³

Nessa medida, através do jornal estaremos revelando os encontros operários e sobretudo a importância crucial dos mesmos. Em outubro de 1971, o Presidente Paulo Vidal representou a categoria metalúrgica no 220º Congresso Mundial da Federação Internacional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas (FITIM) realizado na Suécia. Centenas de delegados representando os trabalhadores do mundo inteiro participaram do debate e procuraram levar para lá os problemas cruciais dos operários metalúrgicos de cada país. O objetivo desse congresso era fazer um levantamento geral da situação dos milhões de trabalhadores metalúrgicos em todo mundo e traçar diretrizes para a solução dos seus problemas.

A diretoria do sindicato procurava participar de todos os eventos realizados no país e fora dele. Era uma maneira de pelo menos discutir e reivindicar os assuntos de interesse dos trabalhadores. Em junho de 1972, realizou-se o VII Congresso Estadual dos Metalúrgicos, na cidade de Presidente Prudente. O sindicato de São Bernardo compareceu com uma delegação de diretores, Paulo Vidal, Luís Inácio da Silva, Vasile V. Filho, Antônio J. Figueiredo, entre outros. Após o desenvolvimento das sessões plenárias, o VII Congresso ratificou e adotou a "*Declaração dos Princípios*" aprovada pelo VII Congresso Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Brasil (realizado na cidade de Salvador/BA em 1970), em que, entre as suas principais resoluções, pode-se destacar:

"Valorização do trabalho, aumento do poder aquisitivo do salário, (...); participação direta dos trabalhadores no produto da atividade econômica; (...) Assegurar aos dirigentes sindicais, plena e efetiva autonomia e liberdade no exercício de seus mandatos (...); Participação em igualdade de condições, dos trabalhadores através dos sindicatos na solução dos problemas que se pleiteiam, no campo econômico, político e social; (...) Intransigente defesa de nossas riquezas naturais que devem ser utilizadas em benefício exclusivo de nossa Pátria e o nosso Povo; (...) Permanente manutenção dos princípios democráticos, repelindo-se quaisquer tentativas de implantação em nosso País de regime autoritário, que, sob pretextos vários, afastam do Povo a competência para deliberar em matérias do seu imediato interesse".⁹⁴

⁹³T.M., nº 3, 1971, p. 5.

⁹⁴T.M., nº 11, 1972, p. 5.

Em novembro de 1972, o VIII Congresso dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Brasil realizado na Praia Grande aprovou os mesmos princípios do VII Congresso Nacional ocorrido na Bahia.

Ensina um velho provérbio que *"água mole em pedra dura tanto bate até que fura"*. É o que de algum modo os dirigentes sindicais de São Bernardo buscavam ao *"marcar presença"* freqüentemente nos congressos operários. Organizar as reivindicações da categoria, constituí-las em um roteiro permanente de lutas, aproximar e revitalizar as experiências do operariado, eram objetivos precisos na fala sindical. Ou seja, os congressos significavam a *"água mole a bater na pedra"*. Evidentemente, que essa "pedra" representava não tão somente a ineficaz legislação trabalhista mas também os desmobilizados metalúrgicos frente às iniciativas do sindicato.

Procurando participar e levar cada vez mais trabalhadores a atuarem em eventos como congressos ou conferências, as lideranças sindicais tentavam estabelecer laços sólidos com a categoria. Essa participação pode ser examinada, por exemplo, em uma conferência realizada na Praia Grande em maio de 1974 com a presença de alguns diretores, Paulo Vidal, Nelson Campanholo, Devanir Ribeiro, Vasile W. Filho e outros. A 2ª Conferência Nacional dos Trabalhadores em Indústrias de Automóveis, Tratores e Implementos Agrícolas Motorizados, enfatizou teses importantíssimas tais como, *"o sofisticado sistema de exploração de mão-de-obra (...) o trabalhador não desfruta de condições de trabalho das mais ideais. O próprio salário que recebe (...) não é nada representativo diante dos fabulosos faturamento das empresas; as horas extras trabalhadas no setor. (...) faz parte dos planos das empresas, para obter não apenas maior produção, mas também para impedir que o trabalhador comece a se desesperar diante de um padrão salarial insatisfatório"*. Desse modo, a conferência *"concluiu que somente com maior liberdade sindical que possibilite a livre negociação de condições de trabalho e de salários entre patrões e empregados do setor, dará ao movimento sindical possibilidade de melhorar a situação dos trabalhadores"*.⁹⁵

Se os dirigentes sindicais de São Bernardo apostavam na freqüência ativa nos encontros e congressos, de modo a unificar e aproximar a base operária metalúrgica (nacional e internacionalmente), a possibilidade também de organizar os seus próprios eventos tornar-se-ia uma ponte de ligação fundamental com a categoria.

Assim sendo, em julho de 1974 a T.M. convida 500 entre os vinte cinco mil associados do sindicato (em razão do espaço da sede) para o I Congresso do Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, que realizaria-se entre 06 e 08/09/74. Pela primeira vez na história do

⁹⁵T.M., nº 23, 1974, p. 8.

sindicato seria implementado um congresso de trabalhadores para discutir e deliberar sobre os problemas que afligiam os metalúrgicos.

A realização do congresso representou um momento particular na militância em torno do sindicato e a ampliação de sua presença nas bases, ou pelo menos entre o grupo de ativistas que se destacavam no interior das empresas. O congresso significou também a oportunidade de as experiências até então vividas fragmentadamente dentro das fábricas ou até mesmo em algumas seções comunicarem-se e adquirirem um referencial mais coletivo o que por sua vez irá reverter para a continuidade do trabalho localizado.

Além disso, o congresso representará novamente o esforço e a sensibilidade (com relação às condições de trabalho nas fábricas) da diretoria em mobilizar os trabalhadores. Nessa medida, edificará um discurso de identidade de interesses entre si:

"Temos fundados motivos para emitir considerações sobre a forma como a economia brasileira vem se comportando, pois não nos consideramos à margem deste processo. Pelo contrário, somos dele partes integrantes, e sabemos que sem a nossa participação ativa - corporificada pelo nosso trabalho diuturno nas fábricas - aquelas taxas de crescimento jamais seriam alcançadas. A isso se acrescenta que sobre nós, os trabalhadores, invariavelmente vem recaindo, ao longo dos tempos, os sacrifícios maiores que um processo de desenvolvimento inevitavelmente acarreta, seja pagando o alto preço de uma política inflacionista, seja arcando com o ônus de uma política de deflação. (...) não ignoramos que a alta produtividade do nosso trabalho tem garantido a essas empresas os mais altos índices de crescimento do País, com elevadíssimas taxas de lucro. O nosso propalado salário mais alto, (...) é apenas aparente, se confrontando com os salários dos trabalhadores das mesmas empresas localizados em outros países, e quando visto em função de nossa produtividade, do aumento do ritmo de trabalho e da extensão da jornada diária, que é uma constante dentro do sistema. A alta rotatividade da mão-de-obra, fraudando a aplicação dos reajustamentos salariais, a instabilidade no emprego, trazendo insegurança a cada família, a dilatação da jornada de trabalho, com a exploração máxima da capacidade do operário, a deliberada compressão de salários como prática concentrada entre os departamentos de pessoal das indústrias, a aberta oposição às atividades sindicais e à sindicalização, são apenas alguns dos problemas enfrentados pela classe".⁹⁶

Nas resoluções do I Congresso, alguns desses aspectos citados acima foram objeto de especial análise. Como *"política salarial, política salarial das empresas, condições de trabalho,*

⁹⁶T.M., nº 25, 1974, p. 4. Ver T.M., nº 24, 1974, p. 4

segurança no trabalho, rotatividade da mão-de-obra e situação das empresas". Por fim, os participantes do I Congresso definiram os princípios e objetivos da categoria:

1º "Reconhecimento da liberdade sindical (...) com a conseqüente revogação das restrições contidas na C.L.T."; 2º Formulação de uma Lei básica do trabalho, encerrando os direitos principais, fundamentais e comuns a todos os trabalhadores que vivam de salários, em regime de emprego, a partir das condições mínimas hoje asseguradas; 3º Total liberdade para o exercício do direito à Contratação Coletiva de trabalho (...); 4º Implantação e manutenção de cursos de capacitação sindical destinados a todos os associados (...); 5º Realização de reuniões mensais, sem caráter deliberativo (...) incluindo-se palestras e debates (...)"⁹⁷

Com certeza o I Congresso dos Metalúrgicos de São Bernardo constitui-se em um movimento decisivo na ampliação de uma liderança sindical que começou a estreitar as relações entre a fábrica e o sindicato. Sobretudo, definiu o sindicato como o "lugar da luta", onde os trabalhadores unidos buscariam soluções coletivas, enfim, passou a se distinguir como o "novo sindicalismo".

Segundo Laís Abramo a realização do I Congresso uma *"iniciativa que apontava no sentido de aprofundamento do trabalho de base e da democratização da entidade (...) teria sido proposta e implementada"* por uma parcela descontente da diretoria. Vejamos o depoimento recolhido por Abramo:

"Eu acho que foi em 1974 que nasceu o novo sindicalismo. No final do ano nós forçamos o Vidal a fazer um Congresso. Foi aí que nasceu a participação. Ele se recusou a abrir o Congresso, foi o Rubens - o vice-presidente - que abriu. Foi aprovado que seria feito um congresso a cada dois anos. O movimento de base mesmo, na minha opinião, nasceu nos congressos. Participavam 300, 350 pessoas. Aproveitava-se no mínimo 100 caras para trabalhar"⁹⁸

⁹⁷T.M., nº 25, 1974, p. 5. De acordo com Silvia M. Manfredi a implantação de cursos de capacitação indicaria "a preocupação com atividades educativas que pudessem ser utilizadas como espaços para atrair e estimular a participação dos trabalhadores em seus sindicatos. (...) O que há de novo nas propostas de encontros, congressos e cursos de capacitação neste período é o surgimento de uma perspectiva de educação nascida da iniciativa dos próprios dirigentes e militantes sindicais, tendo vista as necessidades específicas do próprio movimento". Manfredi, Silvia M. *Educação em Sindicatos*. (Quem Disse Que A Gente Não Sabe?). Dissertação de Doutorado, USP, 1983, p. 98.

⁹⁸Abramo, Laís. Op. Cit.; p. 177. Ainda de acordo com Abramo os participantes do I Congresso não eram delegados eleitos pela base, mas sim trabalhadores voluntariamente inscritos.

Apenas a título de ilustração, na *T.M.* é registrada (com fotos) a presença do "companheiro Luís Inácio da Silva" que presidiu as sessões das conferências. Em novembro o sindicato participou com uma delegação de 11 membros (entre eles Paulo Vidal e Luís Inácio) do VII Congresso dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo (total de 170 participantes). As teses apresentadas pelo sindicato foram aprovadas por unanimidade após prolongada discussão, 1ª tese: *"Conselho de Coordenação e Execução do Trabalho Sindical de Base. (...) as características definidoras de um autêntico sindicalismo estão fundamentalmente subordinadas a execução de trabalho de base, constante e necessário ao levantamento das condições profissionais e sociais de seus representantes, e o conseqüente encaminhamento dos problemas existentes para as devidas soluções."* 2ª tese: *"Representação classista. (...) Seja acrescentado em todos os dispositivos legais, a explícita proibição de acumulação de cargos de direção sindical e representação classista."* 3ª tese: *"Semana de valorização sindical."* 4ª tese: *"Lei Básica e Contratação Coletiva do trabalho"*, e, 5ª tese: *"F.G.T.S. e Rotatividade de mão-de-obra"*.⁹⁹

"Neste setembro, teremos nosso Congresso, aqui em casa". Esta é uma das manchetes estampadas pela *T.M.* nº 36, agosto de 1976. O então Presidente Luís Inácio da Silva na coluna *"Nossa Opinião"* escreve um artigo à respeito da realização do II Congresso dos Metalúrgicos lembrando a experiência positiva que havia sido o I Congresso: *"Os trabalhadores das bases, durante três dias, tiveram a oportunidade de, pela primeira vez, discutir desde os problemas de sua empresa até os de porte nacional, que dizem respeito a toda classe operária brasileira. Cremos que muito aprendemos com aquele Congresso. Em razão disso, a dose precisava ser repetida. (...) Assim, partiremos para a realização do 2º Congresso dos Metalúrgicos das Indústrias Metalúrgicas de São Bernardo do Campo e Diadema, (...). E o que iremos discutir em nosso Congresso, (...) discutiremos Política Salarial, Desenvolvimento Econômico brasileiro, Distribuição Equitativa de Renda e Liberdade para Contratação Coletiva de Trabalho, entre outros"*.

Desse modo, durante três dias cerca de 400 congressistas, representando os companheiros das fábricas, debateram os problemas dos locais de trabalho e os grandes problemas nacionais. Houve até a inesperada visita ao Congresso do então governador Paulo Egidio. A *T.M.* registra o fato e esclarece que o presidente do sindicato, Luís Inácio da Silva, declarou: *"que as direções sindicais de São Bernardo do Campo não são de badalar as autoridades, como fazem outros"*.

⁹⁹*T.M.*, nº 26, 1974, p. 6. Ver IX Congresso dos Trabalhadores Metalúrgicos do Brasil. *Informe-Sindicalismo*. Porto Alegre, 18 a 21 de fevereiro de 1975. Questões levantadas: liberdade sindical sem restrições, reconhecimento das convenções e dos acordos coletivos e direito de greve, "eis aí, o tripé sobre o qual deverá ser exigido o novo Direito Coletivo do Trabalho no Brasil".

*dirigentes. Aqui - frisou Luis - o governador ouvirá verdades duras, como também poderá dizer as suas".*¹⁰⁰ As conclusões do II Congresso incidiram sobre questões pormenorizadas, entre as quais: *"aspectos salariais, horário de trabalho, férias e descanso semanal, garantia de emprego, condições de trabalho, garantias sindicais e assistência aos trabalhadores"*.

Outras iniciativas de mobilização também foram propostas e efetivadas como os debates operários. Em fevereiro de 1977, por iniciativa da diretoria realizou-se com a participação de seis trabalhadores pertencentes a empresas diferentes (Ford do Brasil, Carjac, SAAB-Scania, Brastemp, IGB e Arteb) um debate no sindicato sobre o tema horas extras. *"Qual a razão de se fazer hora extra na fábrica? Seria porque somos acomodados e preferimos, por isso, as soluções mais fáceis para nossos problemas econômicos imediatos? Ou seria porque somos realmente pressionados pelos patrões, mediante ameaças de toda ordem?"*. Ao reproduzir o debate o jornal alcançava um número certamente promissor de leitores interessados (ou que poderiam interessar-se) em uma questão tão polêmica. Fundamentalmente, o debate propiciava a troca de experiências, a aproximação da diretoria com a base e sem dúvida a circulação impressa do tema proposto e o seu respectivo esclarecimento. Segundo o depoimento do *"Companheiro João"*, *"a melhor maneira é a divulgação pelo jornal que é distribuído aos trabalhadores. Ele pode rasgar um exemplar hoje, outro depois, mas amanhã ele vai achar um pedacinho do jornal na hora que vai ao banheiro, e é nessa hora lhe dá uma vontadezinha de ler. Então, escondido, ele encontra uma crítica sobre as horas extras, se interessa pelo assunto, lê com atenção e fica sabendo de alguma coisa. Então, eu acho que a idéia de se trabalhar no jornal a respeito das horas extras é válida"*.¹⁰¹

Outro tema de relevância especial, o desemprego, foi veiculado com referências angustiantes. A *T.M.* (julho de 1977) observou que aqueles operários debatedores dispensados da indústria automobilística, procuravam há mais de dois meses um novo emprego. Entretanto, alguns acharam ocupação, só que os salários oferecidos não correspondiam ao que recebiam no último emprego. *"O fato criou um drama de consciência em cada um dos empregados: como aceitar um rebaixamento de sua condição profissional e, com isso, sujeitar seus dependentes a maiores sacrifícios? (...) a maioria decidiu continuar procurando emprego. mas, no decorrer do debate disseram já estar chegando ao fim de sua capacidade de resistência"*. Os 10 participantes desse debate eram ex-empregados da Ford, Mangels, Volks e Friz-Moldu-Car.

Ao retratarem a intensa rotatividade da mão-de-obra, os salários baixíssimos, o ritmo de produção acelerado, entre outros problemas, os tristes metalúrgicos - no "lugar da luta" -

¹⁰⁰*T.M.*, nº 38, 1976, p. 4.

¹⁰¹*T.M.*, nº 40, 1977, p. 10.

expressavam os desencantos e sofrimentos daqueles que entraram e saíram das "fábricas de automóveis". Como Paulo, ex-funcionário da Volkswagen do Brasil:

*"Eu ajudo meus pais no interior, e agora, desempregado, isso naturalmente vai ser difícil. Além disso, estou em vésperas de casamento, e minha noiva ficou superchateada né. Veja o drama: casamento programado, o cara fica desempregado, e os sonhos se desmoronam. A noiva, é claro, tinha que sentir muito isso".*¹⁰²

Outra iniciativa de aglutinação operária pode ser examinada através do interesse em saber *"Como vive e trabalha a mulher metalúrgica"*. Reproduzindo uma pesquisa iniciada em 1975 por Cida Alves com 48 mulheres metalúrgicas, com filhos, idade variando entre 20 e 40 anos, a *T.M.* (dezembro, 1976) procurava abrir espaço para uma parcela também discriminada no trabalho fabril. Não há dúvida, conquistá-la para o sindicato era o objetivo certo. *"Se acabando entre a condução, a fábrica e a cozinha"*; *"Mulher tem serviço muito leve. Mas não no ritmo de produção. Porque o ritmo de produção é uma loucura"*; *"Também não dá para agüentar fácil aquela produção. No primeiro dia, foi uma choradeira. Menina chorando, com dor aqui, dor ali, botando sangue pelo nariz..."*; *"Sindicato? Não vou não. Nem sei porque. Meu pai sempre insiste, diz que é bom, mas eu não vou. Sei lá, preciso tirar foto, ir lá"*.¹⁰³; essas frases acabavam revelando - mesmo que precariamente - o quanto as metalúrgicas eram inteiramente absorvidas pelo trabalho da fábrica e pelo trabalho doméstico, praticamente não lhes sobrando tempo para o lazer, para estudar ou simplesmente descansar.

Em abril de 1977, a *T.M.* aproveitando a discussão em torno do trabalho noturno da mulher (reservado aos homens), veicula um debate com oito metalúrgicas. Debatendo as condições de trabalho, participaram uma operária mãe e 7 solteiras, entre as quais três estudavam à noite, mas todas com encargos familiares. Os depoimentos prestados reforçavam, uma vez mais, as desigualdades vividas no âmbito fabril e por consequência, nesta sociedade do trabalho:

"A menina era menor e teve a infelicidade de ter uma filha, sabe como é. Por isso, o encarregado deu em cima dela. E ela queria pegar uma máquina para ganhar mais, porque precisava. Não sei se o encarregado conseguiu o que queria, só sei que a menina pegou a máquina"; (...) *"também na minha seção, eu já desmaei umas duas vezes e não me mandaram para casa. Os chefes até ficam rindo, e torcem para que a gente desmaie, para eles carregar"; (...)* *"a união resolve, a união ajuda a resolver esses problemas. Mas as meninas não tem muita consciência."*

¹⁰²*T.M.*, nº 42, 1977, p. 11.

¹⁰³*T.M.*, nº 39, 1976, ps. 9-11. Ver "As Metalúrgicas". Moreno, Rachel. In: *Movimento*, 27/12/1976.

Eu venho sempre ao sindicato. O sindicato já fez alguma coisa na minha seção, (...) Esclareceu nosso direito, e a gente deu duro e conseguiu a compensação para folga. Acho que todas fazendo isso, a gente chega a se defender, a conseguir a proteção".¹⁰⁴

Procurando também elucidar a legislação vigente com relação aos direitos da mulher a *T.M.* publicou algumas matérias específicas no que tange à esse respeito. Por exemplo, pela C.L.T. é vedado à mulher o trabalho noturno, não pode ser empregada em serviços insalubres ou perigosos, a proteção à maternidade, entre outros pontos.

Em dezembro de 1977, a *T.M.* estampa a seguinte manchete: "*Desta vez, elas vão mandar e falar*", estava sendo lançada a idéia da realização do I Congresso da Mulher Metalúrgica. Após os dois congressos para debaterem os problemas da categoria, surge a intenção de abrir espaço para as mulheres metalúrgicas tratarem de sua situação no mercado de trabalho. É importante observar que foi uma iniciativa pioneira da diretoria masculina do sindicato, apesar de não partir das próprias operárias.

Assim, realizou-se nos dias 21 e 28 de janeiro de 1978 um Congresso de Mulheres Metalúrgicas. Das 800 operárias inscritas (10% das quase 8 mil metalúrgicas de São Bernardo e Diadema, à época) participaram somente 300 empregadas de 39 empresas, seja devido à ameaça de dispensa que muitas sofreram ou então porque nos dois sábados (21 e 28) do encontro muitas empresas, no intuito de boicotar a participação de suas operárias, marcaram "compensação" pelo feriado de segunda feira de carnaval. Ou ainda não podemos descartar a falta de interesse ou entusiasmo para participar de um congresso programado pelos diretores sindicais e não pelas próprias metalúrgicas.

Afinal o que representava aquele congresso? De acordo com a diretoria:

"essa realização foi a primeira do gênero no Brasil, (...) que teve como objetivo principal saber como trabalha a operária metalúrgica, e quais as providências a serem tomadas para que a legislação trabalhista (...) seja respeitada pelos patrões. (...) foi um congresso com objetivo de integrar a mulher operária na luta sindical de toda a categoria. (...) A organização da mulher na empresa e sua participação na vida do sindicato devem constituir os próximos passos da categoria metalúrgica, (...) Quando o sindicato pensou na realização de um encontro específico de operárias metalúrgicas (...) já era sua preocupação não confundí-lo com movimento feminista. (...) Nós pretendíamos que o Congresso não tivesse coloração dessa espécie: que

¹⁰⁴*T.M.*, nº 41, 1977, ps. 8-10. Ver "Porque querem alterar a legislação de proteção às mulheres operárias?". *T.M.*, nº 40, 1977, p. 5.

fosse apenas uma iniciativa para integrar a mulher ao movimento trabalhista reforçando a luta dos companheiros homens. (...) O objetivo previsto foi plenamente alcançado: as delegadas do certame, através de sua maneira simples e ingênua de ver as coisas, tão somente revelaram o desejo de integrar-se à luta dos homens. É neste particular, foram sábias e habilidosas, pois logo perceberam que a melhoria das condições de trabalho a que estão submetidas, a discriminação salarial que as castiga e a exploração desmedida de sua força de trabalho só serão modificadas quando o movimento trabalhista for mais vigoroso. E isso só se dará com a participação de todo operariado no plano sindical. Ou seja: dos homens e delas, lado a lado".¹⁰⁵ [os grifos são meus]

Não há como deixar de comentar a fala sindical citada acima enfatizando especialmente a seguinte questão: o discurso sindical e o próprio movimento operário consideram importante a mobilização da "classe" nos seus "lugares" como o sindicato e a fábrica. Fora disso, é "perder tempo" em discussões não objetivas como a questão pública/privada em que as mulheres estão mergulhadas nesta sociedade. Existe tema mais atual ainda que a dupla jornada de trabalho? A "Casa" em enquanto "lugar do trabalho" suscita na maioria das mulheres metalúrgicas, químicas, arquitetas, economistas, faxineiras, historiadoras, não apenas as dificuldades tradicionais (a cozinha, os filhos, a limpeza ...) mas também outras complicações, ser mãe, amante, "ótima dona de casa", e, por aí afora.

Desse modo, a *T.M.* publica amplamente o que de fato interessava: as denúncias sobre as más condições de trabalho, os baixos salários, as pressões de chefias, a discriminação proposital e mau trato moral, enfim, situações difíceis como o controle ao banheiro pela chapinha.

Caberia relacionar algumas das conclusões tiradas naquele I Congresso: "*o rebaixamento geral dos salários pagos, (...) aspectos referentes aos horários, férias, descanso semanal, ausência de garantias de emprego e garantias sindicais; (...) tratamento discriminatório das chefias, exigências vexatórias por parte das empresas no uso dos sanitários, inadequação das creches e dos vestiários, inexistência de locais adequados para as refeições; (...) além da árdua jornada diária na fábrica e desempenho de um sem número de tarefas domésticas; (...) igualdade de remuneração entre o trabalho feminino e masculino, sem discriminação de cor e idade; melhoria das condições gerais de trabalho para todos os operários; creches, escolas-parques; oposição ao trabalho noturno*" entre outras.

¹⁰⁵*T.M.*, nº 45, 1978, p. 8. Ver *T.M.*, nº 44, 1977, ps. 8-10 e o folheto "Companheiras e Companheiros". s.d.

Segundo Elizabeth Lobo o congresso das metalúrgicas de São Bernardo iniciou um ciclo de congressos de mulheres em outros sindicatos de São Paulo entre operárias metalúrgicas, químicas e têxteis, onde de novo aparecem as mesmas denúncias e reivindicações. Mas, de acordo com a autora, comparando as reivindicações com as resoluções dos congressos posteriores dos metalúrgicos,

"vê-se, por exemplo, que o 3º Congresso dos Metalúrgicos de São Bernardo, convocado em outubro de 1978, exclui a voz das operárias: trata-se efetivamente, de solicitar maior força para o sindicato dentro da fábrica, de exigir o direito de intervenção do sindicato contra a arbitrariedade dos chefes, ou seja, de apresentar reivindicações que com certeza colocam o problema da vida cotidiana na fábrica e assim, indiretamente o das operárias, porém nada que explicita a discriminação específica pelas mulheres.

O 1º Congresso Nacional de Metalúrgicos realizado em 1979 retoma a palavra de ordem 'para trabalho igual, salário igual', sem fazer referência às formas de discriminação salarial e 'licença maternidade de seis meses e/ou creches nas empresas, num raio de menos de 500 m'. Finalmente na lista de reivindicações formuladas pelo sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo na campanha salarial de 1981, reencontra-se a solicitação da 'estabilidade de emprego durante o período de gravidez e até 90 dias após a licença obrigatória' ".¹⁰⁶

Ao promover o congresso a diretoria sindical procurava incitar as companheiras não apenas para o debate e o esclarecimento de questões pontuais, sobretudo, afirmava o "lugar da luta" para a discussão desses assuntos. Procurava principalmente apagar certas expressões corriqueiras do dia-a-dia: *"Lugar de mulher de metalúrgico é de dia no tanque e de noite no ferro"; "Lugar da mulher é em casa e que não tem nada que se meter em sindicato ou em política que são assuntos só de homem"*.

Entretanto, não há como não perceber a idéia marcante da "identidade da classe operária". O que supõe a necessidade de integração de homens e mulheres na luta, ou melhor dizendo a integração das companheiras na luta desenvolvida pelos companheiros. A idéia de unidade no conceito da "unidade da classe operária" é traduzida na idéia da "identidade", que não tolera a "diferença". A constatação do sindicato com espaço masculino onde as mulheres não

¹⁰⁶Souza Lobo, Elizabeth e Outros. "Lutas Operárias e Lutas das Operárias em São Bernardo do Campo". *A Classe Operária tem Dois Sexos. Trabalho, Dominação e Resistência*. Op. Cit.; ps. 17-46. Os autores consideram de fundamental importância ressaltar os fatores da rotatividade e da baixa qualificação como obstáculos à sindicalização. As mulheres metalúrgicas se concentram em setores com altas taxas de rotatividade da mão-de-obra, o que supõe concluir que esses fatores incidem de forma mais intensa sobre a sindicalização feminina.

comparecem, revela por exemplo, quando da discussão do trabalho noturno o nítido caráter "maternal" da questão. Ora, afinal estamos cansados de ouvir - a parte as considerações da exploração vividas nas fábricas, por ambos os sexos - o terrível discurso das "obrigações do lar" ou os "deveres de toda boa mãe" na família cristã. Ou seja, o espaço masculino sustenta-se pelo próprio imaginário existente na sociedade que se articula pelo duplo movimento discriminação-diferença. O trabalho noturno suscita esse duplo movimento a exploração na fábrica e a jornada de trabalho no "lar". Ser operária e a "santa mãe" indicam a multiplicidade das questões que podem ser levantadas pelas mulheres e que extrapolam o universo do movimento sindical, preso à lógica da "identidade operária". Ainda com relação ao fato das mulheres não freqüentarem o sindicato, uma das várias razões alegadas é a famosa dupla jornada de trabalho assim como a discriminação social existente: *"mulher que vai ao sindicato, tá é procurando homem"; "mulher no sindicato, só pode ser prostituta!"*.

Essas considerações fazem-me recordar uma música incluída no L.P. *Meus Caros Amigos*, de Chico Buarque (Philips - 1976) "Mulheres de Atenas", que esclarece fatos e situações tão dramáticas do cotidiano:

*"Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Geram por seus maridos
Os novos filhos de Atenas
Elas não têm gosto ou vontade
Nem defeito nem qualidade
Têm medo apenas
Não têm sonhos, só têm presságios".*

(C. Buarque e A. Boal)

2. "NOTÍCIAS DAS FÁBRICAS".

"VERDADEIRAS FÁBRICAS DE LOUCOS".

Em julho de 1971, a *T.M.* anuncia a criação no seu departamento jurídico de um setor especializado em acidentes do trabalho, onde os associados possam obter todas as informações necessárias a respeito de acidentes do trabalho e moléstias profissionais, bem como acionar todos os casos que se tornarem necessários. Concomitantemente, institui duas colunas: "*Legislação trabalhista*" e "*Notícias das Fábricas*". Nesse sentido, a primeira matéria veiculada na coluna "*Legislação*" é a lei de acidentes (Lei 5.316 de 1967), as dúvidas e a falta de informações dos trabalhadores sobre a mesma.

Ao folhearem as páginas da *T.M.*, os operários encontravam não só a orientação sobre o modo de usarem as leis existentes na defesa de seus interesses, mas também o acompanhamento de processos contra as empresas. A diretoria do sindicato apostava novamente nos trâmites legais. A possível eficácia desse procedimento que juntamente com as campanhas salariais, com os congressos e com a sindicalização tornar-se-iam elementos preponderantes na instituição do "lugar da luta": o sindicato. Sobretudo, esse recurso de orientação e defesa legal acionava na fala sindical outro "lugar da luta": a fábrica.

O investimento no campo das causas laborais levados à Justiça do Trabalho tentava estabelecer uma referência positiva para a categoria. ("Um sindicato de briga"). Um exemplo desse intuito pode ser verificado num processo requerendo da Ford o pagamento de um adicional de insalubridade. Em 1967 os operários de uma seção de tratamento térmico reclamaram das condições de calor, fumaça, barulho e outros fatores agressivos daquela seção. O sindicato levou as queixas até a direção da empresa visando alterações nesse ambiente. Não tendo obtido nenhum resultado entrou na Justiça do Trabalho solicitando o pagamento pela empresa do adicional de insalubridade. A ação judicial produziu seus primeiros efeitos quando a Ford efetuou reformas na seção. A empresa recorreu e as tramitações se estenderam até 1972. Só então terminou a causa com a vitória da posição assumida pelo sindicato: "*todas as vezes que os trabalhadores, lado a lado com o seu sindicato, se unirem e promoverem uma luta ordenada, o resultado será sempre este: vitória*".

Serão inúmeros os processos contra as empresas promovidos pelo sindicato na ânsia de defesa e mobilização dos trabalhadores pelos seus direitos. Em 1965, o Sindicato patrocinou um processo para obrigar a Volkswagen a pagar adicional de insalubridade aos empregados da fundição. Apesar de todos os esforços da Volks para negar o pagamento a que os trabalhadores

tinham direito, o processo foi ganho. Em 1966 a Willys (posteriormente, Ford) descontou 4 dias nas férias dos seus empregados. Dois processos coletivos foram abertos. Em 1971, o sindicato se dirige à Villares procurando a eliminação de agentes insalubres na seção de fundição da fábrica e enquanto não se obtinha tal objetivo, era requerido o adicional de insalubridade. Em 1972 é denunciada a metalúrgica Carfriz que mudara o horário de trabalho com um turno até às 22h 30, embora só registrasse como se fosse até às 22h, como medida para não pagar o adicional noturno. A Bombas-Weise é denunciada por colocar seus operários ante a alternativa de serem demitidos ou aceitarem salários mais baixos.

Ainda em 1972, o sindicato comemora nova vitória, desta vez contra a Volkswagen: o Tribunal decidira pela justeza da posição defendida pelo sindicato no sentido de que a empresa deveria depositar o dinheiro correspondente ao fundo de garantia sobre as horas extras trabalhadas, em atraso desde 1967. Contra a Brastemp e a Arteb, o sindicato move ação pela incorporação das horas extras no 13^º salário e na remuneração das férias. Processos por insalubridade são movidos contra a Autometal, a Fris-Moldu-Car, a Seimec, a Ferropeças Villares. No seu número de dezembro de 1972, a *T.M.* traz outra denúncia contra a Ford: a introdução de um novo turno de trabalho começando às 2h 30 da madrugada e terminando ao meio dia. O jornal expõe as conseqüências de tal medida para a vida do trabalhador que com tal jornada, *"não dispõe nem do dia, nem da noite, criando-se um sistema que torna impossível qualquer adaptação, seja do ponto de vista fisiológico, seja do ponto de vista social"*.¹⁰⁷

Procurada pelos trabalhadores da Ford, atingidos pela medida considerada arbitrária e desumana, a diretoria sindical convocava os demais que quisessem resistir a essa ordem, promovendo as medidas que se faziam necessárias, inclusive as judiciais.

Como observei anteriormente a utilização das vias legais, os processos contra as empresas incluía o devido esclarecimento aos metalúrgicos sobre a legislação trabalhista. Nesse sentido, a coluna veiculava entre outros pontos: os benefícios da Previdência Social (Auxílio-Doença, Aposentadoria), os direitos dos trabalhadores que foram vítimas de acidentes do trabalho - aliás esse tema mereceu referência praticamente em todos os números do jornal - requisitando o próprio *João Ferrador* para destacar o significado preciso da existência do famigerado acidente do trabalho. O que significava insalubridade?, faltas justificadas e as férias, pensão por morte, a carteira profissional, horas extras - no fundo, nas férias e no 13^º salário, o prejuízo que sofrem os operários (outra questão que mereceu destaque especial em vários números do jornal), pedido de

¹⁰⁷*T.M.*, n^º 14, 1972, p. 8.

demissão e férias proporcionais, dissídios coletivos, as CIPAS, enfim, um rol de proposições discutidas exaustivamente pela diretoria sindical.

Através da coluna "Legislação" percebe-se a movimentação de dois enunciados importantes da fala sindical: o sindicato e a fábrica. Ou seja, a orientação e a defesa dos direitos dos trabalhadores pelo sindicato e a massacrante realidade vivida nas fábricas. O artigo "O desafio das horas extras", do dr. Maurício Soares de Almeida, tenta de certo modo caracterizar o significado desses dois "espaços":

"um empregado de nossa indústria automobilística (...) já trabalha nove horas e meia por dia para compensar o sábado. Entretanto, quase sempre é exigido para duas ou mais horas extras. Fazendo as contas, nós vamos verificar que o empregado fica mais ou menos quinze horas fora de casa, assim distribuídas: - 9,5 horas normais, 2 horas extras, 1 hora de refeição, e 3 horas de trajeto entre a casa e fábrica e vice-versa. (...) Um homem, submetido a estas condições, em poucos anos perde a saúde física, o equilíbrio psíquico e social. Torna-se um marginalizado, freqüentador das filas do INPS. (...) Nossa luta deve ser no sentido de obter um salário digno pelas oito horas de serviço e não voltarmos ao tempo da escravidão, (...) Não podemos vender nossa vida e nossa saúde. (...) O sindicato está levantando uma bandeira de luta: Vamos acabar com as horas extras. É preciso que o Poder Público e as empresas proporcionem meios e condições para que possamos viver dignamente, (...)".¹⁰⁸

Os esclarecimentos legais salientavam na fala sindical os dois "lugares da luta", isto é, a linguagem oposicionista utilizada pelas lideranças de São Bernardo tentava estimular a mobilização da categoria nesses "lugares". De acordo com a T.M.:

"Caso você tenha alguma dúvida (...) procure o sindicato. Ele é seu. Por exemplo, 'reclame sempre contra as burlas trabalhistas': '- Existe higiene e segurança no seu local de trabalho?'; '- A sua empresa fornece equipamentos de segurança, gratuitamente, tais como: luvas, capacetes, óculos, sapatos, aventais? E você utiliza estes equipamentos?'; '- Você tem armário individual, banheiro, chuveiro, em condições de uso?'; 'Você sabe apontar quais as causas dos acidentes que ocorrem em seu local de trabalho?'; '- Você faz hora extra? Porque? (...) A empresa paga corretamente a hora extra, o adicional noturno, o adicional de insalubridade ou periculosidade?'; '- Você conhece qual a importância do descanso semanal e das férias anuais?".¹⁰⁹

¹⁰⁸T.M., nº 17, 1973, p. 2.

¹⁰⁹T.M., nº 35, 1976, p. 2.

Serão várias as matérias preocupadas em difundir o departamento jurídico do sindicato. Em 1972, encontramos quatro membros da diretoria envolvidos naquele departamento assim como três advogados que prestavam assistência jurídica. Isto sem mencionar a criação, posteriormente, de um Departamento de Assistência Previdenciária, objetivando facilitar aos trabalhadores e seus dependentes a obtenção de quaisquer benefícios ou serviços a que tivessem direito.

A ênfase colocada no departamento jurídico é contundente:

*"ele é o pulmão da entidade. É através dele que o sindicato, tem levado à solução todos os problemas dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. (...) Os contatos diretos com os trabalhadores, de todas as camadas e com os mais diferentes tipos de problema, tem sido a melhor escola para desenvolver os conhecimentos necessários e criar as doutrinas jurídicas compatíveis com as reais necessidades da classe trabalhadora. (...) Em última análise, este departamento é o braço direito dos trabalhadores metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema".*¹¹⁰

Para se ter uma idéia de tal "magnitude" do departamento jurídico, em julho de 1975 é anunciada ("considerando as necessidades dos associados e a crescente demanda de serviços jurídicos" da entidade) a ampliação do mesmo, com a contratação de mais três advogados: dr. Almir Pazzianotto Pinto - para assessorar a diretoria, especialmente quanto às questões ligadas às convenções e dissídios coletivos, dr. Nelson Mannrich e dr. Odilon Soares de Oliveira.

Dando total cobertura às suas próprias atitudes, a diretoria sindical fazia questão da orientação e esclarecimento aos trabalhadores metalúrgicos da real situação das fábricas. Os artigos de denúncia das empresas que burlavam a legislação eram cada vez mais freqüentes. Entre os colaboradores mais destacados no jornal pode-se ressaltar o dr. Antônio Possidonio Sampaio, que procurava insistentemente chamar a atenção para a questão dos acidentes do trabalho. Aliás, é exatamente através da experiência ocorrida no departamento jurídico com inúmeros casos problemáticos, que o dr. Antônio publicou o livro *A Capital do Automóvel* onde recolheu vários depoimentos importantes. Relatos sofridos como o de J. Alves:

"Comecei na Ford, quando ela se instalou em São Bernardo. Naquele tempo se chamava Willys Overland do Brasil. (...) Entrei como ajudante e fazia o serviço de peão. (...) Em abril de 68, entrei na Mercedes-Benz, como operador de máquinas praticante. Trabalhei só um ano com os alemães, porque logo porque um outro inimigo começou a me infernizar a vida. Eu lidava com óleo de corte e querosene, que me causavam uma

¹¹⁰T.M., nº 22, 1974, p. 4.

alergia que só o senhor vendo. Brotavam aqueles carocinhos em todo o corpo e não havia vivente que agüentasse. (...)

E veio a Volkswagen. (...) Ingressei no dia 13 de abril de 1971, como prático I; (...) Comecei com Cr\$ 1,78 por hora e quando sai, em 14 de junho de 1976, era operador de produção, com Cr\$ 13,34 por hora na carteira. (...) Por que sai? Ah, sai não, moço. Me mandaram embora mesmo. Quem trabalha no setor automobilístico em São Bernardo do Campo, depois de certo tempo, não pode se dar ao luxo de pedir a conta não. Sujeito trabalhou na Ford, na Mercedes e na Volks, o que mais pode esperar da vida? É uma sina. Quando a gente começa, novinho, com aquela bruta vontade de se aprumar na vida, o trabalho é sopa. Nego faz horas extras, dá duro no serviço, se esforça o quanto pode, mas chega um dia que o facão baixa sem dó nem piedade. (...) Pois é, eu tava dando aquele duro na Volks, enfrentando o triste do revezamento, uma quinzena trabalhando à noite, outro de dia, sem contar as extras, com todos aqueles desarranjos intestinais que essas mudanças de horário causam na gente, sofrendo do estômago, mas me esforçando, quando sofri aquele acidente que acabou mudando minha vida.

Naquela época, os homens tavam com uma fome de produção que a peñozada não tinha tempo nem de ir ao banheiro. Os chefes só ali em volta da gente exigindo produção, a linha sem parar um minuto; líder, feitor, mestre, supervisor, todo mundo louco querendo mais e mais produção e a gente se enlouquecendo sem tempo para nada, só produzindo sem tempo para pensar. Foi assim que um dia, naquela loucura, me abaixei para pegar uma peça que pesava umas quatro arrobas, sofri um estalo na coluna e não fui homem pra mais nada. Me queixei ao líder. Nem deu bola. Reclamei ao capa amarela, também não ligou. Sorte que logo veio a hora do almoço, se não eu sei o que seria de mim. Depois do almoço, me mandaram para enfermaria. Lá o médico me receitou umas pilulas e me mandou pro INPS, onde fiquei trinta dias. (...) E quando voltei, sem estar curado, me puseram no olho da rua. (...)

O senhor vê, com quarenta e dois anos tô um homem inválido, sem emprego, com cinco bocas em casa pra comer, a mulher doente, cobradores todos os dias na minha porta. Não sei o que fazer com minha vida".¹¹¹

São histórias como essas que serão desfiadas com todos os seus detalhes pelo dr. Antônio Sampaio, que procurou escutar o "Dono da Voz". Pessoas como o Germano, que reclamava das "fábricas insalubres", o Anselmo, o Januário, o Onofre, o Zózimo, que teve o seu braço direito esmigalhado pela prensa, o Luizinho, a Marina, a Miriam. Esses percalços da vida operária serão amplamente divulgados, não apenas na coluna "Legislação" que buscava denunciar as empresas e

¹¹¹Sampaio, Antônio Possidônio. *A Capital do Automóvel*. (Na voz dos operários). São Paulo, Ed. Populares, 1979, ps. 49-54.

orientar os trabalhadores. Concomitantemente, a coluna "*Notícias das Fábricas*" agia também nesse sentido. Ou seja, as duas colunas veiculavam conjuntamente questões fundamentais como: a perda salarial, a organização e a disciplina fabril, as condições ambientais de trabalho, a rotatividade no emprego, o contrato individual de trabalho, a intensificação dos ritmos e extensão da jornada de trabalho (as horas-extras), os acidentes de trabalho, o estado permanente de insegurança dos trabalhadores, etc.

A publicação da coluna "*Notícias*" no nº 1 da *T.M.* expõe uma situação aflitiva do significado da "*fábrica moderna*": "*Volkswagen: insalubridade; Willys: um inferno para a saúde e a vida dos que ali trabalham. O calor era demasiado, havia fumaça e ruído; Farini: excesso de calor e ruído infernal*". Sobretudo, pode-se observar o cruzamento de duas falas imagéticas: a do sofrimento e a da reação. Isto é, a construção do espaço de luta "*fábrica*" no discurso sindical, estabelece duas vias: as imagens do sofrimento e as imagens da reação legal (os esclarecimentos e os processos, como observei anteriormente).

Para se ter uma idéia do modo como era encarada a fábrica nos anos de 1971 a 1978, as referências mais constantes eram relativas ao: "*calor excessivo, fumaça, gases e poeira, ruídos. (...) as doenças incuráveis, o desafio das horas extras, a comida intragável de várias empresas, como a da Mercedes-Benz. (...) o cotidiano de ameaças, abusos, pagamento irregular, falta de condução e transporte, perseguições, coações ...*". O que se pode perceber no discurso sindical é a tentativa de apresentação de um lugar que em todos os seus aspectos lembra simplesmente o "*inferninho*".

A coluna "*Notícias das Fábricas*", editada inicialmente por Paulo Vidal Neto, procurava ao retratar e denunciar simultaneamente os vários "*inferninhos*" como a Ford, a Chrysler, a Brastemp, a Polimatic, a Arteb e tantas outras empresas, aproximar-se da categoria. Aliás, essa aproximação estabelece os dois enunciados de luta: o sindicato e a fábrica. Por isso, a visibilidade da fábrica na fala sindical significa: "*Se você não se interessa em defender o que é seu quem é que vai defendê-lo? O sindicato está à disposição, mas a iniciativa pertence a você*".¹¹²

Nesse momento, poderia-se tentar imaginar de que modo as colunas do jornal estavam evidenciadas no decorrer dos anos 70. Isto é, procurar resgatar ao leitor a maneira como aquelas imagens eram formadas, colocadas e animadas. Ora, ao produzir o "*Bilhete do João Ferrador*", "*Nossa Opinião*", o "*Repórter Metalúrgico*", a "*Legislação trabalhista*" e as "*Notícias das Fábricas*" a linguagem sindical buscava suscitar emoções fortes nos metalúrgicos. O cotidiano desses trabalhadores (custo de vida, política salarial, desemprego, os problemas para a aquisição

¹¹²*T.M.*, nº 21, 1974, p. 8.

da casa própria, as questões políticas, econômicas, sociais e culturais do país, o autoritarismo nas fábricas, etc.) movimentava uma série de temas polêmicos no jornal. Fundamentalmente, pode-se afirmar que o intuito, ainda que superficialmente, era o de fabricar enunciados e imagens dinâmicas. A tal ponto que pudessem "mexer" politicamente com a categoria.

Seguindo esse raciocínio, o empenho em aproximar-se dos metalúrgicos alcançou níveis de esforço surpreendentes naqueles anos. Em 1975 por exemplo, como fruto do I Congresso realizado em setembro de 74, a diretoria constituiu o Conselho de Coordenação e Execução do Trabalho de Base (C.C.T.B.). Esse Conselho, formado por quatro diretores do sindicato, teria como objetivo ser o elo entre os trabalhadores e seu órgão de classe. A intenção prevista era de que diariamente seus membros estivessem em permanente contato nas portas das empresas: *"levantando os problemas e encaminhando-os às soluções como também orientando os trabalhadores na busca da conscientização e união de classe, em torno da defesa dos seus interesses"*.

A proposta deste Conselho havia sido apresentada no VII Congresso dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo, realizado no final de 1974, e anunciada à categoria como uma instância institucionalizada da diretoria logo após a posse da chapa eleita em fevereiro de 1975. Os quatro diretores que passam a compor o conselho serão também os responsáveis pela seção do jornal intitulada *"Notícias das Fábricas"*. Quando observei anteriormente a importância da linguagem utilizada no jornal, vem à minha mente emoções fortes. Em que sentido, vocês poderiam indagar? O sentido do abuso. Ao fabricar uma linguagem marcada simultaneamente por enunciados e imagens as lideranças sindicais tentavam mobilizar a própria categoria. Quem sabe o jornal não poderia estabelecer esse elo de proximidade?! O abuso caminha em duas vias convergentes: o trabalho de base no sindicato e na fábrica realizado pelas diretorias e a veiculação da *T.M.*, que em alguns momentos da história operária era o único caminho de mobilização sindical.

O procedimento do abuso esteve presente nas várias colunas do jornal. Vale recordar o *João Ferrador*. Nesse sentido, cada vez mais a linguagem assumia o sentido do abuso sendo incisiva, irônica e debochada. Se o universo da fábrica aparecia enquanto enunciado e imagem do *"lugar da luta"*, por isso mesmo as denúncias sucederiam-se em uma proporção espantosa. Empresas como a Ingepal, a Metagal, a Brasitalia, a Autometal, a Borg-Warner, a Carfriz, entre as várias da região, eram freqüentemente cobradas pelo sindicato. Problemas como horas-extras, falta de refeitório, sanitários e vestuários péssimos, os menores e mulheres com jornadas excessivas, a falta de equipamentos de segurança, enfim, qualquer irregularidade no ambiente de trabalho era publicada. E ainda mais, a partir de novembro de 1975 a coluna ganha um desenho novo ao lado das maquetes das fábricas enfumaçadas, está o *João Ferrador* raivoso com papel e

lápiz anotando as denúncias.

Há que se ressaltar com relação às notícias das fábricas a falta do cumprimento legal e as agruras dos trabalhadores, submetidos a infinitas arbitrariedades corriqueiras nos anos 70. As pesquisas de J. Humphrey e L. Abramo¹¹³ evidenciam por exemplo, as queixas dos operários a respeito da obrigação que tinham de fazer horas extras. Em muitos casos o compromisso de trabalhar em horas extras era condição para admissão, sendo a negativa motivo de dispensa. O clima vivido dentro das fábricas não era dos mais favoráveis, afetando os próprios diretores de base. Assim, de acordo com L. Abramo o trabalho desses diretores enfrentavam barreiras incríveis: *"sua própria inexperiência, a desconfiança geral dos trabalhadores, o clima repressivo existente no interior das empresas"*. O trabalho sindical no interior das fábricas *"consistia basicamente em promover a sindicalização (à qual procuravam dar um caráter menos assistencialista e mais de compromisso com a entidade: 'nem que fizesse só um por dia, mas fazia consciente') e a distribuição do material do Sindicato, assim como em intervir, apoiar e incentivar as ações de resistência surgidas entre os trabalhadores"*.¹¹⁴

Através de uma carta anônima, publicada pelo jornal em março de 1976, o universo fabril pode ser recuperado em detalhes sombrios. O peculiar nesse aspecto é o modo como a fala sindical de atenção às fábricas institui esse espaço - sofrimento e reação:

"Recebemos pelo correio a carta que abaixo reproduzimos. Ela parece ser endereçada ao diretor da Perkins, por nosso intermédio. (...) O caso da Perkins que vimos tratado com tanta angústia na carta em questão, não é isolado. O fato vem ocorrendo com frequência alarmante em grande número de nossas indústrias. Elas estão escravizando os trabalhadores, ofendendo sua dignidade e acabando com sua saúde física e mental. Verdadeiras fábricas de loucos, fornecedores de clientes para as intermináveis filas do INPS. Ao publicar esta carta; fazemo-la com tristeza e queríamos deixar duas perguntas: 1) para que valem nossas leis? 2) O que está fazendo a fiscalização do trabalho?"

A CARTA

Em primeiro lugar quero pedir desculpas ao senhor por escrever uma carta anônima. Sei que seria muito melhor a gente conversar pessoalmente. Acontece que falei com vários colegas da minha intenção em conversar com o senhor e eles acharam que chegar até o gabinete do senhor seria impossível. Há muitas barreiras para chegar até lá. Então como eu sou sócio do sindicato de São Bernardo, resolvi pedir a ajuda deles para que fosse o meu intermediário na minha exposição. (...)

¹¹³Ver Abramo, Laís. Op. Cit.; ps. 40-133; ps. 139-215; e Humphrey, J. *Fazendo o "Milagre"*. Op. Cit.; ps. 61-128.

¹¹⁴Abramo, Laís. Op. Cit.; p. 127.

Faz mais de 5 anos que eu trabalho na Perkins. (...) Já faz algum tempo que eu e muitos de meus colegas andamos muito insatisfeitos com o tratamento que temos recebido por parte da nossa mestria. Parece que eles já perderam a noção do que é um ser humano. Em primeiro lugar eles exigem de nós muitas horas extras. Já faz muito tempo que trabalhamos 11,30h por dia, além de não termos livres os sábados e os domingos. A gente é obrigado a dar mil desculpas, inventar não sei quantas doenças na família para poder passar um domingo com a esposa e com os filhos. (...) O senhor precisa ver a nossa angústia quando chega a sexta-feira e que o mestre vem pedir para a gente trabalhar o sábado e o domingo. (...) E quando a gente fica esgotado e vai para o INPS, na volta eles mandam a gente embora. (...) Quando a gente começa a negar em fazer horas extras sobretudo no sábado e domingo, os mestres ameaçam cortar o aumento de salário que a gente tem direito, dizendo ainda que a gente não colabora. (...) É doloroso ver tanta gente irritada e nervosa na fábrica por causa do esgotamento".¹¹⁵

Em julho de 1976, ao estampar a chamada "*Vinte Anos da Indústria Automobilística*", a T.M. enfatizava adiante "*O lucro das horas extras, os acidentes e as doenças*". Ernesto Ferrari e Thomas Zolotoreff avaliavam o grau de desgaste do trabalhador metalúrgico: martirizado, angustiado e arrebatado. Para Ernesto, que sofrera um deslocamento da coluna na Mercedes-Benz (em consequência disso ele fora retirado da linha de produção e enviado ao escritório, "*por uma consideração da chefia*"), ou para Thomas, operador de máquina da Volkswagen, que sentia que as condições de trabalho estavam influenciando em seu sistema nervoso, as imagens marcantes do sofrimento desvelavam sempre uma fábrica "*insuportável*".

O relato de José Carlos Aguiar Brito em *A Tomada da Ford* carrega exatamente essas preocupações:

"As fábricas, (...) procuram mostrar uma imagem bonita por fora. Edifícios modernos e bem organizados, jardins, vidraças na fachada, o nome em grandes letras, etc. (...) Tudo isso apenas encobre algo que lembra um campo de concentração, de um trabalho quase obrigatório. Tudo dentro da fábrica está organizado para tirar o máximo do operário às custas de um desgaste físico insuportável, poluição, barulho e ritmo incansável de trabalho que deixa a pessoa humana despossuída de todas as reservas físicas, mentais e morais. Isso em nome de uma produção cada vez maior e um salário que apenas e mal dá para repor as mínimas energias para continuar produzindo. Quando o físico e a mente estão esgotados; quando o operário já adquiriu o suficiente número de doenças industriais incuráveis; quando vai ficando só o bagaço, então vem a substituição por um operário novo

¹¹⁵T.M., nº 33, 1976, p. 8.

que entregará suas melhores energias que ficarão cristalizadas nos carros bonitos, produtos de seu suor, que percorrem e engarrafam as ruas das cidades, num ritmo louco de produção e consumismo muitas vezes inútil. (...)

Tudo dentro da fábrica está organizado para produzir mais.

(...) No final vem a loucura e a doença. Na Volkswagen antes de mandarem 13 mil embora, fizeram-se exames médicos (6 exames por pessoa) para selecionar os mais doentes, os mais velhos, os mais acabados".¹¹⁶

Esse tipo de depoimento, facilmente encontrado no jornal, tornar-se-ia freqüente em algumas pesquisas sobre as condições de trabalho nas fábricas nos anos 70. Se traçarmos uma analogia entre as duas colunas do jornal e os trabalhos acadêmicos como o de L. Rainho, J. Humphrey, L. Abramo, S. Bava, H. Faria, J. S. Gonçalves e M. Inês Rosa¹¹⁷, observaremos inúmeras imagens conexas umas às outras, ou dito de outra maneira, as imagens do massacre mental dos trabalhadores.

Nesse particular, ao procurar evidenciar o espaço fabril nos anos 70, as imagens produzidas pelos pesquisadores acabam dissecando o terrível sofrimento dos metalúrgicos paulistas submetidos as mais diversas arbitrariedades. Sem dúvida alguns trabalhos que mesmo distintos teoricamente, são marcados pela visibilidade da fábrica enquanto espaço de poder. Esse "lugar do poder" é descrito exemplarmente no artigo "*Ambiente da Volkswagen*" da T.M., em que se destaca o massacre do ritmo de produção, a exigência de prestação de horas extras, a dureza das chefias e o clima de absoluto terror e descrédito entre os trabalhadores. No entanto, a diretoria

¹¹⁶ Brito, José Carlos A. *A Tomada da Ford*. Petrópolis, Vozes, 1983, ps. 27-31. O autor metalúrgico atuou consideravelmente na movimentação sindical nos anos 70, sendo demitido pela Ford em 1981, 3 dias antes da tomada da fábrica. Em 1983, era membro da diretoria da Associação de Compras Comunitárias do Estado de São Paulo, da qual participou da fundação. Essa associação de trabalhadores e desempregados visava "auto-organização" do abastecimento alimentar e o combate aos problemas que afligem os oprimidos

¹¹⁷ Rainho, L. F. *Os Peões do Grande ABC*. Op. Cit.; Humphrey, J. *Fazendo o "Milagre"*. Op. Cit.; Abramo, Laís, Op. Cit.; Bava, Silvio C. *Práticas Cotidianas e Movimentos Sociais*. Op. Cit.; Faria, Hamilton. *A Experiência Operária nos Anos de Resistência. A Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo e a Dinâmica do Movimento Operário (1964-1978)*. Dissertação de Mestrado, PUC, 1986; Gonçalves, José Sérgio R. C. *Mão de Obra e Condições de Trabalho na Indústria Automobilística do Brasil*. São Paulo, Hucitec, 1985; e, Rosa, Maria Inês. *A Indústria Brasileira na Década de 60: As Transformações nas Relações de Trabalho e a Estabilidade*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1982.

sindical buscava semear a reação:

"1. - A Volkswagen tem uma verdadeira máquina que pode ser usada contra você; chefias, puxa-sacos, advogados, assistentes sociais, o pessoal de segurança, etc., etc.. E você o que tem?

2. - Você tem que se cuidar. Não dê chance para a firma pegar no seu pé. (...) Se você tiver alguma dívida, procure o sindicato. Informe-se. Não entre em fria.

3. - Se você está sendo perseguido pela chefia, cuidado! Arrume duas ou três testemunhas que possam provar essa perseguição. Não abaixe a produção, porque isso é exatamente o que o chefe está esperando para punir você;

4. - Se você for chamado ao setor de segurança lembre-se que tudo que for falado vai ser usado contra você. Exija a presença do sindicato ou de testemunhas. Não caia na ratoeira. Não tenha medo, porque você não é marginal;

5. - Se o chefe dá aumento para o seu colega que faz o mesmo serviço, não perca a paciência. Não deixe de trabalhar. Fale com a empresa e se não resolver venha ao sindicato para abrir um processo de equiparação. Lembre-se que abaixar a produção só prejudica você no processo;

6. - Se você começar a receber punições, não fique quieto. Venha ao sindicato receber esclarecimentos. Se você quer sair da firma, não caia na besteira de pedir para ser mandado embora. A resposta vai ser sempre essa: ou pede a conta ou saia sem direito.

7. - E, sobretudo, sejam unidos. Que não falte testemunhas para nenhum operário. denunciem ao sindicato as irregularidades".¹¹⁸

O jornal *T.M.* ao estampar as denúncias (encampadas também pelos próprios trabalhadores) sobre as fábricas, estabeleceu concomitantemente uma coluna de *"estórias do cotidiano"*. Escrita por vários colaboradores a tônica ressaltava novamente as imagens sombrias daqueles *"lugares"*. Pequenas crônicas sobre os sonhos de José, as horas extras de Raimundo, ou a mancada de um apertador de parafusos que sentiu *"necessidade de apertar aquelas porcas"*. Ou seja, os vigorosos dedos daquele trabalhador apertaram os mamilos de sua mulher até sangrarem. Enquanto o sindicato era o lugar dos trabalhadores, imagem positiva, a fábrica representava também esse *"lugar da luta"* mas também do sofrimento, do lado sombrio das doenças.

Ao denunciar a fábrica enquanto lugar de baixos salários, de constantes horas-extras, de frequentes mudanças de turnos, de padronização, de cansaço, de uma multiplicidade de tarefas no interior da empresa, de desqualificação, de parcelarização, de controle do tempo, de falta de liberdade, entre outros pontos, a diretoria sindical estimulava as ações de resistência dentro das

¹¹⁸*T.M.*, nº 36, 1976, p. 8.

fábricas. Procurava também acioná-las nas campanhas salariais e na Justiça do Trabalho. Simultaneamente, construía uma imagem ("*O homem do macacão*") e um discurso de identidade operária.

O que temos a considerar como um elemento importante é o fato de que as reações individuais ou coletivas dos trabalhadores, sempre que bem sucedidas, eram fonte de satisfação e de reforço dos laços de solidariedade e cumplicidade do grupo. Fonte da imagem e do discurso para os dirigentes sindicais. O que poderíamos dizer do significado da palavra companheiro, se não levarmos em consideração os laços de amizade, de força operária, de identidade de interesses que serão representados em imagem e discurso? E que às vezes fazem parte concomitantemente de um mesmo movimento.

Seguindo esse viés, o trabalho de Laís Abramo toca justamente nessa questão: o discurso sindical da identidade do trabalhador metalúrgico. Identidade associada ao valor do trabalho fabril. Ou seja, a necessidade de conscientização e de organização está intimamente ligada à concepção sustentada pelos dirigentes sindicais da "*criação*" da identidade da própria categoria, para uma efetiva mobilização. Evidentemente, isto está relacionado com o primeiro momento do que poderíamos denominar a identidade específica do "*homem de macacão*" e que posteriormente desenvolveria-se para a famosa identidade coletiva da classe operária.¹¹⁹

Nesse aspecto, ao examinar algumas pesquisas acadêmicas de considerável reputação é possível encontrar pontos de contato no trato com a questão. Ora, os pioneiros estudos de J. Brandão Lopes e de Leôncio Martins Rodrigues¹²⁰, convergem para uma mesma temática teórica, isto é, "*a determinação estrutural entre a origem e a consciência de classe*". Os trabalhadores originários da lavoura e do comércio de pequenas comunidades no interior e mesmo os trabalhadores qualificados urbanos, têm dificuldades de "*integração*" na classe. O que impede a formação de uma visão do mundo "obreirista" e a participação nas atividades das associações operárias. Desse modo, a questão da identidade da categoria, e, da própria classe operária é rejeitada em função de "*interesses pessoais*" como "*ajustamento à indústria*", e/ou, as aspirações de ascensão profissional.

¹¹⁹Ver "O Discurso da Dignidade". In: Abramo, Laís. Op. Cit.; ps. 145-54; e, "A criação da Identidade". In: Batalha, Cláudio Henrique de Moraes. "A Identidade da Classe Operária do Brasil (1880-1920): Atipicidade ou legitimidade?". *Revista Brasileira de História, Política e Cultura*, nº 23/24, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, Set. 81/Ago 92.

¹²⁰Lopes, Juarez Rubens Brandão. "O Ajustamento do Trabalhador à Indústria: Mobilização Social e Motivação". *Sociedade Industrial do Brasil*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1974, ps. 22-95; Rodrigues, Leôncio M. *Conflito Industrial e Sindicalismo no Brasil*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966; *Industrialização e Atitudes Operárias*. Op. Cit.. Consulte também Vianna, Luís W. "Estudos sobre Sindicalismo e Movimento Operário: Resenha de Algumas Tendências". *Dados*, nº 17, Rio de Janeiro, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1978.

Trilhando o caminho da "unidade" encontro Maria Herminia T. de Almeida que no artigo *"O sindicato no Brasil: novos problemas, velhas estruturas."*, (1975), apontava sua preocupação no sentido do corporativismo dos metalúrgicos de São Bernardo. Argumentando nessa via, a autora enfatizava *"uma forma de ação típica de um sindicalismo de negócios ao estilo norte americano: combativo no plano da luta econômica, mas reivindicando um certo 'apoliticismo'; solidamente plantado na empresa, mas desinteressado dos destinos do resto das categorias operárias; capaz de chegar ao enfrentamento com a direção empresarial, mas adaptado a um padrão de desenvolvimento capitalista que reproduz desigualdades, diversifica interesses e torna possível a fragmentação do proletariado"*. Entretanto, em 1978, no artigo *"Desarrollo capitalista y Acción Sindical (A Propósito de la Experiencia de los Metalúrgicos de San Bernardo del Campo)"*, Maria Herminia reconhece que essa argumentação foi *"um tanto apressada"*. Na verdade, a única coisa que se podia afirmar com segurança é que seria *"entre os trabalhadores das indústrias fundamentais para o dinamismo da economia que vão se encontrar os setores mais ativos e militantes do movimento sindical"*.¹²¹

Novamente, a questão da identidade da categoria metalúrgica está no centro das discussões. Ainda mais, *"poderiam os trabalhadores do setor moderno da economia transformar-se em vanguarda capaz de falar em nome de todos da base"*, como sugeria J. Humphrey? (Vanguarda dos trabalhadores e não uma espécie de *"aristocracia operária"*) Maria Herminia respondia a própria pergunta: *"difícilmente se poderá afirmar uma ação unitária mais durável se os sindicatos ligados aos trabalhadores dos setores modernos (...) limitam sua intervenção a temática dos salários e das condições de trabalho. Esses temas, (...) tem significados distintos e comportam soluções diversas para os diferentes estratos assalariados"*.

O problema está posto: a questão da unidade da classe operária. A identidade dos trabalhadores como classe na sua relação com a sociedade e com o Estado. Não é por acaso que o segundo texto de Maria Herminia (*"Desarrollo Capitalista y Acción Sindical"*) estava à luz da campanha pela reposição salarial (1977). A preocupação com uma *"estratégia global"*, de *"unidade de ação do movimento sindical"* é tema de um outro pesquisador embalado por temas afins, José Álvaro Moisés. Afinal, *"no caso dos sindicatos brasileiros, sempre que eles mobilizam os seus associados em torno de certas reivindicações, não são apenas estas que estão em jogo, mas o próprio significado político da expressão dessas reivindicações"*. Moisés procurava cores fortes para caracterizar a movimentação operária, enfatizando assim a sua atuação concreta *"na*

¹²¹Almeida, Maria Herminia T. de. "Sindicalismo no Brasil: Novos Problemas, Velhas Estruturas." *Debate e Crítica*, Op. Cit.; e "Desarrollo Capitalista y Acción Sindical. (A Propósito de la Experiencia de los Metalúrgicos de San Bernardo del Campo)". *Revista Mexicana de Sociologia*, Op. Cit.; ps. 488-91.

luta pela democracia no país, e não apenas um efeito da nova situação política".¹²² É claro que também para este autor o problema citado acima necessitava ser resolvido.

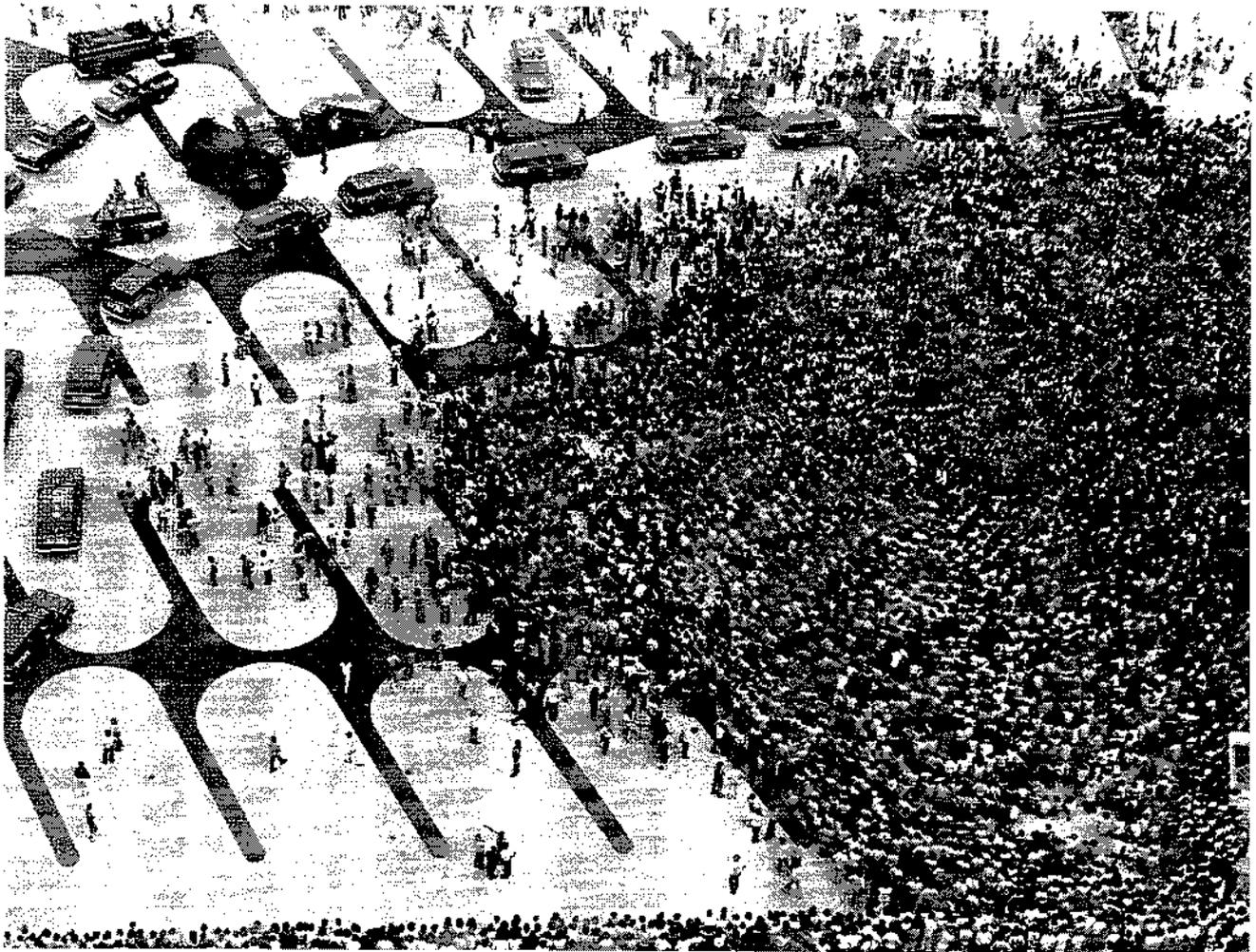
Querendo polemizar, gostaria de ressaltar o significado dessas breves considerações. Isto é, pode-se perceber como as imagens acadêmicas sugerem incansavelmente a questão da identidade da classe operária. Do mesmo modo, as imagens sindicais também convergem para o mesmo propósito. É óbvio, como observei no decorrer do Capítulo 1, que o interesse inicial dos líderes sindicais era estabelecer a mobilização e a identidade da própria categoria, em um primeiro momento. Conseqüentemente, a luta da classe operária fundamentava fortemente no discurso do sindicato de São Bernardo. A tal ponto que o arcabouço do discurso aponta para uma identificação de apelo operário. Ou seja, o movimento particular desse discurso constitui em uma identificação com os trabalhadores metalúrgicos do ABC e ao mesmo tempo com a própria "*classe operária*".

Por enquanto, situei apenas a parte inicial do discurso sindical elaborado entre os anos de 1971-1978. Animei algumas imagens acadêmicas e sindicais que enfatizam a identidade do operariado. Imagens que primam pela homogeneidade dos trabalhadores. André Glucksmann, em "*Nem Todos Somos Proletários*" lembrava que ainda a "*velha esquerda prega a identidade de todos os trabalhadores*". Segundo o autor, as "*novas formas de luta operária rompem a unidade factícia de 'todos os trabalhadores', cada vez mais na prática (...) mas também cada vez mais conscientemente. (...) Aliança de classes, mas não identidade (...)*".¹²³

Talvez aí resida a dor cotidiana de uma sociedade fragmentada: conviver e admitir as diferenças entre as "*classes*" e procurar alianças para futuros projetos não totalizantes.

¹²²Moisés, José Álvaro. "Problemas do Movimento Operário no Brasil". Op. Cit.; p. 107.

¹²³Glucksmann, André. "Nem Todos Somos Proletários". *Ensaio de Opinião*, v. 4, Rio de Janeiro, Ed. Inúbia, 1977, p. 89. De acordo com o autor, no interior mesmo da fábrica moderna, existem classes diferentes. (...) a empresa tornou-se o lugar de encontro das idéias "; aí, diferentes classes se educam mutuamente".



CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 2

JOÃO FERRADOR VAI AO PARAÍSO?

1. "BRAÇOS CRUZADOS, MÁQUINAS PARADAS".

"O PRIMEIRO TESTE FOI POSITIVO".

Em setembro de 1972, *João Ferrador* denunciava aos "*Ilustríssimos senhores governantes do meu Brasil grande e potente*" a elevação do custo de vida. Dois produtos muito importantes para a dieta dos brasileiros, o leite e a carne desapareceram do mercado. Conclusão: os revendedores desejavam um aumento de preço. "*Seria uma greve dos revendedores. E uma greve evidentemente ilegal, porque não obedeceu a nenhum dispositivo de lei. E nenhum comerciante foi punido pelo protesto ilegal, que prejudicou tão somente a população. Imagino as conseqüências se fosse uma greve de trabalhadores...*"¹

Desde o momento em que as lideranças sindicais de São Bernardo incentivam a organização da categoria no sindicato e na fábrica, vamos encontrar algumas estratégias pontuais de mobilização nos anos 70. A começar pela edição e veiculação da *T.M.*, ampliação da sindicalização, apoio efetivo às campanhas salariais, participação em congressos operários, e ainda pela condução de processos contra as empresas e a respectiva orientação aos metalúrgicos sobre a legislação trabalhista, pelo incentivo à luta nas fábricas. (Capítulo 1)

Na *T.M.* nº 1 de 1971, o enunciado de luta a "fábrica" aparece como um lugar em que "*era um inferno para a saúde e a vida dos que ali trabalhavam. O calor era demasiado, havia fumaça e ruído*". Entre 1971 e 1978, as lideranças sindicais de São Bernardo ao apontarem o sindicato e a fábrica através do jornal como lugares de atuação operária, também objetivavam as estratégias de mobilização, como foi visto anteriormente. Mesmo preocupada com canais de participação legal - condução de processos contra as empresas e a respectiva orientação aos metalúrgicos sobre legislação trabalhista - a diretoria abria espaço para possíveis articulações de luta nas fábricas.

¹*T.M.*, nº 12, 1972.

O que me parece importante ressaltar é que desde 1971 encontramos na *T.M.* a preocupação em mobilizar a categoria metalúrgica no sindicato e na fábrica, mesmo em tempos tão adversos politicamente. É desse modo que entendo o porquê de termos tênues imagens de movimentos grevistas.

O Bilhete descrito acima aponta as dificuldades dos trabalhadores impostas pelo regime militar no Brasil dos anos 70. *João Ferrador* ao denunciar a impossibilidade legal de uma greve de trabalhadores, "*porque isso prejudicaria a paz social e o processo de desenvolvimento do país, segundo o governo, (...)*",² acaba iluminando um enunciado de luta fundamental do movimento operário, ou seja, a greve. As colunas "*Notícias das Fábricas*" e o "*Bilhete do João Ferrador*" através de denúncias como essas, que datam de 1972, mostram o complicado jogo político que o jornal exerce ao tentar burlar a censura imposta ao país naquele período. Um exemplo dessa situação é o que acontece em 1973, quando ocorrem algumas paralisações de trabalho nas seções mais qualificadas de várias empresas. Vejamos a referência na *T.M.*: "*Já temos alguns exemplos aqui mesmo no ABC (que convém não citar nominalmente) de movimentos involuntários que produziram resultados animadores*".³ [os grifos são meus]

Em 1975, a tão propalada abertura democrática anunciada pelo Presidente Ernesto Geisel encontra um *João Ferrador* ansioso por formular antigas reivindicações dos trabalhadores: "*eu me encorajo, sem mais rodeios a dizer ao senhor presidente, que nós precisamos urgentemente, de readquirir a liberdade de fazer greve, suprimida há mais de dez anos. O senhor presidente há de me contestar, afirmando que existe a Lei de Greve de 1965, que se encontra em pleno vigor. Ocorre, senhor presidente, que essa lei impede que o recurso da greve seja usado em toda sua plenitude, na defesa dos nossos legítimos interesses. Tanto isso é verdade, que a nossa e outras entidades de trabalhadores vêm reclamando contra ela há mais de dez anos. (...) Sem o direito de greve, a principal arma de todos os trabalhadores, jamais conseguiremos firmar uma convenção coletiva de trabalho com os patrões. Eles tão somente se recusam a participar das negociações. Ademais, o direito de greve é universal, e o Brasil talvez seja um dos poucos países onde esse direito não possa ser usado com toda a liberdade*".⁴

²Idem, nº 23, 1974, p. 4.

³Idem, nº 19, 1973, p. 2.

⁴Idem, nº 28, 1975, p. 3.

Na medida do possível, ao destacar temas como a ampliação da sindicalização, as campanhas salariais, os congressos operários, os processos contra as empresas e a respectiva orientação aos metalúrgicos sobre a legislação trabalhista e o incentivo à luta nas fábricas (Capítulo 1) as lideranças sindicais conseguem destaque também para a greve. Tema que aparece ao lado de enunciados de luta importantes como o sindicato e a fábrica. Dito de outra forma, ao incentivar a categoria através da *T.M.* para a mobilização no sindicato e na fábrica, o tema greve brota nas franjas do discurso sindical.

Em 1976 a coluna "*Notícias das Fábricas*" (que ao lado de uma maquete representando uma fábrica, tem também o *João Ferrador* raivoso denunciando as empresas que burlam a legislação) noticia uma "*paralisação rápida no trabalho, em sinal de protesto pelos baixos salários*". Em outubro do mesmo ano, *João Ferrador* realça que "*em 1974, pressionadas por várias paralisações do serviço, as fábricas de automóveis aqui de São Bernardo acabaram concedendo uma antecipação salarial (...)*". Sinal dos tempos, pois no ano de 1974 essas paralisações sequer foram noticiadas. Em dezembro, *João Ferrador*, interessado em motivar sua categoria por um sindicalismo atuante e autêntico, observa que "*essa pretensão só se concretizará quando os trabalhadores tiverem liberdade de negociar com seus patrões suas próprias condições de salário e de trabalho; quando puderem - sem restrições da lei - promover um processo de convenção coletiva. Para isso, (...) precisaria que o governo (...) mexesse um pouco mais em nossa legislação trabalhista, restabelecendo antigos direitos dos operários, como por exemplo, o de poderem fazer greve*".⁵

Na coluna *Repórter Metalúrgico*, de setembro de 1977, a matéria "*Mil Greves*" retrata o crescimento das greves "*como uma nuvem*". Mas isto "*lá na Inglaterra, onde há liberdade sindical e os trabalhadores resolvem seus problemas com os patrões através da contratação coletiva de trabalho. (...) E a pressão operária, através do uso legítimo do direito da greve, não ameaça o regime. E não ameaça exatamente porque o sindicalismo livre ajuda a preservá-lo*".⁶

Mesmo que o jornal *T.M.* não tenha noticiado as diversas greves localizadas (Villares, Volkswagen, General Motors e Ford), paralisações de seções e operação tartaruga, protesto diante das condições de trabalho e ameaças de desemprego, entre 1971 e 1977, pelo menos em alguns casos (vide acima) foram mencionadas essas paralisações. A tônica, como já foi dito

⁵Idem, nº 39, 1976, p. 3. Consultei também: os nºs 33 (1976) e 38 (1976). Com relação às paralisações ocorridas entre os anos de 1973 e 1977, conferir no Capítulo 1 as notas 57 e 60.

⁶*T.M.*, nº 43, 1977, p. 9.

anteriormente, era procurar meios legais de conduzir a luta operária. Luís Inácio da Silva, o presidente do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo, em 1977, faz uma observação interessante nesse sentido:

"Eu acredito que, se eu falasse hoje em greve, encontraria um grande número de trabalhadores que aceitaria. Mas, antes de uma greve precisa haver um comando, de uma base, e principalmente uma sustentação para ela. Não adianta parar por um dia. O importante é a sustentação. Precisamos estar preparados para ficarmos parados até vinte dias".⁷

É chegada a hora de mexer com uma outra imagem operária. Enunciado e imagem da luta operária se entrecruzam. Desde o mês de março de 1978, os trabalhadores de São Bernardo vinham mostrando profundo descontentamento ante a política salarial do governo. A indústria automobilística já havia antecipado parte (10%) do reajuste de 1978, em dezembro de 1977. Em fevereiro concedeu mais 5% de aumento na Scania e 10% na Ford, mas, em abril compensou esses adiantamentos, com base no índice estabelecido pelo dissídio coletivo solicitado pelos empregadores (39%). Os trabalhadores passaram a reivindicar o recebimento integral dos 39%, sem descontos das importâncias que haviam sido adiantadas. Ou seja, o índice de 20%. (ver Capítulo 1)

Já haviam ocorrido ligeiras paralisações tanto na Mercedes-Benz como na Ford entre os meses de março e maio. Finalmente o jornal *T.M.*, por meio do *João Ferrador*, utilizado como o símbolo da luta e garra dos metalúrgicos, anuncia:

"Os operários da Saab-Scania pararam. A notícia chegou ao sindicato na tarde do dia 12 de maio, causando certa surpresa. Afinal, há mais de dez anos não acontecia uma paralisação desse tipo. Logo, porém, percebia-se não ser o acontecimento nada extraordinário: apenas havia chegado a hora de os trabalhadores, por si mesmos, se livrarem da mordaza que, há vários anos, os impedia de protestar pelas suas justas reivindicações. Tinha agora ganho consciência de sua força, e faziam o primeiro teste numa briga mais séria com os patrões".⁸

Na tarde do dia 12 de maio de 1978, "os operários Saab-Scania pararam". Os trabalhadores reclamavam que o lugar da fábrica (de sofrimento e reação) poderia ter também

⁷*ABCD Jornal*, nº 11, 1977, p. 5.

⁸*T.M.*, nº 46, 1978, p. 11.

mais um significado na história da luta operária: o significado da greve na fábrica. A fábrica: "lugar da greve" revelou uma faceta da luta dos metalúrgicos naquele espaço. Nessa medida, o João Ferrador de "braços cruzados" (referência à greve) aplaudia aquele movimento ("foi uma beleza"), com uma "força social digna do maior respeito" e, reclamava liberdade e autonomia sindicais.

"Quando as máquinas estavam totalmente silenciadas, no segundo dia da greve, a Scania se mostrou propensa a negociar com o sindicato. (...). (...) como iniciadores do movimento, os companheiros dessa empresa muito contribuíram para que se chegasse a esse entendimento a nível sindical. Revelaram eles formidável capacidade de resistência às pressões patronais, alicerçados na unidade e firmeza de propósitos. Agora, só resta consolidar essa unidade e firmeza, como melhor garantia à vitória de novas disputas com a classe patronal".⁹

A diretoria do sindicato distingue os trabalhadores pela sua unidade e organização no movimento grevista, com forte apelo de identificação operária:

"os operários da Chrysler de São Bernardo só viriam a interromper o trabalho no dia seguinte. Toda a fábrica parou, e os trabalhadores se mantiveram firme no movimento até que ela afixasse um aviso anunciando sua disposição de atender as reivindicações. (...) os trabalhadores, com sua unidade e organização, revelaram uma força capaz de vencer qualquer resistência patronal, mesmo essa sutil, que consiste em acenar com o fantasma do desemprego para esvaziar o objetivo do trabalhador".¹⁰

João Ferrador noticia as fábricas onde os trabalhadores cruzaram os braços sobre as máquinas: na Ford, na Mercedes Benz do Brasil, na Chrysler de Santo André, na Forjaria São Bernardo S/A, na Scania, na Brastemp, na Volks, e mesmo nas fábricas menores como a Villares, Perkins, Coldex, Arteb, Polimatic entre outras. Os trabalhadores de São Bernardo estavam lutando por melhores salários nas fábricas. O sindicato que não decretou a greve de 78 mas vinha organizando a categoria (como já foi visto anteriormente) com o intuito de mobilizá-la na defesa de seus interesses, nesse episódio assume automaticamente as negociações com os patrões.

⁹Idem, nº 46, 1978, p. 11.

¹⁰Idem, nº 46, 1978, p. 10. Vale conferir as fotos da greve de 1978: Oliva, Aloizio M. e Outros. *Imagens da Luta. 1905-1985*. Op.Cit.; ps. 152-155.

Assistia-se a movimentação dos três enunciados por mim referidos: o sindicato, a fábrica, a greve.

O resultado do acordo efetuado pelo sindicato de São Bernardo foi que em 1º de junho de 1978, os trabalhadores teriam 5,5 % de aumento, em 1º de agosto de 1978, 4,5% como antecipação, em 1º de outubro de 1978, 5,5% como aumento, em 1º de dezembro de 1978, 4,5% como antecipação, em 1º de fevereiro de 1979, 4,5% como antecipação. Esses percentuais seriam aplicados pelas seguintes empresas: Volks, Mercedes, Ford, Chrysler, Saab Scania, Kubota Tekko do Brasil, Karmann Ghia do Brasil e Toyota. *"Negociação Sai Quando As Máquinas Param"*, isto é, na avaliação da diretoria sindical o movimento paralista de maio de 78 fora vitorioso. É sintomático de que forma o jornal *T.M.* saúda os *"companheiros"* das fábricas envolvidas naqueles acontecimentos: *"A vitória material e moral dos companheiros da Ford!"*; *"União vence na Mercedes e impede as represálias"*; *"Quatro horas de silêncio dão vitória na Brastemp"*; *"Unidade operária anula repressões na Volks!"*; *"Villares cede no 7º dia"*.¹¹

Outro aspecto que merece ser ressaltado é a cobertura dos jornais nas greves de maio. O jornal *T.M.* evidencia a importância da imprensa que *"desempenhou um notável papel no dia a dia das paralisações. Todos os casos foram noticiados com destaque, e até nos editoriais verificou-se um comportamento jornalístico louvável sob todos os aspectos"*. As manifestações de solidariedade foram destacadas com orgulho, dezenas de telegramas de entidades coirmãs tais como: Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, da Federação Suíça dos Tipógrafos; do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro; da Federação Internacional dos Trabalhadores Metalúrgicos (FITIM), de sua seção de Detroit, Estados Unidos; da Federação dos Trabalhadores Metalúrgicos de Horlogerte, França; do Sindicato Nacional dos Trabalhadores na Indústria de Automóveis dos Estados Unidos; da Federação Metalúrgica Sueca; da IG Metal, entidade dos metalúrgicos da Alemanha Ocidental; assim como dezenas de telefonemas de sindicalistas patricios apoiando o movimento. Fato a lamentar, *"foi a censura imposta às rádios e canais de televisão, logo no segundo dia de paralisações"*.¹²

João Ferrador estampa o sorriso e o sinal com o dedo indicador de positivo na primeira página do jornal *T.M.*, que considera *"vitorioso o movimento grevista"*. Em resumo, *"foi uma*

¹¹Idem, nº 46, 1978, p. 11.

¹²Idem, nº 46, 1978, p. 11. Com relação à imprensa, podemos salientar entre várias coberturas realizadas no ano de 78 a revista *Isto É*, 03.05/1978, jornais: *Em Tempo*, 05/06/1978, 12/06/1978: *"O Medo Está Acabando nas Fábricas"*; *"A Palavra dos Operários"*; *O Estado de São Paulo*, 13/05/1978; *Diário do Grande ABC*, 16/05/1978, 21/05/1978, 23/05/1978; *Folha de S. Paulo*, 18/05/1978, *Folhetim "As Companheiras"*; *Informativo*, nº 3, CNBB, junho de 1978.

experiência positiva da luta sindical que está ainda para ser travada". Vejamos os pontos que merecem serem citados na avaliação sindical:

- "1. O reajuste salarial a prevalecer para todo o ano, resultante do dissídio coletivo (...) seria somente de 39%. Com os aumentos conseguidos com a greve, esse reajuste subirá, pelos menos, para 49%.*
- 2. Com isso rompemos a rígida política salarial, obrigando o governo a anunciar a intenção de revisá-la, adequando-a à realidade do trabalhador.*
- 3. A velha luta do sindicato com vistas a que os reajustes fossem trimestrais (...) começa a se tornar realidade. (...)*
- 4. O movimento provou a ineficiência da lei antigreve, obrigando o governo imediatamente a constituir uma Comissão para modificá-la.*
- 5. Conseguimos nos impor como classe social organizada e, assim, passar a influir nas decisões governamentais, sempre que tomadas contra os nossos interesses e anseios. Agora, é o próprio governo quem leva em conta nossos atos para reformular a legislação trabalhista (...)*
- 6. Finalmente, nos revelamos a nós mesmos; percebemos que temos força e que somos capazes, quando unidos e organizados, de levar o patronato ao diálogo produtivo com nosso sindicato, respeitando nossas reivindicações.*¹³ [os grifos são meus]

Dez anos depois da famosa greve de Osasco, em 1968, os metalúrgicos de São Bernardo não suportando mais de quinze anos de arrocho salarial partem para a luta na fábrica pelos reajustes salariais. As greves de maio pipocam no ABC. Está em jogo a luta pela liberdade sindical, pela restituição do direito de greve, pela extinção do arrocho salarial, enfim velhas reivindicações das lideranças sindicais. Vale a pena recordar a opinião do presidente do sindicato, em 1978, Luís Inácio da Silva, a respeito das intenções pretendidas pela diretoria naqueles anos:

"Fala-se hoje, em novo sindicalismo, um movimento trabalhista liberto da tutela do Estado. Nós, contudo, embora um dos responsáveis pelo lançamento da idéia audaciosamente incrementada pela imprensa, achamos que o sindicalismo verdadeiro se constrói a partir da arrumação de nossa própria casa. Queremos dizer com isso que o programa da atual diretoria inclui a projeção individual do sindicato em vários aspectos: no assistencial, no cultural, no educativo, no organizativo e no reivindicativo. E fazendo o sindicato forte nesses termos, cremos tê-lo apto a desempenhar sua tarefa na busca desse novo

¹³T.M., nº 46, 1978, p. 1.

*sindicalismo, que não haverá de se fazer apenas no papel, mas na prática, no dia a dia de briga com o patrão, no destemor de respondermos à altura a cada injustiça patronal ou do governo".*¹⁴ [os grifos são meus]

Ao proceder um exame profundo das fontes por mim pesquisadas nesse período, encontro outras imagens do "novo sindicalismo". As imagens acadêmicas de Leôncio M. Rodrigues e Maria Hermínia Tavares de Almeida são as primeiras a serem descortinadas. A obra de Leôncio M. Rodrigues, sobretudo em seu *Conflito Industrial e Sindicalismo no Brasil*, de 1966, e também em *Industrialização e Atitudes Operárias* (1970), e *Trabalhadores, Sindicatos e Industrialização* (1974), além de numerosos artigos¹⁵, trata a respeito dos trabalhadores empregados nas "indústrias modernas".

A imagem de um trabalhador estável e especializado, "satisfeito" com os "altos salários" com "melhores condições de trabalho" (se compararmos, com seu ambiente de origem, o campo), com "maior habilidade técnica" (obtida através de treinamento na própria fábrica), o respeito à legislação trabalhista e as oportunidades de promoção oferecidas pelas empresas automobilísticas e portanto pouco aberto às teses reformistas e questionadoras do movimento sindical do pré-64, supõe, seriam os responsáveis por um tipo de "comportamento político". Ou seja, "a satisfação dos operários empregados no setor moderno" impedindo a emergência de uma "consciência explorada". Ou, a idéia de que o sindicalismo passível de ser constituir entre os trabalhadores das modernas empresas automobilísticas tenderia a ter características próximas a um "sindicalismo de negócios" (business union) à la americana, como foi levantada em 1975 por Maria Hermínia Tavares de Almeida.¹⁶ No limite teríamos a formação de uma "aristocracia operária" com reivindicações, formas de mobilização e de organização sindical diferentes do restante da classe.

¹⁴Idem, n^o 46, 1978, p. 3. Outras passagens, com relação ao "novo sindicalismo" podemos encontrar entre outras publicações, "São Bernardo: Uma Experiência do Sindicalismo "Autêntico". In: *Cara a Cara*, n^o 2, Petrópolis, Vozes, 1978, ps. 54-66.; *Lula. Entrevistas e Discursos*. Op. Cit.; e Morel, Mário. *Lula, O Metalúrgico. Anatomia de uma Liderança*. Op. Cit.

¹⁵Rodrigues, Leôncio M. *Conflito Industrial e Sindicalismo no Brasil*. Op. Cit.; *Industrialização e Atitudes Operárias*. Op. Cit.; e *Trabalhadores, Sindicatos e Industrialização*. São Paulo, Brasiliense, 1974.

¹⁶Almeida, Maria Hermínia T. de. "O Sindicato no Brasil: Novos Problemas, Velhas Estruturas." *Debate e Crítica*, Op. Cit.; e, "Desarrollo Capitalista y Acción Sindical. (A Propósito de La Experiencia de Los Metalúrgicos de San Bernardo Del Campo). *Revista Mexicana de Sociología*, Op. Cit.

Essa retrospectiva habitualmente conhecida nos meios universitários possibilita construirmos um modesto mosaico de enunciados e imagens operárias. Não pretendo fazer uma análise exaustiva dos estudos sobre os trabalhadores metalúrgicos e seu movimento, até porque penso em contribuir em outra perspectiva das diversas interpretações existentes sobre o tema.¹⁷ Desta forma, os estudos consagrados de Leôncio e Maria Hermínia exibem o "*sindicalismo de negócios*" (business union), ou um sindicalismo associativo em contraposição a um sindicalismo de classe. Um sindicalismo do tipo fordista com forte poder de barganha, autônomo e a-político, baseado na negociação direta com a empresa e com capacidade para arrancar concessões no sentido de defesa de seus interesses "*sócio-profissionais*". Para Leôncio Rodrigues, as condições particulares da emergência da "*indústria moderna*" foram responsabilizadas como obstáculos a uma "*consciência anticapitalista*", para Maria Hermínia T. de Almeida, abre-se com elas a possibilidade de um sindicalismo combativo, porém circunscrito a conflitos específicos que não colocam em xeque o sistema. Nas duas análises, a consciência do produtor não emergiria.

Podemos observar que ao lado do discurso sindical que prega o "*sindicalismo autêntico*", encontramos o "*sindicalismo de negócios*" nas imagens acadêmicas. O enunciado sindical que se preocupa com o "*sindicato de base*", com os operários descontentes, se entrecruza com a "*aristocracia operária*". O fato a ser destacado, no meu entender de fundamental importância, é que esses escritos contribuíram para a história do movimento operário no ABC não apenas naqueles anos, mas também após a eclosão dos movimentos grevistas do final da década de 70.

Nessa perspectiva, John Humphrey (1982), escrevendo antes e depois da eclosão das greves de 1978, contesta a idéia de que estaria sendo gestado em São Bernardo qualquer fenômeno parecido com o de uma nova "*aristocracia operária*", com tendências a constituir um sindicalismo separado e "*divisionista*" em relação ao conjunto da classe. Se examinarmos os critérios de privilégio e estabilidade entre os operários da indústria automobilística, "*então quase não há dúvida de que nos 70 esses operários não exibiam as marcas de uma aristocracia operária. (...) os salários relativamente altos pagos na indústria automobilística deveriam ser considerados em função da estratégia geral de emprego adotada pelas grandes empresas. Essa*

¹⁷Dentre as várias interpretações sobre o tema do movimento operário no ABC, gostaria de evidenciar os seguintes trabalhos: Vianna, Luís W. "Estudos sobre Sindicalismo e Movimento Operário: Resenha de Algumas Tendências." *Dados*, Op. Cit.; Maroni, Amnérís. "Os Mitos da Historiografia". In: *A Estratégia da Recusa. Análise das Greves de Maio/78*. Op. Cit.; ps. 41-50; e Abramo, Laís. *O Resgate Da Dignidade (A Greve de 1978 em São Bernardo)*. Op.Cit.; ps. 10-34.

estratégia envolvia trabalho intenso e controle severo no desempenho dos operários, acompanhada de uma política deliberada de rotação de mão-de-obra. (...) (...) as atividades dos metalúrgicos de São Bernardo eram uma parte central de uma luta sindical e política mais ampla da classe trabalhadora, o sindicato estava na vanguarda da luta para a democratização. (...) Longe de estar integrados na esfera política das classes dominantes onde aceitar o sistema existente por sua posição privilegiada dentro dele, os metalúrgicos de São Bernardo e a corrente 'autêntica' do movimento sindical fizeram a mais séria oposição ao regime militar".¹⁸
[os grifos são meus]

A idéia da "vanguarda operária" também está presente no trabalho de Celso Frederico (1979), isto é, a existência de um "setor avançado no interior da classe operária". Diferentemente de J. Humphrey que focaliza ação de vanguarda do sindicato, de Leôncio Rodrigues, que se deteve nas "atitudes operárias" e de Luís Flávio Rainho, que estudou a "consciência de classe dos peões", C. Frederico está preocupado com os "operários avançados" ("um setor bastante heterogêneo"), que são "para o estudo da consciência de classe - OPERÁRIOS TÍPICOS".¹⁹ No caso de São Bernardo, para C. Frederico, "esse setor de ponta foi, a partir de 1978, cooptado pelo 'novo sindicalismo' liderado por Lula. Em outros locais, a presença da vanguarda se manteve descentralizada e difusa, gravitando em torno das Pastorais Operárias".²⁰

Cabe ressaltar que foi no início da "década de 60 que a classe operária se tornou objeto de reflexão sistemática no Brasil. Examinando os desajustamentos dos trabalhadores na sociedade industrial, a falta de consciência de classe do proletariado, o estabelecimento de um sindicalismo operário controlado pelo Estado, Juarez Brandão Lopes, Alain Touraine,

¹⁸Humphrey, John. *Fazendo o "Milagre"*. Controle Capitalista e Luta Operária na Indústria Automobilística Brasileira. Op.Cit.; ps. 228-229. Consultei também do mesmo autor "Operários da Indústria Automobilística no Brasil: Novas tendências no Movimento trabalhista." *Estudos CEBRAP*, Op.Cit.; ps. 83-163.; e "As Raízes e os Desafios do "Novo" Sindicalismo na Indústria Automobilística." *Estudos CEBRAP*, nº 26, Rio de Janeiro, Vozes, 1980, ps. 7-39.

¹⁹Frederico, Celso. *A Vanguarda Operária*. Op. Cit.; ps. 19-20. Há que se ressaltar que no trabalho anterior do autor, *Consciência Operária no Brasil*. Ática, 1978, existe a preocupação com as "diferenciações existentes no seio do operariado": Capítulo III: "Os operários e a Fábrica: Qualificação e Consciência." (ps. 46-80)

²⁰Frederico, Celso. *A Vanguarda Operária*. Op. Cit.; p. 147. Cabe frisar quão interessante é a relação metodológica dos autores até aqui citados: Leôncio Rodrigues e Maria Hermínia; L.F. Rainho, J. Humphrey e Celso Frederico; dito de outra maneira, a preferência pelos depoimentos operários, em alguns casos, ou a mescla de fontes: depoimentos e jornais operários.

Fernando Henrique Cardoso, Azis Simão, e, logo depois, Leôncio M. Rodrigues, J. Albertino Rodrigues inauguram uma tradição de estudos sobre a classe operária".²¹ Entre os citados, Leôncio e logo a seguir, Maria Hermínia são referências fundamentais - não apenas para os próprios mas também para os trabalhos posteriores - a publicação em 1972 de dois trabalhos de Francisco Weffort. "*Participação e Conflito Industrial: Contagem e Osasco, 1968*" e "*Sindicatos e Política*" produziram um impacto significativo no período. "*Em primeiro lugar porque foram esses trabalhos que discutiram de maneira crítica a natureza e limites do sindicalismo populista e das orientações políticas vigentes naquele período. Em segundo lugar, (...) ao captar os sinais das greves de Osasco e Contagem em 1968, Weffort propunha no campo mesmo das práticas operárias a possibilidade de uma superação do sindicalismo oficial (...) e, em terceiro lugar, (...) porque foi através desses trabalhos que pela primeira vez é posto em questão a imagem de atraso que havia sido legada pela tradição de estudos sobre a classe operária*" acima citados.²²

Ao examinar os "*operários da indústria moderna*", Leôncio M. Rodrigues e Maria Hermínia T. de Almeida, F. Weffort, Celso Frederico, L. F. Rainho e J. Humphrey produzem enunciados e imagens do sindicalismo brasileiro. Nesse sentido, as questões postas por Weffort tem uma relação direta com os trabalhos produzidos depois de 78. Haja vista, as produções de J. A. Moisés (1978 e 1982), K. Munakata (1980), J. Humphrey (1982), A. Maroni (1982), R. Antunes (1986), L. Abramo (1986) e E. Sader (1988).

²¹Paoli, Maria Célia e Outros. "Pensando a Classe Operária: Os Trabalhadores Sujeitos ao Imaginário Acadêmico. (Notas de uma Pesquisa)". *Revista Brasileira de História*, nº 6, Rio de Janeiro, CNPQ-Marco Zero, 1984, p. 132. Consultei também o artigo de 1976 de Adalberto Paranhos, "Consciência de Classe e Consciência Possível. (Reflexões para o Estudo da Consciência Operária.)" In: *Dialética da Dominação. (Dominação Ideológica e Consciência de Classe)*. Campinas, Papirus, 1984, ps. 13-56. Paranhos critica as "concepções grosseiras sobre a questão da consciência de classe", em particular o trabalho de Leôncio Martins Rodrigues (*Industrialização e Atitudes Operárias*. Op. Cit.), que acaba concluindo pela inexistência da consciência de classe do proletariado brasileiro.

²²Paoli, Maria Célia e Outros. Op. Cit.; p. 146. Consultei ainda Weffort, Francisco. "Participação e Conflito Industrial: Contagem e Osasco. 1968." *Cadernos CEBRAP*, nº 6, São Paulo, 1972. Aliás, vale a pena recordar que F. Weffort em 1966 no seu artigo "Estado e Massas no Brasil.", já evidenciava suas preocupações com relação ao aparecimento no pós 30, na história brasileira, de "um novo personagem: as massas populares urbanas." Neste texto, assim como na sua tese de doutoramento, de 1968, encontramos algumas reflexões importantes referentes ao chamado "atraso" da "nova classe operária". Desta forma, é interessante salientar a crítica à "aristocracia proletária", e a ênfase na "experiência real, historicamente efetiva, da classe". Ver Weffort, F. "Estado e Massas no Brasil." *Revista Civilização Brasileira*, nº 7, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S.A., 1966.; e, *Classes Populares e Política* (Contribuição ao Estudo do "Populismo"). Tese de Doutorado, USP, 1968. Ver também *Cadernos do Presente*, "Greves Operárias" (1968-1978), Belo Horizonte, Aparte, 1978.

José Álvaro Moisés (1978) frisa que o *"novo movimento sindical (...) tornou-se um ator concreto na luta pela democracia no país, e não apenas um efeito da nova situação política"*.²³ Kazumi Murakata (1980) ao saudar a emergência dos trabalhadores nas greves de 78 como um *"fato político de suma importância, o mais importante talvez, (...) dos últimos tempos"*, evidencia o *"sindicalismo livre, independente, autônomo e unitário, forjado a partir da base, na luta cotidiana dos trabalhadores"*.²⁴ Annéris Maroni vai mais além ao identificar o movimento de maio como uma *"experiência autônoma - sem uma direção explícita que o conduzisse -"*. Através do *"discurso da ação (...) delineou, ainda que de forma embrionária, a intenção que parece interessar à classe operária. Nela está presente a democracia a partir da produção, quanto às formas de organização (comissões de fábrica) de decisão (assembléias de fábrica), quanto a seus alvos de luta (...) Nela também aparece o reconhecimento de que o conflito é permanente no nível de produção (...). Em outras palavras, pelo discurso da ação tornou-se possível identificar um outro campo de lutas - e um outro projeto que não o contratual -, até então oculto e não nomeado porque mantido a uma "distância cuidadosa" pelo discurso explícito, seja dos militantes sindicais, seja dos próprios grevistas: a fábrica"*.²⁵

Embora observe que as greves de maio *"significaram, em síntese o reaparecer do proletariado na cena política,"* Ricardo Antunes (1986) considera que o eixo central da ação operária teria sido a luta contra a super-exploração, centrada principalmente na questão do *"arrocho salarial"*. Para o autor, essa teria sido a *"casualidade fundante"* da greve dos metalúrgicos de 1978, definida como um *"greve econômica"*, apesar de ter adquirido também e dialeticamente, um significado político, expresso no questionamento da política econômica vigente. *"Quanto aos possíveis ganhos no plano da consciência real, empírica, espontânea, (...)*

²³Moisés, José Álvaro. "Problemas do Movimento Operário no Brasil." Op. Cit.; p. 107. Outros trabalhos que examinam o "novo sindicalismo" e merecem referência, *Cadernos*, "Falamos os Operários", nº 6, Rio de Janeiro, mimeo, 1978.; "A Luta dos Operários". *Cadernos do CEAS*, nº 56, Salvador, julho/agosto, 1978, ps. 21-27.; "Fala o Movimento Operário." *Cadernos do CEAS*, nº 57, Salvador, set/outubro, 1978, ps. 27-33.; *História Imediata*, nº 2, "A Greve na Voz dos Trabalhadores. Da Scania a Itu. São Paulo", Alfa-Omega, 1979; "Contribuição para Análise das Greves de Maio de 78.", Marcelino S. Fontes e Outros. 1979, mimeo; e Rodrigues, José Albertino. "O Sindicato Pós-64", São Paulo, 1979, mimeo. (II Seminário de Relações de Trabalho e Movimento Social - CEDEC).

²⁴Murakata, Kazumi. "O lugar do Movimento Operário". In: *Movimentos Sociais*, Op.Cit.; ps. 61-81.

²⁵Maroni, Annéris. *A Estratégia da Recusa*. Op.Cit.; ps. 18-19. Outros trabalhos que examinam o greve de 78: Rainho, Luís Flávio e Bargas, Osvaldo M. *As Lutas Operárias e Sindicais dos Metalúrgicos de São Bernardo. (1977-1979)*. Volume I, Op. Cit.; ps. 65-96.; Manfredi, Silvia M. *Educação Em Sindicatos. (Quem Disse Que a Gente não Sabe?)*. Op. Cit.; ps. 101-112.; Ramalho, José Ricardo. "Resistência Operária: Recriando as Formas de Luta." *Cadernos do CEAS*, Op. Cit.; ps. 29-36.

podemos dizer que estes foram significativos, ainda que se tenha claro, enfatize-se que estes ganhos encontram sua limitação no fato de que a ação operária não tenha transcendido o plano da espontaneidade. Se não é possível afirmar, por isso, que essa greve propiciou um avanço efetivo no processo de desalienação do trabalho (...) é necessário reconhecer que houve avanço no plano da consciência espontânea do proletariado metalúrgico".²⁶

Perfilando as distintas interpretações, nas quais encontraremos os "atores sociais" que lutam por um sindicalismo livre, independente, autônomo, enfim pela democracia no país, ou aqueles operários do "discurso da ação" que nomeiam a fábrica como um campo de lutas ou mesmo os metalúrgicos de "consciência espontânea", é conclusivo afirmar que o mosaico de enunciados e imagens operárias - aos quais me referi anteriormente - é desconcertante tanto para os acadêmicos quanto para os metalúrgicos do ABC.

Ora, não é provocativa a imagem de Laís Abramo (1986) sobre a greve de 78, "*O Resgate da Dignidade*", em que, "*além da insatisfação com os baixos salários, as longas jornadas, a instabilidade no emprego e a pressão das chefias, estava presente, marcando fortemente o cotidiano dos trabalhadores, um sentimento subjetivo da dignidade violentada. E isso irá explodir na greve de 1978 (...)*"²⁷ Eder Sader (1988) fecha com requinte a próxima imagem operária, com as "*greves ocorridas em 1978 e 1980, o sindicato tornou-se um "espaço público operário" em que os metalúrgicos da região constituíram-se como um sujeito coletivo*".²⁸ Essas últimas considerações serão tratadas oportunamente no item 3. "41 Dias de Resistência e Luta na Cidade Operária..

"ALÉM DA GREVE: UMA EXPERIÊNCIA DE SINDICALISMO AUTÊNTICO"

A greve de 78 - que produziu um enquadramento de produções teóricas e depoimentos em revistas, boletins e textos mimeografados - levantou profundas discussões nos rumos do sindicalismo brasileiro. No número 47, do jornal *T.M.*, João Ferrador relata a participação dos

²⁶Antunes, Ricardo. *As Formas da Greve*. (Confronto Operário no ABC Paulista: 1978-80.) Tese de Doutorado, USP, 1986, p. 154.

²⁷Abramo, Laís. *O Resgate da Dignidade*. Op. Cit.; p. 30. Ver também da mesma autora "Greve Metalúrgica em São Bernardo: Sobre a Dignidade do Trabalho". In: *As Lutas Sociais e a Cidade*. São Paulo, Passado e Presente. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

²⁸Sader, Eder. *Quando Novos Personagens Entraram em Cena*. Experiências, Falas e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo. (1970-80). Op. Cit.; p. 296.

"autênticos dirigentes sindicais brigadores" no 5º Congresso Nacional dos Trabalhadores na Indústria (C.N.T.I.) de 24 a 29 de julho de 1978, no Rio de Janeiro. Nessa ocasião, houve o lançamento de uma "*Carta dos Dirigentes Autênticos*", na qual são abordados: 1) Problemas nacionais, 2) Política Nacional de desenvolvimento, 3) Organização e Ação Sindical e 4) Justiça e Direito do Trabalho. Outra chamada importante é a divulgação do III Congresso dos Metalúrgicos que seria realizado nos dias 6, 7, 8, 14 e 15 de outubro com o tema estrutura sindical brasileira. Vale a pena transcrever o roteiro das palestras que antecederiam ao congresso:

"Dia 1/9/, 19 horas, Sobre Comissões de Fábrica, com o professor Francisco Weffort.

Dia 6/9/, 19 horas, Unidade e Pluralidade Sindical, com o dr. Almino Afonso.

Dia 13/9/, 19 horas, Sobre a Estrutura Econômica e Estrutura Sindical, com o professor Chico de Oliveira.

Dia 15/9/, 19 horas, Sobre Sindicalismo no Brasil e sua Evolução Histórica, com o professor Albertino Rodrigues.

Dia 20/9, às 19 horas, sobre Sindicatos Europeus e Americanos, com o prof. Leôncio Martins.

Dia 22/9, às 19 horas, Sobre Transformações no Sindicalismo Brasileiro, com a socióloga Annez Andraus Troyano.

Dia 27/9, às 19 horas, Sobre Sindicato Latino-Americano, com a professora Maria Herminia.

Dia 29/9, às 19 horas, sobre Liberdade e Autonomia, com conferencista e debatedores do sindicato.

Dia 4/10, às 19 horas, Convenção Coletiva, com conferencistas e debatedores do Sindicato".²⁹

Ao promover a realização do III Congresso os dirigentes sindicais de São Bernardo discutem o tema estrutura sindical com os operários e com os intelectuais. Pode-se afirmar que é possível enxergar nesse congresso o encontro de enunciados e imagens díspares e convexas do movimento operário. O redator responsável pela *T.M.* Antônio Carlos Felix Nunes também contribui nessa discussão ao veicular o livro *Além da Greve*, que trata das aventuras de Vandelício Mascarenha - humilde trabalhador - e do surgimento do novo sindicalismo. Através deste livro "*pode se avaliar quanto nociva é a estrutura sindical brasileira*".³⁰

²⁹*T.M.*, nº 47, 1978, p. 7.

³⁰*Idem*, nº 47, 1978, p. 10. Consultei também: Nunes, Antônio Carlos Felix. *Além da Greve*. São Paulo, Criart, 1978, 187 p.

O III Congresso ocorreu na colônia de férias dos metalúrgicos no Guarujá com cerca de "400 companheiros". Participaram ainda como convidados dirigentes de outras categorias e de vários Estados, como Minas, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, assim como metalúrgicos pertencentes a outros sindicatos. As resoluções do Congresso intituladas "*Eis o projeto de novo sindicalismo*" foram as seguintes: Autonomia e Liberdade Sindical, Contrato Coletivo, Convenção 87 da OIT deve ser obedecida, O Pleno Exercício da Greve, Unidade e Pluralidade Sindical, Sindicatos Únicos (em cada ramo de produção ou de serviços), Central Única de trabalhadores, Comissões de Empresas e Delegados Sindicais, Eleições Sindicais Diretas e Fim do Imposto Sindical.

João Ferrador é enfático ao observar que a estrutura sindical vigente "não presta e precisa ser profundamente modificada. (...) E será na prática, usando a inteligência e forjando nossa união, que construiremos a estrutura sindical ideal. (...) Por isso, devemos traçar um programa de ação viável e lutar para concretizá-lo. Assim, devemos nos empenhar até o próximo congresso para concretizar o seguinte:

- 1. Organizar as comissões de empresa, (...).*
- 2. Promover a realização de cursos de formação sindical para os membros das comissões de fábrica.*
- 3. Realizar reuniões por empresa, para iniciar o trabalho de formação das comissões em nossa base.*
- 4. Divulgar amplamente junto às bases, aos demais trabalhadores e junto a todos os sindicatos, os princípios consagrados por este congresso.*
- 5. O planejamento das finanças do nosso sindicato deverá ter por objetivo torná-lo cada vez menos dependente da contribuição sindical.*
- 6. Intensificar as campanhas de sindicalização.*
- 7. Processo eleitoral. Para todos os riscos de fraude, propomos que as eleições sejam presididas por uma junta formada por companheiros de todas as chapas concorrentes, retirando-se da diretoria do sindicato tal incumbência.*
- 8. Propomos também que os recursos sindicais sejam postos à disposição de todas as chapas sem qualquer discriminação.*
- 9. Que todas as chapas tenham direito a um mesário para cada mesa e um fiscal para cada uma.*

10. Estabilidade aos trabalhadores que participarem das demais chapas, mesmo derrotados".³¹

O que podemos salientar é que após as greves de maio, os enunciados e as imagens sindicais destacam freqüentemente a força organizativa dos trabalhadores nos "lugares da luta". Inclusive destacando a importância da participação política dos trabalhadores nas eleições de 1978 para deputados e senadores. "Nossos defensores são aqueles que sempre nos acompanharam, que não costumam recuar nos momentos difíceis" pondera o Repórter Metalúrgico. "É difícil ao trabalhador (...) chegar ao parlamento. Só conseguirá esse intento, se for ajudado pela sua classe". João Ferrador é taxativo: "temos muitos candidatos operários e outros que, apesar de não o serem, estão ligados à nossa classes por idealismo. (...) o negócio é ajudar os nossos a se elegerem".³² Não vou me furtar a apontar alguns dos candidatos "comprometidos com as lutas populares", Fernando Henrique Cardoso, candidato pelo MDB ao Senado - que teve o apoio do presidente do sindicato de São Bernardo, Luis Inácio da Silva, Maurício Soares de Almeida - advogado trabalhista, suplente da chapa do sociólogo Fernando H. Cardoso, Airton Soares, Marco Aurélio Ribeiro, Eduardo Matarazzo Suplicy, Almir Pazzianotto Pinto entre outros.³³

O ano de 1978 produziu a movimentação na prática dos enunciados e imagens de luta propostos pelas lideranças sindicais desde o início dos anos 70. Mesmo após a agitação das greves de 78 o sindicato continuava promovendo atividades (vide o III Congresso) e nunca perdendo de vista, a "menina dos olhos" dos dirigentes sindicais: a fábrica.

Aliás, a coluna *Notícias das Empresas* veiculou amplamente as denúncias do João Ferrador após os acontecimentos de maio. Denúncias de demissão em massa na Scania (400 profissionais sem emprego: "livrou-se dos operários brigadores, que haviam conquistado um aumento de salário com a greve, (...)"), serviço de espionagem na Volks - "para descobrir se os candidatos a emprego, vindo de outras fábricas, participarão ou não das greves," e represálias contra as

³¹T.M., nº 48, 1978, ps. 5-8. Consultei também *Regimento Interno*, III Congresso do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Bernardo do Campo e Diadema, 1978, mimeo.; ³²*Congresso dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de S. Bernardo e Diadema*, São Paulo, Oboré, 1978. (Este caderno contém as resoluções do 3º Congresso. A discussão política em quadrinhos elaborados por Henfil e Laerte.); "Metalúrgicos iniciam o 3º Congresso." *Folha de S. Paulo*, 07/10/1978; (08/10/78 e 09/10/78); "As Conclusões do Guarujá." *Folha de S. Paulo*, 22/10/1978.; e Vianna, Luiz Werneck. "Apontamentos Sobre a Questão Operária e Sindical". São Paulo, 1979, mimeo. (II Seminário de Relações de Trabalho e Movimentos Sociais/CEDEC)

³²T.M., nº 48, 1978, p. 10.

³³ABCD Jornal, nº 22, 1978, ps. 4-5.

companheiras que participaram do Congresso da Mulher Metalúrgica (na Polimatic - demissões e perseguições). Vejamos outras manchetes estampadas na *T.M.* "*Fris-Moldu-Car não cumpre palavra e demite operários*"; "*Na Arteb, mesma situação*"; "*A Conforja se vinga com as demissões*"; "*Controle desumano na Carfriz S/A*"; "*Hora extras em excesso e perseguição ao diretor do sindicato na Scania.*"; "*Os abusos da Agathon*".³⁴

Em novembro de 1978, o jornal *T.M.* publica um comunicado da FIESP com as seguintes instruções para seus filiados:

"Criar um Centro de Informação na FIESP para que se possa saber a todo momento quais as empresas que estão em greve e obter-se um quadro global da situação (...)

. Não pagar em nenhuma hipótese as horas paradas e não estabelecer acordos de compensação, pois não existindo no Brasil fundo para greves, esse será um excelente recurso para as empresas.

. Tentar de todas as formas colocar os grevistas na via pública; (...) Com esta providência teremos a possibilidade de envolver o poder público, pois os empregados em grande número estarão na via pública e podemos também exercer uma pressão psicológica sobre o sindicato dos empregados, pois a tendência natural é os empregados se dirigirem à sede dos sindicatos para reclamar ou pedir providências.

. Suspender por um ou dois dias (disciplinarmente) aqueles que entrarem na fábrica sob condição de trabalhar e não cumprirem o prometido.

Em última instância dispensar um certo número de pessoas por justa causa, (...). Essa situação gera insegurança no pessoal.

*Geralmente após essa prática ou os empregados ou o sindicato pedirão a sustação das dispensas, propondo volta ao trabalho".*³⁵

³⁴*T.M.*, nºs 47 e 48, 1978. Cabe esclarecer que o nome da coluna mudou para "empresas" depois das greves de 78. Gostaria ainda de transcrever uma matéria intitulada "Dois Diretores Voltam à Fábrica", do nº 47 que me parece elucidativa, com relação ao enunciado de luta: Fábrica: "A partir deste mês de setembro, os membros efetivos da diretoria do sindicato começam a retomar ao serviço nas fábricas. Num sistema de revezamento, a cada mês dois serão sorteados para cumprir essa nova decisão do sindicato. Os companheiros Vasile Valcov Filho e Nelson Campanholo foram os primeiros sorteados para permanecer um mês na fábrica. (...) O propósito da diretoria do nosso sindicato é mostrar que o dirigente sindical deve permanecer ligado aos colegas de fábrica, exercendo normalmente a sua profissão. Isto porque, entendemos que o sindicalismo puro, que serve realmente ao trabalhador, é o que se vincula intimamente aos trabalhadores, dentro das fábricas. Do contrário, o dirigente sindical perde sua condição de trabalhador, burocratiza-se e passa a não encarar a luta coletiva como uma forma de combater as injustiças patronais". [os grifos são meus]

³⁵Idem, nº 49, 1978.

A ofensiva patronal contra as greves não esmorece o ânimo dos dirigentes sindicais. Ao contrário, a *"reação patronal exige nova ofensiva operária"*. Para isso, o jornal *T.M.* publica ao lado do comunicado da FIESP (na primeira página, cabe frisar) a orientação sindical:

"Está claro que os patrões estão se organizando para ferrar os trabalhadores e desmoralizar as greves. (...) Por isso, se os trabalhadores de um empresa tiverem um problema, devem proceder da seguinte forma:

. Procurar o sindicato que tentará encaminhar as negociações com a empresa;

. Se todos os recursos do diálogo não derem resultado, poderemos usar a greve, mas com o necessário preparo dos trabalhadores;

. Jamais começar um greve parcial, de apenas uma seção. Se isto for feito, a empresa fará uma pressão terrível em cima destes trabalhadores e eles ficarão isolados;

. Não aceitar participar de comissões e nem fazer acordos sem a assistência do sindicato;

. Só conseguiremos vitória com a unidade.

. (...) antes de qualquer greve todos os trabalhadores, mesmo os não sócios, devem vir ao sindicato para receberem novas instruções. O sindicato é o único órgão em que devemos confiar para resolver nossos problemas".³⁶

As investidas patronais sucediam-se a todo momento. Agressões, represálias e arbitrariedades atingiram indistintamente a todos. Afinal, os *"patrões estão soltando fogo"* na Villares (teve uma greve de solidariedade, que durou mais de 8 dias); na Scania; na Abraçatec; na Mercedes; na Volks (onze participantes do III Congresso foram demitidos); na Ford; na Polimatic e Metagal; na Carfriz (*"200 companheiros na rua"*); entre muitas outras. A diretoria indicava o rumo a ser seguido:

"Companheiro Metalúrgico!

Denuncie no sindicato a irregularidade da fábrica onde você trabalha. Assim, você recebe orientação para se defender e, ao mesmo tempo, contribui para que a diretoria do sindicato possa melhor defender a categoria".³⁷

³⁶Idem, nº 49, 1978. Consultei também: "O Fundo de Greve. Uma resposta à Política de Demissões e Perseguições que os Patrões Impõem." In: *ABCD Jornal*, nº 23, 1978.

³⁷*T.M.*, nº 49, 1978, p. 9.

O ano de 1978 terminava e muitas histórias também. Os dois anos seguintes revelarão as greves em três espaços: a fábrica (no que tange à organização e mobilização para a luta), o sindicato e a cidade. E essas são outras histórias.

2. "OS 15 DIAS QUE ABALARAM OS PATRÕES DO ABC".

"NA CAPITAL DO AUTOMÓVEL: GREVE GERAL".

*"Olha ai pessoal!
Esta chegando a hora
da onça beber água...
Não fique ai sozinho
de braços cruzados!
Una-se a todos no
sindicato.
Será que você não percebeu
ainda, que o patrão está
unido para continuar nos
explorando?"*

Esta é apenas uma das mensagens dos vários boletins da campanha salarial de 1979, em que por intermédio do *João Ferrador* os diretores sindicais de São Bernardo convidam os trabalhadores a se engajarem efetivamente na luta por melhores salários. *"Vocês viram que no ano de 1978, com um pouquinho só de luta conseguimos alguma coisa a mais do que nos era dado todos os anos. (...) Não fique também esperando que a diretoria do sindicato resolva sozinha os problemas de todos. É obrigação de todos trabalhadores lutarem, descruze os braços, porque você também é responsável por esta série de abusos que o patrão vem impondo à classe trabalhadora".*³⁸

A diretoria joga todo o peso na campanha de 79, entendendo que a *"mobilização nas fábricas"* é fundamental para garantia de algum êxito. Uma iniciativa de mobilização dos trabalhadores - além das reuniões, assembleias que ocorriam desde janeiro - é a veiculação de um suplemento diário. O *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica* é um investimento como tantos outros, na formação e no esclarecimento dos *"companheiros"*.³⁹

O jornal *T.M.*, de fevereiro de 1979, anuncia em primeira página que a *"campanha salarial esquenta: logo mais, o sindicato e a comissão de salários estarão se reunindo com os patrões"*

³⁸"COMPANHEIROS". *Folheto*, 1979. Consulte também "Aumento Para 1979." *Folheto*, 1979.; "34,1% de aumento ACIMA do índice do governo ou GREVE GERAL." *Folheto*, Grupo de Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, 1979

³⁹*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, fevereiro. 1979.

para discutir a pauta unitária das nossas reivindicações aprovada por nós e mais trinta e três sindicatos de metalúrgicos. 'O êxito da campanha' depende de você aí na fábrica. (...) precisamos deixar de fazer horas extras. Pois o patrão não pode ter estoques para resistir a uma possível greve. (...) todos devem participar da luta, discutindo e sugerindo formas para se quebrar a intransigência patronal". As principais reivindicações são: reajuste de 34,1% sobre o índice oficial. *"Ou seja: o que estão nos devendo desde 1973/1974 mais o fator deste ano; garantia no emprego após a experiência de 90 dias; piso salarial igual a três salários mínimos vigentes; redução da jornada de trabalho para quarenta horas semanais, isto sem prejuízo dos salários atualmente pagos pelas 48 horas; estabilidade para os delegados sindicais; reajuste salarial após 3 meses, de acordo com os índices do DIEESE e estabilidade para os empregados acidentados".*⁴⁰

*João Ferrador, Luís Inácio da Silva, na coluna Nossa Opinião, o Repórter Metalúrgico - agora representado pela figura do João Ferrador, discutem pontualmente as principais reivindicações da campanha salarial de 1979. É enfatizado, por exemplo, o Comando Unificado dos Metalúrgicos que reunidos no 9º Congresso, em Lins, efetivaram uma pauta unitária de reivindicações aprovada por 34 sindicatos. De acordo com Luís Inácio: "Os tempos difíceis já vencemos, com as greves de maio, quando enfrentamos praticamente sozinhos - como pioneiros na quebra do terrível tabu - uma ordem institucional fechada, que até então não tolerava qualquer ato contrário aos seus desígnios. Mas nós tivemos a coragem de ferir de morte os fundamentos dessa ordem e, às nossas pegadas, vieram outras categorias de trabalhadores de outros segmentos da sociedade brasileira. (...) Hoje estamos todos unidos - os metalúrgicos do Estado de São Paulo, outros sindicatos e outras camadas sociais - com o propósito de conquistar aquilo que, de fato, de direito e de justiça, nos cabe como os principais construtores da grandeza da Pátria".*⁴¹ [os grifos são meus]

A partir de textos e de histórias em quadrinhos, João Ferrador e o Repórter Metalúrgico debatem a campanha de 79. Temas como a garantia no emprego, o sentido das horas extras, a recuperação do poder aquisitivo, as constantes irregularidades nas empresas (falta de segurança no trabalho, falta de higiene, baixos salários, jornada de 10-12 horas de trabalho, exploração do

⁴⁰T.M., nº 50, 1979. Consultei também "Rol de Reivindicações dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema". *Folheto*, 02-02-1979.

⁴¹T.M., nº 50, 1979, p. 3.

trabalho de menores, etc.), e as lutas gerais dos trabalhadores serão freqüentes nas páginas do jornal.

Desta forma, o jornal *T.M.* ressalta ainda a importância do 9^o Congresso dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo realizado em Lins, que *"foi marcado pela unidade. (...) há muito tempo não se realizava um certame operário que incluisse em sua pauta (...) questão tão delicada e controvertida como a criação de um Partido Político de Trabalhadores. Por tudo isso, esse foi o congresso da integração da família metalúrgica e o qual abrirá caminho para a organização política dos trabalhadores brasileiros"*.⁴²

Cabe salientar que a idéia da criação de um partido político que representasse os trabalhadores, já havia sido ventilada pelo presidente do sindicato, Luís Inácio, em 16 de setembro de 1978. De acordo com L. Flávio Rainho e O. Martines Bargas, durante o lançamento do livro *Compromissos* do então deputado Eduardo Suplicy, perante um público de 300 pessoas reunidas na livraria Brasiliense de São Paulo, Luís Inácio falou da importância de um partido dos trabalhadores e dos seus princípios. Em fevereiro de 1979, em uma entrevista *"O Avanço Sindical"* na revista *Isto É*, este tema volta a ser focalizado:

"Seria muita petulância de um dirigente sindical tentar definir a linha de um partido antes de promover um debate com a classe trabalhadora. Não acho correto tomar decisões de cúpula sobre o partido e depois fazer com que o trabalhador aceite essas decisões. Mas acredito que, se você pegar um grupo de trabalhadores para fazer um programa partidário, haverá 99% de chances de que ele tenha uma tendência socialista".⁴³

Podemos dizer que as estratégias de luta dos metalúrgicos de São Bernardo estão "esquentando", haja vista a atenção voltada para campanha salarial, para a mobilização nas fábricas, para o 9^o Congresso, ou seja, momentos de construção da identidade da categoria e da classe operária.

Entretanto, vamos voltar à evolução da campanha salarial de 1979, conseqüentemente ao longo dos acontecimentos o tema acima exposto terá maior espaço de avaliação. Assim sendo, diferentemente dos anos anteriores, os metalúrgicos do interior e do ABC iniciaram sua

⁴²Idem, n^o 50, 1979, p. 7.

⁴³*Isto É*, 21.02.1979. p. 72. Consultei também Rainho, L.F. e Bargas, O. M. *As Lutas Operárias e Sindicais dos Metalúrgicos em São Bernardo. (1977-1979)*. v. I, Op. Cit.; p. 96.

campanha, com um mês de antecedência. Todo o processo de preparação da campanha salarial de 1979 foi pautado pela *"Unidade Sindical"*, delineada no *"9º Congresso de Lins."*

Os primeiros problemas começam a aparecer no primeiro encontro entre os 34 dirigentes sindicais (do interior e do ABC), além de representantes dos sindicatos de São Paulo, Osasco e Guarulhos, que pretendiam discutir a unificação da data-base dos metalúrgicos do estado. Essa reivindicação foi rechaçada pelos dirigentes patronais durante as negociações, pois significaria objetivamente a união de todos os setores da categoria na luta por seus direitos. Deste encontro resultou uma pauta inicial de 22 reivindicações, que foi submetida à aprovação da categoria durante todo o mês de fevereiro.

Mas não foram só os metalúrgicos que se organizaram. No mesmo período, tornou-se público uma circular confidencial do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas do Estado de São Paulo - SIMESP - que continha as sugestões aplicadas, com êxito, pelos empresários nas greves de novembro de 1978 em São Paulo.

Até a deflagração da greve de 1979, haviam sido realizados três encontros públicos entre metalúrgicos e empresários e 40 horas aproximadamente de reuniões secretas. Desde o início a atitude dos empresários nas negociações visava retardar um possível acordo. Eles apostavam na debilidade do interior em contraste com o ABC, o que dividiria a categoria. Confirmando a afirmação anterior, logo na primeira reunião pública mesmo já tendo conhecimento da proposta dos metalúrgicos, os patrões não apresentaram nenhuma contraproposta, deixando claro que não estavam dispostos a aceitar a estabilidade do delegado sindical.

Frente à demora de um acerto entre as partes, os metalúrgicos decidiram antes mesmo do segundo encontro, estabelecer um limite para as negociações. Fixaram um prazo até 12 de março para os patrões apresentarem uma proposta satisfatória, caso contrário o desencadeamento de uma greve seria inevitável.

A primeira contraproposta que os patrões apresentaram consistia fundamentalmente no seguinte: 58% de aumento para quem ganhasse até três salários-mínimos, 54% de aumento para quem ganhasse de três a seis salários-mínimos; 50% de aumento para quem ganhasse de seis a dez salários-mínimos; e, acima disso, o índice oficial do governo, 44%; piso salarial de CR\$ 2.920,00; e mais, o atendimento de 11 das 22 reivindicações contidas nas proposta dos metalúrgicos. O último item da contraproposta patronal, intitulado *"Sobre as greves"*, visava um

comprometimento dos sindicatos no sentido de não apresentarem nenhuma reivindicação nem promoverem greves durante a vigência da convenção.

A possibilidade de não-aceitação da contraproposta fez com que alguns empresários, no terceiro encontro público, apresentassem algumas modificações, mas nenhuma delas capaz de levar os metalúrgicos a rever sua posição. No dia 9 de março, aproximadamente 15 mil metalúrgicos reafirmaram a deflagração da greve na assembléia, em que Luís Inácio afirmou: "*A greve é a única alternativa ... mas com a mesma coragem com que foi colocada, falarei no momento certo: companheiros, é hora de parar a greve. (...) (...) ela é hoje a principal arma da classe trabalhadora ... Apesar da imaturidade, da inconseqüência da classe empresarial, os metalúrgicos do ABC estão apenas usando um instrumento para reivindicar os seus direitos*".⁴⁴ Face à decisão da assembléia, os empresários emitiram um comunicado em que afirmavam o não pagamento das possíveis horas paradas. O primeiro passo da D.R.T. foi investigar se as assembléias eram ilegais, verificando as suas atas.

A partir do dia 12 de março o ABC continuaria a luta praticamente sozinho, pois os 29 sindicatos do interior assinaram o acordo patronal, ficando de fora apenas Santa Bárbara e Santos, que resolveram aguardar o desfecho dos entendimentos realizados pelo ABC. A Federação dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo, rompendo o acordo de Lins, aceitou a proposta apresentada pelos patrões. Dessa forma, mais uma vez, a decisão inicial da realização da campanha unitária fracassava devido à postura da Federação. Na assembléia, Luís Inácio observou: "*Não está sendo tanto pelo aumento salarial e sim por uma questão de honra, que são os delegados sindicais ... Não podemos criticar os companheiros do interior, que firmaram o acordo, uma vez que, para esses sindicatos, a negociação foi uma vitória ... A nossa reivindicação, cujo ponto mais importante é hoje o delegado sindical, não tem o mesmo peso para os sindicatos do interior, tendo em vista o número de trabalhadores desses sindicatos*".⁴⁵

⁴⁴Prades, Maria Dolores e Rago, Maria Aparecida de Paula. "O Dia-A-Dia das Greves". *Escrita-Ensaio*, nº 7, São Paulo, abril de 1980, p. 6. Ver sobre o assunto da Greve de 1979, Rainho, L.F. e Bargas, O.M. Op. Cit.; ps. 118-171.

⁴⁵Prades, Maria Dolores e Rago, Maria Aparecida de Paula. "O Dia-A-Dia das Greves". *Escrita-Ensaio*, Op. Cit.; p. 7. Cabe salientar que "a figura do delegado sindical respaldado pela estabilidade, seria a ponte entre a fábrica e o sindicato, único meio para superar os limites (...). (...) Nesta região, onde se concentra praticamente toda a indústria nacional automobilística, o sindicato, limitado por uma reduzida diretoria, encontra dificuldades para representar os interesses da categoria. (...) No caso do interior, com raras exceções, a situação é diferente, haja visto que a maioria é de pequenos sindicatos, com diretorias débeis." Ver no texto a nota 9, p. 35.

Dia 13 de março de 1979. O movimento grevista inicia. Os ferramenteiros da Volkswagen foram os primeiros a parar. Às 5 horas os piquetes já começam a convencer os companheiros a aderir ao movimento. Como o jornal *T.M.* só circulará em junho, devido às atribuições grevistas e a conseqüente intervenção no sindicato de São Bernardo, o *ABCD Jornal* - uma publicação alternativa - acompanha e abre espaço para o movimento grevista.

Desta forma, de acordo com o *ABCD* a paralisação é quase total em São Bernardo, Santo André e São Caetano - unidos na greve. Trabalhadores de todo o país e do exterior se solidarizaram com os metalúrgicos do ABC, enquanto mais de 80 mil operários reúnem-se no estádio de Vila Euclides. Em São Paulo, o T.R.T. julga a greve ilegal e a polícia aumenta a repressão aos piquetes. Independente da decisão do T.R.T., os metalúrgicos do ABCD decidem por unanimidade em novas assembléias que a greve continua até a vitória.

O Estádio de Vila Euclides, cedido pelo então prefeito Tito Costa transformou-se no ponto de reunião dos trabalhadores de São Bernardo em greve. Diariamente, inclusive nos sábados e domingos, dezenas de milhares de metalúrgicos reuniram-se lá para discutir a continuação do movimento. Vale a pena recordar, *"o que muitos não acreditavam havia acontecido: milhares de trabalhadores, num campo de futebol, para discutirem seus problemas e decidirem sobre o seu destino"*.⁴⁶

O Estádio de Vila Euclides, hoje Estádio 1^o de Maio, situa-se no centro da cidade de São Bernardo do Campo, no bairro que lhe deu o nome, localizado nas proximidades do Paço Municipal. Seu nome oficial era Estádio Costa e Silva, é de propriedade da prefeitura e tem sido utilizado, não só para assembléias, bem como para outras atividades.

Enquanto isso *"a ação repressiva aumentava cada vez mais. A Polícia Militar havia mobilizado toda a sua tropa de choque, cavalaria e soldados com cães, concentrando-os no ABC, ao longo da Via Anchieta e aquartelando-os no interior de empresas, como Volkswagen. Agentes do DOPS, 'mal vestidos', disfarçados, infiltravam-se entre os trabalhadores, vendo seus gestos, ouvindo o que discutiam e decidiam, enfim, participando das atividades da greve"*.⁴⁷

No dia 23 de março a intervenção é decretada nos sindicatos. Tropas de choque cercam os sindicatos. Luís Inácio da Silva é destituído. Pelas ruas de São Bernardo os trabalhadores em greve entram em choque com a polícia. Em Santo André e São Caetano as mesmas cenas se

⁴⁶Rainho, L.F. e Bargas, O.M. Op. Cit.; p. 125.

⁴⁷Idem, p. 130.

repetem. As prisões começam logo após a intervenção. Até um fotógrafo da revista *Isto É* é preso. A repressão policial aumenta ainda mais e dezenas de metalúrgicos são violentamente espancados no centro da cidade. Com ou sem diretoria, a greve continua. Os operários na sexta-feira à tarde fazem a retomada simbólica do sindicato por quinze minutos. A resistência dos metalúrgicos à intervenção federal e à repressão policial volta a ser demonstrada no sábado, no Paço Municipal. Afinal, a partir da intervenção, as assembleias no Estádio de Vila Euclides estavam proibidas.

No dia 27 de março na assembleia dos 3 sindicatos, os metalúrgicos decidem parar a greve temporariamente, aceitando o acordo de trégua de 45 dias para negociar os três pontos fundamentais anunciados por Luís Inácio: devolução do sindicato aos seus legítimos donos, os trabalhadores; pagamento integral dos dias parados e o não desconto dos 11% de aumento conquistados nas greves de maio de 1978.

Durante os 45 dias de trégua, a diretoria e a comissão de salários instalaram-se no Salão Paroquial da Igreja Matriz de São Bernardo do Campo e no Bar Aquáriu, instalado próximo à Matriz, tornando-se os pontos de encontro.

Nesses locais irá funcionar o "*verdadeiro*" sindicato, atuando livremente das amarras do Ministério do Trabalho. Teremos várias atividades como as reuniões na Igreja, no Bar; a presença constante e diária nas portas das fábricas; a exibição do filme do cineasta Renato Tapajós: "*Que ninguém nunca mais ouse duvidar da capacidade de luta dos trabalhadores*", feito por solicitação do sindicato, projetado nos bairros e no salão da Igreja Matriz; shows de música popular, no conjunto Vera Cruz com o objetivo de propiciar coleta de dinheiro e um torneio de futebol. Assim, cabe recordar: "*sindicato não é o prédio, mas sindicato é o trabalhador dentro da fábrica, é o trabalhador na praça.*", frase repetida pelos metalúrgicos nas assembleias.

O *ABCD Jornal* foi estratégico naquele período. Seus diretores colocaram-se à disposição do "sindicato livre" e suas edições passaram a ser freqüentes. Sua linha editorial era fornecida pela diretoria e sua distribuição gratuita. Nesse sentido, em abril o *ABCD* estampava na primeira página as recomendações das diretorias:

- "Não esqueça:*
- . *Muito cuidado com as manobras dos patrões.*
 - . *Não fazer horas-extras.*
 - . *Não aceitar mudança de horário.*
 - . *Não compensar os dias de greve.*

- . *Se demitido, procure as diretorias*
- . *Não acreditar em boletim do interventor.*
- . *Não aceitar interventor para negociar.*
- . *Denunciar as irregularidades das empresas.*
- . *Máximo de economia em casa.*
- . *Manter a mobilização, dentro das fábricas.*
- . *Discutir todos os problemas com os companheiros".*⁴⁸

O 1^o de maio de 1979 ocorre em São Bernardo durante a "trégua" e com o sindicato sob intervenção. Foi organizado por mais de 60 entidades sob a orientação da diretoria de São Bernardo e em torno das seguintes bandeiras de luta: pelo fim da intervenção nos sindicatos do ABC, pelo salário-mínimo real e unificado; pela garantia de emprego; pela liberdade e autonomia sindical; pelo direito de greve; pela luta contra a carestia.

Aproximadamente 150 mil pessoas se comprimiram no Estádio de Vila Euclides e seus arredores empunhando faixas e cartazes. Antecedendo às solenidades do 1^o de maio, no Estádio de Vila Euclides foi celebrada uma missa no Paço Municipal de São Bernardo com a presença de Vinícius de Moraes. Na ocasião, foi recitado seu poema "*O Operário em Construção*".

Cabe enfatizar que se em 1979 o jornal *T.M.* veiculava amplamente a mobilização política no sindicato e nas fábricas (a campanha salarial estava "*a todo vapor*"), o *ABCD Jornal* também irá procurar seguir a mesma trilha de aproximação operária com a deflagração da greve geral da categoria. Entrementes, o movimento grevista levou os metalúrgicos a participarem efetivamente em outro espaço, ou seja, a cidade. Não foram momentos tranquilos, ao contrário, festa e dor com grande parte dos trabalhadores sentindo na pele a dureza dos cassetetes e os efeitos das bombas da polícia.

Desse modo, podemos afirmar que institui-se o lugar da luta "cidade" com enorme desenvoltura na fala sindical. Naquele momento, as assembléias gerais ou manifestações de protesto ocorreriam no Paço Municipal, no Estádio de Vila Euclides, na praça da Igreja Matriz, nas ruas de São Bernardo. O sindicato, a fábrica e a cidade são enunciados e imagens freqüentes no pós-78.

⁴⁸*ABCD Jornal*, nº 26, 18 a 24 de abril de 1979. "As irregularidades que estão ocorrendo em sua fábrica podem ser denunciados ao ABCD Jornal (...) ou na Igreja Matriz, de São Bernardo, demissões, pressões para cumprimento de horas extras, etc.; você deve denunciar." Ver na p. 5. Consultei também *ABCD Jornal*, nº 25, 4 a 11 de abril de 1979; *Isto É*, 28-03-1979. (Reportagem de capa: "Lula, os Trabalhadores, o Ministro Macedo. Sem Saída."); e 4-04/1979. ("O Que a Greve Ensinou"); e "Assembléia de Apoio aos Grevistas do ABC." *Folheto*, 1979.

Nos momentos finais do prazo estabelecido as negociações tentavam cumprir os objetivos. O acordo firmado na madrugada do dia 12 de maio entre patrões e empregados, estabelecia um índice de aumento de 63% para quem ganhava até dez salários-mínimos em março de 1979, sendo que esse índice seria aplicado sobre o salário de março de 1978; para quem ganhava acima de dez salários-mínimos (CR\$ 15.600,00) prevalecia o índice oficial; o piso salarial foi estabelecido em CR\$ 3.204,00, sendo que ele passaria em janeiro de 1980 para CR\$ 3.844,80; duas antecipações salariais de 10% cada uma, sendo a primeira em setembro de 1979 e a segunda em janeiro de 1980. No entanto, esse acordo só seria aplicado nas empresas que concederam aumentos reais, extra-dissídios, durante o ano de 1978. Para as restantes prevaleceriam os índices escalonados anteriormente, aceitos pelos sindicatos do interior. Estabeleceu-se também para ambos os casos, o desconto de 50% dos dias paralisados em cinco parcelas iguais e sucessivas deixando a critério das empresas a reposição ou desconto do restante no prazo de um ano. A questão da intervenção não entrou nas negociações. *"Não negociamos o sindicato porque ele é nosso".* A assinatura do acordo dependia de sua aprovação na assembléia, *"tanto Lula como Marcilio e Lins tinham consciência de que ele não atendia inteiramente aos interesses da categoria, mas foram unânimes em afirmar que o que fora conquistado até o momento não deixava de ser uma vitória da classe trabalhadora".*⁴⁹

No dia 13 de maio, 60 mil trabalhadores de São Bernardo, 3 mil de Santo André e 500 de São Caetano, reunidos respectivamente nas suas assembléias aprovaram o acordo negociado por seus representantes. O governo revogou os atos de intervenção nos sindicatos de São Bernardo, Santo André e São Caetano no dia 15 de maio de 1979. A diretoria de São Bernardo do Campo reassumiu no dia 18. Na época Luís Inácio declarou: *"Quem conhece cada um dos diretores do sindicato sabe que segunda-feira começa tudo de novo, porque a luta não terminou. Foi interrompida por alguns dias. E quem duvidar da capacidade de luta da diretoria certamente*

⁴⁹Prades, M. D. e Rago, M. A. de P. "O Dia-A-Dia das Greves". *Escrita-Ensaio*, Op. Cit.; p. 32. Conforme as autoras, no chamado período de trégua os patrões descumpriram os compromissos assumidos no "acordo verbal" logo no início, que previa entre outras coisas a não-punição dos grevistas durante os 120 dias seguintes. "Segundo dados da própria FIESP, até o primeiro dia de volta ao trabalho tinham sido demitidos 350 operários de 20 empresas do ABC." (p. 29). Ver sobre esse assunto Rainho, L.F. e Bargas, O.M. Op. Cit.; ps. 118-171. Conferir também as fotos da greve de 1979 Oliva, Aloizio M. e Outros. *Imagens da Luta. 1905-1985*. Op. Cit.; ps. 162-179.

estará enganado ... que ninguém nunca mais ouse duvidar da capacidade de luta dos trabalhadores".⁵⁰

*"Ilustríssimo Senhor Dr. Murilo Macedo
Digníssimo Ministro do Trabalho
do meu Brasil Grande e Potente.*

Prezado Senhor:

Estou de volta, Senhor ministro. Com certeza, pouca gente aí da roda do senhor acreditava em nossa volta. (Nessa roda incluo também os patrões.) Afinal, os senhores partiram firmes pra cima da gente, com uma tremenda gana de nos liquidar. (...) Por tudo que nos fizeram, era para a gente estar com muita raiva. Contudo, escrevo ao senhor com a alma leve e o coração cheio de alegria. Isto porque saímos vitoriosos da luta. E os vitoriosos não odeiam seus inimigos, conforme a lição sobre guerra que aprendi no curso de maturidade do nosso sindicato.

(...). A pretensão dos patrões era liquidar com o sindicalismo no ABC. Tratava-se de um objetivo político no qual eles investiram uma parte dos grandes lucros que tiveram durante 15 anos de tranqüilidade, quando os trabalhadores foram prensados à parede e não podiam reagir. Essa intenção ficou bem clara a partir do momento em que conseguiram quebrar a unidade dos 34 sindicatos do setor, propondo um acordo que não satisfazia o pessoal aqui do pedaço. Os outros sindicatos aceitaram-no e nós ficamos lutando sozinhos. (...)

(...) concluindo, (...) os patrões não souberam avaliar a nossa competência. (nisto, modéstia à parte, os bons somos nós.) em matéria de organização e mobilização, e deram-se mal. Do contrário, o senhor teria sido poupado desta espinhosa missão de intervir em nosso sindicato. (...) Era tudo que tinha a dizer ao senhor, nesta nossa volta triunfal".⁵¹

João Ferrador voltou para o sindicato. A análise do movimento de 1979 indicava a vitória. Encontramos na fala sindical uma *"classe operária aguerrida e dona de uma capacidade extraordinária para organizar-se sindicalmente"*. A luta seguinte era pelo reconhecimento dos delegados sindicais.

⁵⁰Prades, M. D. e Rago, M. A. de Paula. Op. Cit.; p. 34. Consultei também *ABCD Jornal*, nº 28, 17 a 23 de maio de 1979. ("A Vontade dos Trabalhadores Prevaleceu "O Sindicato é Nosso" "); e Entrevistas e discursos de Luís Inácio da Silva em 1979 em diversas publicações Cf. *Lula - Entrevistas e Discursos*. Op. Cit.; ps. 141-242; e, ps. 303-344.

⁵¹*T.M.*, nº 51, 1979, p. 2.

João Ferrador ressaltava ainda a importância do Fundo de Greve para o movimento grevista. O dinheiro e os alimentos doados pelos trabalhadores de outras categorias, assim como as manifestações de solidariedade foram fundamentais naqueles momentos. Para se ter uma idéia, no terceiro dia do movimento o posto de atendimento montado no sindicato com os recursos do Fundo de Greve, já começava a funcionar atendendo famílias de trabalhadores necessitados. Durante a intervenção o atendimento continuou na Igreja-Matriz de São Bernardo. Posteriormente, o Fundo de Greve distribuiu também dinheiro aos que precisavam pagar aluguéis e prestações atrasadas, ou comprar botijões de gás.

De acordo com o jornal *T.M.*: "*arrecadações, em dinheiro ou espécie, chegavam de todos os cantos. Os sindicatos de diferentes categorias profissionais promoveram coletas entre os seus associados e junto à população em geral. (...) Até os comerciantes e feirantes cooperavam com o envio de mercadorias que abasteciam o nosso ponto. (...)*

A solidariedade de outros trabalhadores, e mesmo de setores aparentemente alheios à nossa vida, como professores, estudantes, intelectuais, etc. não nos faltou em momento algum. Foi com o maior empenho e vontade de ajudar que outros sindicatos concitaram seus representados a vender os bônus para o nosso Fundo de Greve. (...)

(...) Pensa-se de agora em diante em constituir um fundo de greve permanente. (...) precisamos montar uma estrutura de subsistência para os próximos movimentos, porque a luta não terminou, muitas outras batalhas teremos ainda de travar antes da eliminação total das injustiças patronais".⁵²

Todavia, se encontramos elogios para a greve de 79, para o fundo de greve, para o então prefeito Tito Costa, para o Bispo de Santo André, Dom Cláudio Hummes, o mesmo não ocorrerá com a "*velha estrutura sindical*". A coluna *Nossa Opinião*, a qual veicula a opinião do presidente do sindicato, é incisiva: "*Agora derrubemos a estrutura sindical*". Nesse sentido, o Congresso de Guarujá (1978) traçou as "*primeiras e grandes diretrizes para a implantação de um novo sindicalismo, questionando a fundo os males e os vícios dessa estrutura. (...) Por autonomia e liberdade sindicais entendemos o órgão classista dos trabalhadores totalmente desligado do governo*".⁵³

⁵²Idem, nº 51, 1979, ps. 9-10. Consultei também: "Aplique no Fundo de Greve." *Folheto*, 1979.; "A Nossa Luta Continua Pela Criação do Fundo de Greve." *Folheto*, 1979.; "Fundo de Greve". *Folheto*, 1979.; e, "Ao Povo Brasileiro". *Folheto*, 1979.

⁵³*T.M.*, nº 51, 1979, p. 3.

É importante observarmos como o jornal *T.M.* após a greve de 79 focaliza a questão da estrutura sindical. O X Congresso Nacional dos Metalúrgicos realizado em junho em Poços de Caldas, Minas Gerais, reflete o interesse na discussão da estrutura do sindicalismo brasileiro. Assim sendo, *"os companheiros de São Bernardo e Diadema, ao lado de outros metalúrgicos, conseguiram fazer prevalecer as principais teses no Congresso, como a luta pela anistia, ampla, geral e irrestrita, a discussão nas bases de um partido dos trabalhadores, uma central única para a classe trabalhadora, a luta pela liberdade sindical e a defesa do direito de greve"*.⁵⁴

A orientação da diretoria era no sentido de os metalúrgicos dentro das fábricas e em casa com os vizinhos debaterem as resoluções do congresso, amplamente divulgados no jornal como *"sindicalismo livre"*; *"a luta por um comando único no país (CUT)"*; *"eleição diretas e sem ingerência do ministério"*; *"o direito ao trabalho"*; *"as teses políticas"* e *"economia"*.

As lideranças sindicais movimentam os enunciados e as imagens do sindicato, da fábrica, da greve e da cidade. Nos números seguintes do jornal *T.M.* (agosto a dezembro/79) esses enunciados e imagens serão freqüentes. Assim como a veiculação do *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica* (que voltou a circular em outubro) também segue o mesmo caminho proposto pela fala sindical.

João Ferrador no seu último bilhete do ano de 1979 faz considerações importantes com relação ao que está escrito acima:

"Vejo a necessidade de a gente começar a pensar sobre o futuro. Esse futuro tão próximo, que começa em janeiro, anunciando os fatos que vão marcar a próxima década. Como será ela? Certamente, a crise (...) se aprofundará mais, haverá maior descontentamento entre o povo; a violência, aqui e lá fora, continuará e será mais intensa; a faixa dos pobres se tornará maior; nós teremos de lutar com maior vigor para ampliar espaço e garantir nossos direitos.

(...) o que a gente pode enfrentar tranqüila, a patrãozada enfrenta em desespero. Explico, meus companheiros: nós somos a classe do futuro. Crescemos por cima das crises, nos tornamos cada vez mais fortes dentro da sociedade.

(...) os patrões vão tentar resistir ao nosso avanço. Tudo farão para impedir que a gente conquiste mais espaço dentro da sociedade deles. Jogarão policia e suas leis perversas contra a gente. Mas não conseguirão nos intimidar. Este ano, já tiveram uma prova disso:

⁵⁴Idem, nº 51, 1979, ps. 5-8.

*tentaram nos esmagar de várias maneiras, mas nós continuamos de pé, firmes, nos organizando para alcançar esse futuro que eles tanto temem".*⁵⁵

Se por um lado a fala sindical ressalta em tom eloqüente a força da classe, sua mobilização e organização, porém o outro lado enxerga as dificuldades para enfrentar a estrutura sindical. *"Não é possível falar em democratizar o país e, ao mesmo tempo, insistir na continuidade de uma lei tão ilegítima, tão pouco democrática e que, na prática, impede o exercício de um direito que a Constituição afirma garantir. (...) é falso falar em melhorar a distribuição de renda, garantir a participação dos trabalhadores na vida do país, e, por outra parte, estimular a continuidade da velha e burocrática estrutura sindical, herdada dos tempos do Estado Novo".* Este trecho de um artigo de 1979 de José Álvaro Moisés destaca as *"lições da Greve dos Metalúrgicos"*, destas, *"a que mais se relaciona com a transição do autoritarismo para a democracia é a que se refere ao papel das lideranças sindicais. Não haverá transição para a democracia sem interlocutores políticos capazes de falar por seus representantes, diretamente com o poder, sobre as suas aspirações e sobre a sua vontade".*⁵⁶

No mesmo ano José A. Moisés em outro texto observa: *"a estrutura sindical brasileira, diante desse longo período de lutas da classe operária, chegou ao limite de suas possibilidades. (...)*

(...) ao apontar na direção de uma efetiva possibilidade de quebra da velha rigidez imposta pela estrutura oficial ao crescimento dos movimentos operários na base, as greves de 1978 criaram as condições para que a classe operária, guiada pelos novos dirigentes sindicais, fizesse a experiência de 1979. (...) Na verdade, este final de década dos anos 70, no Brasil, parece significar o fim do ciclo histórico do movimento sindical, cujas condições de superação

⁵⁵Idem, nº 55, 1979, p. 2. Consultei também: *T.M.*, nºs 52, 53 e 54 (1979) e, *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, outubro, novembro e dezembro de 1979.

⁵⁶"1979: As Lições da Greve dos Metalúrgicos." Publicado originalmente na revista "Isto É" em 28.03.1979. Moisés, José Álvaro. Op. Cit.; p. 112. De acordo com esse autor é importante: "entender por que o "establishment" quer quebrar a liderança de homens como o "Lula". No quadro atual, poucos ou quase nenhum político de projeção nacional conseguem ter o grau de legitimação de suas bases que "Lula" tem recebido, todos os dias, nas assembléias de massa, de sessenta e até oitenta mil trabalhadores. (...) Daí a força de homens como "Lula", daí também a possibilidade de ele se apresentar, frente aos homens do poder, como um interlocutor capaz de falar em nome de parcela importante dos trabalhadores, em nome da sua vontade de participar e em nome de sua almejada autonomia sindical e política. Lideranças como essas que surgiram no ABC não cedem, facilmente, diante da vontade do poder. E, por isso mesmo, são interlocutores com os quais também não é fácil negociar". Ver nas ps. 112-113.

*emergiram, ao menos tendencialmente, com as experiências que anunciaram outro ciclo novo, em 1978".*⁵⁷

Novamente encontramos dirigentes sindicais e acadêmicos debatendo o sindicato no Brasil dos anos 70. Enquanto José A. Moisés está preocupado com a questão da democracia nos rumos do movimento sindical, questionado a velha estrutura autoritária a exemplo da fala sindical; Leôncio M. Rodrigues aponta que dificilmente uma orientação "*revolucionária*" por parte dos trabalhadores poderá consolidar-se. O autor volta à tese da "*orientação sindical à americana*". A existência de um "*voluntarismo operário*" em São Bernardo. Assim: "*olhando a questão da perspectiva do movimento sindical, parece que as probabilidades maiores vão em direção da expansão e do fortalecimento de tendências reformistas moderadas, do tipo social-democrata, trabalhista ou católico*".⁵⁸

Vamos encontrar ainda um debate que será editado pela Brasiliense em 1980⁵⁹ em que o novo sindicalismo está no centro da roda. Arnaldo Gonçalves, Cândido Hilário de Araújo (Bigode) e José Pedro da Silva (Zé Pedro) participam da primeira parte da discussão denominada "*Falam os Operários*". A segunda "*Falam os Intelectuais*", conta com a participação de Luís Werneck Vianna, Maria Hermínia Tavares de Almeida, Ricardo Maranhão e o coordenador dos debates, Ricardo Antunes. As questões tratadas pelos debatedores foram as seguintes: as greves, a estrutura sindical, os sindicatos e a luta política. Assim, encontramos operários e intelectuais movimentando enunciados e imagens importantes na fala sindical de São Bernardo. Mais importante ainda, as experiências de 78 e 79 solidificaram o discurso da classe operária proposto precariamente desde 1971 pelos dirigentes sindicais.

Para J. Humphrey, a "*greve de março foi importante para todos os empregadores e trabalhadores, por causa da importância nacional dos metalúrgicos de São Bernardo e de sua política. (...) Esta importância geral desmente a noção de que os dirigentes metalúrgicos de São Bernardo formam um aristocracia operária real ou potencial, e de que a sua política seria*

⁵⁷"Os Sindicatos e as Greves dos Anos 70." Texto que foi apresentado no II Seminário de Relações de Trabalho e Movimento Sociais, em São Paulo, realizado nos dias 17 a 19 de maio de 1979. Moisés, José Álvaro. Op. Cit.; p. 130.

⁵⁸Rodrigues, Leôncio Martins. "Tendências Futuras do Sindicalismo Brasileiro". *Revista de Administração de Empresas*, Op. Cit; p. 53.

⁵⁹Antunes, Ricardo (coord.). "Por um Novo Sindicalismo". *Cadernos de Debate*, nº 7, São Paulo, 1980. Ver ainda: "Greves ... E Há Mais Do Que Isso." *Cadernos do CEAS*, nº 63, set-out/1979.; "Movimento Operário: Novas e Velhas Lutas." *Escrita-Ensaio*, nº 6, São Paulo, 1980.; e, "O Arrocho Treme nas Bases do ABC". *Escrita-Ensaio*, nº 7, Op. Cit.; ps. 37-87.

apenas de interesse dos operários das indústrias dinâmicas. Suas exigências básicas não tinham mudado. Ainda eram a favor do direito de greve, das negociações diretas com os empregadores (implicando o fim do dissídio coletivo e do papel da justiça do trabalho), e da eventual extinção da contribuição sindical como meio de financiar os sindicatos. Essas políticas eram iguais às formuladas em (1972), (...)".⁶⁰ Enfim, com a greve de 1979, outros enunciados e imagens agitam o cenário do movimento operário: "*Lula e a Greve dos Peões*"; "*A solidariedade operária*"; "*Greve Geral metalúrgica de março de 1979, expressiva vitória do movimento operário*".⁶¹

Ao tratar da importância do discurso dos metalúrgicos de São Bernardo, venho procurando demonstrar desde o Capítulo 1 esse arcabouço de uma lógica de identificação operária. Em momentos cruciais, como na sindicalização, nas eleições da diretoria; nos bilhetes do *João Ferrador*; nos Congressos (particularmente, o I e o III, organizados pelo sindicato); destaque também para o 9^o Congresso em Lins e o X Congresso; nas greves de 78 e 79; o discurso sindical revela a categoria metalúrgica assim como a classe operária.

Recordo também as contribuições que autores como G. S. Jones e E. P. Thompson proporcionaram à feitura deste trabalho. Ora, as reflexões primorosas de Jones sobre a linguagem, consciência e experiência ("*a impossibilidade de abstrair da linguagem a experiência que é na sua articulação estruturada por aquela*"). e o famoso prefácio da *Formação da Classe Operária Inglesa*, colocando a "*classe é uma relação, e não uma coisa,*" nortearam meus passos no entendimento de uma fala sindical produzida nos anos de 1971 a 1982.⁶²

⁶⁰Humphrey, John, *Fazendo o "Milagre"*. Op. Cit.; p. 197.

⁶¹Sampaio, Antonio Possidonio. *Lula e a Greve dos Peões*. Op. Cit.; ps. 13-134. Vale frisar que o dr. Antonio, um dos históricos colaboradores do jornal e do sindicato de São Bernardo, dedica este romance-reportagem para o "Lula, para os peões do ABC e ainda para Geraldo Vandré, autor do poema/canção PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES (CAMINHANDO), o hino da greve, (...)". Consultei também Rainho, L.F. e Bargas, O.M. Op. Cit.; p. 167.; e, Antunes, Ricardo. *As Formas da Greve*. (Confronto Operário no ABC Paulista: 1978-80). Op. Cit.; p. 183. Torna-se necessário descrever que na p. 179 Antunes enfatiza que "quanto à forma de ser e objetivação da Greve Geral metalúrgica podemos dizer que (...). sua motivação essencial foi idêntica à anterior: "luta contra o arrocho salarial, contra a super-exploração do trabalho." Assumiu, porém (...) a conformação de uma "Greve Geral declarada". "Econômica" na sua motivação inicial, "política" na sua significação e forma de ser, a paralisação geral metalúrgica de 1979 permaneceu nos marcos de uma greve "espontânea", sem a presença explícita de uma "direção consciente".

⁶²Jones, Gareth S. "Introduction". *Language of Class*. Studies in English Working Class History. 1832-1982. Op. Cit.; p. 20.; e, Thompson, E.P. "Prefácio". *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Op. Cit.; p. 11.

J. Rancière, suscitou em mim, o sentido da dúvida: identidade(s) e imagem(ns). Por último, e não menos importante, C. Castoriadis provocou com maestria outras dúvidas e aflições de uma ansiosa historiadora. Afinal, até quando iremos seguir "*esquemas ontológicos*" nos quais "*o proletariado é o monarca constitucional da história*". Por isso, o autor reclama: "*Buscar*" um "*ator que pudesse personificar esse projeto - um homem, um partido, uma teoria ou mesmo uma "classe" - seria ainda desconhecer as exigências criadas pelo desenvolvimento social-histórico, pela ampliação e aprofundamento agora exigidos de qualquer atividade revolucionária. O projeto revolucionário tornou-se de tal ordem que ele não terá nem sentido, nem realidade, se a esmagadora maioria dos homens e das mulheres que vivem na sociedade contemporânea não chegarem a assumi-lo e a fazer dele a expressão ativa de suas necessidades e de seus desejos. Não há salvador supremo; e nenhuma categoria particular tem a seu encargo o destino da humanidade*".⁶³

Encontrei no jornal *T.M.* a movimentação de enunciados e imagens importantes para a história do movimento operário no Brasil nos anos 70. As lideranças sindicais de São Bernardo ao buscarem a organização da categoria focalizam o sindicato, a fábrica, a greve e a cidade. Ao focalizar esses espaços de luta, a fala sindical institui uma identificação com a categoria e ao mesmo tempo com a classe operária.

Recordo aqui uma frase veiculada no jornal *T.M.* após a greve de 78: "*Os tempos difíceis estão terminando ...*". É interessante observarmos que no discurso sindical, a categoria metalúrgica - particularmente após as greves de maio - se movimenta enquanto classe. Haja vista o exemplo da preocupação na criação de um partido dos trabalhadores. É chegada a hora em que a fala sindical passa a apontar para a possibilidade de construção de um projeto de "*classe*" com outros segmentos da sociedade.

Ora, ao instituir os lugares da luta: sindicato, fábrica, greve e cidade, o discurso sindical tenta mobilizar uma categoria e a própria classe trabalhadora. Não esquecendo que a cidade representa São Bernardo mas também São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Santos, Porto Alegre, etc. Sobretudo, a cidade é o local da organização partidária dos trabalhadores. "*Bem-Vindos ao Paraíso*", será?!

⁶³Castoriadis, Cornelius. "Introdução: A Questão da História do Movimento Operário. (1973)". *A Experiência do Movimento Operário*. São Paulo, Brasiliense, 1985, ps. 77-78. Ver ainda Rancière, Jacques. *A Noite dos Proletários*. Arquivos do Sonho Operário. Op. Cit.; ps. 9-57.

3. "41 DIAS DE RESISTÊNCIA E LUTA NA CIDADE OPERÁRIA".

"SÃO BERNARDO VAI SAIR NA FRENTE. QUE NINGUÉM DUVIDE!"

Em 1980, os dirigentes sindicais resolveram encaminhar a campanha salarial de maneira diferente. Além das reuniões por fábricas ou até mesmo setores de cada empresa, os sindicatos do ABC estavam realizando reuniões com os metalúrgicos também em Sociedades Amigos de Bairro, procurando buscar o trabalhador em seu local de moradia.

O jornal *T.M.*, o *Suplemento Informativo* e os folhetos divulgam as atividades previstas pela diretoria na organização e mobilização dos trabalhadores no sindicato, na fábrica e na cidade. Nessa medida, gostaria de salientar que desde o início dos anos 70, pudemos verificar que os dirigentes e os militantes do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, a despeito das divergências quanto aos procedimentos que seriam utilizados para a mobilização operária - estavam de acordo em um ponto: a necessidade em organizar os operários metalúrgicos, conscientes da exploração vivida, em ações mais determinadas e, por isso mesmo, mais ferozes.

Ao atravessarmos o campo da experiência operária nos anos 70, encontramos pela frente um universo sindical permeado por múltiplas práticas de organização e unificação das experiências operárias. Através de um apoio decisivo às lutas desenvolvidas nas fábricas (pelos militantes e/ou dirigentes sindicais e pelos operários sem nenhuma experiência política), nas campanhas salariais que ganharam as ruas de São Bernardo, nos congressos de trabalhadores, nas greves (1978-79) e evidentemente no jornal da própria categoria, deparamos não apenas com pautas profissionais, mas também com um discurso político de identificação operária.

O sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo, ao mobilizar uma série de recursos (como vimos acima: a fábrica com os diretores de base, os jornais circulando ... as próprias campanhas salariais, os congressos, os encontros pela cidade ...), tornando o jornal um deles, tem por intuito medidas políticas fundamentais que buscam melhores condições de trabalho e vida em uma sociedade permeada por conflitos sociais.

Nessa medida, caberia observarmos que o próprio "*Cenário São Bernardo*" irá contribuir para o fortalecimento dos laços de amizade que irão se desenvolver nesse campo de experiências diferenciadas. Agora, em que medida o processo de vida desses metalúrgicos possibilitou a

incorporação dessas vivências no próprio discurso constitui uma das dificuldades da pesquisa. No entanto, podemos observar fragmentos que apontam para uma fala sensível à experiência de vida desses trabalhadores. Construindo, portanto, uma representação discursiva e uma imagem operária.

Esse "*Cenário*" começou a se modificar nos anos 50, com o advento da indústria automobilística. Naqueles anos, São Bernardo começou a receber indústrias de grande porte - que passaram a se instalar ao longo da Via Anchieta, entre as quais a Volkswagen, a Willys Over Land (hoje Ford), a Scania Vabis (hoje Saab-Scania), a Mercedes Benz, acabando por atrair migrantes de todas as partes do país. A aventura para o desconhecido, na qual a imagem de uma oportunidade para todos será decisiva, construirá, em São Bernardo, uma experiência social e histórica com os trabalhadores que por ali aventuraram-se. Sobretudo, a persistência e a transformação de suas representações e tradições culturais, a circularidade de idéias, experiências e sentimentos, mostraram-nos, no decorrer dessa exposição, que essa aventura criou raízes e deu bons frutos.

Na década de 40, a praça Lauro Gomes era um campo de futebol que servia como campo de guerra quando se defrontavam os Batateiros e os Ceboleiros (times de São Bernardo e Santo André). Depois, a praça foi o local escolhido para a construção de um grupo escolar, a construção de uma fonte luminosa, e assim por diante.

Com o crescimento da cidade, a praça Lauro Gomes, meio sufocada com tantos prédios à sua volta, continua na ordem do dia. Claro, já não atrai só os batateiros, agora atrai os "*Peões*" - os trabalhadores nordestinos e mineiros, os migrantes que chegaram à cidade nos anos 50, e que podem ser vistos por todos os lados: nas ruas, nos ônibus, nas portas das fábricas, nos campos de futebol, nas sociedades amigos de bairro, nos bares, nos forrós, nos flipperamas, nos cinemas, nas praças, nos sindicatos, nas igrejas, nos estabelecimentos comerciais, nas comunidades de base, nas favelas.

A cidade do frango com polenta, dos móveis, dos automóveis. A cidade dos "*batateiros*". São, sem dúvida alguma, imagens que atraíram grande parte dos seus atuais moradores, 73% dos quais são migrantes. ⁶⁴

⁶⁴Consultei as seguintes publicações:

. Barbosa, Newton A. M. "A Indústria do ABC", s.d., mimeo.

. Barbosa, Newton A.M. *Imigração Italiana em São Bernardo do Campo*. São Bernardo do Campo, Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo, 1975.

Podemos observar também o perfil predominantemente operário da cidade, onde a categoria dos trabalhadores metalúrgicos tem um peso estratégico. Em 1970, era responsável por nada menos que 72,9% do emprego e 82% do valor da produção industrial da cidade. Mesmo considerando apenas os trabalhadores do subsetor de material de transportes, estes continuavam a representar mais da metade (52,5%) dos trabalhadores industriais do município.

Além disso, os metalúrgicos de São Bernardo são muito concentrados espacialmente. Em 1978, menos de 600 fábricas compunham a base territorial do sindicato da categoria. Apenas cinco empresas de grande porte, todas elas automobilísticas, eram responsáveis pelo emprego de quase 50% da categoria.⁶⁵ Nesse mesmo ano, 65% da categoria, composta de 125 mil trabalhadores, concentrava-se em fábricas com mais de 1.000 empregados e 72% em fábricas com mais de 500.

São Bernardo espelha muitas imagens. Implantaram-se aí - como observei - as maiores indústrias sediadas no Brasil. A Volkswagen com seus 36 mil funcionários em 1976, a Ford, a Scania, a Brastemp. E, lado a lado com estas empresas que detêm um imenso poderio econômico, estão as favelas. A proximidade entre as fábricas e os bairros operários faz com que 40% da população de São Bernardo se desloque a pé ou de bicicleta para o trabalho, evitando assim o peso dos gastos com transporte no orçamento familiar. No entanto, cabe ressaltar que esse parque industrial não sobrevive somente com a utilização de mão-de-obra local. Cerca de 2/3 de seus

. Cardoso, Fernando Henrique e Outros. *Álbum Memória de São Bernardo*. São Bernardo do Campo, Prefeitura Municipal, Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, 1981.

. Compêndio Estatístico. São Bernardo do Campo, Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo, Secretaria de Planejamento e Economia, 1988

. Maricato, Ermínia T. M. *A Proletarização do Espaço sob a Grande Indústria*. O Caso de São Bernardo do Campo na Região da Grande São Paulo. Dissertação de Mestrado, USP, 1977.

. Medici, Ademir. *São Bernardo, Seus Bairros, Sua Gente*. São Bernardo do Campo, Secretaria de Educação, Cultura e Esportes da Prefeitura Municipal, 1981.

. Pessoti, Atilio. *Vila de São Bernardo*. São Bernardo do Campo, Secretaria de Educação, Cultura e Esportes da Prefeitura Municipal, 1981.

. Stangorlini, Mario. *As Colônias do Bairro Assunção*. São Bernardo do Campo, Secretaria de Educação, Cultura e Esportes da Prefeitura Municipal, 1988.

. Subsídios Estatísticos. São Bernardo do Campo, Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo, Secretaria de Obras, 1973

. Subsídios Estatísticos. São Bernardo do Campo, Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo, 1975/76

⁶⁵Abramo, Lais. *O Resgate da Dignidade*. Op. Cit.; ps. 41-42. Ver também da mesma autora "Greve metalúrgica em São Bernardo: Sobre a Dignidade do Trabalho." In: *As Lutas Sociais e a Cidade*. Op. Cit.; ps. 214-218. Consulte também Humphrey, John. "As Raízes e os Desafios do "Novo" Sindicalismo na Indústria Automobilística." *Estudos CEBRAP*, Op. Cit.; p. 23.

trabalhadores vem dos bairros-dormitórios da periferia de São Paulo e, em menor escala, das cidades vizinhas como Diadema, Santo André, etc.

São Bernardo, considerada também como cidade moderna, atraiu homens e mulheres em busca de melhores tempos, em busca de emprego e moradia. Nela, os trabalhadores pensavam encontrar um espaço físico para poderem trabalhar, amar, se divertir e sonhar. São Bernardo do automóvel, São Bernardo do *João Ferrador*, São Bernardo do progresso é, ao mesmo tempo, a seta da esperança e o martírio cotidiano da dificuldade e da luta ingente.

Entretanto, ao encontrarem emprego nas grandes empresas, os trabalhadores de São Bernardo vivenciaram duras e penosas experiências. Vivenciaram um cotidiano marcado não apenas pelo arrocho salarial e a rotatividade no emprego, pela intervenção governamental nos sindicatos e a arbitrariedade e repressão patronal a qualquer tentativa de organização no interior das empresas. Mas um cotidiano em que, pelas mais diversas formas e sob os mais diversos aspectos, os trabalhadores viveram um processo constante de dilapidação de suas energias físicas e morais, e mais que isso, de violentação de seus mínimos direitos: enquanto trabalhadores, cidadãos e até mesmo seres humanos.

Ora, é justamente dessas experiências cotidianas que se solidificaram os laços de amizade e companheirismo entre os trabalhadores de São Bernardo. Nesse sentido, é importante frisarmos que ao nos depararmos com essa cidade, poderíamos associá-la à idéia de um centro de realizações - de saber, comunicações, luz. Ou associações negativas: a cidade barulhenta, poluída, lugar de mundanidade e ambição. Todavia, ao observarmos esse "*Cenário*" com uma maior freqüência, sentimos a presença de uma unidade cultural em que a vida é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de famílias de trabalhadores que para aqui vieram, move-se em sentimentos e idéias, através de uma rede de relacionamentos e decisões.

Ao folhearmos as páginas da *T.M.* encontraremos nas suas matérias os fragmentos que constituíram a imagem e o discurso operário. Encontraremos a trajetória operária daqueles que vieram em busca da "*cidade industrial*" e, com isso, a procura e o enfrentamento conseqüente das duras condições de trabalho nas indústrias automobilísticas. O "*orgulho*" de poder trabalhar em uma grande multinacional, a decepção diante das condições adversas do trabalho fabril. A procura e a troca de uma fábrica por outra. As idéias e os sentimentos (medo, angústia, humilhação, perda ...) circulando em uma rede que inclui a cidade (os bairros operários: "*Comecei a conhecer trabalhadores que tinham vindo do interior do estado ou do Nordeste, pensando encontrar o*

paraíso em São Bernardo (...) e foram cair em favelas na periferia de São Bernardo do Campo. E isso me abriu os olhos".⁶⁶ e a fábrica (as conversas, as amizades adquiridas no intervalo do almoço, na hora do café, na ida aos banheiros). A organização tímida das lutas miúdas - pelos militantes sindicais, pelos militantes cristãos, pelos militantes de organizações políticas, pelos operários sem nenhuma experiência de luta no interior da fábrica. O ingresso dos filhos dos migrantes na fábrica, contribuindo para uma troca constante de vivências diferenciadas. Enfim, se as decepções transformavam as representações originais dos trabalhadores de São Bernardo e constituíam uma experiência diferenciada, simultaneamente eram a fonte de uma fala de identificação operária.

São Bernardo da Borda do Campo, "*Cidade da história e das indústrias, Cidade da riqueza e das favelas*". Entre 1971 e 1978, esse cenário é visto pelo jornal *T.M.* como um lugar onde "*falta iluminação em muitos bairros, falta água e esgoto, falta parques infantis, falta um plano habitacional*", enfim, uma cidade que carece de "*serviços relativos à educação e saúde*", a cidade poluída: "*qualquer trabalhador como nós constata nos olhos, na pele, nas vias respiratórias - e em seus filhos - que estão cometendo um crime inominável contra a população indefesa, principalmente contra a nossa classe, que precisa viver nos bairros operários, nas imediações das fábricas, sendo a maior vítima dos gases tóxicos, do mau cheiro permanente, do barulho ensurdecedor e constante, da contaminação da água e dos alimentos. (...) nós pressentimos há muitos anos: colunas de fumaça se erguendo das chaminés, cursos de águas grossos de sujeira e enegrecidos, barulho ensurdecedor nas vias públicas e nas fábricas, (...)*". De 1971 a 1978 encontramos várias imagens sombrias de São Bernardo.

Todavia, a partir das greves de 78 as lideranças sindicais reclamam não apenas da cidade sombria, reclamam a necessidade de participação dos trabalhadores no "*lugar da luta*":

"O progresso não chega aos seus verdadeiros construtores. São Bernardo é uma cidade com predominância de miseráveis, com falta de escolas, centros de lazer, com a marginalização cada vez mais acentuada da maior parte da sua população. É sobretudo uma cidade de favelados, (...) E nas favelas moram os trabalhadores que produzem os cem mil corcéis em dez meses, os milhões de Volks e outros carros de passeio por ano, os milhares de tratores, ônibus e caminhões.

⁶⁶Declarações concedidas a Luís F. Rainho, no dia 05 de novembro de 1976, por Luís Inácio da Silva. Transcrita em Rainho, L.F. e Bargas, O. M. Op. Cit.; ps. 49-51.

São os filhos desses trabalhadores que enfrentam a falta de escolas, que sofrem o frio sem agasalho suficiente, que se alimentam mal com o salário corroído pelo custo de vida incontrolável. São esses trabalhadores que ganham mal, deixando enormes lucros aos patrões e produzindo riquezas fantásticas.

Eis nossa São Bernardo aos seus 425 anos de existência. Gostaríamos que fosse diferente: (...) a numerosa categoria dos metalúrgicos, somando seus esforços ao de todo o povo, persistentemente continuará lutando contra as injustiças por uma pátria mais digna dos seus filhos. Queremos nosso espaço, queremos participar, queremos que os frutos do progresso sejam distribuídos com justiça para que consigamos a paz".⁶⁷

Desta forma, após as greves de 78-79, a fala sindical estabelece efetivamente outro enunciado e imagem operária - que irão juntar-se às anteriores, ou seja, "A Capital do Automóvel", a "Detroit Pau-de-Arara", a "Capital Social do País".

"TÁ NA HORA DA ONÇA BEBER ÁGUA!"

Como foi observado anteriormente, a campanha salarial de 1980 teve uma intensa preparação desenvolvida pelo sindicato nas fábricas, nos bairros e em assembléias. O *Suplemento Informativo* destaca amplamente as notícias da campanha (as reuniões, as assembléias): "Não Faça Hora Extra. Pois ela é o FUNDO DE GREVE do patrão...", assim como as notícias das fábricas ("Na Volks o pessoal almoça feijão com cimento."; "Insetos não identificados no bandeirão da Mercedes."; "Sacanagem da Ford."; "O Trio puxa-saco da Mercedes.") e as notícias nacionais e internacionais dos movimentos de trabalhadores em geral ("Greve na prefeitura de Campinas."; "Continua a greve em El Teniente."; "Motoristas de táxi prosseguem greve em Paris."; "Vitória dos professores. Por enquanto.").

No jornal *T.M.* de fevereiro de 1980, temos três assuntos importantes: a campanha salarial ("Nossa luta já começou") as notícias das empresas ("Chefes da Fris-Moldu-Car dão em cima das mulheres."; "As fábricas estão virando quartéis!") e o Fundo de Greve. O *Repórter Metalúrgico* convida: "Venha contribuir para seu fundo de greve. (...) Apesar das dificuldades impostas pela legislação trabalhista, a Associação Beneficente e Cultural dos Metalúrgicos de

⁶⁷*T.M.*, nº 47, 1978, p. 11. Consultei também os nºs 3(1971), 12(1972), 13(1972), 30(1975) e 48(1978). Ver ainda Sampaio, Antonio Possidonio. *A Capital do Automóvel*. (Na Voz dos Operários). Op. Cit.; ps. 13-92, e, Kotscho, Ricardo. "A Paragem na Detroit Pau-de-Arara." *Isto É*, 4/4/1979, ps. 9-11.

São Bernardo do Campo e Diadema é hoje uma realidade. (...). A idéia do Fundo de Greve nasceu da nossa luta por melhores salários e condições mais dignas de trabalho. Desde o início, junho de 1978, até agora, procuramos encontrar a melhor maneira possível para buscar a participação dos companheiros. Realizamos neste tempo, várias reuniões, onde formamos uma diretoria com dez companheiros, redigimos um estatuto e legalizamos, por fim, a associação".⁶⁸

As lideranças sindicais ao veicularem a campanha de 80 movimentam os enunciados propostos, desde 1971, com a certeza de poder organizar efetivamente os trabalhadores no sindicato, na fábrica e na cidade. É interessante salientar que após as greves de 78 e 79 o enunciado, a greve, é utilizado sob diferentes perspectivas. Por exemplo, na sindicalização - estratégia presente desde o início dos anos 70, na fala sindical: *"em maio de 1978 demos aos patrões e ao governo a demonstração de força e de organização dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. (...). Em 1979, demos mais uma prova da nossa disposição de luta, por melhores condições de vida e trabalho. (...) Diante da nossa crescente resistência os patrões não bobearam. Se uniram cada vez mais. Agora, só nos resta uma alternativa: aumentar ainda mais a nossa organização! (...) O mínimo que se pode esperar de um trabalhador consciente, (...) é ser SINDICALIZADO".⁶⁹*

Torna-se necessário observar que principalmente a campanha salarial de 80 demonstrou a intenção de movimentar - ainda mais - a fábrica como *"lugar da luta"* do movimento sindical. Aprofundando 78, as lutas e as reivindicações emergem das fábricas e também dos bairros. Diante da nova política salarial,⁷⁰ cuja principal proposta é a de abrandar a mobilização dos

⁶⁸*T.M.*, nº 56, 1980, p. 8. Consultei também *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 22-1-80, 23-1-80, 30-1-80, 31-1-80, 4-2-80, 7-2-80, 14-2-80, 15-2-80, 22-2-80, 26-2-80 e 27-2-80; "Encontro das Mulheres Metalúrgicas do São Bernardo do Campo e Diadema." *Folheto*, 1980., e "A Campanha do ABC na Fábrica e no Sindicato." *Tribuna da Luta Operária*, nº 7, 10 a 24 de fevereiro de 1980, p. 5.

⁶⁹"Proposta Individual Para Admissão Ao Quadro Social." *Folheto*, 1980. Cabe observar que algumas das reivindicações da campanha salarial de 1980 estão contidas neste folheto. Por exemplo: jornada de 40 horas semanais, controle das chefias, salário profissional, assim como outros enunciados: "Maio/78" e "Greves/79."

⁷⁰Em outubro de 1979, a política salarial vigente desde 1965 foi modificada: os reajustes salariais passaram a ser semestrais, tendo como base o INPC. Previa-se também que os reajustes obedecessem à diversidade de faixas salariais da seguinte forma: 1) até 3 salários mínimos o reajuste seria de 10% superior ao INPC; 2) de 3 a 10 salários mínimos, o reajuste seria equivalente ao incremento do INPC e 3) os salários superiores a 10 mínimos seriam reajustados de acordo com 80% do incremento do INPC. Outras reivindicações em relação às condições de trabalho, bem como o aumento da produtividade, seriam discutidas, por ocasião da data-base de cada categoria, através de negociação com os patrões. Consultei *T.M.*, nºs 53 e 54, 1979. Com relação à reivindicação de um salário profissional, Cf. *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 20-11-79.; e *T.M.*, nº 55, 1979. Ver também Maroni, Amnérís. A

trabalhadores, a diretoria do sindicato passou a dar mais importância a outras reivindicações e estruturou a campanha a partir delas. Várias formas de luta e organização foram propostas pela fala sindical a partir de reuniões nas fábricas e nos bairros. Entre elas, o boicote às horas extras, operação tartaruga, a "*Comissão dos 400*" - que foi eleita por fábrica, no intuito de democratizar as decisões tomadas durante o movimento, assim como a de tornar-se elemento de ligação entre os diretores sindicais e as bases operárias. As principais reivindicações que a diretoria do sindicato propôs foram: reajuste com base no INPC mais 15% a título de produtividade, piso salarial de CR\$ 12 mil, reajuste trimestral, garantia de emprego, garantias sindicais, salário móvel, jornada de 40 horas semanais, o salário mínimo profissional, controle de chefias, entre outros.

Ao privilegiar nos primeiros meses do ano de 1980 a campanha salarial, a diretoria do sindicato procura todos os meios de comunicação (haja vista, os folhetos do *João Ferrador*) com os trabalhadores. Um exemplo notável é a veiculação de um novo personagem de "*briga*": o *Sombra*. Desta forma, *João Ferrador* e a "*Coluna do Sombra*" estarão atentos às irregularidades ocorridas nas fábricas: "*Ei companheiros, o Sombra está descobrindo coisas na Scania. De tanto o Lula pedir para não fazer horas extras, pois ela é o Fundo de Greve dos patrões, descobrimos que pouca gente fez hora extra dia 1º. Foi o maior sarro da paróquia ...*".⁷¹

Ao lado de notícias da Ford, da Brastemp, da Sack Filtros, da Fris, encontramos também duas chamadas interessantes: "*um baile no sindicato para ajudar o Fundo de Greve*" e "*Pensão Liberdade*", peça do Grupo Forja, formado por trabalhadores, que iriam se apresentar no auditório do sindicato. O *Suplemento*, desde 1979 a exemplo do jornal *T.M.* - traz notícias das fábricas, notícias dos trabalhadores em geral e "*notícias culturais*". Todavia, essas "*notícias*" estarão só no próximo Capítulo.

Enquanto isso, é importante destacar algumas notícias das fábricas que o *João Ferrador* e o *Sombra* veiculam no mês de março de 80: "*Toyota; Volks; Brastemp*"; "*Ford Explora Menores*"; "*Sack Filtros; Ardeb*"; "*Repressão na Polimatic*"; "*Ditadura na Borg*"; "*Operários da GEMMER*

Estratégia da Recusa. Op. Cit.; ps. 104-105. "A reivindicação de "salário mínimo profissional" questiona diretamente a "política salarial e de cargos das empresas", que institui diversas "faixas salariais" para a mesma profissão.

⁷¹*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 7-3-80. Ver "Campanha Salarial. Demonstrativo de Reivindicações." *Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Bernardo do Campo e Diadema*, 1980.

Morrem de Fome"; "Os Capangas da ASBRASIL"; "Hora Extra Provoca Impotência na VW:

Ontem, dia 11, os companheiros da diretoria e mais alguns da base estiveram na porta da Volks - para convocar os companheiros para a assembléia do dia 16.

(...) Lula leu aos companheiros da Volks uma denúncia séria sobre o tratamento que a multinacional alemã dá aos seus operários. Segundo a denúncia, em 1976 os trabalhadores da empresa fizeram mais de 6 milhões de horas extras. O que significa que durante o ano de 76, a Volks deixou de empregar mais de 3 mil trabalhadores e dar melhores condições de vida às famílias desses companheiros, que chega na casa das 10 mil pessoas.

Lula disse também que na Volks existem 8 mil companheiros com problemas de surdez, e cerca de 1.500 com problemas de impotência sexual. Milhares de trabalhadores da Volks estão com sérios problemas de visão e milhares ficando loucos.

Companheiros, tudo isso chama-se exploração, muito trabalho, pouco salário. Só temos uma saída para acabar com tudo isto: nos organizando ainda mais, dar mais mobilização à categoria e lutar, com muita garra, contra os nossos inimigos".⁷² [os grifos são meus]

Na assembléia do dia 16 de março no estádio de Vila Euclides os metalúrgicos de São Bernardo e Diadema decidiram entrar em greve geral no dia 1º de abril, caso a proposta patronal não fosse satisfatória às suas reivindicações. As negociações começaram com a Federação representando 29 sindicatos, sendo dois deles comprometidos com a negociação em separado. Os sete sindicatos restantes, incluindo São Bernardo, tentavam negociar diretamente com as empresas e setores industriais mais importantes. O quadro do início das negociações mostra-se, portanto, bem mais complexo do que o do ano de 1979, quando todos os 34 sindicatos que têm data-base a 1º de abril iniciaram as conversações unidos, separando-se depois que a Federação aceitou o acordo e o ABC foi à greve.

As chamadas dos próximos números do *Suplemento* indicavam a necessidade de mobilização dos trabalhadores nos "lugares da luta". Vejamos algumas: "*Operação Marcha-Lenta.*"; "*Companheiro, troque a hora extra por um curso no sindicato.*"; "*Nenhuma peça produzida a mais!*"; "*Quanto mais o companheiro produzir, melhor será para o patrão e menor chance nós teremos para conquistar nossas reivindicações.*"; "*ORELHUDO: Não faça Hora*

⁷²Suplemento Informativo da *Tribuna Metalúrgica*, 12-3-80. Ver os Suplementos 4-2-80.; 10-3-80.; 11-3-80.; 13-3-80, e 14-3-80. Consulte também "Campanha Salarial. Assembléia Permanente." *Folheto*, 1980; e, "Campanha Salarial." *Folheto*, 1980.

Extra. Pois não é justo você ganhar um pouco mais às custas do desemprego de seu COMPANHEIRO.", "FIESP pede fim da "Operação tartaruga" "

Dia 1^o de abril de 80, o *Suplemento* informa: "*Paramos, Estamos Em Greve*". "*Um, dois, três, agora é a nossa vez*". "*As máquinas pararam e o dia amanheceu em silêncio. Foi o nosso troco. Foi o nosso NÃO à ridícula proposta de 5% de aumento sugerida pela classe patronal. (...) Foi total a adesão dos companheiros. Mas, lamentavelmente, recebemos informações de que oito companheiros foram detidos de madrugada, e um deles foi violentamente espancado na porta da Villares. É exatamente este o diálogo que os patrões entendem: o diálogo da repressão. (...) Agora nós entramos na luta e vamos em frente. A luta é nossa e vamos lutar!!!*"⁷³

O *Suplemento*, através do João Ferrador enfatiza: "*É isso moçada! Agora a gente dobra os patrões!*" A solidariedade de vários sindicatos - Químicos de São Paulo, Metalúrgicos de Porto Alegre; Comerciantes de Ijuí (RS); professores do Rio de Janeiro; Federação Internacional dos Trabalhadores nas Indústrias metalúrgicas (FITIM); Oposição Sindical dos Trabalhadores Rurais de GO, entre outros - é salientada com vigor pelo jornal. Assim como a do "*compositor Chico Buarque de Holanda (aquele da música "apesar de você, amanhã há de ser outro dia...") que enviou um cheque para o nosso FUNDO DE GREVE (...). Isto é só o começo, moçada!!!*"⁷⁴

"*Mais Força à Nossa Greve!*" Esta é a chamada do jornal *T.M.*, no qual João Ferrador orienta:

"1) Todos devem ficar em casa. Não se deve ir para a porta da fábrica, nem tomar o ônibus da empresa. Ficando em casa evitaremos provocações e repressões.

2) Não tome BEBIDAS ALCOÓLICAS durante a GREVE. Devemos permanecer de cabeça fria.

3) Vá ao sindicato e leia os boletins. Mantenha-se informado do andamento da greve.

4) Se o sindicato for interditado vá a Igreja matriz de São Bernardo.

5) Não acredite nas notícias de jornais, rádios e televisão, que falam do

⁷³*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica, 1^o-4-80. Ver os Suplementos: 17-3-80, 18-3-80, 19-3-80, 20-3-80, 21-3-80, 24-3-80, 25-3-80 e 28-3-80. Consultei também "Campanha Salarial." Folheto, 1980.*

⁷⁴*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica, 11-4-80. Ver os Suplementos: 8-4-80 e 10-4-80. Consultei também "Companheiros e Companheiras. A Onça vai Beber Água. Vamos Vencer esta Luta!" Folheto, 1980. Cabe enfatizar, que além do ABC, a greve atingiu, ao longo dos primeiros dias, Sertãozinho, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Piracicaba, São José dos Campos, Sorocaba, Campinas, Santa Bárbara do Oeste, Araraquara, Américo Brasiliense, entre outras cidades.*

fracasso da greve, Não acredite na voz dos patrões. Acredite na voz dos trabalhadores.

6) *Cuidado com os boletins falsos feitos para confundir.*

7) *Evite gastos supérfluos, economize. Faça seu próprio Fundo de Greve.*

8) *Explique para sua esposa e filhos a razão da nossa campanha salarial. Eles são nossos aliados".⁷⁵*

De acordo, com o jornal, sem piquetes e de maneira ordeira, a greve apresentou um índice de paralisação "que deve ter feito com que os patrões se descabelassem". No geral, 70% dos trabalhadores cruzaram os braços às primeiras horas do dia 1º. O balanço de um trabalho desenvolvido desde dezembro de 79, é ressaltado com pungência:

"Desde o começo, a nossa campanha salarial foi discutida em favelas, sociedades amigos de bairro, em reuniões que participaram até quatrocentos companheiros e suas famílias.

Foram rodados 450 mil boletins para as três assembléias gerais, 600 mil suplementos da TRIBUNA METALÚRGICA, distribuídos 62 mil adesivos da "oncinha" dizendo, "Tá na Hora da Onça Beber Água", colados 19 mil cartazes nos principais pontos de São Bernardo e Diadema e fixadas 20 faixas chamando para a assembléia do dia 3.

Toda essa movimentação começou com as 215 reuniões por fábrica, realizadas no sindicato com companheiros da maioria das empresas e com as 65 assembléias nas saídas e entradas de turma nas fábricas, onde foram discutidas as 26 reivindicações da nossa categoria.

(...) No dia 16 de março, quando 80 mil metalúrgicos lotaram o estádio de Vila Euclides, todos nós tínhamos certeza de que não havia outra alternativa de oposição à intransigência dos patrões, senão mostrarmos que não estávamos brincando.

Fomos para a mesa de negociação e só recebemos NÃO às nossas mais importantes reivindicações e uma proposta ridícula de 5%. Por isso, ao chegarmos ao Estádio de Vila Euclides no dia 30, ninguém tinha dúvida de que só havia uma resposta para os patrões: Greve".⁷⁶

No dia seguinte foi solicitado ao Tribunal Regional do Trabalho a decretação da ilegalidade do movimento. Entretanto, este julgou-se incompetente para tanto e ainda propôs um reajuste que

⁷⁵T.M., nº 57, 1980. As orientações e conselhos do João Ferrador estão veiculadas também em diversos Suplementos. Cf. o ano de 1980.

⁷⁶T.M., nº 57, 1980, p. 5. Na 7, João Ferrador informa que cerca de 100 entidades se reuniram na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo para organizar o comitê de apoio à greve. Consultei também *Tribuna da Luta Operária*, nºs 10 e 11, abril de 1980.

já significaria uma conquista econômica. A categoria recusou a proposta porque considerava que suas reivindicações principais como: estabilidade no emprego durante um ano, reconhecimento de delegados sindicais e redução da jornada de trabalho eram aquelas que assegurariam alterações de qualidade nas condições de ação da categoria. Sobretudo, essas reivindicações mobilizavam também o conjunto de assalariados interessados na democratização das relações de produção e organização política no país.

No dia 15 de abril o mesmo T.R.T., pressionado pelo governo e pelos patrões, decretou a ilegalidade do movimento. No dia 18, os sindicatos de São Bernardo e Santo André são postos sob intervenção. Ainda assim, a greve se mantinha. O *ABCD Jornal* novamente é transformando em jornal oficial da greve. *"Agora, eu estou aqui"*, são as palavras de *João Ferrador* na primeira página. No dia 20 começam as prisões das lideranças sindicais e de outras figuras oposicionistas. Dia 21 são proibidas manifestações públicas no Estádio de Vila Euclides e no Paço Municipal. Naquele momento a causa não era *"só da peçoçada aqui do pedaço"*. Para *João Ferrador* o *"verdadeiro motivo de toda essa violência fere literalmente os brios, o patriotismo e a dignidade de todo o povo brasileiro. A intervenção de nossos sindicatos, a prisão de Lula e outros líderes escolhidos para comandar nossa luta, a proibição policial de nossas assembléias livres, pacíficas e democráticas, tudo isso não são atos de um governo preocupado com o progresso da Nação e o bem-estar de seu povo. São atos ditados pelas multinacionais. (...) (...) o governo voltou a ser o mesmo que, durante 15 longos anos, usou toda a força bruta para dar tranqüilidade às multinacionais. (...) (...) imaginam que conseguirão isso ceifando nossas lideranças, destruindo o sindicalismo autêntico do ABC. (...) Fico por aqui, porque a brutalidade que estamos sofrendo me tornou externamente revoltado. (...) Deixo com vocês a certeza de que vamos ganhar esta briga, custe o que custar"*.⁷⁷

⁷⁷*ABCD Jornal*, nº 60, 23 de abril de 1980, p. 2. Ver ainda: *ABCD Jornal*, nº 58, 18 de abril de 1980; *Tribuna da Luta Operária*, nº 12, 19 a 30 de abril de 1980; "Ao Povo Brasileiro. Porquê continuamos em Greve." *Folheto*, 1980.; e "CASSADO". *Isto É*. 23-04-1980. (Reportagem de capa. Luís Inácio da Silva, ao longo das horas tumultuadas que se sucederam a seu afastamento da direção do sindicato, fez alguns comentários sobre a intervenção, o caráter da greve, sindicalismo, o seu futuro imediato e se aceitaria ser candidato à Presidência da República: "Isso é brincadeira. Mas falando sério e sem falsa modéstia, eu seria muito melhor que o Figueiredo. Seria muito melhor que o Maluf, Delfim, esse pessoal todo."). Outras entrevistas ver em *Lula - Entrevistas e Discursos*. Op. Cit.; ps. 243-299. Discursos ps. 345-393. Um texto de reflexão por ocasião da 1ª edição deste livro, "sobre as repercussões da oratória daquele político" é "A Palavra Imperfeita. (Sobre Entrevistas e Discursos de Lula)." Haquira Osakabe. *Remate de Males*, nº 7, Campinas, UNICAMP, 1987, ps. 167-171.

O *ABCD Jornal* procura reforçar que a "greve continua até a vitória!". Evidencia principalmente a organização crescente nos bairros. Os metalúrgicos que moravam na Vila Baeta Neves, Ferrazópolis e Parque São Bernardo formaram núcleos de resistência "porque acreditam que "é preferível ficar na nossa comunidade, onde trabalharemos melhor e seremos mais úteis do que ficar pelos arredores do sindicato e levar pancada à toa." (...) Na Vila Baeta Neves, os metalúrgicos formaram duas equipes que se encarregavam dos piquetes e do recolhimento de fundos. A realização dos piquetes nos pontos de saída dos ônibus, segundo eles, evita repressão nas portas das fábricas e consegue maiores adesões. O mesmo grupo de piquetes está encarregado de visitar a residência dos trabalhadores que ainda não se conscientizaram da importância da greve e continuam trabalhando. Esse método tem dado excelentes resultados".⁷⁸

Naqueles momentos, era importante "percorrer todas as ruas, todas as casas, conversar com todas as pessoas e evitar a repressão nas portas das fábricas e nas imediações do sindicato". Os metalúrgicos continuavam recebendo os mais diversos apoios - artistas, intelectuais, o "Ato Litúrgico" celebrado por Dom Paulo Evaristo Arns, em São Paulo, a Federação Internacional de Trabalhadores, o jornal francês "*Le Monde*", o Comitê Brasileiro pela Anistia, médicos, entre tantos outros. Como também continuavam sendo duramente reprimidos. Violência, bombas de gás lacrimogênio e cassetetes, novas prisões, espancamentos, "*Brucutus*" pela cidade, assembléias tensas na Praça da Matriz. A interdição do estádio de Vila Euclides acabou cancelando um show de Música Popular Brasileira. O ingresso para o show musical seria revertido em benefício do Fundo de Greve. Nomes como Chico Buarque de Hollanda viriam sem nada cobrar para colaborar com os metalúrgicos. Infelizmente, aos trabalhadores do ABC não foi permitido assistir a um show de música no estádio. Afinal, eles poderiam ter escutado:

*"Linha, linha de montagem
a cor a coragem*

⁷⁸*ABCD Jornal*, nº 60, 23 de abril de 1980, p. 2. Cabe frisar que a liderança da greve redefiniu sua ação no seguinte sentido: sem o sindicato, os trabalhadores deveriam dirigir-se ao Paço Municipal, se este estivesse interditado, iriam à Igreja Matriz e, na impossibilidade desta, seriam utilizadas as demais Igrejas do ABC e São Paulo. Com a efetiva proibição de realizar assembléias no Estádio ou no Paço Municipal, os operários passaram a realizá-las na Praça da Igreja Matriz e a manter a mobilização através das reuniões por bairros. Por fim, como os operários continuavam realizando assembléias na Praça da Matriz e imediações, o governo aumentou a repressão e procurou impedir a utilização de todo o espaço físico que não fosse a área interna da Igreja. Ver também *ABCD Jornal*, nº 61, 26 de abril de 1980.; e "A Luta nos Bairros e a Luta Sindical." Silvio Caccia Bava. In: *As Lutas Sociais e a Cidade*. São Paulo, Passado e Presente. Op. Cit.; ps. 288-313.

cora coragem
abecê abecedário
opera operário
pé no pé no chão
Eu não sei bem o que seja
mas sei que seja o que será
o que será que será que se veja
Vai passar por lá.
 (...)

As cabeças levantadas
máquinas paradas
dia de pescar
pois quem toca o trem para frente
também, de repente
pode o trem parar.
Gente que conhece a prensa
a brasa na fornalha
o guincho que carrega a tralha
ai, essa tralha imensa
chamada Brasil.
(Sambe, Sambe São Bernardo
Sanca, Caetano
Santa, Santo André
Dia-dia Diadema
quando for, me chame
pra tomar um mé)".
 "Linha de Montagem" - Novelli e Chico Buarque⁷⁹

O cerco se fechava. A cada assembléia realizada em que se reafirmava a continuidade da greve, mais líderes eram presos, ao mesmo tempo em que pela proibição de utilização das praças públicas, diminuía o contingente operário nas assembléias gerais. No dia 28 de abril, cerca de 8 mil metalúrgicos participaram de duas assembléias gerais plebiscitárias, momento em que se programou a realização de uma manifestação para o dia 1^o de maio.⁸⁰

⁷⁹"Linha de montagem" foi composta especialmente para um longa-metragem (com o mesmo nome) de Renato Tapajós, sobre as greves de 79 e 80. Ver também "Dom Paulo Evaristo. O Cardeal Resistente." *Isto É*, 30-04-1980. (Reportagem de Capa), e. "A Greve Dia a Dia." *Tribuna da Luta Operária*, nº 13, 1 a 17 de maio de 1980

⁸⁰De acordo com Ricardo Antunes os "membros do Comando de Greve de São Bernardo procuravam, neste momento crítico da greve, intensificar o trabalho nas grandes empresas (um conjunto de 56 empresas que reunia cerca de 95% da categoria) e confirmavam que a paralisação continuava atingindo 90% da categoria metalúrgica daqueles municípios. O Comando de Greve era então formado por Nelson

O ABCD destacava: "*O 1º de Maio vai dar mais força à nossa greve*". As matérias apelavam para a força organizativa dos metalúrgicos: "*Os patrões estão tremendo nas calças.*", "*Nós mostramos mais um vez que não temos medo.*", "*Patrões continuam mentindo, mas ninguém acredita mais neles*", "*O Fundo de Greve tá para garantir.*", "*O apoio cresce. Não estamos sozinhos!*", "*O desespero deles é sinal de fraqueza*". O roteiro do 1º de Maio (que preconizava retomada imediata das negociações, liberdade para os presos, fim da intervenção nos sindicatos, direito de greve e liberdade sindical) indicava os passos a serem seguidos, uma "*missa na Igreja Matriz de São Bernardo, às 9 horas, seguida de passeata até o Estádio de Vila Euclides e uma grande manifestação no Estádio. Trabalhadores com as suas mulheres e crianças, irão cantando durante o trajeto e em caso de repressão, se sentarão no chão, demonstrando mais uma vez a todos, que é a Policia e não os Operários que está utilizando a violência*".⁸¹

O 1º de Maio, realizado em São Bernardo em plena greve, reúne em passeata cerca de 200 mil pessoas. Essa manifestação, desafiando a proibição do governo, enfrenta um poderoso dispositivo militar montado para impedir a passeata. Todavia, à última hora e para evitar o confronto, o governo recua e decide retirar as tropas que ocupam a cidade. "*A festa durou pouco, O estádio que foi liberado para o ato público de quinta-feira já está novamente proibido para novas manifestações, a exemplo da praça da Matriz e do Paço Municipal, conforme comunicado do Deop. (...) O HABEAS CORPUS para Lula e outros dirigentes sindicais também foi negado pelo S.T.M. Mas, a passeata de 200 mil pessoas pelas ruas de São Bernardo marcou, definitivamente, o 1º de Maio como um dia de luta*".⁸²

Campanholo, único membro efetivo da diretoria em liberdade pelos diretores de base - suplentes - que trabalhavam nas fábricas e mais 16 operários do comando de greve, e reunia-se cotidianamente em locais previamente preparados e não públicos, onde procuravam dar continuidade ao movimento. Através de um grupo intermediário de operários que se ligavam à comissão de salários e mobilização, os resultados das reuniões eram divulgados às bases operárias em reuniões nos bairros, feitas nas igrejas ou associações de moradores. (...) os boletins e as decisões do comando chegavam ao conjunto da massa metalúrgica, procurando desse modo suprir a lacuna aberta pela impossibilidade de realização das assembleias gerais plebiscitárias no Estádio de Vila Euclides." In: *As Formas da Greve*. (Confronto Operário no ABC Paulista: 1978-80.) Op. Cit.; ps. 207-208.

⁸¹ABCD *Jornal*, nº 62, 30 de abril de 1980. Ver ainda "Aos Operários, Trabalhadores e Estudantes." *Folheto*, 1980.

⁸²"No Dia do Trabalho, Uma Vitória: 200 mil reconquistam o Estádio." *Folha de São Bernardo*, nº 1156, 3 de maio de 1980.; "Firmes até o FIMI!" *ABCD Jornal*, nº 63, 7 de maio de 1980. Ver também as fotos da greve de 80 e do 1º de Maio em: Oliva, Aloízio M. e Outros. *Imagens da Luta. 1905-1985*. Op. Cit.; ps. 181-203.; e Cardoso, Fernando Henrique e Outros. *Álbum Memória de São Bernardo*. Op. Cit.; ps. 26-93.

Cansados, sem recursos, sem perspectivas de que o governo abrisse negociações e com a repressão a cada dia mais cruel, uma assembléia de 4 mil metalúrgicos realizada na Igreja Matriz, no dia 11 de maio, encerra a Greve Geral em São Bernardo. Após 41 dias de confronto, os metalúrgicos decidem a volta ao trabalho. Logo a seguir os dirigentes sindicais presos são postos em liberdade. Mesmo cassada, a diretoria do sindicato dos metalúrgicos continua dirigindo o trabalho sindical.

"A GUERRA CONTINUA..."

Entre maio e junho, o ABCD saúda os metalúrgicos na volta ao trabalho. Afinal, a *"luta continua! Atrás de cada máquina. trabalhador consciente"*. As lideranças sindicais elogiam a força e a experiência acumulada pelos trabalhadores. As palavras de ordem são: *"Fazer hora-extra é indenizar o patrão. Reduza a produção!"*, *"Reforçar a organização nas fábricas e bairros. Unir cada vez mais!"*; *"O Fundo de greve é a nossa arma. Não deixe faltar a munição!"*; *"Nossa luta continua por: estabilidade por ano, 15% de aumento além do INPC, delegado sindical, 40 horas de trabalho semanais."*; *"Nossa diretoria está aí de volta. É hora da gente partir prá luta para conseguir de volta nosso sindicato que está nas mãos dos interventores pagos pelo governo e pelos patrões!"*; *"Luta contra as demissões"*.⁸³

No dia 8 de julho, o *Suplemento* está de volta. *João Ferrador* (o desenho mostra-o com um macacão escrito SOU SINDICALIZADO) continua atento assim como o *Sombra* às denúncias

Cabe frisar que o 1º de maio de 1980 movimentou uma multidão impressionante - talvez a maior desde a implantação do regime militar - na "República São Bernardo". Aliás, a canção entoada pelos trabalhadores naquela manhã de maio, logo na saída da praça da Matriz e até chegarem ao Estádio de Vila Euclides era a de G. Vandré: "Pra não dizer que não falei das flores", conhecida também como "Caminhando". Ver Sader, Eder. *Quando Novos Personagens Entraram em Cena*. Op. Cit.; ps. 27-30.; Bava, Silvio Caccia. "A Luta nos Bairros e a Luta Sindical". *As Lutas Sociais e A Cidade*. Op. Cit.; p. 300; Vale ainda citar outras referências à "cidade Greve" (a apropriação do discurso sindical, pelos meios de comunicação): "São Bernardo Não se Ajoelhou." *Isto É*, 7-5-1980, ps. 4-9. (Reportagem da Capa.); "São Bernardo, São Paulo, Brasil. É Hora de Pensar em Lula." *Isto É*. 14-5-1980, ps. 4-8.; "Aprendendo com São Bernardo." *Folha de S. Paulo. Folhetim*, 11-05-80. (Encontramos nesse número especial várias matérias que consagram a "República de São Bernardo". Os títulos, por si só, revelam esse intuito: "Que República é essa, Senhor Prefeito?", "O Brasil Ainda Será Uma Grande São Bernardo", "Puebla Começa Pelo ABC.", "A Mudança das Chaminés"; "A Terra dos Peões"; "República dos Aflitos"; "Porque São Bernardo?")

⁸³*ABCD Jornal*, nºs 64, 65 e 66, maio/junho de 1980. Ver ainda "Eis o que podemos fazer: Manter nossa unidade, preparando-nos para novas lutas. Retomar a luta pela garantia no emprego. Manter e aumentar a luta pela devolução do nosso sindicato. Conservar as reuniões de bairro, prestigiar e manter em dia as contribuições para o Fundo de Greve." In: "Companheiros e Companheiras". *Folheto*, 1980.

dos companheiros. "(...) estamos funcionando atrás da Igreja Matriz e não mais no sindicato. Antes ou depois do expediente dê um pulo na Matriz para informar e denunciar as irregularidades do trabalho".⁸⁴

O final do ano de 1980 revela as dificuldades a serem enfrentadas pelos metalúrgicos. Especialmente, mostra, segundo Luís Inácio, que *"depende pura e simplesmente da capacidade de nos organizar e lutar, para fazer novos movimentos e para ganhar aquilo que é o sonho de todo trabalhador: melhores condições de vida e liberdade sindical"*. Assim sendo, os dirigentes cassados enfrentam uma nova campanha salarial (de acordo com a política salarial vigente, os salários seriam reajustados em outubro) e a luta pela retomada do sindicato. O fortalecimento do Fundo de Greve, as notícias das fábricas, as notícias dos trabalhadores de outras categorias no Brasil e no exterior (por exemplo: *"Posseiros em Londrina"*, *"Fim da Greve em Gdansk"*, *"As atividades de Luís Inácio da Silva, Lula, Presidente Nacional do Partido dos Trabalhadores - P.T."*, *"Trabalhadores Rurais em Greve"*), a escola do sindicato (cursos de matemática, eletricidade, controle de medidas) e a comissão de empregados da Volks serão temas importantes para o *Suplemento*.⁸⁵ Afinal, as lideranças sindicais continuam mexendo nas suas pedras mais preciosas: o sindicato, a fábrica, a greve e a cidade.

João Ferrador no nº 58 da *T.M.*, (que voltou não como órgão oficial do sindicato mas como órgão informativo, sob a responsabilidade da ABCD Sociedade Cultural) observa questões importantes, com relação ao que foi exposto acima:

"O ano de 1980 termina com o nosso sindicalismo dando passos significativos. Passos ainda tímidos, mas importantes para o avanço das lutas da classe trabalhadora. (...)

Afinal, (...) um movimento sindical organizado pode decidir muito a favor dos interesses gerais do país. (...)

⁸⁴*Suplemento Informativo dos Metalúrgicos*, 08 de julho de 1980. Convém informar que o *Suplemento* voltou como órgão informativo dos trabalhadores das indústrias metalúrgicas, mecânicas e de material elétrico de São Bernardo e Diadema pois a intervenção continuava no sindicato.

⁸⁵Consultei "Fundo de Greve é de Todos." *ABCD Jornal*, nº 67, 28 de agosto de 1980, "Relatório das Atividades do Fundo de Greve no Período de Greve 1980. (Proposta para Avaliação.)". mimeo. junho. 1980.; "Caráter e Linha". mimeo, 05-07-80.; "Relatório das Atividades do Fundo de Greve, no Período de Greve e Após a Greve (1º de abril à 1º de julho)" mimeo, 25-8-80.; "Cópia do Estatuto". mimeo, 28-8-1980. (Cabe observar que os estatutos da Fundação da Associação Beneficente e Cultural dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema foram aprovados na Assembléia de Fundação da Associação em 07 de outubro de 1979. Em 28 de agosto de 1980, saiu o registro da Associação, nome oficial do Fundo de Greve.) e *Suplemento Informativo dos Metalúrgicos*, setembro a dezembro de 1980.

(...) após tentarem esmagar o nosso sindicalismo, não conseguiram fazer os trabalhadores do meu Brasil grande e potente voltar à época anterior a 1978, período duro, que a peãozada pouco comparecia às assembleias e as direções sindicais acabavam aceitando as propostas de reajustes salariais apresentadas pelos patrões. É claro que nós sentimos o peso da policia sobre a gente. É claro que sentimos a falta dos nossos sindicatos, arrancados a força das nossas mãos.

(...) ainda não temos um sindicalismo forte e perfeito. Ainda estamos construindo, através do movimento sindical uma nova forma de organização dos trabalhadores. Lutamos por um sindicato, independente do Estado e que seja democrático, com a participação maciça dos trabalhadores.

E apesar da ira dos patrões e do governo, nós vamos continuar a nossa tarefa, seja dentro das fábricas, nos bairros e nos nossos sindicatos".⁸⁶

João Ferrador, ao mexer com os enunciados e as imagens propostas pela própria liderança sindical, sinaliza o apelo operário para uma categoria e, ao mesmo tempo, para a classe trabalhadora. Na verdade, o apelo paradisiaco é marcante na fala sindical: *"aprendemos que podemos contar apenas com as nossas próprias forças e que o sucesso de nossas lutas depende de nossa capacidade de organização. (...). (...) Nossa luta valeu a pena e vale a pena continuar. Tudo indica que estamos no caminho certo. Lembrem-nos dos trabalhadores da Polônia. Eles se revoltaram, se organizaram, lutaram e venceram. O mesmo acontecerá conosco, mais dia, menos dia. Lutaremos organizadamente e teremos o nosso sindicato independente das rédeas do governo e dos patrões, como ocorre agora na Polônia. (...) Ninguém pode deter a marcha da classe trabalhadora. (...) Em 1981, ouvirão falar de nós! Daremos novos passos porque queremos escrever nossa própria história e construir um mundo onde reine a paz como fruto da justiça que nós trabalhadores entendemos".⁸⁷*

No entanto, como veremos no Capítulo 3 as pedras preciosas irão rolar entre flores e espinhos. Afinal, *"inferno"* ou *"paraiso"*, ou seja, *"rígidas polarizações e totalizações achatadas"* me faz lembrar o raciocínio de Marshall Berman: *"Isto e Aquilo foram substituídos por Isto ou Aquilo"*. Nesse sentido, concordando com o autor essa concepção limita por demais as inexoráveis contradições da vida moderna.

⁸⁶T.M., nº 58, 1980, p. 2.

⁸⁷Idem, nº 58, 1980, p. 2.

Mas cabe ainda salientar outras imagens da greve de 80. Ou poderíamos falar de outra maneira da experiência operária entre os anos de 78 a 80. Para Maria Hermínia Tavares de Almeida (1981) ainda não estava *"demarcado o terreno em que poderá vicejar um processo real de negociação coletiva, e um sindicalismo mais livre, democrático e autônomo"*. Era uma batalha em curso. John Humphrey (1981), também admite que o futuro dos *"setores dinâmicos"*, e especialmente da indústria automobilística era incerto. A *"situação de seus trabalhadores será influenciada mais pelo desenvolvimento geral da vida política no Brasil do que pelo desenvolvimento do processo de trabalho nas fábricas. Entretanto, este último aspecto será fundamentalmente importante para a análise das bases de reivindicações apresentadas por esses trabalhadores, e as possíveis bases da unidade da classe trabalhadora"*.⁸⁸

Se os autores acima citados observam que o futuro do sindicalismo está encoberto por uma neblina, R. Antunes (1986) enxerga algo diferente: *"O desfecho da Greve Geral metalúrgica de 1980, sem que nenhuma das suas reivindicações essenciais tivessem sido atendidas, (...) acabou por se configurar em inegável derrota política do movimento operário. A prisão das lideranças e seu enquadramento na Lei de Segurança Nacional, bem como a perda do organismo sindical, a que se seguiu um processo de desorganização desse núcleo moderno da classe operária brasileira e do "novo sindicalismo", com repercussões marcantes e negativas no conjunto do movimento grevista daquele ano que então se iniciava -- e que a partir daí ingressou num período de acentuado refluxo -, tudo isso refletiu e manifestou, ao contrário das vitórias inquestionáveis de 1978 e 1979, uma forte derrota política sofrida pelo operariado metalúrgico"*.⁸⁹

José Álvaro Moisés (1980), noutra perspectiva - *"sucesso ou derrota. A questão não pode ser posta de modo tão simples."* - observa que *"convém superar qualquer surpresa diante dos movimentos que, como o dos metalúrgicos do ABC, ultrapassam os seus limites. Mais do que isso, talvez seja o caso de admitir a existência de uma estratégia por parte desses movimentos que apontam, precisamente, na direção da constituição de um novo sujeito coletivo. (...) É a luta pela cidadania plena que dá conteúdo ao movimento sindical que, para isso, tende a ingressar*

⁸⁸Humphrey, John. "A Fábrica Moderna no Brasil." *Revista de Cultura e Política*, nº 5/6, CEDEC/Paz e Terra, 1981, p. 56. Ver do mesmo autor: *Fazendo o "Milagre"*. Op. Cit.; ps. 205-206.; e Almeida, Maria Hermínia Tavares de. "Tendências Recentes da Negociação Coletiva no Brasil." *Dados*, nº 2, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1981, p. 188.

⁸⁹Antunes, Ricardo. *As Formas da Greve*. Op. Cit.; ps. 229-230.

na política. (...)". Daí a estratégia de luta pela extensão dos direitos da cidadania, ela decorre da luta especificadamente sindical, mas, alternativamente ingressa no terreno social e político, precisamente para fortalecer as próprias condições de possibilidade da luta sindical. *"Isto deveria estar claro para todos, em vista de que a estratégia do "novo sindicalismo" é a de constituição de um novo sujeito coletivo"*.⁹⁰

Eder Sader (1988) retoma e alarga ainda mais a argumentação de J.A. Moisés, pois os *"movimentos sociais que adentraram no cenário público (e o modificaram) ao findar da década passada trouxeram novas modalidades de elaboração das condições de vida das classes populares e de expressão social. (...) Suas características comuns nos permitem falar de uma nova configuração de classe. (...) Da experiência das greves do fim da década - acontecimentos cruciais na elaboração que fizera de sua história, atribuindo-lhes um sentido de transformação social - ficou a idéia de que só com a luta conquistam seus direitos. (...) As identidades constituídas nos clubes de mães, nos grupos de fábrica, no "sindicalismo autêntico", nas comissões de saúde, embora mutáveis e mutuamente influenciáveis, permanecem diversas. (...) Temos assim, nessa nova configuração das classes populares, formas diferenciadas de expressão, que se remetem a diferentes histórias e experiências. (...) Os movimentos sociais foram um dos elementos da transição política ocorrida entre 1978 e 1985. (...) Através de suas formas de organização e de luta, eles alargaram as fronteiras da política. Neles apontava-se a autonomia dos sujeitos coletivos que buscavam o controle de suas condições de vida contra as instituições de poder estabelecidos"*.⁹¹

⁹⁰Moisés, José Álvaro. "A Estratégia do Novo Sindicalismo". Op. Cit.; p. 187. Merece referência o fato que para este autor: "Ao colocar no centro das suas reivindicações, ao lado da questão do aumento salarial, a reivindicação da estabilidade do emprego, a questão do limite de 40 horas semanais de trabalho e a reivindicação do direito de representação sindical na empresa, os metalúrgicos do ABC transcenderam o terreno estrito das funções sindicais e, mesmo os seus interesses mais imediatos, colocando na ordem do dia a reivindicação de direitos sociais e políticos que abraçam um conjunto bastante amplo de classes populares brasileiras. (...) É no terreno da luta por direitos sociais e políticos, portanto, que é preciso ir buscar o significado dos movimentos dos anos recentes e, particularmente, da greve de 1980. Fora desse terreno, corremos o risco de tratar o "novo sindicalismo" apenas como uma corrente sindical mais eficaz do que as outras, (...)". (p. 174). Vale indicar também a perspectiva de análise de Octavio Ianni qual ressalta a importância de um partido da classe operária e sua relação com a greve do ABC em 80. "É o partido que amarra a prática com a teoria e a teoria com a prática. É no partido que a hegemonia da classe operária se forma e conforma, desenvolve e avança. por meio da organização em partido, a classe operária tanto pode educar durante o Estado Burguês como conquistar o Estado, refazê-lo, construir um Estado de base operária". In: *O ABC da Classe Operária*. São Paulo, Hucitec, 1980, p. 102.

⁹¹Sader, Eder. *Quando Novos Personagens Entraram em Cena*. Op. Cit.; ps. 311-314. Ver do mesmo autor "Lutas Operárias e Táticas da Burguesia: 1978/1980." *Cadernos PUC*, nº 7, Cortez, 1982. (Texto

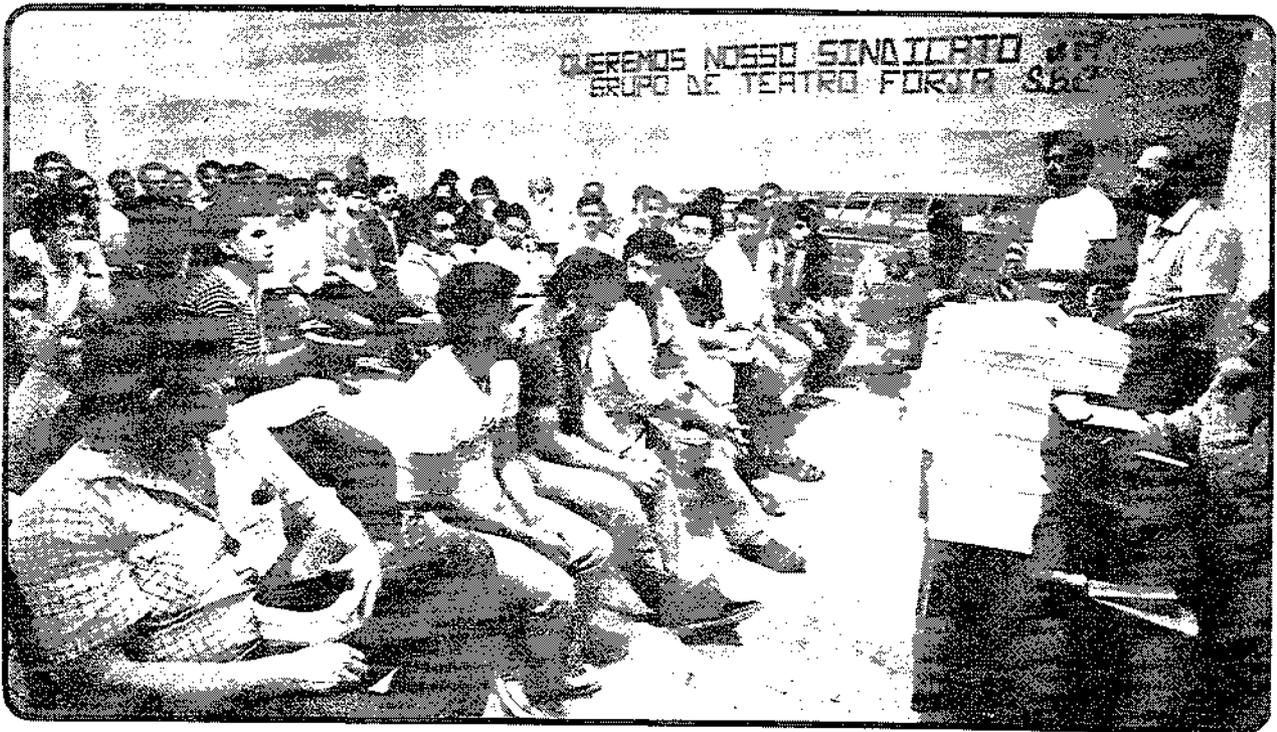
Cabe enfatizar que venho desenvolvendo, desde o Capítulo 1, o estudo de um discurso sindical que privilegia os seguintes enunciados e imagens operárias: o sindicato, a fábrica, a greve e a cidade. Mais do que isso, essa fala sindical ao procurar uma aproximação com a sua própria categoria institui uma identificação com a mesma e com a classe trabalhadora. Desse modo, os dirigentes sindicais do ABC, mesmo que pretensiosamente, acabam formulando um projeto para a classe operária.

Assim sendo, ao evidenciar essas imagens sindicais venho procurando estabelecer que o interesse desse trabalho está na possibilidade de resgatar o discurso sindical enquanto um projeto. No entanto, entendo que esse projeto não pode ser entendido como prática mesmo que em certos momentos evidentemente ocorram essas fusões.

Acrescentei ainda algumas imagens acadêmicas, entendendo que - assim como a fala sindical - os interesses e os objetivos estavam concentrados no entendimento da Classe. A partir daí, temas como: identidade, consciência, sindicato, greve, Estado e partido, serão recorrentes nas diferentes interpretações dos autores.

Ao alinhar algumas interpretações consagradas - mesmo que com preocupações e procedimentos diversos - foi possível considerar não apenas a importância do discurso sindical, mas também as elaborações dos intelectuais frente à história contemporânea. Ao falar nisso, não podemos esquecer que a questão de constituir um projeto político para a sociedade, feito pelos trabalhadores, em que suas necessidades fossem contempladas, foi pensada pela diretoria do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo juntamente com muitos outros trabalhadores manuais e intelectuais que fundaram o Partido dos Trabalhadores.

Criar um partido de massas, independente, classista e de combate. Criar um partido socialista. O socialismo estava em discussão na sociedade brasileira dos anos 80. O PT recoloca para a sociedade o sonho socialista. O discurso sindical abre um flanco partidário. E promete muito mais...



CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 3

ENTRE O CÉU E A TERRA

1. "É PRECISO TER CONSCIÊNCIA DE CLASSE".

"A NOSSA DISPOSIÇÃO ESTE ANO AINDA É MAIOR DO QUE NOS ANOS ANTERIORES".

Em janeiro de 1981 Luiz Eulálio Vidigal, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, decide não negociar com os interventores dos sindicatos no ABC os reajustes salariais dos metalúrgicos, que ocorreria em março do mesmo ano. A decisão de Luiz E. Vidigal teve ampla repercussão nos meios sindicais de São Bernardo do Campo. Expedito Batista, um dos dirigentes da antiga diretoria sindical sob intervenção naquela cidade, analisa o problema e diz que já não é mais possível realizar uma greve prolongada. Não há mais condições para aplicar a técnica de paralisação usada em 1978. E nem a de 1979 e de 1980 dariam resultados. Então tem que se fazer tudo para negociar obtendo os melhores rendimentos para a categoria sindical. Mas se esses recursos com contato direto ou indireto falharem então: *"os metalúrgicos saberão utilizar este ano uma nova fórmula de fazer greve com toda a categoria"*.¹

Embora fora do prédio da sede do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo, os líderes sindicais funcionavam como se estivessem instalados no próprio órgão oficial da classe, formando um comando orientador da categoria. Aproximadamente tínhamos dezessete ex-diretores sindicais que coordenavam todo o esforço de organização, dentro de uma casa alugada em São Bernardo. Embora a placa da casa tivesse o nome de Associação Cultural dos Metalúrgicos, os trabalhadores preferiam chamá-lo de sindicato.²

Os líderes cassados procuram mobilizar todos os trabalhadores metalúrgicos para a campanha salarial de 1981. Luís Inácio da Silva, observa: *"A única coisa que nos afastará de um movimento paredista é um acordo decente"*. As principais reivindicações dos metalúrgicos eram

¹*Suplemento Informativo dos Metalúrgicos*, 28 de janeiro de 1981. Consultei além do mês de janeiro, os de fevereiro e março. Cabe observar que foi Expedito Soares Batista o representante da diretoria destituída do sindicato de São Bernardo nas negociações com o chamado Grupo 14 da FIESP. Na época, Expedito era o único membro da diretoria executiva, com ligações com as empresas da base, que não havia sido condenado pela Lei de Segurança Nacional.

²*Suplemento Informativo dos Metalúrgicos*, 28 de janeiro de 1981. Ver as fotos durante a intervenção no sindicato. Oliva, Aloizio M. e Outros. *Imagens da Luta. 1905 -1985*. Op. Cit.; ps. 204-209.

estabilidade no emprego, 15% de aumento real, baixa do custo de vida, congelamento dos aluguéis, salário mínimo real a nível nacional, salário desemprego, jornada de trabalho de 40 horas semanais sem redução dos salários, delegado sindical e fim das intervenções nos sindicatos.³

Mesmo enfrentando problemas seríssimos como a intervenção e a condenação dos sindicalistas com base na lei de Segurança Nacional⁴ e as demissões em massa ocorridas nos primeiros meses do ano (em torno de 14 mil o contingente de desempregados), as lideranças sindicais tentavam "esquentar" a campanha. Assembléias no auditório do sindicato, reuniões em bairros nos fins de semana (com um número de participantes variando entre 1500 e 4 mil operários). Farta distribuição de cartazes com a figura do *João Ferrador* ("*Chegou a hora de colhermos o que plantamos.*"; "*Uma minoria privilegiada vive às custas da miséria, do suor e do sangue dos pobres. Como mudar? Só com união e luta!*"). Assembléias no Estádio de Vila Euclides, distribuição de 10 mil volantes do *Suplemento* nas portas de fábricas por membros da diretoria destituída. Apresentações do Grupo de Teatro Forja nas assembléias de bairro; assembléias na Praça da Matriz. Enfim, uma série de estratégias visando a organização e mobilização dos trabalhadores.⁵

De acordo com Luís Inácio: "*A nossa disposição este ano ainda é maior do que nos anos anteriores. (...) Há mais consciência e isso nos leva a estudar que tipo de atuação é melhor dentro de cada fábrica. Nós ainda somos economicamente muito fracos para suportar uma greve prolongada, mas há outras fórmulas. (...) enquanto do lado direito (fábrica de automóveis) da Anchieta a Volkswagen demite operários, do lado esquerdo (fábrica de caminhões) obriga os metalúrgicos a fazerem horas extras e trabalharem até aos domingos*".⁶

³Ver Kotscho, Ricardo. "S. Bernardo Mobiliza Todos Para a Campanha." *Suplemento Informativo dos Metalúrgicos*, 18 de março de 1981. Consultei também diversos folhetos "Campanha Salarial 81" e "A Nossa Pauta de Reivindicações. Campanha Salarial 81." *Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Bernardo*, 1981.

⁴Luís Inácio da Silva e mais dez ex-dirigentes sindicais foram condenados pela 2ª Auditoria Militar de São Paulo em março de 1981. Eles foram acusados, na época, de infringir o artigo 36 da Lei de Segurança Nacional que enquadrava o incitamento à desobediência coletiva às leis, em virtude da participação na greve dos metalúrgicos de 1980 que foi julgada ilegal. Ver "A Amarga Conta da Greve" *Veja*, 4 de março de 1981. (Reportagem de Capa. ps. 44-50); e "CARTA ABERTA." *Folheto*, 1981.

⁵*Suplemento Informativo dos Metalúrgicos*, 18 de março de 1981. Consultei também os números do mês de março.

⁶Kotscho, Ricardo. "S. Bernardo Mobiliza Todos Para a Campanha." *Suplemento Informativo dos Metalúrgicos*, Op. Cit.; p. 1. O autor observa neste artigo que Luís Inácio da Silva pretendia "continuar indo a todas as concentrações nos bairros nos fins de semana, (...)". Mesmo tendo de enfrentar uma cena que já se "tornou comum para seu constrangimento: filhos de operários levados por suas mães para lhe pedirem a benção".

Neste capítulo a intenção principal refere-se à análise da constituição de novos enunciados e imagens operárias no período de 1971 a 1982. Dessa forma, cabe salientar o modo como as lideranças sindicais vão redimensionar os enunciados e as imagens nos "*lugares da luta*".

Nessa medida, o que torna extremamente peculiar esse momento é que ao nomear (como foi visto, nos capítulos anteriores) os "*lugares da luta*" sindicato, fábrica, greve e cidade com um forte apelo de identidade operária, as lideranças sindicais não apenas conduzem a luta. Mas também definem os alvos, os métodos, os lugares e os instrumentos de luta.

Os anos 80 sugerem diante das novas situações sociais uma nova redistribuição dos alvos, métodos e instrumentos de luta. Portanto, o que pretendo acompanhar é como os "*lugares da luta*" movimentam uma quantidade considerável de estratégias, imagens, metáforas e vocabulário.

É chegada a hora de uma animação do discurso operário. Ou seja, a "*linguagem operária*" dos anos 70 procura enviar um enumerado de enunciados, de sensações ou impressões: sofrimento, violência, força, reação, resistência, ironia, enfim, falas imagéticas.

Ora, ao buscar os enunciados e as imagens construídas pelas lideranças sindicais pretendo constituir a animação operária. Desde 1971 recolhi: o "*sindicalismo autêntico*", o *João Ferrador*, a "*fábrica sombria*"; a "*fábrica e a greve*", a "*greve e a cidade*"; o "*Sombra*"; o "*Repórter Metalúrgico*"; o "*Partido dos Trabalhadores*" e, tantas outras imagens e enunciados. Nisso, o sinal recolhido foi deixado por J. Rancière: "*não se trata de raspar as imagens para que o verdadeiro apareça, mas fazer com que se mexam para que outras figuras possam ser compostas e decompostas*".⁷

Em abril de 1981 *João Ferrador* convoca a categoria para a continuidade da campanha salarial, ou seja, a luta por aquelas reivindicações que não foram atendidas, como a garantia no emprego, salário profissional, reajuste trimestral, o reconhecimento do delegado sindical e o controle do custo de vida. Dos 33 itens da pauta reivindicatória 15 foram recusados pelos empresários. Isso significa que 18 pontos foram atendidos de forma plena ou parcial. O acordo garantiu à categoria as seguintes vantagens: aumento salarial sobre os salários de 1^o de outubro de 1980, o INPC de 47,1% e mais taxa de produtividade aplicada em cinco faixas salariais, nas quais a categoria é dividida, piso salarial de Cr\$ 12.120,00 mensais, salário admissão, salário substituto; aviso prévio; medidas de proteção à hora extra; garantia de emprego; eleições na CIPA entre outras.⁸

João Ferrador trazia ainda uma outra notícia: "*Em breve teremos Eleições*". Desde 16 de fevereiro de 1981, o sindicato estava livre da intervenção do Ministério do Trabalho. A partir

⁷Rancière, Jacques. *A Noite dos Proletários*. Arquivos do Sonho Operário. Op. Cit.; ps. 23-24.

⁸T.M., nº 59, 1981, ps. 4-5.

daquela data ele passou a ser dirigido por cinco membros da categoria, considerados bastante identificados com as lutas e os interesses da mesma. A junta (diretoria provisória) abriu as portas para Luís Inácio e demais companheiros cassados. A campanha salarial foi praticamente dirigida pelos antigos dirigentes e os integrantes da diretoria provisória. Como haviam prometido em sua posse, colocaram todos os recursos do sindicato a serviço dela. Em declaração feita por ocasião de sua posse, a junta enfatizou seus dois principais compromissos: 1) desenvolver a campanha salarial; 2) convocar eleições imediatamente após a campanha salarial.

No dia 24 de abril terminaria o mandato da diretoria escolhida pela categoria para dirigir os destinos do sindicato. *João Ferrador* destacava que "os metalúrgicos que estiveram à frente do sindicato, eleito há três anos com 97% dos votos dos associados, permanecem de cabeças erguidas e com a mesma disposição de luta. O compromisso foi realizado. Foi uma diretoria que impulsionou toda a categoria para a greve de 1978. (...) Naquele ano, o país todo começou a respeitar os trabalhadores - e respirar mais aliviado porque o gesto de São Bernardo abriu nova perspectiva de liberdade. Havia chegado o momento de dizer um "basta à classe patronal", como afirmou Lula, em maio de 78, quando a diretoria então tomou posse. (...) Milhares de companheiros das fábricas deram o primeiro grito de resistência, contrastando com o absoluto silêncio das máquinas paradas. São Bernardo e Diadema iniciavam uma nova fase de lutas da classe trabalhadora brasileira. Colocamos fogo no palheiro - companheiros de centenas de outras cidades seguiram o nosso exemplo. (...) Em 1979 fomos à greve geral. À frente de milhares de metalúrgicos estava a nossa diretoria. O compromisso estava sendo cumprido. (...) Começava, porém a mais dura perseguição que assistimos nestes últimos anos da história das lutas da nossa categoria. Milhares de policiais armados até os dentes para aqui vieram. Centenas de companheiros foram espancados e muitos mutilados. (...) Em 1979 a diretoria foi afastada. O governo tentou dividir a nossa organização. Murilo Macedo fracassava. Saímos mais unidos ainda. (...) O governo foi obrigado a recuar e a diretoria pode reassumir seu posto no sindicato. Em 1980, patrões e governo jogaram tudo sobre o ABC, principalmente sobre São Bernardo e Diadema. Helicópteros, cães, metralhadoras, tanques - moveram uma verdadeira guerra contra nós. Mas tínhamos a consciência e a orientação da diretoria "todos sabíamos o que fazer." (...) A "luta agora é dentro das fábricas," foi a palavra de ordem. (...) Nosso sindicato sob intervenção. A diretoria cassada. Muitos companheiros demitidos, enquanto, para satisfazer o prazer da classe patronal, o governo processava 11 companheiros com base na Lei de Segurança Nacional. (...) Mesmo sob as piores provocações e ameaças, a diretoria continua como diretoria e no dia 24, sai para dar lugar a outra, que seja eleita pela vontade dos

*metalúrgicos, como ela. Ela soube manter a categoria unida, organizada e mobilizada. "Só irão nos calar quando nos matarem.", disse Lula. Realmente, só assim para fechar a porta que a categoria abriu em 1978. (...) Quando alguém, bem longe daqui, contar a história da classe trabalhadora, certamente a conversa começará pelo ABC".*⁹ [os grifos são meus]

Tirando a eloquência e o otimismo da fala sindical, 1981 geraria grandes preocupações a começar pela onda de demissões. A "*tempestade*" começou em janeiro com a Volkswagen anunciando a demissão de 3.000 trabalhadores e colocando em férias 7.000. Jamais, desde sua instalação no Brasil em 1963, a Volks havia demitido tanta gente de uma vez só. As razões: "*produção superior à permitida pelo mercado*".¹⁰ As denúncias de empresas que estavam demitindo crescem assustadoramente. Na verdade, o acordo salarial firmado entre o sindicato e os empresários não estava sendo cumprido. Outra denúncia freqüente era com relação ao pagamento das horas extras. A demissão e recontração dos mesmos trabalhadores, por salários inferiores aos recebidos anteriormente, é outra estratégia patronal. *João Ferrador* veiculava as notícias das fábricas, notícias sombrias da Ford, Mercedes, Merinco, Arteb, Volks, Termomecânica ...

É importante salientar que o sindicato de São Bernardo organiza em junho um ato público na Praça da Sé, contra o desemprego: "*Campanha Nacional Contra o Desemprego*", tendo como garoto propaganda o *João Ferrador*. As principais questões que foram discutidas referiam-se à redução da jornada de trabalho sem redução de salários, eliminação de horas extras e garantia ao emprego. O interesse da diretoria nesse ato público incluía, além dos metalúrgicos, outras categorias profissionais fundamentais para uma luta organizada da classe trabalhadora.¹¹

Todavia, a liderança sindical enfrentará problemas na sua própria base. Estou me referindo ao famoso episódio das eleições para diretoria do sindicato. Desde a ascensão de Luís Inácio da Silva ao sindicato de São Bernardo não ocorria a disputa de chapas nos pleitos. Assim, na chapa 1 encontramos os "*Companheiros*": Jair Antônio Meneguelli (Ford), Vicente Paulo da Silva (Mercedes), Osvaldo Martines Bargas (Kentinha), Elizeu Marques da Silva (Forjaria São Bernardo), Marcia Alves de Lima (Polimatic) entre outros. Na chapa 2 os "*Companheiros*" são: Osmar de Mendonça (Autorama), Enilson Simões de Moura (Autorama), Irani Alves Pereira (Brastemp), Orlando Galina Pereira (Ford) entre outros.

Na *T.M.* nº 60 *João Ferrador* protesta: "*Sem a menor cerimônia, na base do caradurismo, me transformaram em legenda da chapa 2. Esse pessoal deve saber que eu pertencço a toda a*

⁹Idem, nº 59, 1981, p. 2.

¹⁰"Enfim, a Tempestade." *Veja*, 14 de janeiro de 1981, ps. 60-62. A Volks ameaçou os trabalhadores de dispensa e de redução da jornada de trabalho e dos salários. Ver *T.M.*, nº 60, 1981, p. 8.

¹¹*T.M.*, nº 60, 1981. Consultei também *Suplemento Informativo dos Metalúrgicos*, 4-06-81.

*categoria e não foi criado por nenhum grupo. Logo, não posso ser utilizado para qualquer espécie de propaganda eleitoral".*¹²

Em uma "*Carta Aberta*" os dirigentes cassados fazem um balanço da gestão e dos problemas enfrentados, destacando sobretudo o seu apoio incondicional à chapa 1. Aliás, é interessante examinar essa disputa em um outro jornal de orientação distinta da *T.M.*: "*Duas chapas disputam em agosto o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema. A diretoria cassada e a junta de intervenção apoiam um certo Jair. Já a Chapa João Ferrador, de Batista, Osmar e Alemão, defende a tradição combativa da entidade contra as vacilações de sua direção nos últimos tempos*".¹³

Os líderes sindicais disputam o controle pelo sindicato de São Bernardo. O controle da fala, assim como a fabricação da mesma, sem sombra de dúvida, era primordial para os futuros "*companheiros*" que iriam dirigir nos próximos anos o sindicato.

Um acontecimento importante incrementa ainda mais a disputa eleitoral das duas chapas concorrentes. Em julho, a demissão de 400 operários pela Ford do Brasil em São Bernardo do Campo, foi estopim que levou à primeira grande greve do ano de 1981. À semelhança dos trabalhadores da Fiat do Rio de Janeiro, os nove mil metalúrgicos exigiam com os braços cruzados o atendimento de suas reivindicações básicas: readmissão dos demitidos e a estabilidade no emprego. A greve atingiu a totalidade dos trabalhadores da produção e muitos mensalistas, o seu desenvolvimento mostrou uma mobilização intensa dentro da Ford. No primeiro dia, por exemplo, os trabalhadores da fábrica de tratores continuaram em atividade mas aderiram à paralisação depois que trabalhadores de outros setores dirigiram-se para lá pedindo a solidariedade de todos. Outra prova dessa mobilização foi a passeata realizada nas ruas internas da Ford (que repetiu-se no dia seguinte), encabeçada por Jair Meneguelli. O ferramenteiro que liderava a chapa 1 na disputa eleitoral (apoiada pelo ex-presidente do sindicato Luís Inácio da

¹²*T.M.*, nº 60, 1981, p. 1.

¹³*Tribuna da Luta Operária*, nº 41, 6-06 a 19-06 de 1981, p. 4. Ver ainda "Em São Bernardo Duas Visões da Luta Operária." *Tribuna da Luta Operária*, 20-06 a 3-07-1981, p. 4. e "CARTA ABERTA AOS METALÚRGICOS." *Folheto*, 1981. Vale a pena reproduzir um trecho dessa carta: "É fato que alguns de nós estamos sendo difamados, agora, por companheiros que são candidatos da chapa 2. A esses companheiros não negamos a palavra nas assembleias; nem o apoio nas horas difíceis. Mas nos recusamos a usar contra eles os argumentos que eles usam contra nós, pois achamos que seria jogar por terra a grandeza da categoria mais combativa do Brasil. (...) Por respeito a vocês, à categoria, as nossas mulheres, aos nossos filhos e ao nome que os metalúrgicos de São Bernardo do Campo tem hoje no Brasil e no mundo, não nos rebaixaremos à rasteira calúnia de nossos adversários. (...) (...) aqueles que confiarem em nós haverão de confiar nos companheiros da CHAPA 1".

Silva), percorria a indústria orientando os trabalhadores para a formação de uma comissão que pudesse negociar com a empresa.¹⁴

Desse modo, Afonso Monteiro da Cruz - presidente da junta que dirigia o sindicato -, Luís Inácio, Djalma de Souza Bom e outros dirigentes cassados do sindicato estavam lado a lado nos portões da Ford com Osmar Mendonça (candidato à presidente), Enilson Simões Moura - o "Alemão" - e João Batista Rocha Lemos, todos da chapa 2 de oposição. Não houve trégua na luta pela garantia de emprego, e a disputa eleitoral apareceu no decorrer da greve. Integrantes da chapa 2 discordavam da forma como vinha sendo conduzida a greve e faziam acusações à diretoria cassada e à chapa 1. Para os ativistas da chapa 2 a greve não poderia "*limitar-se a uma empresa*". No jornal *Movimento*, Osmar Mendonça acusava a diretoria cassada de utilizar a greve para fins eleitorais. Entre os membros da chapa 2 havia quem afirmasse "*que a greve é uma aventura para promover Jair Meneguelli - que até apresentação de sua candidatura pela chapa 1 era praticamente desconhecido pela categoria*".¹⁵

No dia 15 de julho o *Suplemento* anuncia: "*Greve da Ford termina com vitória!*". De acordo com o jornal os trabalhadores aceitaram a proposta da empresa de garantir 120 dias de estabilidade, desconto dos dias parados em quatro parcelas a partir de setembro e o reconhecimento da Comissão Interna da Fábrica para negociar a readmissão dos 450 trabalhadores demitidos. Para Luís Inácio foi "*vitória a greve*". Os quatro meses de estabilidade iriam permitir a organização dos trabalhadores para a conquista de uma estabilidade maior. "*Não ganhamos tudo mas demos um passo importante*". Depois de 80 dias da eleição para a nova diretoria do sindicato de São Bernardo, os 9 mil empregados da Ford deveriam eleger outra Comissão Interna de Fábrica.¹⁶

Na disputa eleitoral pelo sindicato de São Bernardo encontrei vários documentos da campanha, particularmente da chapa 1, como alguns manifestos, uma carta de Luís Inácio explicando as razões da oposição à chapa 2 ("*Votar na chapa 1 é votar na diretoria*"); e o

¹⁴*Suplemento Informativo dos Metalúrgicos*, 08-07-81. Ver ainda os números dos dias 13 e 14-07-81, e, "CARTA ABERTA DOS TRABALHADORES DA FORD AO POVO BRASILEIRO." COMISSÃO DOS TRABALHADORES DA FORD. *Folheto*, 11-07-1981. "COMPANHEIROS DA FORD" *Folheto*, 1981. Sobre a greve na FIAT, ver *T.M.*, nº 60, 1981, p. 7. Mais de três mil operários da FIAT de Xerém, Rio de Janeiro, permaneceram 42 dias com os braços cruzados para garantir o emprego de 150 trabalhadores que haviam sido demitidos pela empresa. Foi uma "greve de solidariedade", para garantir o emprego dos demitidos.

¹⁵"Greve Contra Demissões". *Movimento*, 13 a 19-07-81, p. 7.

¹⁶"GREVE DA FORD TERMINA COM VITÓRIA!" *Suplemento Informativo dos Metalúrgicos*, 15-07-81. (Ver os números do mês de julho.) Sobre esse assunto Brito, José Carlos Aguiar. *A Tomada da Ford. O Nascimento de um Sindicato Livre*. Op. Cit.; ps. 39-117. e "A Experiência Recente das Comissões de Fábrica no Brasil". Rodrigues, Iram Jácome. *Comissão de Fábrica e Trabalhadores na Indústria*. Op. Cit.; ps. 39-54.

Suplemento Informativo da Chapa 1. Aliás, nesse *Suplemento* encontraremos denúncias contra a chapa 2, as pressões e irregularidades nas fábricas, assim como a preocupação em mostrar efetivamente (com desenhos) o apoio de Luís Inácio, promoções de eventos como um jogo de futebol: Chapa 1 x Ex-diretoria. ("*Eu, Juarez Soares estarei com vocês!*") e a apresentação de um programa das "*lutas mais urgentes*" (20 pontos). Temas como: desemprego, estabilidade, reajuste trimestral, jornada de 40 horas, fundo de greve, hora extra, Central Única dos Trabalhadores, sindicato livre, união com trabalhadores de outros países, serão discutidos e evidenciados também enquanto "*palavra de ordens*".¹⁷

Afinal, depois de quase um ano de intervenção e seis meses de junta governativa, os 120 mil metalúrgicos de São Bernardo e Diadema passariam a ter uma nova diretoria eleita para o seu sindicato. Violenta e tumultuada, a eleição foi realizada de 3 a 7 do mês de agosto e quase 32 mil dos 34 mil sindicalizados depositaram os seus votos. No jornal *Movimento*, a matéria sobre a eleição em S. Bernardo traz detalhes enriquecedores para o entendimento dessa luta. Para o extesoureiro do sindicato, Djalma de Souza Bom, a situação só se definiu em prol da chapa 1, "*quando a outra chapa passou a atacar a diretoria cassada chamando-a de pelega, de traidora da categoria, e de ter roubado dinheiro do Fundo de Greve para financiar as viagens de Lula à Europa, propaganda que repercutiu negativamente junto aos trabalhadores, pois Lula é muito popular em São Bernardo do Campo. (...) Esse fato é reconhecido até pelos próprios membros que compõem a chapa 2*". Todavia, essas questões foram colocadas de lado por Enilson Simões, o "Alemão", candidato a secretário, "*que arrastou para São Bernardo toda uma brigada de simpatizantes do jornal "Hora do Povo" que teimava em chamar Lula e sua diretoria de pelegada e divisionista*". Mas o desgaste maior ocorreu logo no primeiro dia de votação. Na segunda-feira, dia 3 de agosto, primeiro dia de votação, "*foram transmitidas para todo o Brasil, pelos canais de televisão que cobriam as eleições, cenas mostrando uma verdadeira luta campal entre as duas chapas na porta da Volkswagen. Pessoas que até um ano atrás, durante a greve de 41 dias, subiram juntas ao mesmo palanque da Vila Euclides eram vistas agora trocando socos e pontapés. Na terça-feira, a chapa 2 faria uma reunião e logo depois dispensaria o apoio recebido dos militantes do "H.P."*".

¹⁷Ver *Suplemento Informativo dos Metalúrgicos*, (mês de julho); "MANIFESTO DA CHAPA 1." *Folheto*, 1981; Silva. Luís Inácio da. "COMPANHEIROS DE LUTA. *Folheto*, 1981; *Suplemento Informativo da Chapa 1*, nº 02 a 10. (Do nº 3 ao nº 8 encontramos o programa de lutas.); "O Fundo de Greve e sua Posição Perante as Eleições no Sindicato de S. B. C. e Diadema." *Folheto*, julho de 1981. Cabe ainda registrar a referência ao jornalista Juarez Soares citado no texto, na época integrante da equipe da Rádio Globo - São Paulo.

Por fim, o jornal *Movimento* examina que "o uso da máquina sindical não foi descartado pela chapa 1, que possui em suas hostes dois membros da atual junta governativa e conta com o apoio ostensivo da diretoria do sindicato. Tendo acesso à lista dos sindicalizados, o que foi obtido pela chapa 2 com apenas uma semana antes do pleito, Lula enviou uma carta a todos dizendo necessário esclarecer aqueles que estivessem com alguma dívida. Num tom nitidamente personalista, Lula se diz traído, como Cristo e Tiradentes, sem nunca ter mentido para a categoria e apontando os membros da chapa 1 como os mais experimentados e provados na luta. Nelson Campanholo, outro diretor cassado, dizia aos membros da chapa de Alemão e Osmar que eles sabiam o que significava a máquina sindical e que eles não ganhariam as eleições de maneira nenhuma". Mas, se para Alemão e Osmar que já reconheciam a derrota, a situação não era boa, muitos membros da chapa 1 já se mostravam preocupados com a situação que iriam enfrentar: "não bastasse o desemprego e os baixos salários, esses novos dirigentes sindicais, muitos sem grande traquejo e habilidade política, terão que enfrentar pressões como as sofridas por Zé Ferreira, funcionário da Equipamentos Villares, e que apesar de estar concorrendo às eleições foi sumariamente demitido e proibido de entrar na fábrica".¹⁸

Jair Antônio Meneguelli, em 1981 com 34 anos, casado, pai de três filhos, 19 anos como ferramenteiro da Ford de São Bernardo, membro da Comissão de Salários que dirigiu a greve de 80, membro da Comissão de Fábrica eleita durante a greve da Ford, é o novo presidente do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo e Diadema. Jair foi eleito e proclamado presidente no dia 8 de agosto, no Ginásio do Baetão, em São Bernardo.

A chapa 1 liderada por Jair obteve 27.530 votos dos 31.622 votantes, (houve 320 votos em branco e 1.057 nulos) contra 2.901 dados à chapa 2 liderada por Osmar Mendonça, que teve ao seu lado João Batista da Rocha Lemos, o "Batista" da *Tribuna da Luta Operária*, e Enilson Simões de Moura, o "Alemão" da *Hora do Povo*. O *Suplemento* destacava dois assuntos em 17-08-81: "Assembléia Contra o Desemprego. No Estádio de Vila Euclides." e "Jair Toma Posse e Ganha "Abacaxi" do Desemprego". Ao relatar a cerimônia de posse da nova diretoria, o jornal evidenciava que terminada a entrega de credenciais de diretores da entidade, Laurentino Vilares da Silva - dispensado pela Mercedes Benz do Brasil há 14 meses e até então sem emprego - entregou o "abacaxi do desemprego" ao novo presidente do sindicato, "como símbolo de um grande problema social que o Governo e os patrões não querem resolver".¹⁹ Cabe ainda

¹⁸Serapicos, Mário. "Eleição em S. Bernardo." *Movimento*, 10 a 16-08-81, p. 13.

¹⁹Jair Toma Posse e Ganha "Abacaxi" do Desemprego". *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 17-08-81. Ver ainda Serapicos, Mário. "Vitória Esmagadora." *Movimento*, 17 a 23-08-81, p. 15. As fotos da nova diretoria estão em Oliva, Aloizio M. e Outros. *Imagens da Luta. 1905-1985*. Op. Cit.; ps. 210-217.

observar que Raimundo Nonato de Souza foi dispensado por justa causa pela empresa Vilares, após ter sido eleito diretor.

Em agosto de 1981 o jornal *T.M.* veicula o primeiro artigo de Jair Meneguelli - como diretor - "*A Nossa Responsabilidade*". As prioridades definidas são: a luta contra o desemprego (já tinha ocorrido, por exemplo, mais de seis mil dispensas na Mercedes Benz), a sindicalização em massa, a organização de comissões de empresa, a insistência pela garantia no emprego, o reconhecimento dos delegados sindicais, "*enfim, as reivindicações sustentadas durante a gestão da diretoria anterior (...) objetivos que procuraremos alcançar a partir de agora*".²⁰ Outros assuntos terão também destaque, como o "*Seqüestro do João Ferrador*" pela chapa 2. "*O Seqüestro e Volta do João Ferrador*" é uma história em quadrinhos, mostrando como os ativistas apoiados pelos jornais *Hora do Povo* e *Tribuna da Luta Operária*, utilizaram do personagem na campanha eleitoral nos seus panfletos e cartazes. Outros temas que foram focalizados foram a efetivação da 1ª CONCLAT - Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras, que reuniu mais de seis mil trabalhadores de todo o Brasil representando 1.120 entidades sindicais ("*Das principais teses e programas de lutas aprovados, as mais importantes foram, sem dúvida, a realização de um congresso em agosto de 1982, ocasião em que se concretizará a Fundação da Central Única dos Trabalhadores, e a escolha do dia 1º de outubro próximo, como o Dia Nacional de Protesto*"") e a realização em novembro de eleições para a renovação da diretoria do FUNDO DE GREVE.²¹

A nova diretoria do sindicato continuará movimentando os mesmos enunciados e as imagens da luta constituídos a partir de 1971. Desde o início de 1981 a fala sindical estará veiculando suas estratégias de mobilização no sindicato, na fábrica, na greve e na cidade. Cabe frisar que a campanha salarial, as eleições para a nova diretoria, a greve na Ford e a realização da CONCLAT (já ventilando a idéia de uma Central Única dos Trabalhadores) exemplificam muito bem o que foi dito anteriormente. As novas lideranças sindicais animam os "*lugares da luta*".

²⁰*T.M.*, nº 61, 1981, p. 3. No dia 10 de agosto de 1981 a Mercedes Benz do Brasil despediu 6.200 trabalhadores. Só no grande ABC as demissões chegaram até agosto a 50 mil metalúrgicos, demitidos entre montadoras e autopeças. Ver Serapicos, Mário. "Mercedes Demite 6.200 Funcionários". *Movimento*, 17 a 23-08-81, p. 10. Na "capital do desemprego" contava-se vários casos como de Rubens Menezes Cardoso, um operário cearense que, desesperado com a demissão, ameaçou jogar-se do 17º andar do prédio da Prefeitura. Ou a história de um metalúrgico desempregado que, ao receber a conta de gás, entrou em crise de agitação psicomotora e destruiu todos os móveis de sua casa. "A Terra do Medo." *Veja*, 26 de agosto, 1981, p. 51.

²¹*T.M.*, nº 61, 1981. Ver "Criação do Fundo de Greve." *Relatório*, 23-06-1981. "FUNDO DE GREVE DE SÃO BERNARDO DO CAMPO E DIADEMA." *Relatório*, 19-08-81. "O FUNDO DE GREVE É NOSSA MUNICIÓN." *Folheto*, 28-10-81.

O *Suplemento*, a partir da eleição da nova diretoria, continua com a mesma linha de trabalho, enfatizando as notícias dos movimentos dos trabalhadores no Brasil (petroleiros, professores, trabalhadores da construção civil, etc.) e no exterior (Peru, Espanha, Uruguai, Japão, Polônia, aliás com grande destaque a luta do "*Sindicato Solidariedade*"); dando realce ao *João Ferrador* e ao "*Sombra*" (agora, retratado num desenho de um trabalhador furibundo com capacete e macacão negro), atentos às irregularidades nas fábricas (Enco, Rex Roth, Resil, Brastemp, Limasa, Scania e tantas outras). E mais, teremos também "*boas*" notícias das fábricas, ou seja, as primeiras paralisações (rápidas) que ocorreriam no ano de 1981. Por exemplo na Ford, no mês de novembro, os trabalhadores "*acamparam*" no interior da empresa - Greve na fábrica.²²

Gostaria ainda de evidenciar três exemplos do empenho da diretoria do sindicato na mobilização efetiva dos trabalhadores metalúrgicos e ainda de outras categorias. Aliás, o primeiro exemplo parte exatamente dessa intenção de atingir os outros setores e segmentos da classe trabalhadora no Brasil. (Detalhe, vem de longe, conforme procurei demonstrar, as intenções de estabelecer também "*pontes*" com os trabalhadores de outros países.) Desse modo, o dia 1º de outubro, designado como Dia Nacional de Luta, encontra total apoio do sindicato. "*Assim como milhares de trabalhadores de todo o País, nós metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema temos um seríssimo compromisso hoje, às 19:00 horas na Praça da Igreja Matriz: vamos fazer uma grande concentração para fazer valer a nossa força e marcar o "DIA NACIONAL DE LUTA". (...) Hoje é um dia que vamos protestar juntos e repudiar em praça pública a situação de miséria, contra o desemprego, contra a carestia, contra a falta de estabilidade no emprego. Hoje é o dia da gente lutar pela autonomia e liberdade sindical, por salários justos e por uma reforma agrária radical e também juntos vamos exigir o fim da LEI DE SEGURANÇA NACIONAL - a famigerada L.S.N"*.²³

Em outubro de 81 encontramos um outro exemplo do interesse da diretoria na mobilização

²²*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, de agosto a dezembro de 1981. Ver ainda *T.M.*, nº 62, 1981. No dia 20 de novembro de 81 os trabalhadores da Ford voltaram a parar por uma hora, protestando contra a condenação de Luís Inácio da Silva e outros dez sindicalistas. Em novo julgamento Luís Inácio e os ex-dirigentes foram condenados a penas de 2 a 3 anos e meio de cadeia. Aconteceram também paralisações na Volks e na Mercedes. Os trabalhadores exigiam o final da Lei de Segurança Nacional. *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 23 de novembro de 1981. ("Nossa Resposta ao Julgamento: SOLIDARIEDADE.")

²³*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 1º de outubro de 1981. Cabe observar que o "Dia Nacional de Luta" foi organizado por 54 membros da Comissão pró-CUT (Central Única dos Trabalhadores) eleitos ao final da 1ª CONCLAT. "Os trabalhadores querem participar na vida e nas decisões nacionais" reivindica a última frase de um documento assinado pelos membros da comissão e dirigido ao então vice-presidente, Aureliano Chaves. Dentre as principais resoluções da 1ª CONCLAT podemos destacar os temas da política salarial e econômica, problemas nacionais, política agrária, direito do trabalho, sindicalismo e previdência Social.

dos trabalhadores. Ao anunciar a importância das eleições para a escolha dos cipeiros na Volkswagen (CIPA - Comissão Interna de Prevenção de Acidentes); *"Vamos trabalhar juntos"*, *"pretendemos tornar os novos cipeiros numa equipe unida e solidária, característica da classe trabalhadora"*; o *Suplemento* noticia novas táticas de luta na fábrica. Sobretudo, procura também chamar a atenção do leitor não apenas com os desenhos e as charges, mas também com a adoção de letras vermelhas impressas no jornal.²⁴

Por fim, com a intervenção no sindicato em 1980, todos os dirigentes cassados não encontravam emprego, *"pois as fábricas do ABC, e quem sabe do Brasil, se fecharam para eles, premeditadamente, num maquiavélico plano para dividir estes trabalhadores"*. Ora, a diretoria decidiu criar condições para que aqueles *"companheiros continuem juntos, e para isso, deliberamos os seguinte: (...) Arrendamos o bar do sindicato, no qual eles pagarão um aluguel pelas instalações e as despesas de luz e água. (...) Que o salão do sindicato será cedido duas vezes por mês, para realização de bailes. (...) Além disso, os companheiros abrirão uma serralheria aqui na região. (...) Todo o lucro desses empreendimentos será dividido entre os companheiros para que possam ter um meio decente de sobreviver (...). Continuaremos assim, firmes e unidos, em torno de uma única proposta, que é a de organizar a categoria e levar consciência a todos os trabalhadores de que sem luta não avançaremos na conquista das nossas mais importantes aspirações"*.²⁵

"SOMOS COMO VARAS, UMA SE QUEBRA FACILMENTE... MAS UM FEIXE, NÃO!"

Em dezembro de 1981 a *T.M.*, ao realizar um balanço das atividades daquele ano, evidencia na coluna *Nossa Opinião* *"O crescimento da nossa consciência de classe"*. Nessa medida, focaliza como momentos de crescimento do nível político e de organização da classe trabalhadora a greve de seis dias na Ford e outras paralisações ocorridas nas fábricas (*"Resistimos ao Desemprego. Com Greves e Passeatas"*), a realização da CONCLAT - Conferência Nacional da Classe Trabalhadora, a decisão de criação da Central Única dos Trabalhadores - CUT (*"pelas bases, entidade que unificará a nível nacional as lutas dos trabalhadores"*) e a realização do 1º de outubro. Desse modo: *"Estamos num momento de crescimento. Aos poucos, acumulamos mais e mais forças. O nível de consciência cresce cada vez mais e a cada dia reforçamos a nossa necessidade de autonomia e liberdade sindical. (...) (...) o caminho é este, e dele não*

²⁴*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 26 de outubro de 1981.

²⁵*"Ex-Diretoria Continua na Luta."* *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 1-12-1981.

*sairemos até a vitória, na procura de uma vida melhor e mais justa para a classe trabalhadora".*²⁶

No mesmo número do jornal *T.M. João Ferrador* anuncia a campanha salarial de 1982: "*Começa agora. É preciso que, até a época dos encontros com os patrões, a categoria esteja intensamente mobilizada para poder responder prontamente à intransigência patronal*".²⁷ A proposta de pauta de reivindicações, para discussão e aprovação em assembléia, tinha como pontos principais a luta por "*estabilidade no emprego, reajustamento e aumento salarial, redução de jornada de trabalho sem redução do salário, reajuste trimestral, representação sindical, salário profissional e piso salarial*". A chamada sindical indica claramente os objetivos da diretoria: "*COMPANHEIRO PARTICIPE. Nas Fábricas, nos Bairros e nas Assembléias!*"²⁸

A tática estabelecida na campanha não difere dos anos anteriores, ou seja, assembléias, reuniões por empresa, reuniões no sindicato e nos bairros, a divulgação nos folhetos, no *Suplemento* e na *T.M* das propostas de reivindicações para 1982, enfim, um verdadeiro arsenal de notícias e atividades de luta.

A pauta de reivindicações da campanha salarial de 82 foi aprovada em uma assembléia geral, realizada nos dias 22 e 23 de janeiro de 1982. Desse modo, após várias assembléias setoriais - nas quais a diretoria se fez acompanhar pelo Grupo de Teatro Forja - as principais reivindicações apontadas pelos trabalhadores foram: "*estabilidade, reajuste e aumento salarial, redução da jornada de trabalho sem redução de salário, representação sindical, salário profissional, CIPAS, controle das chefias e automação (reivindicação nova - "as empresas deverão manter os empregos e os salários nas seções modernizadas.")*"²⁹

²⁶*T.M.*, nº 62, 1981, p 3. Ver também "Recado do João Ferrador. Termina 1981. Prometendo Muita Luta da Categoria!" *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 17-12-81.

²⁷Idem, nº 62, 1981, p. 8.

²⁸*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 04-01-82. Consulte também "Proposta de Pauta de Reivindicações Para Discussão e Aprovação em Assembléia." *Campanha Salarial 82*. Vale a pena transcrever a folha de abertura deste caderno: "Companheiros e Companheiras, este livreto contém uma sugestão de reivindicações que será nossa bandeira de luta na próxima CAMPANHA SALARIAL. Essas reivindicações são o resultado das experiências vividas nos anos anteriores e de sugestões de algumas reuniões.

Não é uma proposta final e acabada. Ao contrário, o livreto é apenas um ponto de partida para o início das discussões. De posse dele, cada trabalhador deve fazer o seguinte:

- 1) Ler e procurar entender cada um dos pontos. Em caso de dúvida, procure o sindicato;
- 2) Discutir os pontos com os companheiros da fábrica e do bairro;
- 3) Procurar melhorar a pauta com sugestões de modificações ou com novas reivindicações;
- 4) Encaminhar essas sugestões ao sindicato, de preferência por ocasião das assembléias.

O MAIS IMPORTANTE, PORÉM, É SUA PARTICIPAÇÃO.

SOMENTE COM UNIÃO E CAPACIDADE DE LUTA, CONSEGUIREMOS TRANSFORMAR ESSAS REIVINDICAÇÕES EM CONQUISTAS".

²⁹"Pauta de Reivindicações Aprovada em Assembléia Geral Realizada nos dias 22 e 23 de Janeiro de 1982." *Campanha Salarial 82*. Foram aprovados 35 pontos com os respectivos comentários. No item 2 -

Ao lado da campanha, outros temas enunciavam os interesses sindicais: as eleições para a escolha dos representantes da CIPA - Comissão Interna de Prevenção de Acidentes, na Ford ("*CIPA NA FORD VAMOS TRABALHAR JUNTOS*"); a Comissão de Fábrica da Ford ("*As Comissões de Fábrica serão os olhos e os ouvidos do sindicato*"); os Círculos de Controle de Qualidade - CCQ ("*Não aceitar esse sistema; (...) Boicotar as reuniões do CCQ*") e a Greve ("*Cada um de nós tem um compromisso muito sério: estar preparado para a GREVE*").³⁰

Desta forma, o jornal *T.M.*, ao destacar os passos da organização da campanha, evidencia a movimentação nas fábricas ("*Vamos fazer das fábricas locais de muita agitação e discussão*"), nos sindicatos (Santo André, São Caetano, Itu, São José dos Campos, Ribeirão Preto e Santa Bárbara D'Oeste. "*Unificar a nossa luta, para juntos, tornarmos a campanha mais forte*"), e nos bairros ("*Vamos levar a luta para os bairros. Com isso, fecharemos o círculo de organização da categoria, no trabalho-bairro-fábrica*"). E anuncia a possibilidade de uma greve: "*vai ser a política do "dá ou desce". IREMOS À GREVE SIM, se houver intransigência do patrão*".³¹

Ao acompanhar o dia-a-dia da campanha salarial, encontramos desde janeiro diversos movimentos de paralisações nas fábricas, pelos motivos os mais diferentes possíveis. Por exemplo, no dia 19 de janeiro de 1982 por falta de atendimento médico adequado, Reginaldo Severino da Silva morreu "*no pé da máquina*". Em protesto contra a sua morte e reivindicando melhores condições de trabalho e atendimento médico, a totalidade dos trabalhadores da Volks Caminhões parou por um dia. De acordo com o *Suplemento*, os trabalhadores "*conquistaram melhorias no atendimento médico e avançaram em muito na solidariedade. Tanto que, organizados, voltaram à greve no dia 10 de fevereiro, reivindicando promoções atrasadas. E o patrão cedeu logo*".³² Ainda em janeiro, os trabalhadores da Fabrini entram em greve pela reabertura do restaurante - "*os companheiros permaneceram 15 horas parados. (...) cruzaram os braços e conquistaram a volta do restaurante*". Também na Filtros Nasa (foi conseguida uma

"Reajuste e Aumento Salarial" vale frisar que o sindicato reivindicava um reajuste igual à elevação do custo de vida. Se o reajuste decretado pelo governo não correspondesse à alta do custo de vida, a exigência era também a diferença baseada nos índices do DIEESE. No que se refere ao aumento real de salário, a reivindicação era de 15% calculados sobre os salários já reajustados. No item 31- "Automação", é importante considerarmos o comentário do livreto. "Trata-se de uma reivindicação nova e extremamente necessária. A modernização dos métodos de produção, especialmente nas linhas de montagem, poderá causar desemprego e redução da folha de pagamento das empresas. O desemprego reinante que já atingiu proporções alarmantes não pode ser agravado por mais este fator que favorece as empresas, pode piorar sensivelmente a situação do trabalhador". Consultei ainda o *Suplemento* no mês de janeiro/82 e vários folhetos intitulados: "*Campanha Salarial 82*."

³⁰Consultei *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*. Os meses de janeiro e fevereiro/82, *T.M.*, nº 63, 1982, e o lançamento do *Suplemento Informativo/Edição Especial*, nºs 1 e 2, janeiro, 1982.

³¹*T.M.*, nº 63, 1982, p.5.

³²*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica/Edição Especial*, nº 4, março, 1982. Consultei também *T.M.*, nºs 63 e 64, 1982.

Comissão de Fábrica), na Walcar e na Commander os trabalhadores agitaram o "*lugar da luta*" com reivindicações referentes a horário de trabalho, comissão livre de fábrica e melhores condições de trabalho respectivamente.

Em fevereiro temos movimentos de trabalhadores nas seguintes empresas: Scania (mobilização "*dentro da fábrica, para evitar a demissão de 150 companheiros. E as demissões não ocorreram*"); Resil (depósito do fundo de garantia e novo convênio médico); Rexroth (boicote ao restaurante); Arlam; Demec; L'Automobile, Aupesa, Volks (paralisação de 15 minutos) e Brastemp (17 dias de Greve por 6 reivindicações: comissão de fábrica, estabilidade no emprego, ônibus gratuito para os horistas, equiparação salarial, vales descartáveis de refeição e melhoria no atendimento médico). Para a diretoria, estas mobilizações - incluindo as de 1981, como a greve da Ford - vêm demonstrar que "*superamos o terror patronal. (...) Estamos prontos para a luta*". Ao lado desses movimentos, os dois últimos destaques que a fala sindical salienta são as CIPA's - da Volks, VW caminhões, Ford e Fabrini ("*acelerar o processo de conscientização dos trabalhadores sobre as condições inseguras de trabalho*"), e a eleição da nova diretoria do sindicato em agosto de 81, "*outra vitória dos trabalhadores*". Portanto: "*O TROCO SERÁ DADO. (...) Agora temos o nosso sindicato em nossas mãos. Soubemos avançar em nossa mobilização e organização*".³³

Entre os meses de março e maio de 1982 continuam ocorrendo diversas manifestações, como as novas assembléias nos bairros, no Estádio de Vila Euclides; mobilização em porta de fábrica com boletins e carro de som; projeção do filme "*Linha de Montagem*" e a manifestação no Paço Municipal de São Bernardo, no dia 1º de maio: "*Setor sindical e setor popular unidos*".

Enquanto isso, trava-se a negociação entre os metalúrgicos e os empresários para um possível acordo. No dia 20 de abril, o Tribunal Regional do Trabalho concede 7 % de produtividade para todos os metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. A FIESP recorre ao Tribunal Superior e consegue a aprovação do "*efeito suspensivo*". O Tribunal só dá os 4% que já é por lei.

Nos dias 7 e 8 de maio o sindicato realiza uma assembléia geral. Decisão: "*recebeu a papeleta sem os 7%, parar, sair da seção e todos se reunir diante do RI e exigimos os 7%. Ninguém deve ficar isolado em sua seção, ou setor ou ala*". No dia 10 veio a papeleta e nada de 7%. Começou a parada na Mercedes, na Volkswagen, na Ford, na VW caminhões. Final do dia, 35 mil em greve. No dia 11, 7 fábricas em greve total (53 mil parados). Começam as grandes

³³Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica/Edição Especial, nº 4, março, 1982. Consulte também Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica, mês de fevereiro de 1982 e o Suplemento Informativo/Edição Especial, nº 3, março, 1982.

passatas dentro das fábricas. No dia 12, todos continuam em greve. Os trabalhadores tomam conta da fábrica, aderem os mensalistas, entram com o carro de som do sindicato, entre outros recursos. De acordo com o *Suplemento*, "*Depois da "greve dos braços cruzados" de 1978 e das "greves gerais" em 1979 e 1980 com hora marcada, os metalúrgicos de São Bernardo chamavam a atual movimentação de "greve pipoca". Escondendo a tática para garantir a paralisação "pipocando" em montadoras e linhas de produção, os metalúrgicos negavam-se a contar como se desenvolverá sua luta a partir de hoje. De acordo com a orientação, que eles haviam definido em reuniões e assembléias (...) as paralisações ontem tiveram início em alguns setores - chave das montadoras e expandiram-se, posteriormente, para os demais. Ao interromperem a produção, todos dirigiram-se às áreas próximas aos departamentos de relações industriais das empresas e chamaram os diretores do sindicato para entabular negociações*".³⁴

A greve - enunciado e imagem - estabelece na fala sindical de São Bernardo novos significados. Dos "*braços cruzados*" à "*greve pipoca*". Ou poderíamos lembrar também as músicas da greve. Afinal, podíamos contar com o bom humor desses trabalhadores, que a exemplo das greves anteriores cantaram na greve. Nas músicas de Roberto Carlos e outros compositores os metalúrgicos colocaram outras letras, ironizando os baixos salários, os patrões e exigindo melhores condições de vida. Foi assim durante os cinco dias e na assembléia final do dia 15, no Estádio 1º de Maio, na Vila Euclides. De acordo com o jornal *T.M* "*as máquinas pararam e os trabalhadores começaram a cantar. (...) Eis aqui uma canção. Eu quero apenas 7%, Eu quero apenas um bom aumento. Mas eles deram somente quatro. (...). Quero mostrar para o Figueiredo. Que eu faço greve e não tenho medo. (...). Quero os horistas na passeata. Os mensalistas e os gravatas. Eu quero o povo batendo no peito. Quero este aumento de qualquer jeito*".³⁵

No dia 15 de maio em uma grande assembléia na Vila Euclides (30 mil aproximadamente), os trabalhadores aceitam o acordo proposto pelo Tribunal. Chega-se à seguinte proposta: toda a pauta, 5,5%, domingo, 13º e férias não seriam descontados, parcelamento em três vezes dos dias parados. Para o jornal *T.M* a assembléia aceitou o acordo porque este "*representa uma grande*

³⁴*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 11-05-1982. A "greve pipoca" iniciou-se nas seguintes fábricas: Volkswagen Automóveis, Mercedes-Benz, Ford, Scania, Volkswagen Caminhões, Fabrini e Filtrobrás. De acordo com a diretoria, "VAMOS PARA O PAU MESMO. VAMOS ESTOURAR GREVE O ANO TODO, A CADA MINUTO, VAMOS DAR O NOSSO TROCO. VAMOS PIPOCAR GREVES EM TODAS AS FÁBRICAS. E FAZER COM QUE OS PATRÕES SINTAM DE PERTO A NOSSA FORÇA." In: *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 10-05-1982. Foram consultados também o *Suplemento Informativo*, dos meses de março a maio de 1982 e o *Suplemento Informativo/Edição Especial*, nº 5, maio, 1982.

³⁵*T.M.*, nº 64, 1982, p. 8.

vitória". A ordem é "continuar a mobilização porque se os patrões demitirem um companheiro nossa resposta é: PARAR!"³⁶

No *Suplemento*, a chamada da primeira página aponta a seguinte afirmação: "COMEÇAMOS A DAR O TROCO!!!" Para a diretoria do sindicato, o importante era ressaltar: "Fizemos uma greve de cinco dias, num momento em que todos não acreditavam. A paralisação ocorreu justamente num período de recessão, como gostam de dizer os tecnocratas do governo, e foi através dela que conseguimos a reabertura, sem que o TRT a julgasse ilegal. (...). Reconquistamos todas as cláusulas do acordo e a maioria das nossas reivindicações. E por fim, como disse o nosso Companheiro Lula, "Lavamos a alma" da classe trabalhadora na frente do mundo. (...) E agora, tudo terminou? Não! (...) Nós agora vamos lutar para que essa vitória seja estendida a todos os companheiros da base de São Bernardo, São José dos Campos, Itu, Santa Bárbara D'Oeste e Ribeirão Preto. Todos nós estivemos unidos nessa luta, e não vamos deixá-los sozinhos. (...) Aqui em São Bernardo e Diadema, os companheiros devem lutar com unhas e dentes para terem o mesmo acordo. O caminho está aberto. Em cada fábrica deve haver disposição de todos para a luta. (...) Vamos pipocar greves em São Bernardo e Diadema nesse ano inteiro".³⁷

Entre os meses de junho e dezembro de 82, as greves realmente pipocam no ABC. A começar em junho pela Scania, que demite oito trabalhadores e ameaçava novos cortes. A mobilização evita novas dispensas e obriga a empresa a assinar acordos dos interesses dos demitidos. Teremos ainda movimentação na Volks, na Mercedes, na Conforja, na Alumínio Fuji, ("exigindo a extensão dos 5,5% de índice, cláusulas sociais e melhores condições de trabalho"); e na Scania (em outubro, uma greve de sete horas e trinta minutos consegue parar as demissões, e

³⁶Idem, nº 64, 1982, p. 9. O desenrolar da greve pode ser acompanhado nas seguintes fábricas: Volkswagen, Ford, Mercedes e Scania (p. 6-7). Cabe citar também algumas estratégias de luta tais como, a adesão dos mensalistas à greve na Volks e as atividades "para passar o tempo" como "jogo de palitinhos, dominó, carreado, futebol, muita piada, festival de música e muitas histórias das greves passadas. (merece referência as brincadeiras com a cobertura da imprensa, principalmente da T.V. Globo, a "T.V. Pião estava no ar". Os trabalhadores simulavam uma câmara de T.V. e um microfone e noticiavam a "verdade da greve."). Não esquecendo ainda a "operação arrastão" (a medida que os trabalhadores iam passando pelas seções, iam pedindo a adesão), o "pente fino" ou "operação resgate".

³⁷*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 17-05-1982. Com o título "Greve Vitoriosa em S. Bernardo.", a "Oposição Sindical Metalúrgica de S. Paulo" conclama a categoria a seguir o exemplo. Para a "Oposição" os trabalhadores de São Bernardo haviam conseguido uma vitória. Os motivos eram: "1) acreditaram na luta; 2) se organizaram dentro das fábricas; 3) o sindicato deles, de São Bernardo está com a categoria. (...) A diretoria deles apóia e incentiva a luta. É o contrário do que acontece em São Paulo, onde a pelegada daqui só trai a luta." "Oposição Metalúrgica". *Folheto*, 1982. Sobre a "Oposição" ver Telles, Vera da Silva e Sader, Eder. "Entre a Fábrica e o Sindicato. Os Desafios da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo." *Desvios*, nº 1, 1982, ps. 29-44.

obriga a empresa a assinar um acordo de estabilidade por noventa dias).³⁸

Aliás, é interessante salientar que no mês de março encontramos (por iniciativa da diretoria) alguns dados recolhidos pela comissão de mobilização, os quais apontavam para um "*Quadro demonstrativo do Ânimo para Greve*" em diferentes fábricas. Cabe observarmos quais foram as propostas de greve que apareceram: "1) tomada de fábrica (se baixar a repressão tocar fogo); 2) botar fogo. 3) greve por TEMPO DETERMINADO. (greve-volta-greve-volta etc.) 4) se tiver mais de 30.000 no Estádio: GREVE POR 1 DIA com PASSEATA. 5) greve fora da Fábrica (greve não pacífica: ir pro pau). 6) um nº X de fábricas entrarem em greve mais tarde diminuindo o horário de trabalho". Os comentários de avaliação dessas propostas são preciosos: "PRECISAMOS ENCONTRAR UMA NOVA FORMA DE LUTA PORQUE A FORMA DE GREVE FEITA ATÉ AGORA NÃO DÁ MAIS! Não basta portanto gritar greve, greve! Agora trata-se de ver que forma nova greve, que forma de luta e que forma de tática que vamos adotar. E não basta também levantar a bandeira nova como: TOMADA DE FÁBRICA, BOTAR FOGO, etc. Temos que avançar mais no sentido de organizar essa nova forma de luta, essa nova forma de greve etc. Para isso é fundamental ter bem claro alguns pontos: por exemplo, TOMAR A FÁBRICA: a) Quais as condições dentro das fábricas? (- Quantas fábricas hoje nós podemos tomar?; - A maioria dos companheiros topariam essa TOMADA?; - Que fábricas seriam importantes de TOMAR?); b) Como organizar a nova forma de luta? (- Ficaremos acampados direto dentro das fábricas ou todo dia entraremos e sairemos?); c) Como vamos sustentar a nova forma de luta? (- Como enfrentar o esquema de repressão da própria fábrica; Como enfrentar a propaganda contra nós?); d) Quais as conseqüências que teria esta nova forma de luta? (- Que derrota nós vamos dar aos patrões com isso?; - Que saldo teremos em termos de organização da classe?; - E se fecharem de vez o sindicato e fizerem do ABC uma área de segurança nacional. Como a categoria vai continuar a luta?)"³⁹

Nessa medida, nos anos de 1981 e 1982 as lideranças sindicais continuam desenvolvendo com vigor redobrado os enunciados e imagens do sindicato, da fábrica e da greve. Para Marco Aurélio Garcia, as "*duas dinâmicas que se desenvolveram na década de 70 - a das fábricas e a dos sindicatos - e que, fusionadas a partir de 78, foram responsáveis pela explosão social do ABC, continuam a se desenvolver e, a despeito de suas múltiplas articulações, não raro se*

³⁸Consultei o *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, entre os meses de junho a dezembro de 1982, e, a *T.M.*, nº 66, 1983, ps. 6-7. (A matéria consultada tem o seguinte título, "Assim Foi 1982, Um Ano de Muita Luta")

³⁹"Uma Pequena Sistematização e Alguns Pontos para Analisar o Nosso Momento de Luta." março, 1982, mimeo.

apresentam como contraditórias".⁴⁰ Os "lugares da luta" são constituídos na fala e na prática na medida do possível, é óbvio que os enfrentamentos ocorram. Assim sendo, cabe frisar que Amnérís Maroni ao observar a fábrica e os "novos métodos" de luta - passeatas, aliança com os mensalistas, cercamento do Departamento de Relações Industriais, tentativas de "tomada de fábrica" - conclui que esses "redefinem a qualidade do conflito no nível da produção. (...) Assumidos pelo sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo tem por "objetivo-limite" forçar as negociações com a empresa. Enquanto tais, porém, esses "novos métodos" entreabrem a possibilidade de uma "maior apropriação do espaço fabril" pelos operários em luta. E, essa maior apropriação do espaço fabril revela-se de forma precisa em relação a uma questão: os grevistas "questionam a autoridade do capital" quanto à disposição do espaço e à estrutura hierárquica. (...) a fábrica redefine-se como o lugar privilegiado para a emergência do conflito. Esta conjuntura coincide também com o período de "recessão econômica" marcada pelo desemprego e com a imposição do "nova política salarial" (...). A desmobilização sindical, somada ao desemprego em massa e à nova política salarial obrigará a uma redefinição da luta operária e sindical, como também redefinirá suas reivindicações".⁴¹

Ao movimentar algumas estratégias pontuais de organização e luta as lideranças sindicais estabelecem - como vimos desde, 1971 - através da *T.M.*, do *Suplemento*, dos incontáveis folhetos, medidas de execução dos problemas e interesses da categoria. Haja vista, a ênfase nas campanhas salariais, nas notícias das fábricas- irregularidades e greves, nas notícias de movimentos dos trabalhadores de outros setores (no Brasil e no exterior), nas notícias da CONCLAT e da CUT, enfim, sindicato, fábrica, greve e cidade "*pipocam*" na fala sindical de São Bernardo.

Todavia, outras estratégias estão sendo acrescentadas nesse período. Vejamos algumas: 1) a troca de experiências entre a diretoria e os trabalhadores japoneses - a Convite da Federação Internacional dos Trabalhadores na Indústria Metalúrgica, Jair Meneguelli e Paulo Okamoto

⁴⁰Garcia, Marco Aurélio. "São Bernardo: a (Auto)Construção de um Movimento Operário. Notas para Discussão." *Desvios*, Op.Cit.; p. 24.

⁴¹Maroni, Amnérís. "A Fábrica: Espaço de Poder." *Desvios*, Op.Cit.; ps. 31-32. De acordo com a autora a "estratégia do movimento de resistência fixa-se em uma forma particular de luta, qual seja, a "greve interna". (...) Nesta nova conjuntura redefine-se também a estratégia dos sindicatos do ABC e, particularmente, de São Bernardo, em relação às comissões de fábrica. (...) Reconhecidas pelo patronato como um "novo direito", as comissões de fábricas são patrocinadas pelos próprios sindicatos. (...) Lutando, decisivamente, contra o patronato que, sistematicamente visou excluí-lo, o sindicato de São Bernardo reivindica, porém, para si toda e qualquer forma de representação operária". O texto faz referência também às várias comissões de fábricas surgidas no ABC, entre elas: a Comissão de Fábrica da Indústria e Comércio de Filtros Nasa (Diadema); Comissão de Fábrica da Pirelli S.A. (Santo André); Comissão de Fábrica da Ford (São Bernardo). Comissão de Fábrica da Kodama Indústria e Comércio (Santo André); Comissão de Fábrica da Volks(São Bernardo); etc.

respectivamente presidente e tesoureiro do sindicato foram ao Japão discutir o problema da robotização. ("*Paraíso dos Robôs*"); 2) a participação juntamente com outros dirigentes sindicais brasileiros no X Congresso Sindical Mundial em Cuba. ("*Rua sem Policia e um Povo Alegre e Educado*"); 3) as teses defendidas pelos metalúrgicos discutidas e aprovadas em assembléia (16-7-1982) sobre a CONCLAT e sobre a CUT.(CUT: livre, autônoma e construída pela base); 4) o lançamento da candidatura de Luís Inácio da Silva - o Lula, ex-presidente do sindicato, pelo Partido dos Trabalhadores ao Governo do Estado de São Paulo. O primeiro candidato operário a concorrer a um Governo de Estado no Brasil. (Para Luís Inácio: "*a classe trabalhadora quer governar e tudo fará para isso. "PODEM MATAR UMA ROSA, DUAS ROSAS, TRÊS ROSAS, MAS OS PODEROSOS NÃO CONSEGUIRÃO IMPEDIR A CHEGADA DA PRIMAVERA*".); 5) a presença do secretário geral Osvaldo Bargas na comitiva de sindicalistas brasileiros que foram a Montevideú levar solidariedade ao movimento sindical uruguaio. (Osvaldo Bargas participaria também de um seminário na Alemanha Ocidental sob o patrocínio de entidades ligadas às Igrejas Católica e Protestante daquele país, discutindo a situação dos trabalhadores brasileiros e poloneses, e na Itália conversando com os dirigentes das duas grandes centrais sindicais (CISL e CGIL) e na sede da Federação dos Trabalhadores Metalúrgicos "*aproveitando ainda para vender cópias do filme Linha de Montagem, visando recursos para o Fundo de Greve*".); 6) as primeiras experiências das Comissões de Fábricas -Ford e Volks.⁴²

Gostaria ainda de abordar dois assuntos veiculados pela diretoria do sindicato no intuito de organizar a categoria e a própria classe trabalhadora. Nesta medida, a campanha de sindicalização e a realização das eleições em todo país para governadores, deputados, prefeitos e vereadores merecem destaque, no meu entendimento. Assim, em agosto de 82, O *Suplemento/Edição Especial* lança a campanha dos 60.000 sócios: "*60 mil sindicalizados para derrubar a estrutura. Estamos iniciando uma grande campanha de sindicalização. Nossa meta é atingir 60 mil sócios até o dia 31 de dezembro, e cumprir assim, nosso programa anunciado quando disputávamos as eleições do sindicato pela chapa 1 - "A LUTA CONTINUA" "*. As palavras de ordem são: "*SINDICATO É PARA: ORGANIZAR OS TRABALHADORES E SUAS LUTAS.*"; "*SINDICATO*

⁴²Consultei o *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, entre os meses de maio e dezembro de 1982. Cabe destacar ainda.: *Suplemento Informativo/Edição Especial*, nº 6, julho, 1982, e o *Jornal da Comissão. Órgão Informativo da Comissão de Fábrica dos Trabalhadores da Ford*, nºs 1, 2 e 3, 1982. Com relação a Comissão de Fábrica da Volks, ver *Suplemento Informativo/Edição Especial*, nº 9, outubro, 1982. Cabe recordar, que em novembro de 81, foi instituído o Sistema de Representação dos Empregados da Volkswagen do Brasil que tentou colocar-se como alternativa à experiência do "sindicalismo autêntico". Todavia, a direção da empresa se viu forçada a renegociar as condições de representação com o sindicato da categoria, diante das pressões exercidas por aquele. Em 25 de outubro de 1982, após 3 meses de negociação o sindicato assinou com a Volks um acordo coletivo que criou a comissão de fábrica, em substituição ao sistema de representantes implantado pela indústria.

SOMOS TODOS NÓS!"; "O SINDICATO QUE QUEREMOS: LIVRE, AUTÔNOMO E DEMOCRÁTICO."; "SINDICALIZE-SE."; "OS PATRÕES SÃO POUCOS, NÓS SOMOS MUITOS! SOMOS COMO VARAS, UMA SE QUEBRA FACILMENTE... MAS UM FEIXE, NÃO!"

Desta forma, a campanha foi divulgada com cartazes, no *Suplemento Informativo* e num gibi com o *João Ferrador*. No *Suplemento* encontramos a proposta para os trabalhadores entrarem de sócios no sindicato: *"Nós somos muitos e, organizados num sindicato que luta efetivamente pelos direitos dos trabalhadores, somos imbatíveis. Mas não existe nenhuma receita mágica para construir um sindicato autêntico e combativo. Com as nossas experiências dos últimos anos, já sabemos que precisamos ser um sindicato desatrelado e democrático. (...) Temos que fortalecer nosso sindicato para sairmos do desemprego, da miséria, das péssimas condições de vida e de trabalho"*.⁴³

Ao folhearem o gibi do *João Ferrador*, os trabalhadores metalúrgicos iriam encontrar dentre outras coisas as consideradas *"lutas vitoriosas"*: em 1977 - com a desmoralização das estatísticas do governo, em 1978, 1979 e 1980 - com as greves, em 1981, com várias greves e a primeira Comissão de Fábrica, e, 1982 com uma *"nova greve"*. *"Nossa casa é o sindicato, é lá o lugar onde devemos planejar nossa luta contra os patrões, (...)". João Ferrador, exalta o "lugar da luta": "Todos devem se associar, só assim é que seremos fortes e imbatíveis!!!"*

No número 2 do *Jornal da Comissão - Comissão de Fábrica da Ford*, os assuntos relacionados seriam os seguintes: a importância de uma comissão de fábrica discutindo os problemas e tentando buscar as formas de solucioná-los, a CIPA e suas denúncias contra hora extra; e, todo apoio para a campanha dos 60.000 sócios. *"Nós aqui da Ford vamos entrar nessa luta. Conclamos todos os companheiros a aderirem essa. Vamos fortalecer nosso sindicato e a nossa luta!"*⁴⁴

Até o início do mês de setembro, para se ter uma idéia, o sindicato passaria a ter 39.320 sócios. O *Suplemento* anunciava: *"Já somos mais de 39 mil.!"* Por isso, se *"cada um dos sócios sindicalizar mais um companheiro, com a nossa proposta política, e não de assistencialismo, já estaremos dando um outro grande passo para aumentar ainda mais a nossa força"*.⁴⁵

Entre outubro e novembro de 82, os trabalhadores metalúrgicos foram bombardeados pelas

⁴³"SINDICALIZE-SE". *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, nº 406, 2-08-1982. Consulte também *Suplemento Informativo/Edição Especial*, nº 7, agosto, 1982; "Sindicalize-se". JOÃO FERRADOR. *Livreto*, 1982, e vários cartazes.

⁴⁴*Jornal da Comissão. Órgão Informativo da Comissão de Fábrica dos Trabalhadores da Ford*, São Bernardo do Campo, nº 2, agosto, 1982.

⁴⁵*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, nº 426, setembro, 1982. Ver também "Proposta Individual para Admissão ao Quadro Social." *Folheto*, 1982.

"notícias das eleições". Nas colunas do *João Ferrador*, *Nossa Opinião* e do *Repórter Metalúrgico* a tônica é a mesma: "vamos eleger em 15 de novembro um grande número dos nossos representantes autênticos". Para Jair Meneguelli, na coluna *Nossa Opinião*: "É preciso ter consciência de classe". Dessa forma, para diretoria é função também do sindicato procurar levar os trabalhadores à luta política, "a que se conscientizem de que a luta da nossa classe tem que caminhar para além dos limites da pura reivindicação por melhores salários e condições de trabalho. (...) Nós metalúrgicos votaremos corretamente. Elegeremos trabalhadores e não patrões ou seus representantes para o Parlamento, com a absoluta certeza de que qualquer modificação fundamental na sociedade será fruto da luta organizada da classe trabalhadora".⁴⁶

As eleições abrem o espaço para a discussão das condições de vida dos trabalhadores, para a análise dos partidos políticos e a conseqüente apresentação do PT como o partido que nasceu do movimento operário e, para a investigação dos candidatos como Reynaldo de Barros, Rogê Ferreira, Lula, Jânio Quadros e Franco Montoro ao governo de Estado. A diretoria do sindicato é enfática ao evidenciar as alternativas dos trabalhadores: "candidatos que façam do Parlamento também um instrumento de lutas e de denúncias contra o regime militar, contra o imperialismo e contra as leis anti-operárias desse governo. (...) Nosso projeto é a divisão das terras a quem nela mora e trabalha. É a construção de sindicatos fortes, autônomos e que organizem os trabalhadores para a luta por melhores salários e condições de vida. Em 1983, continuará a luta pela Central Única dos Trabalhadores pela base eleita pelo voto livre e direto de todos os trabalhadores".⁴⁷

Cabe destacar que no Estado de São Paulo foi eleito para o governo Franco Montoro do PMDB. Membros da antiga e atual diretoria do sindicato também foram eleitos para diversos cargos, todos eles pela legenda do PT: Djalma Bom, deputado federal; Expedito Soares Batista, deputado estadual; Nelson Campanholo, Manoel Anísio Gomes e José Ferreira de Souza, vereadores por São Bernardo, e Gilson Menezes, prefeito de Diadema, além de vários outros trabalhadores.

Maria Hermínia Tavares de Almeida (1983), ao tratar do "novo sindicalismo", observa

⁴⁶T.M., nº 65, 1982, p. 3.

⁴⁷Idem, nº 65, 1982, p. 8. No artigo "Sindicato Compra Essa Briga!!!", a diretoria "compra a briga do Lula." Nesse sentido, o texto citado ressalta: "O Lula é famoso sim. Aqui e no estrangeiro. (...) O Lula foi preso e perseguido por nossa causa. (...) Achamos que o Lula pode e deve fazer política sem que isso represente divisão das chamadas oposições. É preciso saber sempre de que oposição se trata. Quem está contra nós e quem divide a classe trabalhadora. (...) Companheiros: as calúnias vão continuar. Os patrões vão continuar tentando sujar os nomes honrados de Lula, de Djalma, de Maurício Soares e outros. Nós compramos a briga deles porque os conhecemos". In: *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, nº 454, novembro, 1982. Consultei também o *Suplemento Informativo/Especial Eleições*, mês de novembro, 1982.

alguns pontos que pretendo destacar enquanto contribuição para esse assunto. Desse modo para a autora: 1) as bandeiras dos "autênticos" construídas em São Bernardo propagaram-se para outros setores do operariado "moderno", mas não só dele. Sindicatos de trabalhadores na grande siderurgia, na indústria petrolífera, na petroquímica, na metalmecânica, e, também na distribuição de energia elétrica, além de médicos, professores, bancários "transformaram o "novo sindicalismo" em uma tendência, que deu eixo e o tom ao movimento sindical que despertava por volta de 1977". (Maria Herminia demonstra que em 1978 e 1979, o "mundo do Trabalho" foi animado por um onda de greves de proporções inéditas no Brasil pós-64. Ver ps. 203-206 e conferir as tabelas utilizadas); 2) existia algo mais "uma demanda latente que constituía o movimento trabalhador em ator coletivo unificado em oposição ao autoritarismo: o reconhecimento da dignidade da condição operária no âmbito da sociedade e da igualdade cidadã na arena política."; 3) no início de 1980, o movimento sindical urbano pode ser dividido em 2 blocos: o "novo sindicalismo" e a "unidade sindical". Ou seja, polêmica e disputa entre duas forças do movimento sindical.; 4) o "novo sindicalismo" não foi forte para criar uma nova ordem, "na qual o Estado não fosse força ativa e sindicatos autônomos, democráticos e representativos pudessem afirmar-se no jogo livre da negociação coletiva. Todavia, marcou definitivamente o movimento sindical brasileiro com as imagens de um sindicalismo de participação de massas, democrático nos projetos e procedimentos". 5) "uma coisa é certa: pelo menos por algum tempo, os rumos movimento sindical não se definirão com independência dos partidos políticos".⁴⁸

As lideranças sindicais de São Bernardo, ao procurarem mobilizar e organizar a categoria e a própria classe trabalhadora, fabricam os enunciados e as imagens da luta. O sindicato, a fábrica, a greve e a cidade compõem um mosaico de metáforas, estratégias e um certo vocabulário. Nessa medida, cabe reforçar estes alvos e as propostas inscritas na fala sindical. O sindicato através do jornal, da ampliação da sindicalização, do apoio às campanhas salariais, da participação em congressos operários. A fábrica - quanto à orientação nas leis existentes e o acompanhamento de processos contra as empresas e o incentivo à luta nas fábricas. A greve - "Dos Braços Cruzados à Greve Pipoca". A cidade - "Da Capital do Automóvel à Capital Social do País".

A produção de uma "linguagem de classe" desde os anos 70 não envolve apenas os trabalhadores metalúrgicos, mas também outros setores da classe trabalhadora. Haja vista, os trabalhadores intelectuais que assim como Maria Herminia T. de Almeida (Do "sindicalismo de negócios à vanguarda do sindicalismo autêntico") e tantos outros - cabe citar J.A. Moises e

⁴⁸Almeida, Maria Hermínia Tavares de. "O Sindicalismo Brasileiro entre a Conservação e a Mudança." *Sociedade e Política no Brasil Pós-64*. São Paulo, Brasiliense, 1984, ps. 203- 214.

E. Sader - acabam discutindo e assumindo em alguns momentos a linguagem do outro.

Poderíamos dizer que essa linguagem, ao englobar as reivindicações ditas tradicionais, ou seja, econômicas, sociais e políticas, define por completo as balizas mestras de uma fala sindical. Todavia, não é bem assim. Na estrutura desse discurso cabem muitas outras figuras. Por ora, vou ficando com aquela idéia de J. Rancière - "*fazer com que as imagens se mexam*". As imagens culturais, "*diversão e arte*" por fim, serão incorporados neste trabalho.

2. "SÃO BERNARDO, ENSAIO GERAL".

"CULTURA E RECREAÇÃO".

As lideranças sindicais de São Bernardo procuravam enfatizar com o maior empenho possível, os problemas e as soluções encontradas pelos trabalhadores nos anos de 1981-82. Como procurei demonstrar, o jornal *T.M.* e o *Suplemento* (sem contar os inúmeros folhetos) veiculavam cotidianamente as notícias das fábricas. Sobretudo, podemos distinguir na fala sindical o cruzamento dos outros enunciados de luta: o sindicato, a greve e a cidade. Nesse sentido, encontrei um razoável número de imagens e de novos recursos de luta. Vejamos algumas: as demissões nas fábricas - "*Demitidos invadem a Mercedes Benz do Brasil S/A*", as passeatas internas na greve de 1981 na Ford; a primeira Comissão de Fábrica dos trabalhadores da Ford, reconhecida oficialmente pela empresa; o fortalecimento das Comissões de Fábrica; a "*operação pente fino*", tática de greve em 1982; a distribuição massiva de boletins informativos para os trabalhadores das fábricas nas campanha salariais de 81 e 82; os inúmeros boletins e circulares explicativos; a distribuição do *Jornal da Comissão* (maio de 1982, Ford) e os novos jornais que viriam depois da Scania, da Mercedes, da Volks; a divulgação das CIPAS; a formação de quadros de ativistas; a realização de assembléias e o comparecimento aos portões da fábrica. Enfim, um arsenal de notícias que focalizavam os enunciados imagéticos propostos pelos líderes sindicais de São Bernardo.

Ao folhearmos as páginas do jornal *T.M.* observamos não apenas novas falas e imagens políticas, econômicas e sociais dos "*lugares da luta*". Há também um peso significativo, as imagens culturais. Ou seja, as lideranças sindicais dão uma atenção especial às programações culturais, aos planos de formação sindical e política, aos projetos de renovação da imprensa sindical e às atividades de lazer. Assim sendo, outros enunciados imagéticos vêm juntar-se à animação operária.

Cabe salientar que desde 1971 as lideranças sindicais de São Bernardo vinham desenvolvendo uma preocupação com as atividades culturais. No nº 1 da *T.M.* os assuntos estavam dispostos em colunas relativas aos problemas econômicos, políticos, sociais e culturais. O nome da primeira coluna cultural era "*Recreação e Esporte*". A tônica estava voltada para o futebol, com a fundação do Grêmio Esportivo Metalúrgico e para os piqueniques. Em março de

1972 teremos a estréia do *"Bilhete do João Ferrador"* e a coluna *"Recreação, Cultura e Esporte"*.⁴⁹

Além de futebol e dos passeios, a nova coluna procurava explicar os *"fatos históricos"* para os trabalhadores metalúrgicos. Dentre os vários citados, podemos destacar: *"Silverio dos Reis, o Delator."*, *"Francisco José do Nascimento: O Dragão do Mar. A Greve que Antecipou o Fim da Escravidão!"*, *"A Revolução Constitucionalista."*, *"Revolução, Balanço e o Homem"*, *"As Eleições Diretas nos Estados Unidos do Norte"*, *"Nossas Leis, A Justiça e o Sistema"*. Podemos ainda enfatizar a preocupação em organizar bailes, cursos e dicas sobre livros, discos e programas de televisão. Exemplos: *"Contos Brasileiros"* de Graciliano Ramos, Cartola e o noticiário da T.V. Bandeirantes.⁵⁰

Em 1975 o jornal *T.M.* veiculava um artigo (*"O Teatro Está Perto de Você"*) sobre o Grupo Ferramenta de Teatro. Vale ressaltar um trecho: *"um grupo de pessoas, como você concordou em reduzir o seu fim de semana, trabalhando neste, a fim de que você tenha realmente um fim de semana agradável, e uma vez apoiado pelo sindicato, esse grupo que eu disse, "Grupo de Pessoas" passou a agir consciente em busca de um fim comum. (...) coletando elementos no nosso próprio meio, ou seja, elementos que trabalham a semana toda nas indústrias metalúrgicas, e que no fim desta, ou seja, nos seus dias de folga, deixam de lado as ferramentas usadas no trabalho nas fábricas, e pegam aquelas, as quais são usadas num trabalho cultural. Assim se formou um Grupo de Teatro, o qual se deu o nome de "GRUPO FERRAMENTA DE TEATRO." (...) É objetivo do nosso "Ferramenta", nosso e também seu, companheiro: difundir a cultura, aprimorar os nossos conhecimentos, dar uma melhor divulgação do Teatro no nosso meio, (...). (...) estaremos sempre pertinho de você, apresentando-lhe algo que você goste, que, o distraia, que o descanse e também que faça você pensar, porque, este algo é da realidade. (...) Companheiro, você é parte importante de nosso trabalho (...). Para o "Grupo Ferramenta de Teatro" esse trabalho representa uma caminhada, buscando difundir o teatro popular nos meios fabris (...)"*.⁵¹

A apresentação do Grupo Ferramenta aconteceu na festa da posse da nova diretoria eleita para o triênio 75/78. Entre as várias atividades da posse, festa, show musical e baile, o Teatro

⁴⁹Consultei *T.M.*, nº 1, 1971, p. 7, e, *T.M.*, nº 8, 1972, ps. 4-5.

⁵⁰Consultei *T.M.*, entre os anos de 1971 e 1980. Cabe salientar uma charge de 1975 na qual em meio a uma festa no sindicato, um dos participantes fala: "Sindicalize-se amigo e aproveite os bailes e cursos do sindicato". Nas dicas da diretoria vale registrar "os melhores noticiários da televisão, os do Canal 13, Bandeirantes". Desse modo, segundo o jornal, "são mais pobres que os da Globo, é verdade, mas em compensação são muito mais ricos em informações de real interesse para a coletividade. O Canal Bandeirantes apresenta muitos programas sindicais. É o que nos interessa, né!" Ver nº 28 e 31, 1975.

⁵¹*T.M.*, nº 28, 1975, p. 7

estava presente. Assim no dia 20 de abril na sede do sindicato, o Grupo Ferramenta encenou duas comédias de Martins Pena: *"O Caixeiro da Taverna"* e *"Quem casa quer casa"*. O jornal *T.M.* ressalta que a representação foi feita pelo grupo *"formado e mantido pelo sindicato, como parte das suas atividades culturais e constituído por associados da entidade"*.⁵²

Como mostra do interesse no campo cultural, trabalho que vinha sendo realizado esporadicamente desde 1971, o sindicato de São Bernardo dava novas provas de vitalidade. Em 1976 o *"Departamento Cultural"* é inaugurado com uma palestra de Valter Barelli. O novo departamento tem interesse em desenvolver *"atividades de cunho cultural e educativo, algumas relativas ao divertimento e outras à luta do dia-a-dia dos trabalhadores"*. Para esta finalidade específica, que *"constitui uma inovação em termos de atribuições sindicais, nosso órgão de classe destinará uma boa parte dos seus recursos financeiros"*. Desse modo, mesmo reconhecendo que o sindicato já vinha desenvolvendo várias atividades, como o Grupo Ferramenta de Teatro, os bailes, a realização de palestras, entre outras, o esforço é redobrado. Assim, *"sentindo a importância de tudo isso, e com vistas à uma maior ligação com a categoria, resolveu a diretoria criar esse departamento que centralizará todas as nossas atividades culturais e, educacionais e recreativas, com maior possibilidade de desenvolvê-las e, inclusive, de ampliá-las"*. Portanto, *"todos os fins de semana, você encontrará dentro do seu próprio sindicato os motivos de lazer, assistindo as peças teatrais e filmes selecionados, ouvindo palestras de grande alcance social, assim como participando de cursos sobre sindicalismo e questões trabalhistas"*.⁵³

O departamento cultural do sindicato implementa os mais diversos eventos. Por exemplo, em agosto de 1976 acontecem duas sessões de teatro com a peça *"Epidemia"*, um curso sobre pintura e outro a respeito de fotografia, cinema e literatura, e sessões de cinema, com o filme *"Meu Ódio Será Sua Herança"*. No mês seguinte, foi apresentada a peça *"O Inspetor Geral"* com o grupo de teatro de Santo André, TEAR. Ocorreram ainda a festa da criança e uma excursão com os alunos do Centro Educacional Tiradentes.⁵⁴

⁵²Idem, nº 28, 1975, p. 5.

⁵³"Um Departamento Para Aumentar a Cultura dos Nossos Associados." *T.M.*, nº 36, 1976, p. 7. Vale registrar que o economista Valter Barelli, então diretor técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE) proferiu uma conferência no sindicato sobre a "Evolução da Economia Brasileira." Outra iniciativa cultural promovida pelo sindicato foi a comemoração do 1º de maio de 1976. Em primeiro lugar, apresentou-se o "Jogral 1º de maio" composto por elementos do Grupo Ferramenta de Teatro e em segundo foram conhecidos os resultados do concurso realizado entre os alunos do Curso de Madureza. Maiores detalhes ver Rainho, L. F. e Bargas, O.M. *As Lutas Operárias e Sindicais dos Metalúrgicos em São Bernardo. (1977-1979)*. Volume I, Op. Cit.; p. 63.

⁵⁴"Atividades do Departamento Cultural". *T.M.*, nº 38, 1976, p. 7. Merece destaque ainda outras programações culturais citadas no jornal, tais como, a exibição do filme "Ver-te-ei no Inferno"; a

Em dezembro de 1976 o jornal *T.M.* publica um balanço das atividades desenvolvidas pelo sindicato. Apresenta os serviços prestados pelos departamentos jurídico, previdenciário, odontológico, médico e cultural. Algumas promoções, entre tantas, foram citadas, como a palestra "*Considerações sobre Acidentes do Trabalho e Doenças Profissionais*" com o dr. Antônio Possidonio Sampaio, as peças de teatro e os filmes, as atividades da escola do sindicato, enfim, o balanço de um departamento cultural voltado para a "*Escola, Divulgação, Estatística, Arte e os Divertimentos*".⁵⁵

Em 1977 o sindicato promove um debate operário sobre horas extras. Como foi visto no Capítulo 1, essa estratégia era considerada importante para a discussão da pauta de reivindicações da campanha salarial. Mas não ficou só nisso. Enquanto o sindicato desenvolvia a campanha com os conhecidos recursos tradicionais, outra atividade cultural agitava os trabalhadores. A peça teatral "*Ele Cresce e Eu Não Vejo*" escrita por Expedito Soares Batista, título aliás inspirado na campanha contra a hora-extra, procurava construir um canal efetivo de acesso aos metalúrgicos.⁵⁶

Em julho o jornal *T.M.* publica o relatório das atividades do sindicato referentes ao exercício de 1976, no qual procurava amarrar a estruturação de todo um trabalho. Trabalho esse desenvolvido com insistência na campanha salarial de 76, no Conselho de Coordenação de Trabalho de Base (CCTB), em cultura e recreação e no II Congresso dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema.⁵⁷

Entre 1977 e 1978 continuam as investidas culturais. Merece destaque o filme feito para o sindicato, "*Acidentes de Trabalho*", que acabou sendo premiado durante a VI Jornada Brasileira de Curta Metragem, realizada em Salvador, Bahia. A fita aborda o problema dos acidentes de trabalho do ponto de vista do trabalhador, sendo o principal prejudicado e a grande vítima das ocorrências. Desse modo, segundo o jornal *T.M.*: "*O nosso filme procura dar uma idéia desse outro lado da questão, que a propaganda oficial e as campanhas de prevenção de acidentes que se conhecem não aprofundam*".⁵⁸ Nesse sentido, podemos afirmar que as apresentações teatrais,

realização da Feira de Ciência, com trabalhos dos alunos da escola do sindicato e no mês de novembro a promoção de um baile.

⁵⁵*T.M.*, nº 39, 1976, p. 5.

⁵⁶Uma seleção dos trechos mais importantes da peça teatral "*Ele Cresce e Eu Não Vejo*", pode ser encontrado no livro de Celso Frederico, *A Vanguarda Operária*. Op. Cit.; ps. 39-48. Cabe salientar que o autor da peça Expedito S. Batista, na época trabalhava como controlador de qualidade junto à linha de montagem, em uma indústria automobilística.

⁵⁷"Aqui O Que o Sindicato Fez Em 1976." *T.M.*, nº 42, 1977, p. 4. Em abril de 1977, o jornal anunciava a estréia (no mês de maio) da peça "*Guerra Mais ou Menos Santa*", do Grupo Ferramenta de Teatro. Ver *T.M.*, nº 41, 1977, p. 6.

⁵⁸*T.M.*, nº 43, 1977, p. 2. É importante esclarecer que o filme "*Acidentes de Trabalho*" foi realizado pela

os cursos da escola do sindicato, as festas, os passeios e os bailes pretendiam "sacudir" os trabalhadores.

A greve de 78 e logo após o III Congresso dos Metalúrgicos contribuíram também na busca de novas formas de comunicação com os trabalhadores. As resoluções do III Congresso foram amplamente divulgadas junto aos trabalhadores através de sua transposição para uma *"história em quadrinhos"*, tendo como personagem central o *João Ferrador*, num trabalho de criação de Henfil e Laerte. Esse trabalho serviu também para personalizar ainda mais o *João Ferrador de "braços cruzados"*, ou exibindo o *"polegar da vitória"*. Desde então, ele passou a ser reconhecido não apenas nos jornais e nos folhetos. Mas também aparecendo em camisas, bonés, broches, etc.

Nos primeiros anúncios de 1979, *João Ferrador* indicava os livros que *"falam da gente"*. O primeiro a ser apresentado era do advogado Antonio Possidônio Sampaio que lançava *A Capital do Automóvel*. O editor do jornal *T.M.* Antônio Carlos Felix Nunes também lançava o livro *Além da Greve*. Não esquecendo a peça teatral de Henfil, *Revista do Henfil* e os bailes de carnaval. Aliás, cabe reproduzir o conselho do *João* com relação à peça teatral: *"diverte e, ao mesmo tempo, ensina muita coisa sobre a luta que devemos ainda fazer. No momento em que se discute a participação dos trabalhadores em partido político, é bom ver essa peça."*⁵⁹

Maio de 1979, um grupo de operários e filhas de operários metalúrgicos reunia-se na sede do sindicato, que há menos de dez dias estava sob intervenção. O grupo pretendia *"realizar um trabalho cultural a partir do sindicato, que além de ser uma opção de lazer, pudesse também contribuir no crescimento e avanço da consciência da classe operária. (...) O teatro era arma. (...) Formou-se assim o Grupo de Teatro Forja do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. (...) Mas não era a primeira vez que esses operários se reuniram para falar de teatro. Alguns já haviam participado do extinto Grupo Ferramenta também do sindicato"*.⁶⁰

Já em fins de 1978, na preparação da campanha salarial para 1979, esse grupo de trabalhadores metalúrgicos havia se organizado para montar uma peça que pudesse ajudá-los no esclarecimento e na mobilização da categoria em torno do *"Contrato Coletivo de trabalho"*, que

dupla Olga Futemma e Renato Tapajós. Em 1977, tivemos também a promoção pelo sindicato de um "Curso de Sindicalismo" e a "I Feira de Arte do metalúrgico." Ver Rainho, L. F. e Bargas, O. M. Op. Cit.; p. 63.

⁵⁹*T.M.*, nº 50, 1979, p. 15. Vale registrar as outras peças de teatro que o *João Ferrador* indicava (no final de 1978) para os trabalhadores assistirem: "Desgraça de Uma Criança" de Martins Pena com Grupo de Teatro Popular do SESI; "Liberdade Camará" de Miroel Silveira, encenada pelo Grupo ZUMBI do Centro Cultural Guimarães Rosa; e, "A Farsa do Truco e O Padre e o Cangaceiro", de Chico de Assis. Ver *T.M.*, nº 47, 1978, p. 11.

⁶⁰Urbiniatti, Tin. "Pensão Liberdade: Uma Criação Coletiva." Grupo de Teatro Forja do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. *Pensão Liberdade*. São Paulo, Hucitec, 1981, p. 9.

era o eixo principal da campanha. Baseado em entrevistas, Tin Urbinatti, coordenador geral, escreveu um "esquete *"curto e grosso"*: *"O Contrato"*, que em menos de um mês eles montaram e apresentaram no sindicato e nos bairros".

Depois da greve e da intervenção, o Grupo Forja estava criado e tinha definido alguns de seus objetivos: *"atuar no sindicato, nos bairros e favelas onde moram os metalúrgicos; montar peças mais elaboradas artisticamente e peças mais simples (esquetes) para auxiliar mais diretamente nas campanhas deflagradas pelo sindicato"*.⁶¹

Desse modo, as lideranças sindicais ao promoverem as atividades do departamento cultural, ao apoiarem as investidas teatrais dos trabalhadores, procuravam construir laços sólidos com a sua categoria. A greve de 79, marcada pela intervenção no sindicato, acaba paradoxalmente produzindo um novo *"lugar da luta"*: o Fundo de Greve. Escaldados com a experiência de 78, os líderes sindicais propuseram a criação do fundo de greve *"que nos dará uma retaguarda maior nas lutas futuras contra os patrões exploradores e seu governo opressor"*. Dentre as linhas a serem seguidas pelo Fundo pode-se destacar, por exemplo, arrecadar fundos, apoiar outras categorias, promoção de atividades nos bairros para arrecadação, motivar a internacionalização da solidariedade dos povos, efetivar debates dentro das fábricas e nos bairros. Os Estatutos da Associação Beneficente e Cultural dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, nome oficial do Fundo de Greve, foram aprovados em 07 de outubro de 1979. Em 28 de agosto de 1980 saiu o registro da Associação. Desta forma, no artigo 1º é ressaltado que a Associação com sede própria (mantendo inclusive autonomia em relação ao sindicato) é constituída com as seguintes finalidades: *"prestar auxílio financeiro, ou em espécie aos trabalhadores metalúrgicos; arrecadar fundos para assistir estes mesmos trabalhadores quando participantes em movimentos reivindicatórios ou que tenham sofrido represálias por causa deles; promove o nível cultural dos metalúrgicos mediante seminários, debates, shows, conferências e painéis e, desenvolver o espírito de solidariedade entre os trabalhadores"*.⁶²

A constituição do Fundo de Greve significa a movimentação dos trabalhadores em mais um *"lugar da luta"*. Assim como a fábrica, o sindicato, o Paço Municipal, o Estádio de Vila Euclides, a Praça da Igreja Matriz, e os bairros. Nesse sentido, a partir de 1980, o jornal *T.M.* e o

⁶¹Idem, p. 10.

⁶²"Cópia do Estatuto". mimeo. Op. Cit.; p. 1. No texto, "Caráter e Linha". Op. Cit.; ps. 1-2, cabe ainda frisar três itens que considero de fundamental importância:

"Politicamente manter objetivos de um trabalho na linha de uma prática de sindicalismo livre.";

."Combater na prática o sindicalismo atrelado, fortalecendo a organização dos trabalhadores na fábrica e nos bairros.";

."A Associação tem autonomia em relação ao sindicato combatendo a estrutura atrelada e defendendo uma política sindical independente.".

Suplemento propagam frequentemente não apenas os cursos da escola do sindicato, as atividades do departamento cultural e o apoio ao Grupo de Teatro Forja, mas também a importância da Associação: *"venha contribuir para seu fundo de greve"*.

No dia 7 de março de 1980 o *Suplemento* veiculava a estréia do *"Sombra"*, denunciando as irregularidades nas fábricas. As notícias da Ford, da Brastemp, da Volks, entre outras, irão se juntar às do Fundo de Greve (*"Baile para ajudar o Fundo de greve da categoria. Compareça...."*). Assim como as notícias do Teatro: *"Pensão liberdade"* é o nome da peça que *"o grupo Forja, formado por trabalhadores, irá apresentar domingo dia 9 às 20 horas, no auditório do sindicato. (...) Compareça e traga a sua família"*.⁶³

Cabe salientar que o Grupo Forja realizou no início do ano de 1980 uma pré-estréia da peça, para os parentes dos atores, membros da comissão de salário e alguns diretores do sindicato. A estréia da peça *"Pensão Liberdade"* aconteceu no dia 9 de março, na sede do sindicato, que estava totalmente ativado para a campanha salarial. Nessa noite, o Grupo Forja escolheu um operário da Mercedes Benz para preparar a *"Falação"*: *"Nós queremos fazer uma homenagem a duas pessoas muito importantes para a gente. A primeira é para uma pessoa que deu sua própria vida na luta da classe operária. Era um metalúrgico que, igual a gente, lutava por melhores dias para o seu povo. Lutava pela liberdade. Homenageamos o companheiro Santo Dias da Silva que morreu lutando. Chamamos aqui sua esposa, Ana Dias da Silva para receber um texto da Pensão Liberdade. A cultura também é muito importante na luta de libertação do povo. Por isso nós queremos homenagear aqui, uma pessoa que sempre se preocupou com isso. Ele escrevia teatro. Suas peças falam dos nossos problemas, da nossa realidade. Mas a censura impedia a montagem das peças. Homenageamos hoje Oduvaldo Vianna Filho, que morreu sem poder assistir às peças que escreveu. Por isso queremos entregar um texto da nossa peça à sua esposa, Maria Lúcia que está aqui..."*.⁶⁴

No dia seguinte à estréia apareceu uma pessoa procurando o departamento cultural do sindicato, e junto ao seu diretor identificou-se como agente da Polícia Federal. Solicitava que fossem encaminhadas três cópias do texto *"Pensão Liberdade"* àquela repartição. Aliás, é importante registrar que a peça mostra como o operário vê os seus problemas, as lutas, o seu trabalho. Narra o que é a vida do operário através do dia-a-dia em uma pensão. Os temas

⁶³*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 7-3-80. Consultei também "Associação. Venha Contribuir Para Seu Fundo de Greve." In: *T.M.*, nº 56, 1980, p. 8.

⁶⁴Urbínatti, Tin. Op. Cit.; ps. 18-19. Ver "O Teatro dos Metalúrgicos Mostra a Política da Vida". Octavio Ianni (ps. 21-30); e "Quando o Povo Assiste e Faz Teatro." Fernando Peixoto. (ps. 31-38); no trabalho acima citado, o texto da peça - escrita coletivamente pelos integrantes do Grupo Forja - encontra-se entre as ps. 41 a 111.

dispostos mostram a luta na fábrica, o desemprego, o escritório, a escola, o sindicato, a assembleia, a greve e o piquete.

Assim, o Grupo Forja continuava a apresentação da peça no sindicato. Enquanto isso, os trabalhadores metalúrgicos entraram em greve. As apresentações teatrais e as ações do Fundo de Greve agitavam o cenário São Bernardo. Em plena greve a Associação, mais do que nunca, procurava agilizar as suas atividades. Tais como: a distribuição de alimentos às famílias dos operários e a confecção de cinco mil camisetas, com o desenho do *João Ferrador* para serem vendidas e o dinheiro posteriormente arrecado pelo Fundo.

Todavia, houve novamente a intervenção no sindicato de São Bernardo. A partir desse instante, uma violenta repressão se desencadeou sobre o movimento grevista. Bombas, espancamentos e prisões eram rotina. Para o Grupo Forja: *"O terror imperava. Muitas pessoas tiveram que viver clandestinamente. (...) Apresentar a peça de Teatro nessas circunstâncias significava um atentado à "Lei de Segurança Nacional". Mas para o Grupo, naquele momento, o prioritário não era a apresentação da peça e sim a continuidade da greve. Mesmo que quiséssemos seria quase impossível apresentá-la, pois havia atores presos e outros desaparecidos. Quem não teve maiores problemas trabalhou no Fundo de Greve, na comissão de salário ou nos bairros. (...) Esses dias não foram ensolarados. Foram nublados. Incertos. Helicópteros do Exército "treinavam" sobre as cabeças de milhares de trabalhadores. O sol aparecia timidamente entre uma e outra nuvem de fumaça de gás lacrimogêneo. (...) Mas o sol que brilhou no 1º de maio de 1980, foi o spot, foi a luz que iluminou milhões de trabalhadores brasileiros. É a luz, a imensa e radiosa luz que ilumina hoje a PENSÃO LIBERDADE e que ninguém apagará jamais".*⁶⁵

Após o término da greve de 80, os líderes sindicais cassados continuam dando sua contribuição. Mesmo afastados do sindicato eles procuravam organizar e preparar as lutas mais imediatas. O Fundo de Greve também estava nessa *"briga dos diabos"*. Distribuindo alimentos e remédios, promovendo uma campanha da associação com distribuição da ficha de inscrição, nas portas das fábricas; vendendo livros produzidos pela Associação (*"41 Dias da Resistência e Luta" Cadernos do Trabalhador* (edição junto com o Grupo de Educação Popular, do URPLAN.), *Bilhetes do João Ferrador e Lula. Entrevistas e Discursos*); e organizando o *"Bazar da Pechincha"*: *"Durante dois dias inteiros, o companheiro vai poder comprar bem barato roupas novas e usadas, todo tipo de material de artesanato, livros, camisetas e bonés do João Ferrador*

⁶⁵Urbiniatti, Tin. Op. Cit.; ps. 19-20. Consultei também "Mais Força à Nossa Greve." In: *T.M.*, nº 57, 1980.

e até rever e bater papo com outros companheiros, tomando uma pinguinha e comendo uma pipoca".⁶⁶

No decorrer dos anos 1971 - 1980, as matérias veiculadas pelas lideranças sindicais enfatizaram crescentemente as campanhas salariais, os cursos, os congressos, as notícias culturais, as discussões sobre as possibilidades de luta na "*cidade operária*", as "*Notícias das Fábricas*", os esclarecimentos das leis trabalhistas; as lutas nas fábricas; o cotidiano dos operários; a própria importância do sindicato (atendimento dos trabalhadores, denúncias de empresas, assembléias e reuniões); as greves de 1978 - 1980. Cabe recordar que as greves serão precedidas pela campanha pela reposição em 1977; que procurou engajar o maior número de trabalhadores com a distribuição do jornal e de um abaixo-assinado nas fábricas, entre outras medidas. Nesse sentido, a diretoria - que auto-intitula-se o "*novo sindicalismo*" - enfrentará as greves (1978-80) e procurará sempre orientar os grevistas: "*O sindicato é o único órgão em que devemos confiar para resolver os nossos problemas.*" "*Vá ao sindicato e leia os boletins.*" "*Explique para sua esposa e filhos a razão de nossa campanha salarial. Eles são nossos aliados.*" "*Não tome bebidas alcoólicas durante a greve. Devemos permanecer de cabeça fria.*"

Assim, as matérias veiculadas a partir das greves de 1978 continuaram cada vez mais a estender o universo simbólico de identificação: as mensagens do *João Ferrador* a cada número sofrem uma mudança de imagem: agora de corpo inteiro, gesticulando, apontando, ironizando, debochando. As histórias em quadrinhos são freqüentes ("*Contratação Coletiva de Trabalho*"). As matérias sobre a participação política dos trabalhadores (O "*Partido dos Trabalhadores*" - recém fundado por alguns membros da diretoria e outros segmentos sociais). Os desenhos e as charges. O "*I Congresso das Mulheres Metalúrgicas*". As festas e os bailes. As peças de teatro e os filmes. Os Bazares (Divulgação de livros) e a própria utilização de cores berrantes (vermelho, principalmente) para o estímulo à leitura.⁶⁷

⁶⁶T.M., nº 58, 1980, p. 7. Consultei também o *Suplemento Informativo dos Metalúrgicos*, 13 de novembro de 1980.

⁶⁷Ao consultar os jornais: *O Metalúrgico* (Órgão Oficial do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias M. M. e de Material Elétrico de São Paulo) e *Zé Ferrugem. O Metalúrgico* (Órgão Oficial do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Recife, Olinda Paulista, Igarassu, São Lourenço da Mata, Jaboatão e Cabo), foi possível constatar que a partir do final dos anos 70 (1979) esses veículos começaram a se preocupar com inovações de linguagem e imagem. A exemplo do jornal T.M. e do *Suplemento* vamos encontrar também personagens interessantes, como o "Repórter Décio Malho", com notícias das fábricas (São Paulo) e o "Recado do Zé Ferrugem" (1982 - Recife) com notícias das fábricas e da(s) cidade(s). Sobre a importância do universo simbólico dos jornais operários ver uma primeira reflexão em um texto escrito por mim, intitulado: "Os Caminhos da Ousadia". In: R.H. *Revista de História*, nº 2/3, Campinas, UNICAMP, 1991. Boa parte das referências analisadas neste capítulo estão esboçadas no trabalho citado.

"A LUTA CONTINUA/PARA VENCER O PATRÃO/NA RUA NA FÁBRICA/ NA HORA DA DIVERSÃO".

Corria o ano de 1981. O Grupo de Teatro Forja estava apresentando três trabalhos: *"Operário em Construção"*, baseado em poesias de Vladimir Maiakóvisky, Vinícius de Moraes e Tiago de Melo. E duas peças de teatro de rua- *"A Greve de 80 e o Julgamento Popular da Lei de Segurança Nacional"* e *"Greve do ABC"*. As duas últimas eram apresentadas nas ruas, praças, na Vila Euclides (Estádio 1º de Maio), ou seja, nos locais onde a diretoria cassada realizava as assembléias da campanha salarial de 1981, pois o sindicato estava sob intervenção federal.

Sem *"a sua casa"*, *"sua oficina de trabalho que era o sindicato"*, o Forja utilizava o espaço do Fundo de Greve. Com estas peças, o Forja *"cumpria seus objetivos: 1) fazer um teatro que fosse uma opção cultural, de lazer para os trabalhadores e 2) cumprir a função social do teatro de fornecer subsídios para a reflexão da própria vida e realidade"*.⁶⁸

O Fundo de Greve continuava promovendo atividades das mais diversas para a mobilização dos trabalhadores na campanha salarial de 81. Os bailes eram uma medida frequentemente utilizada pelos líderes sindicais. Serviam para arrecadar fundos, para a troca de experiências de vida, namoros e, quem sabe até discutir algo sobre a campanha. É interessante observamos que nas assembléias promovidas nas ruas e nas praças, o Grupo Forja não era a única atração (*"Grande Show Teatral"*) para os trabalhadores. O ex-dirigente Luís Inácio da Silva recebia atenção especial do *Suplemento*. A presença dele - *"Lula Na Paulicéia"* - era considerada um chamativo também importante para os *"trabalhadores e o povo em geral"*. Afinal, *"A luta por melhores condições de vida é de todos!!!"*⁶⁹

O *Suplemento* procurava não apenas divulgar as atividades do Fundo de Greve. A campanha para os sócios era intensa: *"o sucesso das nossas lutas depende da nossa organização. Fique sócio do Fundo de Greve"*. O apoio dado às greves de 78 e 79 são divulgados como forma de atrair os novos sócios. A sua importância era enfatizada *"na luta contra a legislação sindical facista que permite cassar os dirigentes eleitos por nós e intervir em nosso sindicato"*. Desse modo, como vimos anteriormente, a idéia do Fundo de Greve se concretizou *"na primeira greve geral da categoria em 1979. Naquela época, distribuimos alimentos e dinheiro para os companheiros se manterem firmes na luta. (...) No ano passado, o nosso movimento voltou a*

⁶⁸Urbinnatti, Tin. "Pesadelo: Um Processo de Dramaturgia." Grupo de Teatro Forja do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. *Pesadelo*. São Paulo, Hucitec, 1982, ps. 15-16.

⁶⁹*Suplemento Informativo dos Metalúrgicos*, 19-02-1981. Consultei também o *Suplemento* no mês de janeiro/81.

receber solidariedade de todas as partes do país. E o apoio material recebido foi todo enviado para o Fundo de Greve. Isso, somado às nossas contribuições em dinheiro, fez com que o Fundo de Greve sustentasse a nossa campanha salarial. (...) Até o final de julho do ano passado, os companheiros demitidos receberam ajuda do Fundo para pagar contas de luz, água, gás, alguns alugueis e muitas outras despesas. Isso fez com que todos se mantivessem firmes na luta. (...) Com a intervenção em nosso sindicato, o Fundo de Greve ofereceu a sua sede para reuniões da categoria. Era lá que a nossa diretoria discutia com a gente os rumos do nosso movimento. O Fundo de Greve imprimiu diariamente os suplementos informativos, boletins e, enfim, manteve viva a nossa luta pela retomada do sindicato e por melhores salários. (...) Todos companheiros que ainda não se associaram ao Fundo de Greve, devem procura fazê-lo. A contribuição mensal é mínima, apenas 30 cruzeiros. Não dá nem para tomar cerveja com isso. Mas, esse dinheiro é muito importante para o nosso movimento".⁷⁰

Em agosto de 81 a T.M. saúda a esmagadora vitória da Chapa I. A nova diretoria "*assume a luta*". Nesse sentido, o jornal focaliza a importância do Fundo e noticia as eleições para renovação da diretoria "*do nosso FUNDO DE GREVE*". Naquele ano, o Fundo que contava com cerca de 3 mil sócios recebia por isso elogios, pois "*a categoria compreendeu a sua finalidade*". Os novos líderes sindicais, a exemplo dos anteriores, estavam afinados com as propostas de um "*sindicalismo atuante*". Vale lembrar a palavra de ordem: "*A Luta Continua/ Para Vencer o Patrão/ Na Rua Na Fábrica/ Na Hora da Diversão*".⁷¹

Assim sendo, continuando a política dos anos anteriores, as novas lideranças sindicais apostavam também nas iniciativas culturais. Podemos já relacionar no mês de outubro a disposição em manter as atividades culturais do sindicato. Teremos duas promoções. A primeira patrocinada pela diretoria ("*Teatro no sindicato*") era a apresentação da peça de Plínio Marcos, "*Homens de Papel*". Após o espetáculo ocorreu uma palestra do autor com os presentes. A segunda foi "*O Ciclo de Palestras do F. de Greve*" com o tema "*Sindicato e a Luta dos Trabalhadores*". Cobrando pelos ingressos o Fundo estruturou esse ciclo da seguinte forma:

. Dia 19-10-81. "História do Sindicalismo Brasileiro" - Apolônio de Carvalho.

. Dia 20-10-81. "Como é o Sindicato em Outros Países" - Plínio Arruda Sampaio.

. Dia 21-10-81. "Tendências Atuais no Sindicalismo Brasileiro" - Rossi (Oposição Metalúrgica de S. Paulo). Devanir (Diretor Cassado Metalúrgico de S.B.C e Diadema) e Eliezer (Sindicalista de Goiás)

⁷⁰T.M., nº 59, 1981, p. 6. Consultei também o *Suplemento* entre os meses de fevereiro e abril de 81.

⁷¹*Suplemento Informativo dos Metalúrgicos*, 16-06-81. Ver ainda T.M., nº 61, 1981, p. 7.

. Dia 22-10-81. "A Importância do Fundo de Greve" - Gilson, Djalma e Keiji (Diretores do Fundo de Greve)

. Dia 23-10-81. "Relação Sindicato e Partido Político." - Lula (Diretor Cassado Metalúrgico de S.B.C. e Diadema e Presidente Nacional do P.T.)⁷²

Entre os meses de novembro e dezembro vamos encontrar bailes, palestras, filmes e peças teatrais. Podemos começar com o baile "*Noite Hawaiana*" (no dia 14-11-81) e com a exibição nos cines de São Bernardo, Santo André e em São Caetano do filme de Leon Hirszman: "*Eles não usam Black Tie*". Cabe observar que o *Suplemento* jogou o maior peso na exibição desse filme, com diversas chamadas para o comparecimento dos trabalhadores. ("*se você for sócio de qualquer sindicato da região, pagará só meia entrada*".) Em vários números do jornal o depoimento de Djalma de Souza Bom era evidenciado: "*Um filme digno de ser visto pelos metalúrgicos do ABCD, o seu conteúdo está muito ligado à luta da classe trabalhadora*". Outro filme que também teve destaque foi "*Os Libertários*." ("*Terça-feira no sindicato*".) A história da luta da classe operária nos anos de 1900 a 1920, ou seja, a história de São Bernardo até às greves pôde ser vista na peça "*São Bernardo, Ensaio Geral*" apresentada no sindicato. Assim como "*A Gaiola*", "*Show de Emergência*" do Grupo de Teatro Debate e "*A Vida na Favela*" do Grupo Teatral do Jardim Silvina. Gostaria ainda de ressaltar a palestra de uma comissão de camponeses de Ronda Alta, no Rio Grande do Sul que provocou agitação nos trabalhadores no sindicato. De acordo com o *Suplemento*: "*320 famílias estavam acampadas à beira de uma estrada enfrentando o cerco da polícia e a pressão do governo para abandonar a luta*". Entretanto, não podemos esquecer os outros bailes que ocorreram, apresentados pelo conjunto de Roberto Ferri ou pelo MPB Trio.⁷³

Gostaria ainda de observar um fato bastante explorado pelos líderes sindicais desde 1980. Ou seja, a luta dos trabalhadores poloneses ocupou um espaço significativo na imprensa sindical. As atividades do sindicato independente polonês Solidariedade eram vistas com satisfação e sinal de reforço na luta da classe trabalhadora. Os contatos políticos e culturais eram travados com frequência pelas lideranças sindicais. (Assim como pelo ex-dirigente e Presidente Nacional do Partido dos Trabalhadores, Luís Inácio da Silva). É interessante constatarmos que as experiências de luta nos dois países serviam de acúmulo para uma reflexão de dirigentes sindicais e intelectuais

⁷²*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 13-10-1981. Consultei também o dia 14-10-1981.

⁷³*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, de novembro e dezembro de 1981. Cabe citar o artigo de Luís Carlos Merten, "A Vitória do Ponto de Vista Operário." Nele, o autor examina de Eisenstein (de A Greve) ao sucesso do brasileiro "Eles não usam Black-Tie." Desse modo, salienta uma análise da afirmação do cinema ideológico para grandes platéias. Ver *Coojornal*, nº 68, 1981, ps. 20-21.

sobre a consciência da classe operária. O *Suplemento*, por exemplo, estava preocupado em divulgar um novo companheiro de luta, o "*Pé de Ferro*", um boneco no estilo do *João Ferrador* no jornal dos metalúrgicos de Salto e Itu. Todavia, a intenção de divulgar as atividades dos outros trabalhadores (metalúrgicos e outros setores) não se limitava apenas ao Brasil. Os poloneses (e outros que eram citados: alemães, franceses, japoneses, etc.) também recebiam tratamento especial. No meu entender, essas experiências serviam não apenas para solidificar a identidade operária entre os "*trabalhadores do mundo*" - segundo a expressão de E. Hobsbawm. Essas experiências - no sindicato e no partido - sobretudo incluíam o campo da cultura.⁷⁴

O ano de 1982 começava com o anúncio no *Suplemento* de um grande Show-Baile com Gonzaguinha, no conjunto Vera Cruz. Ainda no mês de janeiro ocorreriam a 1ª Feira de Cultura Operária Popular, os anúncios dos cursos da escola do sindicato e o baile de verão no sindicato. Simultaneamente estava sendo agilizada a campanha salarial de 82. "*O Robô que Virou Peão*" foi a peça de teatro de rua com que o Grupo Forja auxiliou a diretoria do sindicato nas assembleias da campanha. Um teatro sem texto. Sem nenhuma palavra. Apenas mímica e gestos.

O Grupo Forja materializou alguns personagens como o *João Ferrador*, o *Patronildo* e o *Sombra*, que até então eram apenas estampados nos jornais e boletins do sindicato ou nas camisetas do Fundo de Greve. Desse modo, "*o trabalhador via na sua frente o João Ferrador, o Sombra, ou o Patronildo, os quais vinham cumprimentá-lo. Personagens que até então eram apenas imagens que estavam em seu pensamento, em sua memória, na sua cultura de peão do ABC*". Ao discutir a robotização nas fábricas, o Grupo Forja apresentava em cenas finais os operários e o robô mandando para o "*olho da rua*" o patrão. Cabe frisar que no início da peça, os operários haviam levado o "*novo companheiro*" para uma pescaria colocando um enorme coração no peito do robô. Vale a pena acompanhar os momentos finais desse enredo:

"O Robô leva o patrão para fora. Todos se confraternizam. No palanque alguém pede a palavra: é o Sombra. Ele lê o último boletim informativo do sindicato, contendo várias denúncias de arbitrariedade de chefes, condições das fábricas, etc. (Obs.: estas denúncias devem ser coletadas pelo Sombra durante a realização da peça. Isto é, durante todo o tempo de duração da peça o Sombra fica circulando no meio do público,

⁷⁴"Esse é o "PÉ DE FERRO". É o nosso novo companheiro de luta!". *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 16-12-1981. Consultei também no mesmo jornal a matéria, "Todo o Apoio aos Trabalhadores Poloneses." As referências aos trabalhadores poloneses, japoneses, italianos, alemães, entre outros, estarão presentes no *Suplemento* e na *T.M.*, no decorrer dos anos 70. Sobretudo no final desses anos (1979, em diante) e início dos anos 80. Cabe ainda citar a importância dos seguintes textos de Eric Hobsbawm: "Notas Sobre Consciência de Classe." e "Qual é o País dos Trabalhadores?". In: *Mundos do Trabalho*. Novos Estudos Sobre História Operária. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.; e "Trabalhadores do Mundo." In: *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988.

colhendo depoimentos, denúncias e anotando-as para serem lidas no final)
Final - Sombra passa o microfone para o diretor do sindicato começar a assembléia".⁷⁵

A luta contra a robotização, no ano de 1982, pode também ser captada nos versos de um trabalhador metalúrgico:

*"O país vai prá frente
 Quando fica doente
 O povo vai prá trás
 Já não serve mais
 O patrão vai prá frente
 Agora com o tal robô
 O peão vai prá trás
 A coisa entorta mais
 O robô não pede aumento
 Enquanto o peão passa fome
 O patrão ganha mais
 O patrão engorda mais
 O robô não vai ao banheiro
 Para que isso não aconteça
 Ai produz mais
 Nunca e jamais
 O robô não faz greve
 O peão brasileiro tem que se organizar
 mais
 O patrão se satisfaz
 Participando das lutas operárias
 O peão brasileiro sofre demais
 Um dia ele come mais".⁷⁶*

O *Suplemento* ao publicar esses versos contra o uso indevido da automação, fazia questão de ressaltar que a classe trabalhadora não era contra o progresso tecnológico, *"pois sabemos que somos nós os responsáveis por isso. Porém, temos claro que, infelizmente, ainda não somos os donos desse avanço. Enquanto estiver nas mãos dos capitalistas, sabemos que ele será usado sempre a favor do lucro, por isso, contra os trabalhadores".⁷⁷*

⁷⁵"O Robô que Virou Peão. Um teatro Sem Texto." Grupo de Teatro Forja do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. *Pesadelo*. Op. Cit.; p. 81. Ver as fotos da peça "O Robô que Virou Peão" no trabalho citado. Consulte também o *Suplemento* no mês de janeiro de 1982.

⁷⁶*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 27-01-1982.

⁷⁷Idem, 27-01-1982. No dia 26-01-1982, o *Suplemento* veiculou duas matérias bem interessantes sobre o assunto. Ver: "Robô Ganha Mais que Operário Brasileiro" e "Automação Preocupa Metalúrgicos."

Entre fevereiro e maio de 1982 o *Suplemento* estará repleto de atividades culturais. A começar por um Show-Baile e pelos bailes de Carnaval (no mês de fevereiro). Os Cipeiros também estarão incluídos nessa roda cultural. O sindicato organizou um ciclo de reuniões com os representantes dos empregados nas CIPAS. Nestas reuniões os dirigentes sindicais além de fornecerem as informações técnicas sobre doenças e acidentes, ("*que os cursos oficiais escondem do trabalhador*"), também procuravam debater com os trabalhadores as várias formas de atuação e as experiências nas diferentes fábricas. Na reunião do dia 12 de fevereiro foi projetado o filme "*O Pó Nosso de Cada Dia*" seguido de um debate em grupo.

Uma iniciativa do departamento cultural, que foi amplamente divulgada, foi a exibição do filme de Renato Tapajós, "*Linha de Montagem*". O filme trata sobre as greves de 79 e 80 dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Um filme histórico que mostra as grandes assembléias no Estádio 1º de Maio, as prisões, as intervenções, as brigas com a polícia nas ruas. Na pré-estréia do filme no sindicato estavam presentes (no dia 13 de abril) Luís Inácio da Silva, Renato Tapajós e Chico Buarque, autor da música do filme.⁷⁸

No dia 18 de abril acontece o II Seminário do Fundo de Greve de São Bernardo do Campo e Diadema. Realizado no sindicato o temário do seminário abordava dois pontos básicos: "*O que é o Fundo de Greve e Objetivos*" e "*Relação Fundo de Greve-Sindicato e Movimento Popular*". O *Suplemento* igualmente divulgou essa atividade por vários dias seguidos, antecedendo o II Seminário. Assim como a palavra de ordem, "*Fique sócio do Fundo de Greve*" que era repetida praticamente em todos os números de 1982. O chamado para se associar ao Fundo incluía também a compra de livros, posters e camisetas para arrecadação de fundos. Apenas para exemplificar, o Fundo divulgava a sua produção doméstica de livros tais como: "*O Nordeste no Caminho da Ilusão*", "*Greve da Fiat - 42 dias*", "*Vozes de Quem Não Tem Voz*", "*Vida de Mulher*", "*Tortura - A História da Repressão no Brasil*", "*Jornalivo - Nicarágua Livre*", "*Autonomia*", entre outros. Não esquecendo as camisetas do *João Ferrador* e os posters do Chaplin, Che Guevara, Lennon, etc.

Cabe ainda registrar que o fundo de greve e o sindicato estavam arrecadando contribuições (alimentos ou dinheiro) para apoiarem os trabalhadores da COFERRAZ, que se encontravam em dificuldades há meses. A fábrica havia sido fechada e os patrões não arcaram com as responsabilidades financeiras no que concerne aos direitos dos trabalhadores. O *Suplemento*

⁷⁸Consultei o *Suplemento* entre os meses de fevereiro e maio de 1982. A dupla (já citada) Olga Futemma e Renato Tapajós tem vários documentários: "Fim de Semana" (76), "Acidentes de Trabalho" (77), "Trabalhadoras Metalúrgicas" (78), "Um Caso Comum" (78), "Teatro Operário" (79) e "A Greve de Março" (79). Um debate com esses e outros cineastas sobre as lutas operárias pode ser encontrado em "A Greve no Cinema." In: *Escrita Ensaio*, nº 7, Op. Cit.; ps. 89-106.

veiculava todo o apoio aos "*Companheiros da COFERRAZ*": "*Vamos mostrar a nossa solidariedade de classe. Nós trabalhadores não compactuamos com as sujeiras da classe patronal*".

No mês de abril vamos encontrar uma iniciativa sindical muito importante para os trabalhadores metalúrgicos. As lideranças sindicais, que já procuravam fornecer subsídios na formação escolar dos operários com os cursos da escola do sindicato, lançavam uma novidade: o curso de "*Formação Sindical*". A concepção desse curso demonstra, no meu entender, uma preocupação política e cultural significativa dos dirigentes sindicais de São Bernardo.

Assim, o *Suplemento* dava o seguinte conselho: "*Companheiro: Faça o Curso de Formação Sindical*". Afinal, ele representava, "*mais uma arma de luta em suas mãos!*" Em junho, o sindicato fazia um balanço do primeiro curso de formação sindical, que havia começado com 50 trabalhadores de diversas fábricas. Ao explicar o funcionamento deste podemos acompanhar as intenções dos líderes sindicais. Desse modo, o curso sempre começava com a história presente. Os problemas que os trabalhadores estavam enfrentando naquele momento. A cada semana havia um assunto dentro de uma seqüência: jornada de trabalho, desemprego, comissão de fábrica, Enclat, Conclat, entre outros. O trabalho de formação sindical era desenvolvido através de áudio-visuais, filmes, apostilas ilustradas e cartilhas populares. Para a diretoria era fundamental ressaltar que essa atividade contava "*com a participação dos companheiros através da dinâmica de grupo onde cada um pode dar a sua opinião livremente e contribuir com sua experiência*". Por isso, era necessário "*continuar com o curso de formação sindical. Só que agora não só com 50 companheiros, mas 200 ou até mais. Muitos já falaram que vão participar quando começar outro curso. Então chegou a hora. Faça sua inscrição neste 2º curso*".⁷⁹

Encontraremos ainda entre os meses de abril e maio, alguns espetáculos teatrais e circenses. Cabe ressaltar a peça "*Dondé Co Ce vem?*", da cooperativa Paulista de Teatro, que conta a vida de Miguel dos Santos. Um brasileiro como tantos que abandona o seu lugar de origem para buscar na cidade de São Paulo um emprego para não morrer de fome. Chegando a São Paulo perambula durante anos em pequenos empregos (balconista, guarda-noturno, tintureiro etc.) até conseguir trabalho numa padaria. Assim ele vive durante um mês feliz pela possibilidade de ter melhorado de vida.

A peça "*A Ferro e Fogo*", com o Grupo Apoena, também será destacada no *Suplemento*. Ao tratar do movimento operário brasileiro, a peça situa as greves dos últimos anos a partir do

⁷⁹"Mais uma Arma de Luta em suas Mãos!" *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 3-06-1982. Consulte também o *Folheto*, "Curso de Formação Sindical/82."

cotidiano do trabalhador. Passa por elas, avança pela recessão, pelas eleições de 82, pela radicalização da luta com propostas que vão da greve geral à conturbação social que prenuncia uma guerra civil. Vale reproduzir a opinião do jornal *Suplemento* sobre esta peça:

"Para os mais desatentos, o povo brasileiro é pacífico, a esquerda desorganizada e o governo todo poderoso. Uma radicalização que descambe para a violência massiva foge, assim, às previsões mais negras. Esquecem-se que existiu 64, o desespero da guerrilha urbana no fim dos anos 60, a guerra da Araguaia.

O cotidiano, a luta operária para superá-lo e as diferentes tendências que se defrontam nesse barril de pólvora são o objeto de A FERRO E FOGO. Este objeto é desmontado e suas diversas peças são apresentadas ao público como um mosaico ou quebra-cabeça: compete a cada espectador redescobrir e reconstruir o objeto; com isso, estará pensando a realidade e possíveis desdobramentos da mesma no amanhã".⁸⁰

Teremos também a apresentação das peças: *"Cavalheiro do Destino"*, com Grupo Tesol, o Grupo de Teatro Mamulengo (Bonecos de Pernambuco) com o espetáculo *"A Cobra Gigante e os Dois Vigias Valentes"* de Natanael da Costa Oliveira; e *"A Festa do Pastoril"*, do grupo teatro-circo, alegria dos pobres da Cooperativa Paulista de Teatro. Essas apresentações no sindicato de São Bernardo encontraram ainda outras companhias. Ou seja, os artistas do circo. As estrepolias de *"Sabugo"*, *"Espoleta"* e Verônica vão provocar risos e gargalhadas nos trabalhadores do ABC. Assim como *"O Mundo Alegre do Circo"*, com palhaços e equilibristas.

Desse modo podemos perceber que as lideranças de São Bernardo, ao procurarem mobilizar a categoria, instituem uma fala calcada em enunciados e imagens operárias que apontam para a própria classe trabalhadora. As atividades propostas pelos líderes no sindicato, na fábrica, na greve e na cidade sugerem o empenho sindical em transpor o universo dos *"homens de macacão"*. Ao unir política e cultura, os dirigentes sindicais inovam no discurso e na prática do movimento operário dos anos 70. Assim sendo, ao visitar o sindicato de São Bernardo encontrei estratégias, imagens, métodos e alvos de uma luta política e cultural.

Nesse sentido, ao caracterizar essa experiência como um cruzamento da política com a cultura, caberia citar dois exemplos que me parecem esclarecedores. No dia 30 de abril de 82 o Fundo de Greve promoveu o debate *"Partido Político e a Classe trabalhadora"*. Os debatedores eram o ex-diretor do sindicato, então presidente do Partido dos Trabalhadores de São Bernardo, Expedito Soares Batista e Mário Ladeia, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, vice-prefeito de São Bernardo e deputado estadual naquele momento. Ora, mais uma vez os dirigentes

⁸⁰*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica, 19-04-1982.*

sindicais, ao promoverem uma atividade política e cultural, acabavam mexendo com o próprio enunciado imagético, o sindicato. Conseqüentemente, partido e classe vão ser animados. Desse modo, os outros "lugares da luta" da classe trabalhadora também aparecem agregados num mesmo processo. Ou seja, a fábrica, entenda-se igualmente local de trabalho, a greve e a cidade constituem um universo simbólico de enunciados imagéticos e práticas políticas e culturais. Nesse sentido, podemos captar esse simbolismo na comemoração do 1º de Maio, no qual os "lugares da luta" estão definidos:

"Vamos todos participar do 1º de Maio de 1982. Será um dia de luta para os trabalhadores da região. Sindicatos, Entidades Populares e Setores Democráticos estão unidos para que o "DIA DO TRABALHADOR" seja uma grande data.

Às nove horas, haverá missa na Igreja Matriz de São Bernardo, celebrada por D. Cláudio Hummes. Às dez horas, sairemos da matriz em passeata até o Paço Municipal.

Às onze horas realizaremos uma concentração no Paço, onde teremos 5 oradores discursando para os presentes.

Nesse "1º DE MAIO" nossas palavras de ordem são as seguintes: Liberdade e Autonomia Sindical, Contra o Desemprego, Contra o Pacote da Previdência, pelas Liberdades Democráticas, pela Reforma Agrária e, pela Constituição da Central Única dos Trabalhadores pela Base".⁸¹

Os dois exemplos citados apenas compõem, entre tantas, as figuras do mosaico operário. As lideranças sindicais de São Bernardo situavam há vários anos as estratégias pontuais de luta no sindicato, na fábrica, na greve e na cidade. Estratégias essas que combinavam atividades políticas e culturais. Sobretudo, podemos identificar um discurso de "apelo operário" - lembrando a expressão de G. Bollème, destinado à classe trabalhadora.

Nos dias 21, 22 e 23 de maio de 82 a diretoria do sindicato realizou um seminário muito interessante. Organizado em três etapas, os assuntos debatidos foram: 1º - Debate sobre sindicalismo no Brasil hoje; 2º - Avaliação dos 9 meses de atuação da diretoria e 3º - Plano de ação daqui para frente. Vamos observar com atenção a preciosidade deste seminário. Vejamos, na

⁸¹Idem, 22-04-1982. Ver também Medici, Ademir. *1º de Maio e os Principais Momentos da Luta Sindical em São Bernardo: 1902-1990*. São Bernardo do Campo, Secretaria de Educação Cultura e Esportes, 1990. É interessante mencionar os seguintes capítulos: "O novo sindicalismo." (ps. 55-59); "A nova identidade da cidade". (ps. 61-62); e, "1º de Maio de 1980" (ps. 67-86). Este livro foi patrocinado pela Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo. Em 1990 o prefeito e o vice eram, respectivamente, Maurício Soares e Djalma Bom. Outras leituras sobre a relação cidade e movimentos sociais podem ser apontadas, tais como, "São Bernardo do Campo: A Difícil Prática da Democracia." Município, Grande ABC, Diário do Grande ABC S/A, 1982.; e, Guattari, Félix. "Espaço e Poder: A Criação de Territórios na Cidade." *Espaço e Debates*, nº 16, São Paulo, 1985, ps. 109-120.

primeira parte, o debate sobre o sindicalismo no Brasil, encontramos sete destaques. O primeiro é denominado: "*OS DOIS BLOCOS DENTRO DO SINDICALISMO BRASILEIRO*", logo a seguir vem, "*ANAMPOS (Articulação Nacional dos Movimentos Populares e Sindical)*"; "*CONCLAT e CUT*"; "*SINDICALISMO E PARTIDO*"; "*GREVE E GREVISMO*"; "*SINDICALISMO INTERNACIONAL*"; e, "*DEMOCRACIA PARA QUEM?*"⁸²

Destes sete pontos levantados gostaria de evidenciar algumas questões. Ao fazer referência aos dois blocos dentro do sindicalismo brasileiro, a menção era voltada primeiro ao "*Bloco dos Reformistas*", identificados com uma perspectiva de direção de cúpula, isto é, tomava as decisões por cima sem consulta às bases. Estavam neste "*Bloco da Reforma*": O PCB, PC do B e MR 8. Apesar de suas divergências internas, eram unificados no rumo geral das posições e práticas. O "*Bloco da Reforma*" se reunia em torno da chamada Unidade Sindical. Do ponto de vista político partidário o bloco estava em peso no PMDB. O segundo bloco podia ser caracterizado como o dos "*Combativos ou Autênticos*". Tendo uma direção voltada para a base, isto é, procurava tomar as decisões consultando as bases através de assembléias, reuniões por fábricas, comissões, etc. Nesse sentido, para enfrentar os problemas, "*buscam mobilizar e organizar os trabalhadores dentro das fábricas, no campo, no sindicato, nos bairros. Buscam novas formas de luta junto com os trabalhadores*".⁸³ Estavam neste "*Bloco Combativo*" os antigos sindicatos combativos, os novos sindicatos tomados por oposições combativas, oposições sindicais, associações combativas, os independentes, movimentos combativos da Igreja, as tendências políticas como a Liberdade e Luta (Libelu), Convergência Socialista, Tendência Socialista, Movimento de Emancipação do Proletariado (MEP), Ala Vermelha (ALA) e Ação Popular (AP). Dentro desse bloco também existiam divergências, contudo, se unificaram frente ao rumo geral de posições e práticas e se opunham ao "*Bloco da Reforma*". Este "Bloco" se reunia em torno da "*ANAMPOS*". Do ponto de vista político partidário este "Bloco" estava no PT, em sua maioria. Dessa forma, o "*Bloco Combativo*" estava:

"presente no movimento popular tentando articular as forças de base dos bairros, favelas, igreja, campo, (...)".⁸⁴

Com relação à "*ANAMPOS*", (de acordo com o relatório do seminário, o seu local de referência a nível nacional era São Bernardo do Campo), "*CONCLAT*" e "*CUT*" as preocupações poderiam ser resumidas em uma única palavra: BASE. Para exemplificar: "*defender a CUT PELA*

⁸²"Relatório do Seminário". São Bernardo do Campo e Diadema, maio de 1982, mimeo, ps. 01-13.

⁸³Idem, p. 08.

⁸⁴Idem, p. 09.

BASE, diferente da CUT PELA CÚPULA". Os temas "Sindicalismo e Partido" estabeleceram um norteamento pontual: "O sindicalismo não pode se submeter e obedecer às ordens do partido. Manter a independência frente à classe patronal, ao governo e aos partidos é o que defendemos, (...)". (Ver p. 12)

A greve (cabe recordar as experiências de 78 a 82) "continua sendo um dos nossos instrumentos de luta mais fortes e eficazes contra os patrões e o governo. Contudo, nesta caminhada de luta encontramos também os que defendem um certo grevismo, isto é, fazer a greve sem objetivos claros, sem ter uma preparação, sem estabelecer os pontos que precisamos conquistar, (...). Houve uma greve no Rio Grande do Sul onde uma determinada tendência assumiu a frente com objetivo nítido de ganhar pontos para a própria tendência, mas não apresentou nenhuma proposta concreta sobre os pontos, as reivindicações, pelas quais os trabalhadores estavam fazendo a greve. Isto é grevismo. É fazer greve sem um plano para a greve. (...). O grevismo tende a fracassar e dificultar muito a continuidade da luta e a própria reconstituição do ânimo do trabalhador" (Ver ps. 12-13)

No tema "*SINDICALISMO INTERNACIONAL*", o relatório do seminário enfatizava que deveriam existir laços entre as Centrais Sindicais dos diversos países e com as Centrais Mundiais, desde que se preservasse a independência. E a questão da democracia?

"Nós precisamos conquistar a democracia que interessa aos trabalhadores. Isto quer dizer a democracia onde os trabalhadores decidam o tipo de sociedade que eles querem, os rumos a seguir, as formas de organizar, etc. Esta democracia nós sabemos que os trabalhadores é que vão conquistar. Não podemos esperar que o governo ou os patrões vão construir esta democracia". (Ver p. 13)

Logo a seguir (nesta primeira parte), encontramos ainda um outro destaque "*a posição e o papel do sindicato de São Bernardo dentro do sindicalismo brasileiro*". No meu entender, podemos recuperar não apenas uma fala de organização da categoria. É essencial enfatizar a intenção desses dirigentes em estabelecer um projeto para a classe trabalhadora. Não há dúvida de que neste documento essas intenções estão formuladas de modo preciso e pontual. Ou seja, as estratégias de luta e os enunciados imagéticos ganham efetivamente uma análise rigorosa das próprias lideranças sindicais.

Assim, no sub-item "*Transformação desta sociedade*" o enunciado é cristalino:

"Nossa luta sindical não pode se limitar a "melhorar as condições de vida" do trabalhador apenas. Precisamos caminhar no sentido de cada vez mais contribuir para a TRANSFORMAÇÃO DESTA SOCIEDADE

para outra sociedade justa e igualitária. A forma desta sociedade justa e igualitária nós é quem precisamos construir, mais do que seguir modelos históricos já existentes, mesmo que tenham dado uma grande contribuição. Esta perspectiva (de superar o tipo de sociedade em que vivemos) deve nortear nosso trabalho sindical. Desta maneira, nosso sindicalismo deve ser de permanente investida contra a situação de classe em que vivemos, contra as formas de exploração velhas e novas, contra as formas ideológicas impostas pelos patrões (ex.: a "cooperação operária", proposta nos CCQS), contra as formas de organização que os patrões propõem para unir capital e trabalho (...). Dentro de todos os limites da luta sindical precisamos ter claro que nossa luta deverá contribuir para esta meta básica que é a TRANSFORMAÇÃO DESTA SOCIEDADE". (Ver p. 14)

Outros pontos que devem ser destacados referem-se ao sub-item: "*Sobre a Direção Política e Plano de Ação*". Vejamos:

- ". Por em prática o sindicalismo de base;*
- . Levar em todas as lutas, a conscientização política dos trabalhadores enquanto classe, colocando sempre a questão no plano ideológico;*
- . Interferir nos sindicatos pelegos de forma mais agressiva tendo como objetivo claro a sua derrubada;*
- . Encontrar formas de integrar mais organizadamente sindicato e movimentos populares;*
- . Procurar divulgar mais as nossas experiências a nível de Brasil e internacionalmente;*
- . Sair pelo País a fora pregando a verdadeira unidade dos trabalhadores. Mostrar para a categoria, como para todos os trabalhadores que não somos só metalúrgicos mas que pertencemos à classe trabalhadora com um todo;*
- . Preparar quadros para garantir a continuidade da luta e sua ampliação tanto na base como fora dela;*
- . Discutir melhor a questão da greve enquanto instrumento de luta e buscar novas formas de luta, além da greve". (Ver ps. 14-15)*

Ao final da primeira parte os dirigentes sindicais concluem:

"Todos concordam que São Bernardo do Campo e Diadema tem um papel importante, uma contribuição a dar e uma responsabilidade grande à nível nacional. Há concordância também de que precisamos ter uma ação mais aberta, mais arrojada no sentido de uma interferência maior no conjunto do sindicalismo brasileiro. Precisamos expandir nossas experiências, nossas propostas, nossas posições. É quase desnecessário dizer, mas todos também concordam que devemos continuar sólidos em nossa base ampliando a mobilização e organização

da categoria. Em resumo, precisamos avançar em casa e invadir a área dos reformistas e pelegos. Isto é de interesse de todos os trabalhadores". (Ver p. 17)

A segunda parte do relatório do seminário intitula-se "*Avaliação dos 9 meses de atuação da diretoria*". Neste item iremos encontrar um balanço doméstico bastante interessante. As atitudes consideradas como erros da diretoria serão expostas. Vamos acompanhar algumas:

" Houve altos e baixos em nossa atuação. Faltou uma definição política mais precisa;

. Falta de interesse dos diretores em participar das atividades importantes como:

Comissão de Mobilização, Curso de Formação Sindical, Seminário Fundo de Greve;

. Não foi dada a devida importância e atenção ao Fundo de Greve;

. O Suplemento ficou por vezes muito bitolado, algumas vezes não saiu, muitas vezes sai com erros, faltam denúncias;

. Faltou pulso na greve da Brastemp. Não era o momento de greve;

. Falta de assistência nas fábricas onde não tem diretores;

. As assembléias de bairro ficaram muito soltas sem amarrar os companheiros dentro de um plano de ação concreta;

. Eixo da campanha salarial ainda muito em cima do econômico". (Ver ps. 18-19)

Fazendo um retrospecto dos anos anteriores, os diretores sindicais relacionaram uma série de medidas consideradas corretas. Vale a pena citar, entre tantas, algumas delas:

" Em continuar com a comissão de mobilização de forma permanente;

. Na criação do Suplemento Especial;

. Na criação do Curso de Formação Sindical;

. Na produção do filme Linha de Montagem;

. Em manter os trabalhadores sempre informados através do suplemento diário, jornal, etc.;

. Na criação do João Ferrador, do Sombra;

. No apoio às chapas de CIPAS e na criação do curso de CIPA;

. Na criação da Comissão de Fábrica na Ford;

. Na greve pipoca em orientação de ficar em frente do R.I. e em fazer greve onde tinha condições para isso;

. Na participação de outros sindicatos desde o começo da campanha salarial com reuniões e discussões permanentes;

. Em assembléias com som nas portas de fábrica". (Ver ps. 19-20)

Outro sub-item seguinte do relatório do seminário é uma avaliação das várias estratégias que ainda não haviam sido implementadas efetivamente. Com o subtítulo "*o que ainda não conseguimos*" podemos salientar as preocupações principais da diretoria:

- ". Nossa imprensa ainda não chegou a toda a categoria;*
- . Uma participação maior dos trabalhadores no curso de formação sindical e atividades culturais;*
- . Levar as atividades culturais para os bairros;*
- . Não conseguimos ainda despertar a consciência dos metalúrgicos para a importância das conquistas sociais além das reivindicações econômicas;*
- . Ainda não conseguimos uma forma de pressão além da greve;*
- . Ainda não conseguimos levar uma organização mais efetiva nas empresas onde não tem diretores de base;*
- . Ainda não conseguimos organizar Bairro e Sindicato de uma forma integrada;*
- . Não conseguimos formar quadros nas fábricas, nas diversas zonas de cada diretor, etc.;*
- . Não conseguimos levar adiante o plano de sindicalização;*
- . Não conseguimos trabalho mais integrado entre diretoria, CIPA e ativistas;*
- . Não conseguimos uma politização maior da categoria como um todo;*
- . Ainda não conseguimos ter uma participação mais firme no sindicalismo brasileiro a nível nacional". (Ver ps. 20 - 22)*

Por fim, a terceira parte do relatório indicava o "*Plano de ação daqui para frente*". Os alvos fundamentais eram o trabalho de base; as comissões de fábrica; a imprensa sindical; o curso de formação sindical; os instrumentos e o pessoal do sindicato; o fundo de greve; as reuniões da diretoria; as greves; a discussão da negociação coletiva; e o sindicalismo nacional. Dentre esses temas, considero relevante alinhar alguns sub-itens que estavam contidos nas diferentes temáticas.

Tais como:

- ". Como principio básico nós precisamos fortalecer o trabalho de base, porque é da qualidade deste que haverá um avanço da classe trabalhadora;*
- . Sindicalização em massa com material para esta campanha com data e prazo. Este material deve ser politizado devido a sua importância: luta e conscientização;*
- . Realizar seminários para os trabalhadores de base;*
- . Formação de quadros com pessoas ativistas principalmente nas fábricas onde não tem diretores de base;*
- . Que o sindicato tenha uma participação mais ampla e organizada nos bairros;*

- . *Que a diretoria efetiva, após as 18:00 horas, fique a disposição dos companheiros da base, tanto a diretoria de base como os trabalhadores;*
- . *O Suplemento deve abordar problemas populares e nacionais, como: INPS, FGTS, Água, Favelas, etc., pelo menos uma vez por semana. De preferência com ilustrações;*
- . *Um diretor deve se entrosar com o trabalho de imprensa e gráfica para que na falta de jornalista ele possa assumir e também por uma razão de aprendizado;*
- . *Fazer o Suplemento atingir áreas ainda não atingidas: bairros, bancas de jornais, padarias, etc.;*
- . *O curso de formação sindical deve estar aberto para quem quiser fazê-lo, (metalúrgicos, desempregados, outras categorias, etc.);*
- . *Compra de filmes, audio visual e material popular para fornecer subsídios aos trabalhadores;*
- . *Conseguir um video-cassete para gravar programas de interesse dos trabalhadores;*
- . *Contratar uma pessoa experiente para dinamizar as atividades culturais (a ser discutido);*
- . *Comprar um carro de som de grande potência para as grandes assembléias;*
- . *Elaborar um calendário unificado (sindicato/Fundo de Greve) com atividades culturais, filmes, peças de teatro, festas populares, shows, etc.;*
- . *Não permitir que outros tomem o nome do sindicato de São Bernardo para se colocar como representativo. Nós é que devemos usar nossa representatividade para influenciar o movimento sindical brasileiro". (Ver ps. 23 - 29)*

Ao relatar detalhadamente esse seminário, a impressão que fica para mim é a de que estivesse assistindo a um filme. O tema dessa película seria a sistematização teórica das experiências vividas entre os anos de 1971 e 1982 pelos líderes sindicais de São Bernardo. Em várias cenas encontraríamos o sindicato e a fábrica, as fábricas e as greves, os congressos, as campanhas salariais e as campanhas de sindicalização, a cidade e as promoções culturais. Por fim, consigo vislumbrar os líderes sindicais e os pesquisadores sociais desfilando em uma seqüência de imagens nas quais apontam perspectivas e interesses de luta sob diferentes óticas. Começando por Leôncio M. Rodrigues, Maria Hermínia T. de Almeida, F. Weffort, C. Frederico, L.F. Rainho, J. Humphrey, A. Maroni, R. Antunes, L. Abramo, J. A. Moíses e E. Sader, podemos cruzar essas argumentações com a dos dirigentes sindicais. E nisto, esses autores assim como o discurso sindical, mexeram com diversos enunciados: sindicato, fábrica, greve, classe e consciência, Partido e Estado, "*sindicalismo de negócios*", "*aristocracia operária*", "*vanguarda*", "*a estratégia da recusa*", "*as formas da greve*", "*dignidade*", "*sujeito coletivo*", entre outros. Nessa

medida, ao examinar o discurso sindical dos líderes de São Bernardo encontrei enunciados e imagens importantes para a história operária dos anos 70. Entre 1971 e 1982 - o exemplo do seminário é lapidar nesse sentido - pode-se recolher os "cacos" de uma experiência que estabelece enunciados e imagens operárias, assim como acaba construindo um projeto para a classe trabalhadora. Ao adicionar os referenciais acadêmicos procurei cruzar entendimentos distintos sobre um mesmo tema (ou vários, conforme a conjuntura). Afinal, os atores desse filme estarão formulando a cada cena sugestivas representações do movimento operário nos anos 70. Na medida do possível busquei recolher essas representações.

Desse modo, voltando às atividades promovidas pelo sindicato entre os meses de junho e dezembro de 82, podemos verificar a continuidade dos eventos culturais como meio de mobilizar os trabalhadores. No mês de junho, por exemplo, é possível destacar quatro atividades desenvolvidas pelos líderes sindicais: 1) uma palestra com Clara Sharf sobre *"A Mulher Cubana e o Socialismo"*. A chamada do *Suplemento* enfatizava: *"Clara viveu em Cuba durante nove anos e nesse tempo todo pode trabalhar com mulheres na construção de uma nova sociedade. Teve oportunidade de perceber a luta das mulheres que ao lado de seus companheiros combatiam o inimigo imperialista."*; 2) a utilização freqüente de charges e histórias em quadrinhos, algumas inclusive assinadas por Henfil, 3) o apoio decisivo a um outro curso de formação sindical; 4) a promoção do Fundo de Greve de uma *"Tarde Cultural"* no sindicato com várias atividades como o Bazar do Pechincha, o teatro infantil e a exibição do Filme *"Linha de Montagem"*.⁸⁵

É interessante salientar a postura da diretoria quanto às atividades de lazer promovidas por outros veículos e/ou instituições:

"Apesar de todo o sufoco, vencemos a URSS com muita garra e com amor à camisa. A euforia tomou conta de todos nós e vamos continuar torcendo. Queremos o Caneco!

Todavia, nossa vida não muda porque o Brasil venceu. Nossos salários são baixos, o desemprego continua (...)

Somos brasileiros e queremos a vitória da seleção. O que não queremos é que o governo use o futebol para continuar enganando o povo. O que não queremos é que por causa do futebol os trabalhadores esqueçam seus verdadeiros problemas e parem de lutar.

Futebol, novela, enlatados e loterias podem ser usados para anestesiar a consciência do povo. Enquanto isso, a minoria safada continua dominando o país explorando e marginalizando os pobres e os trabalhadores.

⁸⁵ *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, junho de 1982.

Vamos vibrar com os golaços do Brasil esperando que cada filho desta terra tenha outros motivos para viver e vibrar de alegria: trabalho, mesa farta, saúde e liberdade".⁸⁶

Entre os meses de julho e agosto vamos encontrar no *Suplemento* eventos como palestras ("*Sete Quedas Vai Acabar*") e filmes ("*Perigos de Intoxicação na Empresa.*"), assim como a promoção do Grupo de Teatro Forja ("*Você Quer Fazer Teatro?*") e os cursos da escola do sindicato.

No dia 28 de agosto o Grupo de Teatro Tupi da Vila Palmares apresenta no sindicato a peça "*A Invasão*". Escrita por Dias Gomes, essa peça de teatro trata de problemas como falta de moradia, desemprego, falta de assistência médica e repressão policial e patronal.⁸⁷

Em setembro o *Suplemento* anuncia: "*Futebol em Debate! Nessa Ninguém Pode Faltar!*". Foram convidados para esse debate no sindicato:

"Sócrates (da Seleção Brasileira e do Corinthians) falando sobre o "Futebol e o Governo".

Wladimir (do Corinthians e Tesoureiro do Sindicato dos Jogadores) contando "A História do seu Sindicato e as Lutas dos Jogadores Profissionais".

Dalmo Pessoa (Comentarista da Rádio Bandeirantes e do Jornal Popular da Tarde) falando sobre as "As Multinacionais e o Esporte."

E mais: apresentaremos o filme - "Subterrâneos do Futebol" Traga sua família. Não perca!"⁸⁸

Cabe salientar que o debate sobre futebol é mais uma atividade promovida pelo departamento cultural do sindicato. Vários outros eventos são evidenciados na *T.M.*, no *Suplemento* e nos folhetos. Vale ressaltar a mensagem de um desses folhetos:

"O departamento cultural do sindicato "arregaça as mangas" e promove uma série de atividades culturais para o trabalhador e sua família.

⁸⁶*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, 15-06-1982. Vale a pena transcrever um trecho do *Suplemento*, no dia 6 de julho de 1982: "Ai está, Companheiros! Quem não está chateado com o desastre da Seleção? Diga-se de passagem, era a melhor dessa Copa. Caímos fora da parada. Paciência! Mas não dá para ter paciência com a manchete que o jornal "Folha de S. Paulo" saiu no último sábado, aproveitando, na época as vitórias do Brasil: "Inflação Dispara com 8%, em Junho." É mais um grande golpe dos tecnocratas que se instalaram no poder. Mais uma manobra do governo, que pensa estar ludibriando a classe trabalhadora. (...) Temos que ter bem claro que, se perdemos o jogo, e se todo mundo está chateado, não podemos admitir a perda dos nossos salários. (...).

A nós trabalhadores sobra o prejuízo.

Mas, de nada adianta lamentar se não assumirmos uma firme posição: lutar com todas as nossas forças contra o arbítrio e nos preparar para mudar esta situação".

⁸⁷*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, nº 420, agosto, 1982.

⁸⁸Idem, nº 427, setembro, 1982.

Além das dificuldades salariais, do desemprego ou das precárias condições de trabalho, o operário - enfrenta um outro problema que é a falta de lazer e de diversão.

E tem mais.

A cultura feita pelo trabalhador como a poesia, a música, o teatro, etc., nunca atingem os meios de comunicação como a televisão e o rádio, porque tudo está nas mãos da classe patronal ou do governo que é tudo farinha do mesmo saco.

Por isso iremos promover debates, teatro, festival de música, de poesia, biblioteca, Centro de Memória das nossas lutas, shows, cinemas, etc.

(...) a partir do dia 23 de setembro começará o PRIMEIRO CICLO DE CINEMA.

Compareça e traga sua família!"⁸⁹

O 1º Ciclo de cinema realizado no sindicato contou com a participação de três filmes: "O Homem que Virou Suco" de João Batista de Andrade, "Acontecimentos de Marusia" de Miguel Littin e "A Mãe" de Vsevolod Pudovkin.

Podemos destacar também as promoções de bailes e shows que ocorreram entre setembro e dezembro de 82. Assim como dois debates organizados pelo sindicato: 1º) "Como os Trabalhadores Tomaram o Poder em Moçambique", com a presença de representantes dos trabalhadores Moçambiquenhos; e 2º) Com Domitila Chungara, líder sindical boliviana exilada.⁹⁰

Desta forma, encontramos também no ano de 1982 o Grupo de Teatro Forja agitando os trabalhadores com outro texto teatral. No dia 16 de outubro estreou a peça "Pesadelo" escrita e dirigida pelo Forja. Vale a pena recordar a matéria: "Mais de mil pessoas assistiram Pesadelo".

"A estréia da peça, (...) teve tão grande repercussão que surpreendeu todo mundo. As 1200 pessoas presentes no sindicato, não só assistiram ao espetáculo, mas também participaram, demonstrando que praticamente viviam junto as cenas dos personagens.

A repercussão na grande imprensa também impressionou. Até a TV Globo divulgou o trabalho do Grupo de Teatro Forja, demonstrando a importância dessa peça feita por trabalhadores e que fala dos nossos problemas: nas fábricas e em casa, com a família, enfrentando o medo do desemprego.

O Grupo de Teatro Forja lançou também um livro com o texto dessa peça e de outro trabalho do Grupo, chamado "O Robô que Virou Peão."

⁸⁹"O Departamento Cultural Informa." *Folheto*, 1982.

⁹⁰Suplemento Informativo da *Tribuna Metalúrgica*, meses de setembro a dezembro de 1982.

Os dois primeiros livros foram entregues às Comissões de Fábrica da Ford e da Filtros Nasa, como uma forma do grupo homenagear a organização e a luta dos trabalhadores".⁹¹

Aliás, merece ser frisado que o Grupo de Teatro Forja - representando a categoria metalúrgica de São Bernardo e Diadema, participou do II Festival de Teatro Amador do ABC promovido pela Prefeitura de Santo André em outubro de 82. Para a felicidade do Grupo Forja e do próprio sindicato, a peça "*Pesadelo*" obteve a maioria dos prêmios. Recebeu troféus pelo melhor espetáculo, melhor cenário, melhor ator coadjuvante, melhor atriz coadjuvante e medalhas de Menção Honrosa para Jonas dos Santos e Carlos (pelo trabalho de ator), Tin Urbinatti (direção) e figuras do Grupo Forja. O *Suplemento* fez questão de destacar que os troféus e as medalhas estavam em exposição no sindicato. Assim sendo:

"Com esse feito do Forja, a categoria metalúrgica de São Bernardo e Diadema dá demonstração de que é capaz de produzir não só dentro da fábrica, mas também de fazer a sua cultura. A cultura do trabalhador, feita por ele mesmo".⁹²

Cabe observar nesse momento que a "*linguagem de classe*" dos líderes sindicais de São Bernardo, ao determinar o sindicato, a fábrica, a greve e a cidade ("*sindicalismo de Base*") como "*lugares da luta*", simbolicamente constrói um discurso de unidade dos trabalhadores. A intenção é "*mostrar para a categoria, como para todos os trabalhadores que não somos só metalúrgicos mas que pertencemos à classe trabalhadora como um todo.*" (Cf. visto anteriormente no Seminário/82).

Ao estabelecer esses enunciados e imagens operárias, entre os anos de 1971 e 1982, as lideranças sindicais de São Bernardo buscam legitimar suas lutas e determinar novos padrões no movimento operário. No meu entender podemos acompanhar nos anos seguintes não apenas a consolidação dos enunciados imagéticos, mas também a instituição de novas imagens, metáforas, estratégias e um certo vocabulário.

Assim sendo, entre os anos de 1983-84 os líderes sindicais de São Bernardo continuaram apostando todas as suas fichas nas campanhas salariais, nas notícias das fábricas; nos debates; nas histórias em quadrinhos; nos cursos de formação sindical; nos filmes; nas festas; no IV Congresso; nos shows; no *João Ferrador* e no *Sombra*. Mesmo com uma nova intervenção no sindicato (em

⁹¹*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, nº 443, outubro, 1982. Ver também "Um Pesadelo a Diversas Vozes." Octavio Ianni. (ps. 9-14) e o texto da peça *Pesadelo* (ps. 21-75). In: Grupo de Teatro Forja do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. *Pesadelo*. Op. Cit.

⁹²*Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, nº 450, novembro, 1982.

1983), as várias atividades propostas serão levadas adiante. Cabe lembrar a importância determinante do Fundo de Greve enquanto "*lugar da luta*" - "*Quem Tá no Fundo, Não Afunda.*", palavra de ordem repetida freqüentemente nos jornais. Aliás, o Fundo terá em junho de 1983 um Boletim-FG/Fundo de Greve no qual divulgará suas promoções: os bailes, as festas, os torneios esportivos ou outros eventos como "*Cachorro Quente e Domingo Cultural*".⁹³

Em agosto de 83 concretizou-se a fundação da Central Única dos Trabalhadores, em São Bernardo do Campo, sendo eleito como principal dirigente o então presidente do sindicato, Jair Meneguelli. Se no ano de 83 tivemos a realização de uma "*greve de solidariedade*" aos petroleiros de Campinas (que tinham iniciado uma greve contra o Decreto Lei 2036, que anulava várias conquistas dos empregados das estatais) e que acabou resultando em uma nova intervenção no sindicato de São Bernardo, em 84 optou-se pela "*operação tartaruga*". A diretoria cassada, ao implementar a campanha salarial avaliou que diante do quadro de recessão na economia e as quedas no comércio, não apontavam a greve como tática adequada. Desse modo, a "*operação tartaruga*" que significa uma forte diminuição no ritmo da produção que as empresas não podem caracterizar como greve, nem descontar os dias parados, chamar tropas policiais, entre outras medidas, expressa uma forma de pressão muito importante.

Entre os anos de 1984 a 1988 podemos acrescentar outros enunciados imagéticos, tais como: as atividades do Grupo Forja (A exibição, por exemplo, da peça "*O Operário em Construção*" em 1984), os bailes do sindicato, do Fundo de Greve e da CUT ("*Bailão da CUT.*"); novos jornais (exemplo: "*Jornal dos Trabalhadores da BRASTEMP*"); as campanhas salariais - em 1985 a campanha ficará conhecida como "*Operação Vaca Brava*"; o V Congresso da categoria; e também os primeiros planos de organização de um trabalho de base sistemático.⁹⁴

É particularmente interessante observarmos como a experiência do seminário promovido em 1982 pelos líderes sindicais possibilitou outros investimentos, tais como os primeiros planos de organização de um trabalho de base. Nesse sentido, cabe mencionar as novas estratégias estabelecidas pelo discurso sindical, num texto de maio de 88 intitulado "*Trabalho de Base: Plano Global de Organização e Formação*". Esse texto é composto de cinco itens: 1) Porque este plano, 2) O que é trabalho de base; 3) A formação se dá na ação ; 4) Necessidade de um planejamento global; e 5) Proposta concreta. No item cinco, "*proposta concreta*", gostaria de

⁹³Boletim F. G. Fundo de Greve, nº 1, junho, 1983. Consultei também *Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica*, anos 1983 a 1984.; e, *T.M.*, nº 66, 1983.

⁹⁴Consultei o *Suplemento* entre os anos de 1984 e 1987. Ver ainda *Jornal dos Trabalhadores da BRASTEMP*, nº 1, dezembro, 1984.; *Jornal da Comissão (BRASTEMP)*, nº 1, março, 1985.; *T.M.*, entre 1987 a 1988 (Cabe frisar, que nesse período, o jornal passou a ter uma circulação diária); e "*Trabalho de Base: Plano Global de Organização e Formação.*" São Bernardo do Campo, maio, 1988, mimeo.

evidenciar as "*pedras preciosas*" para as lideranças sindicais: 1) Planos e metas para as equipes do trabalho de base, 2) Grupo de Fábrica nas empresas com mais de 200 funcionários; 3) CIPAS; 4) Comissões de Fábrica; 5) Sindicalização; 6) Cursos, atividades culturais e TVT; 7) Imprensa; 8) Saúde; 9) Mulheres; 10) Fundo de Greve e, 11) Militância Geral.⁹⁵ Não há dúvida, ao designar os enunciados imagéticos - o sindicato, a fábrica, a greve e a cidade, as lideranças sindicais de São Bernardo procuraram construir e incorporar esses "*lugares da luta*" à fala sindical. Não esquecendo de redimensionar esses enunciados imagéticos possibilitando novas imagens do movimento operário. Dois exemplos desta afirmação que podem ser apontados são a experiência pioneira da TVT. - TV dos Trabalhadores, nascida em 1986 no sindicato e a proposta organizativa referente às mulheres.⁹⁶

Assim sendo, ao procurar mobilizar a categoria em torno de suas reivindicações próprias (cabe salientar que obteve grande eficácia nessa atuação), a fala de identificação irá além desses direitos sociais específicos. As matérias dos jornais *T.M.* e *Suplemento* incluíram, ao lado das questões do aumento salarial, a reivindicação da estabilidade no emprego, a questão do limite de 40 horas semanais de trabalho e a reivindicação do direito de representação sindical na empresa. Ou seja, o discurso transcenderá o terreno estrito das funções sindicais e mesmo os seus interesses mais imediatos, colocando na ordem do dia a reivindicação de direitos sociais políticos que abraçam um conjunto mais amplo das camadas operárias. É preciso enfatizar que, ao lado das reivindicações específicas (que procuravam o reconhecimento da própria categoria), introduziriam-se demandas pelo próprio direito dos trabalhadores de lutarem por melhores condições de vida (direito de greve e autonomia sindical).

Desse modo, partindo de reivindicações bem precisas e concretas, definidas no terreno especificamente sindical, o discurso do "*novo sindicalismo*" integrará demandas políticas (que não

⁹⁵"Trabalho de Base: Plano Global de Organização e Formação." Op. Cit.; ps. 01-11.

⁹⁶A. TVT - TV dos Trabalhadores nascida no Sindicato em 1986 atua até hoje como produtora ligada formalmente a Associação Beneficente e Cultural dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema - Fundo de Greve. A concessão do governo para atuar como uma emissora de TV não foi conseguida. Assim como não foi liberado o direito a uma faixa de Rádio. Tanto num caso como no outro as condições técnicas, o pessoal habilitado, os recursos e equipamentos para levar ao ar já estão assegurados. A TVT é formada por uma equipe de nove pessoas. Oito são ex-metalúrgicos que não têm uma função fixa, podem ser câmeras, iluminadores, entre outros. A equipe mantém ainda um repórter com formação universitária fora do meio (por enquanto ...). Essas informações foram gentilmente cedidas pelo coordenador da TVT o ex-ferramenteiro Elizeu Marques da Silva (ex-integrante da Chapa I, de Jair Meneguelli) em uma entrevista no mês de dezembro de 1994. Com relação a uma proposta organizativa referente às mulheres, continua ainda no "papel". Isto é, apenas no discurso sindical. Ver, "Trabalho de Base: Plano Global de Organização e Formação." Op. Cit.; e, Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. *História da Greve de 89*. 30 Anos de Luta. Op. Cit.; ps. 53-73.

são toleradas pelo Estado) construindo uma fala de identificação operária. Clamando aos trabalhadores a lutarem por "*melhores condições de vida e pela liberdade sindical*".

Nesse sentido, a tônica das matérias ao dirigir-se à própria categoria invoca não apenas os "*interesses sócio-profissionais*". Pelo contrário, o arcabouço do discurso aponta para uma identificação de apelo operário. E nisto devemos ser absolutamente rigorosos, ou seja, o movimento particular desse discurso (que, como procurei demonstrar, desenvolveu-se através de uma liderança sindical) constitui-se em uma identificação com os trabalhadores metalúrgicos do ABC e, ao mesmo tempo, com a própria "*classe operária*".

Caracterizando suas lutas pela liberdade sindical, pelo direito de greve, pelo contrato coletivo, pela CUT (Central Única dos Trabalhadores), etc., o sindicalismo de São Bernardo dava mostras de dinamismo e criatividade. Sobretudo, ao definir-se como uma liderança sindical preocupada pela conquista de direitos sociais e políticos dos trabalhadores, qualificava o seu discurso - e sua prática - como "*autêntica*", "*corajosa*", "*independente*".

Ao lado das propostas e das iniciativas realizadas pelo sindicato de São Bernardo, outros dirigentes procuraram também estimular e assumir as lutas reivindicativas de seus representados. A emergência de uma corrente sindical "*autêntica*", que começou a questionar a organização sindical e a organização de vida nesta sociedade, demonstrou a receptividade que o discurso operário de São Bernardo encontrava nas classes trabalhadoras. Os "*autênticos*" inicialmente estariam constituídos pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Santos, e pelo Sindicato dos Petroleiros de Paulínea.

Com relação à abrangência desse discurso, deve-se salientar que houve muita discussão e divergência no movimento sindical - só para lembrar, a base dos metalúrgicos em São Paulo. No entanto, enriqueceu significativamente as iniciativas sindicais naqueles anos. A veiculação de um discurso e de uma prática - que ao reter o apelo operário (com bastante sensibilidade) unificava a experiência de outros trabalhadores, significava a possibilidade de um movimento de massas que se "*apropriasse*" da sociedade brasileira.

Enfim, no decorrer dos anos 70, desejoso de melhores condições de trabalho e vida, o sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo conseguiu criar a imagem e o discurso de uma identidade operária. A lógica desta identificação aponta para uma sociedade justa, boa e humana que nunca se realizou; mas invoca também a manutenção ou retorno dos direitos e liberdades que foram obtidos, pelo menos parcialmente.

Na história dos operários de São Bernardo encontraremos a tentativa de se libertar de uma sociedade incapaz de dar a seus membros o que eles precisam, e, simultaneamente através de uma fala e de uma identificação, transmitir a fala do coletivo operário. Acreditamos que, ao recuperarmos a experiência desses trabalhadores, podemos captar a lógica dos caminhos da identificação. Ou seja, para que o movimento operário tivesse uma face a mostrar, os operários precisavam ousar, e nesse viés passam a exhibir-se como sujeitos de um discurso coletivo que dê sentido à multiplicidade de suas categorias e de suas lutas. Era preciso tentar dias melhores. A tentativa continua - apesar dos reveses, pois o fundamental é que a experiência operária não tem hora e nem dia para terminar. Daí, cabe lembrar que o discurso sindical produzido nos anos 70 apontava para uma postura de quem mantém os pés no chão e a cabeça no paraíso.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou examinar a produção do discurso sindical dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo entre os anos de 1971 e 1982. Fabricado no sindicato, esse discurso tenta inicialmente viabilizar a organização dos trabalhadores metalúrgicos em defesa de seus interesses no Brasil pós-64. Sobretudo, encontramos importantes estratégias de mobilização que podem ser entendidas como enunciados imagéticos e/ou lugares de luta. Desse modo, o sindicato, a fábrica, a greve e a cidade iluminam a categoria e a própria classe trabalhadora ao estabelecerem temas caros ao movimento operário - cabe citar, o sindicalismo autêntico, a liberdade sindical, o direito de greve, as negociações diretas com os patrões, as atividades culturais, para não mencionar a questão da identidade operária em tempos tão bícudos.

Por intermédio do jornal Tribuna Metalúrgica, do Suplemento e dos inúmeros folhetos, foi possível rastrear o discurso forjado pelas lideranças sindicais nos anos 70. Ao destacar os enunciados imagéticos e os lugares de luta - o sindicato, a fábrica, a greve e a cidade - a fala sindical movimentava por meio desses uma série de estratégias pontuais de resistência operária. Assim sendo, devemos relacionar o esforço na edição e veiculação da T.M. e do Suplemento, o empenho na tarefa de sindicalização, as campanhas salariais, os congressos operários, a orientação nas leis existentes e o acompanhamento de processos contra as empresas, o incentivo à luta nas fábricas, a preocupação com as atividades culturais (a aproximação entre os operários e os artistas, intelectuais, cineastas), as greves ("Dos Braços Cruzados à Greve Pipoca". Novamente encontramos operários, pesquisadores, cineastas e cantores encantados com as greves operárias), a inquietação com a "cidade poluída", ou "República São Bernardo" lembrando a linguagem utilizada pelos trabalhadores ao referirem-se à "cidade operária". Enfim, um elenco de medidas de mobilização emblemáticas para o enfrentamento no cenário brasileiro das adversidades políticas dos anos 70.

Tentei evidenciar que o discurso sindical produzido pelos líderes de São Bernardo pretendia "sacudir" os trabalhadores política e culturalmente. Vale recordar o ânimo na discussão da criação de um partido da classe trabalhadora, o vigor no trato da questão do socialismo, assim como as incontáveis promoções do departamento cultural. Outras imagens, satânicas, sombrias ou festivas foram enfatizadas no decorrer dos capítulos, do mesmo modo que alguns personagens dessa história, o João Ferrador, O Repórter Metalúrgico e o Sombra. Ou seja, ao investigar falas e imagens constituídas inicialmente na figura do "homem do macacão" e que posteriormente

desenvolveria-se para uma identidade da "classe trabalhadora", é interessante verificar o movimento das múltiplas figuras que compõem esse mosaico operário.

Desse modo, merece referência - uma vez mais - a importância do tema do movimento operário nos estudos dos pesquisadores preocupados com os acontecimentos dos anos 70. Particularmente, cabe realçar que os denominados "movimentos sociais" contribuíram muito para a reflexão e o aprimoramento da crítica dos pesquisadores com relação às experiências dos trabalhadores no sindicato, na fábrica, nos movimentos grevistas e na circulação de atividades na cidade. Nesse sentido, é necessário caracterizar algumas questões cruciais construídas nos anos 70, tais como: os problemas enfrentados pelo movimento sindical quanto à sua estrutura, o contrato coletivo de trabalho, o arrocho salarial; o significado da identidade e a visibilidade dos "sujeitos sociais"; o tema da cidadania e sua relação com os "movimentos sociais"; a instituição dos "espaços" e da "linguagem" na experiência dos "sujeitos"; o "resgate da utopia democrática e socialista"; a afirmação do "sindicalismo autêntico"; a sintonia do discurso sindical com os trabalhadores metalúrgicos e outras categorias e o relacionamento dos intelectuais e o seu objeto de pesquisa.¹

Outro assunto a ser destacado é a força e o dinamismo dos enunciados imagéticos. As vicissitudes com as quais os operários metalúrgicos se defrontavam cotidianamente no sindicato, na fábrica, nas greves e na cidade influíam decisivamente na produção do discurso sindical. É essencial salientar que a fala sindical estava "atenada" com as múltiplas proposições que os enunciados e/ou lugares da luta estabeleciam incessantemente no decorrer do final da década de 70 e início de 80, ou seja, o empenho na tarefa de sindicalização, as greves e as novas formas de luta, a constituição e fundação do PT, da CUT; o relacionamento entre o sindicato e as associações ou centrais sindicais nacionais e internacionais e a "tríplice aliança": sindicato, PT e as greves.²

¹Ver: Bava, Silvio A. Caccia. *Práticas Cotidianas e Movimentos Sindicais*. Elementos para a Reconstituição de um Objeto de Estudo. Op. Cit.; Evers, Tilman. "Identidade: A Face Oculta dos Novos Movimentos Sociais". In: *Novos Estudos CEBRAP*, nº 4, São Paulo, 1984.; Vianna, Luiz Werneck. "Atualizando uma Bibliografia: "Novo Sindicalismo", Cidadania e Fábrica". In: *BIB*, nº 17, Rio de Janeiro, 1984.; Durham, Eunice Ribeiro. "Movimentos Sociais, A Construção da Cidadania". In: *Novos Estudos CEBRAP*, nº 10, São Paulo, 1984.; Faria, Hamilton José Barreto de. *A Experiência Operária nos Anos de Resistência*. A Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo e a Dinâmica do Movimento Operário. (1964-1978). Op. Cit.; Martins, Heloisa Helena T. de Souza. *Igreja e Movimento Operário no ABC. 1954-1975*. Tese de Doutorado, USP, 1986.; Telles, Vera da Silva. "Movimentos Sociais: Reflexões Sobre a Experiência dos Anos 70". In: *Uma Revolução no Cotidiano? Os Novos Movimentos Sociais na América Latina*. São Paulo, Brasiliense, 1987.; Oliva, Aloízio M. *Estado Autoritário e Desobediência Operária*. (Os Trabalhadores Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema). Op. Cit.; e Negro, Antonio Luigi. *Ford Willys Anos 60. Sistema Auto de Dominação e Metalúrgicos do ABC*. Op. Cit.

²Vale reforçar que os temas acima citados foram veiculados no jornal T.M., no Suplemento e nos inúmeros folhetos do Sindicato de São Bernardo. Assim como, foram também objeto de análise de alguns autores,

Além do que, cabe frisar um dado significativo no discurso sindical, a preocupação constante com o papel exercido pelo sindicato no que diz respeito à sua relação com o PT e a CUT. Basicamente, a idéia norteadora é reforçar esses canais de luta, demonstrando a articulação fundamental entre o partido dos trabalhadores, a CUT e o sindicato de São Bernardo. Fato determinante - sem dúvida alguma - para o movimento operário brasileiro. Não obstante, uma crítica mordaz à CUT e ao novo sindicalismo se faz presente em trabalhos que evidenciam - por exemplo - a "integração conflituosa" das lideranças cutistas ao "sindicalismo de Estado".³ Isto é, a oposição à estrutura sindical e conseqüente defesa da liberdade e autonomia sindicais, acomodaram-se à estrutura do sindicato oficial. Nesse sentido, Armando Boito Jr. observa que nos anos de 1978-1980 os líderes sindicais de São Bernardo, uma vez destituídos pelo regime ditatorial da direção do sindicato, "colocou em pé um movimento sindical livre e alternativo ao sindicato oficial, nucleado numa associação civil conhecida como Fundo de Greve". Para o autor, se a "direção sindical de São Bernardo tivesse optado por abandonar definitivamente o sindicato oficial e iniciasse uma campanha de des-sindicalização, de modo a levar os trabalhadores do sindicato oficial para o chamado Fundo de Greve, procurando fazer dessa associação o novo sindicato dos trabalhadores, talvez tivesse aberto uma crise na estrutura sindical brasileira".⁴

Mesmo reconhecendo a profundidade dessa e de outras críticas levantadas por estudiosos do assunto, gostaria ainda de sublinhar a ousadia do discurso sindical concebido ante as condições desfavoráveis vividas pelos personagens num país carente de valores como liberdade e igualdade. Na minha opinião, ao manter os pés no sindicato oficial e no Fundo de Greve, as lideranças sindicais inovam e multiplicam as estratégias de luta. Como vimos anteriormente, a vitalidade da fala sindical reside justamente no cruzamento dos lugares de luta. Ou seja, nas diversas instâncias que produzem significados e ações de resistência. Vale citar: as comissões de fábricas, as CIPAS e os grupos de fábricas, as comissões de mobilização, o departamento cultural, o departamento jurídico, as festas, os congressos, os cursos de formação sindical, os filmes e a TVT - TV dos trabalhadores. Cabe reforçar que as lideranças sindicais continuam lutando pelo direito de

entre eles: Almeida, Maria Hermínia Tavares de. "Sindicalismo Brasileiro e Pacto Social". In: *Novos Estudos CEBRAP*, nº 13, São Paulo, 1985.; e Antunes, Ricardo. *O Novo Sindicalismo*. São Paulo, Brasil Urgente, 1991.

³Ver: Boito Júnior, Armando. "Reforma e Persistência da Estrutura Sindical". In: *O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.; e do mesmo autor, *O Sindicalismo de Estado no Brasil. Uma Análise Crítica da Estrutura Sindical*. Campinas, SP, Editora da UNICAMP-Hucitec, 1991.; e Rodrigues, Leôncio Martins. *Partidos e Sindicatos*. Escritos de Sociologia Política. São Paulo, Ática, 1990.

⁴Boito Júnior, Armando. "Reforma e Persistência da Estrutura Sindical". In: *O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80*. Op. Cit.; ps. 77-78. Cabe ainda citar outro artigo incluído no livro citado: Rodrigues, Leôncio Martins. "As Tendências Políticas na Formação das Centrais Sindicais", ps. 13-42.

emissoras como a TVT operarem livremente e também a uma faixa de rádio, tentando vencer a força dos monopólios. Afinal, a letra do rock dos Paralamas do Sucesso, "Luiz Inácio (300 Picaretas)", é lapidar nesse sentido: "Parabéns coronéis, vocês venceram outra vez/O Congresso continua a serviço de vocês/De exemplo em exemplo aprendemos a lição/Ladrão que ajuda ladrão ainda recebe concessão/De rádio FM e de televisão".

Assim sendo, entre os anos de 1971 e 1982 encontramos uma experiência operária significativa e determinante para os anos posteriores. Por meio de um discurso homogeneizador da "classe trabalhadora" as lideranças sindicais de São Bernardo apostam na possibilidade da libertação de uma sociedade de classes. Como afirma Eric Hobsbawm em uma passagem bastante elucidativa: "apesar do fato de nossas gerações terem sofrido do capitalismo uma lavagem cerebral para acreditar que a vida é o que o dinheiro pode comprar, (...). (...) uma sociedade que força cada indivíduo ou cada grupo a cuidar de si próprio e não se importar com o resto. Já foi dito: "Dentro de cada trabalhador existe um ser humano tentando se libertar" ".⁵

Durante o trabalho de realização desta tese, os enunciados e as imagens operárias adentraram a casa da historiadora. A fábrica sombria, o "sindicato do João Ferrador", a "cidade operária" são alguns "sinais" deixados pelo tempo. Recolhi os "cacos" e ofereço ao leitor em parte uma invenção minha, mas uma invenção construída pela atenta escuta das vozes operárias.

Ao iniciar a escrita dos três capítulos com documentos "pulando" das estantes para a mesa e vice-versa, deparo-me com novas produções referentes ao movimento operário em São Bernardo. Sem espanto, percebo que novos enunciados e imagens continuam sucedendo-se nos anos seguintes. Merece nota: a "comissão de saúde", o "novo projeto de formação sindical", o plano de trabalho para as comissões de fábrica, o fortalecimento das fábricas: comissões de fábricas, CIPAS e grupos de fábrica, o "novo projeto cultural: música, forrós, campeonatos, concursos, etc.". ⁶

Talvez o espanto maior ocorreu em duas situações - para mim - emblemáticas. A primeira foi no momento em que estava finalizando a versão provisória dos três capítulos. Ao sentar-me diante da televisão, à tarde, para um pequeno descanso, assistindo a um programa de variedades, acontece um fato inusitado. O entrevistado do programa era o ferramenteiro e dirigente sindical Osvaldo Bargas - naquele momento secretário de Relações Internacionais da CUT. Ora, o que dizer? Estava ali, "dentro de minha casa" um metalúrgico a falar das trocas de experiências entre

⁵Hobsbawm, Eric J. "A Década de 70: Sindicalismo sem Sindicalistas?" In: *Mundos do trabalho*. Novos Estudos sobre História Operária. Op. Cit.; p. 388.

⁶Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. *História da Greve de 89*. 30 Anos de Luta. Op. Cit.; ps. 59-72.

o Brasil e outros países (Bélgica, Suíça, Espanha, Chile, Alemanha) no sentido de aproximar e unificar estratégias operárias internacionalmente. Fiquei observando a entrevista e depois me indagando: acreditava realmente que os "vestígios" "pulavam" apenas das tradicionais prateleiras empoeiradas? A segunda situação foi também absolutamente especial. A conversa - via telefone - com Elizeu Marques da Silva e suas deliciosas histórias sobre a TVT. Na verdade, ao fechar os capítulos da tese, recorri ao Sindicato de São Bernardo para checar alguns dados que faltavam na estrutura final do trabalho. Felizmente consegui conferir não apenas aqueles, como igualmente as "notícias da TV". Novamente os líderes sindicais de São Bernardo estavam acionando um "canal de luta" fundamental na mobilização dos trabalhadores. Principalmente em uma sociedade de massas em que os meios de comunicação detêm o controle e a utilização das informações. Enfim, os documentos imagéticos estão povoando os cenários da história política e cultural do Brasil.

Ao examinar o discurso sindical dos metalúrgicos de São Bernardo, foi possível compreender a singular experiência vivida na década de 70. Especialmente, que a concepção de uma História do movimento operário, forjada em moldes, regras e normatizações tradicionais, necessita de um fustigamento constante por parte dos pesquisadores. Nesse sentido, tentei evidenciar ao longo desse estudo, que a história desses trabalhadores está mais para uma comparação com um caleidoscópio do que com uma régua.

Finalmente, pretendo distinguir uma questão tópica - que me parece necessária nestas breves considerações - ou seja, os enunciados imagéticos são capazes de responder às exigências atuais do sindicalismo e da sociedade brasileira?

Por enquanto, reconheço que as lideranças sindicais têm encontrado dificuldades ao trabalhar no discurso e na prática com os enunciados imagéticos fabricados nos anos 70. Entretanto, essas dificuldades podem apontar para novas aventuras e experiências no cenário das lutas sociais nos próximos anos. Não é um caminho fácil. Até porque requer um empenho expressivo das iniciativas operárias frente às demandas frequentes em uma sociedade de classes. Assim sendo, gostaria de apresentar a imagem final desse trabalho recolhida de um verso de Chico Buarque. Uma reflexão que me parece fundamental em tempos tão difíceis:

*"E o tal ditado, como é
Festa acabada, músicos a pé
Músicos a pé, músicos a pé
Músicos a pé."*⁷

⁷"Cantando no Toró". Chico Buarque. LP. *Francisco*. Polygram, 1987.



BIBLIOGRAFIA E FONTES

BIBLIOGRAFIA E FONTES

A) LIVROS, ARTIGOS E TESES:

Abramo, Laís. *O Resgate da Dignidade*. (A greve de 1978 em São Bernardo). Dissertação de Mestrado, USP, 1986.

_____. "Greve Metalúrgica em São Bernardo: Sobre a Dignidade do Trabalho". In: *As Lutas Sociais e a Cidade*: São Paulo, passado e presente. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

Adorno, T.W. e Horkheimer, Max. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

Almeida, Maria Hermínia Tavares de. "O Sindicato no Brasil: Novos Problemas, Velhas Estruturas". In: *Debate e Crítica*, nº 6, São Paulo, Hucitec, 1975.

_____. "Desarrollo Capitalista y Acción Sindical. (A Propósito de la Experiencia de los Metalúrgicos de San Bernardo del Campo)". In: *Revista Mexicana de Sociología*, nº 55, v. II, México, 1978.

_____. "Tendências Recentes da Negociação Coletiva no Brasil". In: *Dados*, nº 2, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1981.

_____. "O Sindicalismo Brasileiro entre a Conservação e a Mudança". In: Bernardo Sorj e M. H. Almeida (orgs). *Sociedade e Política no Brasil Pós-64*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

_____. "Sindicalismo Brasileiro e Pacto Social". In: *Novos Estudos CEBRAP*, nº 13, São Paulo, 1985.

Antunes, Ricardo. *As Formas da Greve*. (Confronto operário no ABC paulista: 1978-80.) Tese de Doutorado, USP, 1986.

Antunes, Ricardo. *O Novo Sindicalismo*. São Paulo, Brasil Urgente, 1991.

Barbosa, Newton A.M. *Imigração Italiana em São Bernardo do Campo*. São Bernardo do Campo, Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo, 1975.

Batalha, Cláudio Henrique de Moraes. "A Identidade da Classe Operária do Brasil (1880-1920): Atipicidade ou Legitimidade?". In: *Revista Brasileira de História: política e cultura*, nº 23/24, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, Set. 81/Ago 92.

Bava, Silvio A. C. *Práticas Cotidianas e Movimentos Sociais*: elementos para reconstituição de um objeto de estudo. Dissertação de Mestrado, USP, 1983.

_____. "A Luta nos Bairros e a Luta Sindical". In: *As Lutas Sociais e a Cidade*: São Paulo, passado e presente. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

Boito Júnior, Armando. "Reforma e Persistência da Estrutura Sindical". In: *O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

_____. *O Sindicalismo de Estado no Brasil*: uma análise crítica da estrutura sindical. Campinas, SP, Editora da UNICAMP-Hucitec, 1991

Bollème, Geneviève. *O Povo por Escrito*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

- Brito, José Carlos A. *A Tomada da Ford*. Petrópolis, Vozes, 1983.
- Calvino, Ítalo. *Seis Propostas Para o Próximo Milênio*. São Paulo, Cia da Letras, 1990.
- Cardoso, Fernando Henrique e Outros. *Álbum Memória de São Bernardo*. São Bernardo do Campo, Prefeitura Municipal, Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, 1981.
- Castoriadis, Cornelius. *A Experiência do Movimento Operário*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- Decca, Edgar Salvadori de. *O Nascimento das Fábricas*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- _____. "A Ciência da Produção: Fábrica Despolitizada". In: *Revista Brasileira de História*, nº 6. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, 1983.
- Durham, Eunice Ribeiro. "Movimentos Sociais, A Construção da Cidadania". In: *Novos Estudos CEBRAP*, nº 10. São Paulo, 1984.
- Evers, Tilman. "Identidade: A Face Oculta dos Novos Movimentos Sociais". In: *Novos Estudos CEBRAP*, nº 4. São Paulo, 1984.
- Faria, Hamilton. *A Experiência Operária nos Anos de Resistência. a Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo e a dinâmica do movimento operário (1964-1978)*. Dissertação de Mestrado, PUC, 1986.
- Figueiredo, Argelina C. "Intervenções Sindicais e o 'Novo Sindicalismo' ". In: *Dados*, nº 17, Rio de Janeiro, Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, 1981.
- Frederico, Celso. *Consciência Operária*. São Paulo, Ática, 1978.
- _____. *A Vanguarda Operária*. São Paulo, Símbolo, 1979.
- Garcia, Marco Aurélio. "São Bernardo: A(Auto) Construção de um Movimento Operário". In: *Desvios*, nº 1, 1982.
- Ginzburg, Carlo. "Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário". In: *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo, Cia das Letras, 1989.
- Glucksmann, André. "Nem Todos Somos Proletários". In: *Ensaio de Opinião*, v. 4, Rio de Janeiro, Ed. Inúbia, 1977.
- Gonçalves, José Sérgio R. C. *Mão de Obra e Condições de Trabalho na Indústria Automobilística do Brasil*. São Paulo, Hucitec, 1985.
- Gorz, André e Outros. *Crítica da Divisão do Trabalho*. São Paulo, Martins Fontes, 1980.
- Gorz, André. *Adeus ao Proletariado: para além do socialismo*. Rio de Janeiro, Florense Universitária, 1982.
- Guattari, Félix. "Espaço e Poder: A Criação de Territórios na Cidade". In: *Espaço e Debates*, nº 16, São Paulo, 1985.
- Haupt, Georges. "Por que a História do Movimento Operário?" In: *Revista Brasileira de História*, nº 10, Rio de Janeiro, Marco Zero, 1985.
- Hobsbawm, Eric. *Os Trabalhadores*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- _____. *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- _____. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- Humphrey, John. "Operários da Indústria Automobilística no Brasil: Novas tendências no Movimento trabalhista". In: *Estudos CEBRAP*, nº 23, Rio de Janeiro, Vozes, 1979.

- _____. "As Raízes e os Desafios do "Novo" Sindicalismo na Indústria Automobilística". In: *Estudos CEBRAP*, nº 26, Rio de Janeiro, Vozes, 1980.
- _____. "A Fábrica Moderna no Brasil". In: *Revista de Cultura e Política*, nº 5/6, CEDEC/Paz e Terra, 1981.
- _____. *Fazendo o "Milagre": controle capitalista e luta operária na indústria automobilística brasileira*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- Ianni, Octávio. *O ABC da Classe Operária*. São Paulo, Hucitec, 1980.
- Jones, Gareth S. *Languages of Class: studies in english working class history. 1832-1982*. Cambridge, Cambridge University Press, 1983.
- Lopes, Juarez Rubens Brandão. "O Ajustamento do Trabalhador à Indústria: Mobilização Social e Motivação". In: *Sociedade Industrial do Brasil*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1974.
- Manfredi, Silvia M. *Educação em Sindicatos: (quem disse que a gente não sabe?)*. Dissertação de Doutorado, USP, 1983.
- Maricato, Erminia T. M. *A Proletarização do Espaço sob a Grande Indústria: o caso de São Bernardo do Campo na região da grande São Paulo*. Dissertação de Mestrado, USP, 1977.
- Maroni, Amneris. *A Estratégia da Recusa*. São Paulo, Brasiliense, 1982
- _____. "A Fábrica: Espaço de Poder". In: *Desvios*, nº 2, 1983.
- Martins, Heloísa. *Igreja e Movimento Operário no ABC. 1954-1975*. Tese de Doutorado, USP, 1986.
- Marx, Karl. *O Capital*. São Paulo, Difel, 1982.
- _____. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- Marx, Karl e Engels, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Portugal-São Paulo, Editorial Presença-Martins Fontes, s.d.
- Medici, Ademir. *São Bernardo, Seus Bairros, Sua Gente*. São Bernardo do Campo, Secretaria de Educação, Cultura e Esportes da Prefeitura Municipal, 1981.
- _____. *1º de Maio e os Principais Momentos da Luta Sindical em São Bernardo: 1902-1990*. São Bernardo do Campo, Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, 1990.
- Moisés, José Álvaro. *Lições de Liberdade e de Opressão: os trabalhadores e a luta pela democracia*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- Munakata, Kazumi. "O lugar do Movimento Operário". In: *Movimentos Sociais*, Araraquara, ANPH-UNESP, 1980. (Anais do IV Encontro Regional de História de São Paulo)
- Negro, Antonio Luigi. *Ford Willys Anos 60. Sistema Auto de Dominação e Metalúrgicos do ABC*. Tese de Mestrado, UNICAMP, 1994.
- Nunes, Antônio Carlos Felix. *Além da Greve*. São Paulo, Criart, 1978.
- Oliva, Aloízio M. e Outros. *Imagens da Luta. 1905-1985*. São Bernardo do Campo, Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico, 1987.
- Oliva, Aloízio M. *Estado Autoritário e Desobediência Operária: (Os trabalhadores metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema)*. Dissertação de Mestrado, IE/UNICAMP, 1988.
- Osakabe, Haqira. "A Palavra Imperfeita. (Sobre Entrevistas e Discursos de Lula)". In: *Remate de Males*, nº 7, Campinas, UNICAMP, 1987.

- Paoli, Maria Célia e Outros. "Pensando a Classe Operária: Os Trabalhadores Sujeitos ao Imaginário Acadêmico.(Notas de uma Pesquisa)". In: *Revista Brasileira de História*, nº 6, Rio de Janeiro, CNPQ-Marco Zero, 1984.
- Paranhos, Adalberto. *Dialética da Dominação: (Dominação ideológica e consciência de classe)*. Campinas, Papyrus, 1984.
- Perrot, Michelle. *Os Excluídos da História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- Pessoti, Atilio. *Vila de São Bernardo*. São Bernardo do Campo, Secretaria de Educação, Cultura e Esportes da Prefeitura Municipal, 1981.
- Prades, Maria Dolores e Rago, Maria Aparecida de Paula. "O Dia-A-Dia das Greves". In: *Escrita-Ensaio*, nº 7, São Paulo, abril de 1980.
- Rainho, Luís Flávio. *Os Peões do Grande ABC*. Petrópolis, Vozes, 1980.
- Rainho, Luís Flávio e Bargas, Osvaldo. *As Lutas Operárias e Sindicais dos Metalúrgicos em São Bernardo (1977-1979)*. v. 1, São Bernardo do Campo, F.G., 1983.
- Ramalho, José Ricardo. "Resistência Operária: Recriando as Formas de Luta". In: *Cadernos do CEAS*, nº 94, Salvador, 1984.
- Rancière, Jacques. *A Noite dos Proletários: arquivos do sonho operário*. São Paulo, Cia das Letras, 1988.
- Rodrigues, Iram Jácome. *Comissão de Fábrica e Trabalhadores na Indústria*. São Paulo, Cortez-Fase, 1990.
- Rodrigues, José Albertino. "O Sindicato Pós-64", São Paulo, 1979, mimeo. (II Seminário de Relações de Trabalho e Movimento Social - CEDEC).
- Rodrigues, Kátia S. "Os Caminhos da Ousadia". In: *R.H. Revista de História*, nº 2/3, Campinas, UNICAMP, 1991.
- Rodrigues, Leôncio Martins. *Conflito Industrial e Sindicalismo no Brasil*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966.
- _____. *Industrialização e Atitudes Operárias*. São Paulo, Brasiliense, 1970.
- _____. *Trabalhadores, Sindicatos e Industrialização*. São Paulo, Brasiliense, 1974.
- _____. "Tendências Futuras do Sindicalismo Brasileiro". In: *Revista de Administração de Empresas*, nº 4, Rio de Janeiro, out-dez/1979.
- _____. *Partidos e Sindicatos: escritos de sociologia política*. São Paulo, Ática, 1990.
- _____. "As Tendências Políticas na Formação das Centrais Sindicais". In: *O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- Rosa, Maria Inês. *A Indústria Brasileira na Década de 60: As Transformações nas Relações de Trabalho e a Estabilidade*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1982.
- Sader, Eder. "Lutas Operárias e Táticas da Burguesia: 1978/1980". In: *Cadernos PUC*, nº 7, Cortez, 1982. (Texto escrito com Paulo Sandroni)

- _____. "Sobre "Classes populares" no Pensamento Sociológico Brasileiro. (Notas de Leitura sobre Acontecimentos Recentes)". In: *A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986. (Texto escrito com Maria Célia Paoli.)
- _____. *Quando Novos Personagens Entraram em Cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo. (1970-80)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- Sampaio, Antônio Possidônio. *A Capital do Automóvel*. (Na voz dos operários). São Paulo, Ed. Populares, 1979.
- _____. *Lula e a Greve dos Peões*. São Paulo, Escrita, 1982.
- Souza Lobo, Elizabeth e Outros. "Lutas Operárias e Lutas das Operárias em São Bernardo do Campo". In: *A Classe Operária tem Dois Sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo, Brasiliense-Secretaria Municipal de Cultura, 1991.
- Stangorlini, Mario. *As Colônias do Bairro Assunção*. São Bernardo do Campo, Secretaria de Educação, Cultura e Esportes da Prefeitura Municipal, 1988.
- Telles, Vera da Silva e Sader, Eder. "Entre a Fábrica e o Sindicato. Os Desafios da Oposição Sindical Metalúrgicos de São Paulo". In: *Desvios*, nº 1, 1982.
- _____. *A Experiência do Autoritarismo e Práticas Instituintes: Os Movimentos Sociais em São Paulo nos Anos 70*. Dissertação de Mestrado, USP, 1984.
- _____. "Movimentos Sociais: Reflexões sobre a Experiência dos Anos 70". In: *Uma Revolução no Cotidiano? os novos movimentos sociais na América Latina*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- Thompson, Edward. *Tradición, Revuelta y Consciencia de Clase*. Barcelona, Editorial Crítica, 1979.
- _____. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- _____. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- Vianna, Luís Werneck. "Estudos sobre Sindicalismo e Movimento Operário: Resenha de Algumas Tendências". In: *Dados*, nº 17, Rio de Janeiro, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1978.
- _____. "Apontamentos Sobre a Questão Operária e Sindical", São Paulo, 1979, mimeo. (II Seminário de Relações de Trabalho e Movimentos Sociais/CEDEC)
- _____. "Atualizando uma Bibliografia: "Novo Sindicalismo", Cidadania e Fábrica". In: *BIB*, nº 17, Rio de Janeiro, 1984.
- Weffort, Francisco. "Estado e Massas no Brasil". In: *Revista Civilização Brasileira*, nº 7, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S.A., 1966.
- _____. *Classes Populares e Política: (Contribuição ao estudo do "populismo")*. Tese de Doutorado, USP, 1968.
- _____. "Participação e Conflito Industrial: Contagem e Osasco. 1968". *Cadernos CEBRAP*, nº 6, São Paulo, 1972.

B) JORNAIS, REVISTAS E OUTROS DOCUMENTOS:

ABCD Jornal - 1976 a 1980.

Barbosa, Newton A. M. "A Indústria do ABC", s.d., mimeo.

Boletim F.G. Fundo de Greve - 1983.

Brasil Extra, "Quem Faz a Cabeça do Baiano", nº 1, São Paulo, 1984.

Cadernos do CEAS - 1977 a 1984.

Cadernos de Debate, "Por um Novo Sindicalismo.", nº 27, São Paulo, Brasiliense, 1980.

Cadernos: "Falamos os Operários.", nº 6, Rio de Janeiro, 1978, mimeo.

Cadernos do Presente, nº 2, "Greves Operárias" (1968-1978), Belo Horizonte, Aparte, 1978.

Cadernos do Trabalhador - nºs 1 e 5, São Bernardo do Campo, ABCD Sociedade Cultural e Grupo de Educação Popular da URPLAN, 1980 e 1983.

"Campanha Salarial" - 1980 a 1982. (Demonstrativo de Reivindicações).

Cara a Cara, "Os Operários Tomam a Palavra.", nº 2, Campinas, 1978.

Coojornal - 1981.

Compêndio Estatístico - São Bernardo do Campo, Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo, Secretaria de Planejamento e Economia, 1988.

"Contribuição para Análise das Greves de Maio de 78". Marcelino S. Fortes e Outros, 1979, mimeo.

Curso de Formação Sindical, São Bernardo do Campo, F.G., 1983 (Apostilas).

Diário do Grande ABC - 1978 a 1980.

Em Tempo - 1977 a 1980.

Escrita-Ensaio, nºs 6 e 7, 1980.

Folha de S. Paulo - 1978 a 1980.

Grupo de Teatro Forja. Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, Pensão Liberdade e Pesadelo, São Paulo, Hucitec, 1981 e 1982.

História Imediata, "A Greve na Voz dos Trabalhadores.", nº 2, São Paulo, Alfa-Omega, 1979.

Isto É - 1978 a 1980.

Jornal do Brasil - 1978 a 1980.

Jornal da Comissão - Órgão Informativo da Comissão de Fábrica dos Trabalhadores da Ford, nºs 1, 2 e 3, São Bernardo do Campo, 1982.

Jornal dos Trabalhadores da Brastemp - 1984 a 1985.

Lula. Org.: Felix Guattari. São Paulo, Brasiliense, 1982.

Lula - Entrevistas e Discursos. Org.: Núcleo Ampliado de Pesquisa de Professores do Partido dos Trabalhadores. São Bernardo do Campo, ABCD-Sociedade Cultural, 1980.

"Lula: Retrato de Corpo Inteiro". Nova Escrita-Ensaio, nº 9, São Paulo, Escrita, 1982.

Lula Sem Censura. Org.: Altino Dantas Júnior. Petrópolis, Vozes, 1981.

Morel, Mário. Lula, o Metalúrgico. Anatomia de uma Liderança. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

Movimento - 1975 a 1981.

Município, "São Bernardo do Campo: A Difícil Prática da Democracia.", Grande ABC, 1982.

O Estado de São Paulo - 1978 a 1980.

O Metalúrgico - 1965 a 1980.

Opinião - 1972 a 1980.

Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. História da Greve de 89. 30 Anos de Luta. São Bernardo do Campo, F.G., 1989.

Subsídios Estatísticos. São Bernardo do Campo, Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo. Secretaria de Obras, 1973

Subsídios Estatísticos. São Bernardo do Campo, Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo, 1975/76

Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica - 1979 a 1987.

Textos e Folhetos explicativos do Fundo de Greve (F.G.), 1979 a 1981, mimeo.

"Trabalho de Base: Plano Global de Organização e Formação". São Bernardo do Campo, 1988, mimeo.

Tribuna da Luta Operária - 1980 a 1981.

Tribuna Metalúrgica - 1971 a 1988.

"Uma Pequena Sistematização e Alguns Pontos para Analisar o Nosso Momento de Luta.", 1982, mimeo.

Vários: - Boletins, Folhetos, Manifestos, Panfletos, Cartazes.

- Relatórios e Conclusões de Congressos

- Cartas e Bilhetes Operários

Veja - 1978 a 1981.

Voz da Unidade - 1980.

Zé Ferrugem. O Metalúrgico - 1982.

C) LOCAIS DE PESQUISA:

. Arquivo Edgar Leuenroth, UNICAMP.

. Bibliotecas: UNICAMP, USP E PUC/SP.

. CEDEC (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea), São Paulo.

. CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), São Paulo.

. C.P.V. (Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro), São Paulo.

. Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo.

. Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema.

D) FOTOS:

- Capa
Assembléia dos trabalhadores no Estádio de Vila Euclides na greve de 1980 (Foto de Irmo Celso, In: *Imagens da Luta - 1905/1985*).
- Introdução
Trabalhadores em greve, na sede do Sindicato de Metalúrgicos de São Bernardo (Foto de autoria não identificada, In: *Imagens da Luta - 1905/1985*).
- Abertura do Capítulo 1
Operários da indústria automobilística (Foto de Cristiano Mascaro, In: *Álbum Memória de São Bernardo*).
- Abertura do Capítulo 2
Cercos policiais em meio a uma manifestação pública no decorrer da greve dos metalúrgicos de 1980 (Foto de Hélio Campos Mello, In: *Álbum Memória de São Bernardo*).
- Abertura do Capítulo 3
Metalúrgicos e diretoria sindical cassada discutem, em 1983, estratégias visando à retomada do sindicato (Foto de Vera Iursys, In: *Imagens da Luta - 1905/1985*).
- Considerações Finais
Com a quarta intervenção sofrida pelo Sindicato dos Metalúrgicos em 1983, houve a necessidade de alugar uma sala em frente à sede da entidade (Foto de João Bittar, In: *Imagens da Luta - 1905/1985*).
- Bibliografia e Fontes
Grupo de metalúrgicos de São Bernardo (Foto de Hélio Campos Mello, In: *Álbum Memória de São Bernardo*).